



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

Radioamadorismo Escolar
e o prazer de estar na escola – Um estudo de caso

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa
para obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação
Especialização em Supervisão Pedagógica e Avaliação de Docentes

Por

Paulo Cipriano Fernandes Lopes Sousa

Departamento de Economia, Gestão e Ciências Sociais
Faculdade de Educação e Psicologia

Viseu, janeiro 2013



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

Radioamadorismo Escolar
e o prazer de estar na escola – Um estudo de caso

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa
para obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação
Especialização em Supervisão Pedagógica e Avaliação de Docentes

Por

Paulo Cipriano Fernandes Lopes Sousa

Departamento de Economia, Gestão e Ciências Sociais
Faculdade de Educação e Psicologia

Sob orientação do **Senhor Professor Doutor José Afonso Baptista**

Viseu, janeiro 2013

Ser bom professor consiste em adivinhar a maneira de levar todos os alunos a estarem interessados e não se lembrarem que lá fora é melhor.

Sebastião da Gama *in* Diário



Resumo

Nesta dissertação estudou-se o contributo dos clubes escolares na promoção das aprendizagens, com vista ao sucesso educativo. Este estudo de caso foi levado a cabo no Agrupamento de Escolas de Gouveia e centrou-se num grupo de alunos que aí frequentam o clube de radioamadorismo. Pretendeu-se confirmar o valor acrescentado que provoca nos alunos o envolvimento nas atividades extracurriculares. O objetivo da investigação prendeu-se com a análise e reflexão sobre os impactos do radioamadorismo e das atividades de radioamador no desenvolvimento pessoal dos alunos do AEG e na melhoria do seu desempenho escolar.

A investigação justifica-se pela importância crescente do radioamadorismo como hobby e a sua introdução em contexto escolar, tirando partido das suas dimensões sociais e solidárias que podem vir a gerar nos alunos e restante comunidade escolar.

Participaram neste estudo 47 alunos do clube, 16 professores, 5 encarregados de educação e o investigador como observador participante.

Esta dissertação inicia-se com uma abordagem teórica sobre as atividades extracurriculares e os clubes escolares. Traça-se um enquadramento do que é o radioamadorismo, quer como hobby, quer na sua vertente escolar como auxiliar do desenvolvimento de competências académicas. Conta-se a história do clube de comunicações do AEG desde o seu início até ao momento presente.

Numa segunda parte, procede-se ao enquadramento metodológico deste trabalho num estudo de caso e procede-se à análise e interpretação de dados através das observações do investigador insider, de depoimentos de alunos que já passaram pelo clube, de inquéritos por questionário a alunos do clube e a professores ligados a esses alunos e de entrevistas a encarregados de educação de alunos do clube. Foram analisados dados referentes às atividades do clube, ao prazer em estar na escola e às dinâmicas de inclusão, às competências pessoais, às transversais, ao desempenho escolar, à cultura geral, às taxas de abandono e aos resultados escolares. Este estudo demonstrou o elevado valor acrescentado que encerram as atividades extracurriculares e a educação não formal. Conclui-se que os clubes são uma peça importante nas opções curriculares dos alunos, pois oferecem-lhes motivação extra para além do seu currículo obrigatório. Confirma-se o importante papel que um clube temático de radioamadorismo escolar desempenha num agrupamento de escolas.



Abstract

In this work we studied the contribution of school clubs in the promotion of learning with regards to educational success. This case study took place in Gouveia Interschools Network and focused on a group of students who attend the school amateur radio club. Our aim was to analyze – and possibly confirm- the positive effects of the students' involvement in extracurricular activities like the amateur radio club on their personal development and academic achievement.

The growing importance that amateur radio has gained in this school context, as well as the advantages it presents for students and the school community - both from a social and solidarity point of view - justify the choice of this object of investigation.

Forty seven students - who are members of the radio club -, sixteen teachers, five parents, and the researcher as a participant observer, participated in this research.

The dissertation begins by presenting a theoretical approach to extracurricular activities and school clubs. It draws on a framework of what amateur radio is, either as a hobby or as an aid in the development of academic skills. The history of the club's communications in Gouveia Interschools Network is told from its beginning to the present days.

The second part presents the methodology adopted for this case study, as well as the analysis of the information gathered through the “insider” investigator's observations, testimonials from the students who participated in the club, the data collected from surveys administered to the club students and to the teachers connected to these students, and the interviews to the students' parents.

We also analyzed data related to the activities of the club, to the student's level of satisfaction from attending the school, dynamics of inclusion, personal and social skills, school performance, general knowledge, the school dropout rates and school results.

This study showed the high value added by extracurricular activities and non-formal education. Finally it also demonstrated that clubs are an important part of the students' curriculum options because they offer them extra motivation beyond the national curriculum. The important role that an amateur radio club plays in a school is hereby confirmed.



Dedicatória

Dedico este trabalho à minha avó Ana e à minha tia-avó Maria Cândida, ambas professoras do ensino primário que, há muito, deixaram este mundo.

A ambas devo o gosto e o orgulho que tenho pela profissão. Foram elas que, na minha infância, me motivaram a ser professor.

Onde quer que estejam, obrigado...



Agradecimentos

Agradeço em primeiro lugar ao meu orientador, Professor Doutor Afonso Baptista, pela sabedoria com que me orientou, dando um precioso contributo para a construção desta dissertação de mestrado.

Aos professores do Agrupamento de Escolas de Gouveia por toda a colaboração prestada. Um agradecimento muito especial ao professor Telmo Caramelo por toda a disponibilidade dispensada.

Aos alunos do clube de comunicações, pois sem eles, este trabalho de investigação não teria sido possível.

À direção do Agrupamento de Escolas de Gouveia por todas as facilidades concedidas.

Às associações de radioamadores, nomeadamente a REP e a ARBA, por todo o apoio prestado, desde 2007, na construção deste projeto.

À minha mulher, companheira de vida, por poder partilhar com ela as angústias, o cansaço e as expectativas e pelo seu apoio incondicional.

Ao meu filho, pela paciência que teve com a “ausência” do pai-companheiro.

Aos meus pais, pela privação do convívio.

A todos os que, de alguma forma contribuíram para este trabalho o meu sincero bem-haja.



Índice

Resumo -----	ii
Abstract -----	iii
Dedicatória -----	iv
Agradecimentos -----	v
Índice -----	1
Lista de quadros -----	6
Lista de gráficos -----	9
Lista de figuras -----	10
Lista de abreviaturas -----	11
Lista de anexos -----	12
Introdução -----	13

I Parte – Enquadramento Teórico

1 – Breve reflexão sobre as atividades extracurriculares -----	18
1.1- Atividades extracurriculares	
- Rumo para a motivação, caminho para o sucesso -----	18
1.2- Atividades extracurriculares em Portugal -----	22
1.3- A educação informal ou não formal -----	24
2 – Clubes escolares: Um espaço de criatividade -----	28
3 – O radioamadorismo -----	33
3.1 – O que é o radioamadorismo? Um breve enquadramento -----	33



3.2 – Radioamadorismo escolar -----	38
3.3 – Radioamadorismo como auxiliar no desenvolvimento de competências linguísticas e académicas -----	42
4 – O clube de comunicações do AEG -----	47
4.1 – A criação do clube como resposta ao interesse dos alunos -----	47
4.2 – As autorizações da ANACOM -----	54
4.3 – O parecer do Conselho Executivo -----	56
 II Parte – Enquadramento empírico	
5 – O Estudo de Caso -----	57
5.1- O enquadramento metodológico -----	57
5.2- O objeto de estudo -----	69
5.3- O objetivo do estudo -----	70
5.4- O tipo de investigação -----	71
5.5- Os instrumentos de pesquisa -----	72
5.5.1- <i>Notas de campo</i> -----	72
5.5.2 – <i>Inquéritos por questionário</i> -----	72
5.5.3 – <i>Triangulação</i> -----	76
5.5.4 – <i>Inquéritos por entrevista</i> -----	77
5.5.5 – <i>Registos áudio e vídeo</i> -----	80
 6 – A contextualização da Investigação -----	82
7– Análise e interpretação de dados -----	89



7.1 – As atividades do clube -----	89
7.1.1 – <i>Depoimentos de antigos alunos do clube</i> -----	99
7.1.2 – <i>Inquéritos a alunos do clube</i> -----	100
7.1.3 – <i>Inquéritos a professores</i> -----	103
7.1.4 – <i>Entrevistas a Encarregados de Educação</i> -----	106
7.1.5 – <i>Conclusões</i> -----	109
7.2 – O prazer de estar na escola e as dinâmicas de inclusão -----	111
7.2.1 – <i>Depoimentos de antigos alunos do clube</i> -----	128
7.2.2 – <i>Inquéritos a alunos do clube</i> -----	129
7.2.3 – <i>Inquéritos a professores</i> -----	132
7.2.4 – <i>Entrevistas a Encarregados de Educação</i> -----	136
7.2.5 – <i>Conclusões</i> -----	139
7.3 – As competências pessoais -----	141
7.3.1 – <i>Depoimentos de antigos alunos do clube</i> -----	142
7.3.1.1 – <i>Afetos e Relações humanas</i> -----	142
7.3.1.2 – <i>O Espírito de Grupo</i> -----	143
7.3.1.3 – <i>O Trabalho em equipa</i> -----	144
7.3.2 – <i>Inquéritos a alunos do clube</i> -----	145
7.3.2.1 – <i>Afetos e Relações humanas</i> -----	145
7.3.2.2 – <i>Espírito de Grupo</i> -----	147



7.3.2.3 – <i>Trabalho em Equipa</i> -----	148
7.3.3 – <i>Inquéritos a professores</i> -----	153
7.3.3.1 – <i>Afetos e Relações humanas</i> -----	153
7.3.3.2 – <i>Espírito de Grupo</i> -----	155
7.3.3.3 – <i>Trabalho em equipa</i> -----	156
7.3.4 – <i>Entrevistas a Encarregados de Educação</i> -----	159
7.3.4.1 – <i>Afetos e Relações humanas</i> -----	159
7.3.4.2 – <i>Espírito de Grupo</i> -----	161
7.3.4.3 – <i>Trabalho em equipa</i> -----	163
7.3.5 – <i>Conclusões</i> -----	165
7.4 – <i>A importância das competências transversais – A dicção e a expressão oral</i> -----	168
7.4.1 – <i>Depoimentos de antigos alunos do clube</i> -----	173
7.4.2 – <i>Inquéritos a alunos do clube</i> -----	174
7.4.3 – <i>Inquéritos a professores</i> -----	176
7.4.4 – <i>Entrevistas a Encarregados de Educação</i> -----	177
7.4.5 – <i>Conclusões</i> -----	180
7.5 – <i>O desempenho escolar / A atenção / A concentração</i> -----	182
7.5.1 – <i>Depoimentos de antigos alunos do clube</i> -----	183
7.5.2 – <i>Inquéritos a alunos do clube</i> -----	184
7.5.3 – <i>Inquéritos a professores</i> -----	190
7.5.4 – <i>Entrevistas a Encarregados de Educação</i> -----	195
7.5.5 – <i>Conclusões</i> -----	197



7.6 – Cultura Geral – línguas -----	200
7.6.1 – <i>Depoimentos de antigos alunos do clube</i> -----	203
7.6.2 – <i>Inquéritos a alunos do clube</i> -----	204
7.6.3 – <i>Inquéritos a professores</i> -----	206
7.6.4 – <i>Entrevistas a Encarregados de Educação</i> -----	207
7.6.5 – <i>Conclusões</i> -----	210
7.7 – Cultura Geral – geografia -----	212
7.7.1- <i>Depoimentos de antigos alunos do clube</i> -----	215
7.7.2 – <i>Inquéritos a alunos do clube</i> -----	216
7.7.3 – <i>Inquéritos a professores</i> -----	218
7.7.4 – <i>Entrevistas a Encarregados de Educação</i> -----	220
7.7.5 – <i>Conclusões</i> -----	222
7.8 – Taxas de abandono escolar -----	224
7.9 - Resultados escolares -----	225
8 - Comprovação de hipóteses -----	227
9 – Conclusão -----	231
Bibliografia -----	235
Anexos -----	242



Lista de Quadros

Quadro 1 - Caracterização da amostra -----	69
Quadro 2 – Taxa de sucesso do AEG – 2010-2011 -----	84
Quadro 3 – Análise da avaliação externa – provas de aferição / taxas de sucesso -----	86
Quadro 4 - Análise da avaliação externa – exames nacionais / taxas de sucesso -----	86
Quadro 5 - Taxa de sucesso do AEG – 2010-2011 nos cursos regulares -----	86
Quadro 6 - Taxa de sucesso no Agrupamento, em 2010/2011, dos Cursos Profissionais -----	87
Quadro 7 - Taxa de sucesso no Agrupamento, em 2010/2011, de Cursos EFA -----	87
Quadro 8 - Análise comparativa entre a avaliação interna e externa em 2010/ 2011 -----	88
Quadro 9 - Inscrições no Clube de Comunicações -----	97
Quadro 10 – Depoimentos de antigos alunos do clube sobre atividades -----	99
Quadro 11 – Médias e designação da questão 8 – alunos -----	100
Quadro 12 – Média, desvio-padrão e percentagem de respostas do item 8 – alunos -----	100
Quadro 13 – Médias e designação da questão 4 – alunos -----	101
Quadro 14 – Média, desvio-padrão e percentagem de respostas do item 4 – alunos -----	102
Quadro 15 – Médias e designação da questão 8 – docentes -----	103
Quadro 16 – Média, desvio-padrão e percentagem de respostas do item 8 – docentes -----	103
Quadro 17 – Médias e designação da questão 4 – docentes -----	104
Quadro 18 – Média, desvio-padrão e percentagem de respostas do item 4 – docentes -----	105
Quadro 19 – Entrevista a EE – Questão 8 -----	107
Quadro 20 – Itens 4 e 8 de questionário a alunos -----	109
Quadro 21 – Itens 4 e 8 de questionário a professores -----	110
Quadro 22 – Transmissão: Gouveia – Figueira da Foz -----	117
Quadro 23 Transmissão: AEG – Escola Ginestal Machado -----	119
Quadro 24 – Depoimento de alunos sobre a utilidade do clube -----	128
Quadro 25 – Médias e designação da questão 1 – alunos -----	129
Quadro 26 – Média, desvio-padrão e percentagem de respostas do item 1 – alunos -----	130
Quadro 27 – Médias e designação da questão 11 – alunos -----	131
Quadro 28 – Média, desvio-padrão e percentagem de respostas do item 11 – alunos -----	131
Quadro 29 – Médias e designação da questão 1 – docentes -----	133
Quadro 30 – Média, desvio-padrão e percentagem de respostas do item 1 – docentes -----	133
Quadro 31 – Médias e designação da questão 11 – docentes -----	134
Quadro 32 – Média, desvio-padrão e percentagem de respostas do item 11 – docentes -----	135
Quadro 33 – Entrevista a EE – Questão 1 -----	137
Quadro 34 – Entrevista a EE – Questão 2 -----	138
Quadro 35 – Itens 1 e 11 de questionário a alunos -----	140



Quadro 36 – Itens 1 e 11 de questionário a professores -----	140
Quadro 37 – Depoimentos de alunos sobre afetos e relações humanas -----	142
Quadro 38 – Depoimentos de alunos sobre espírito de grupo -----	143
Quadro 39 – Depoimentos de alunos sobre trabalho em equipa -----	145
Quadro 40 – Médias e designação da questão 5- alunos -----	145
Quadro 41 – Média, desvio-padrão e percentagem de respostas do item 5 – alunos -----	146
Quadro 42 – Médias e designação da questão 7 – alunos -----	147
Quadro 43 – Média, desvio-padrão e percentagem de respostas do item 7 – alunos -----	147
Quadro 44 – Médias e designação da questão 6 – alunos -----	148
Quadro 45 – Média, desvio-padrão e percentagem de respostas do item 6 – alunos -----	149
Quadro 46 – Médias e designação da questão 9 – alunos -----	150
Quadro 47 – Média, desvio-padrão e percentagem de respostas do item 9 – alunos -----	150
Quadro 48 – Médias e designação da questão 16 – alunos -----	151
Quadro 49 – Média, desvio-padrão e percentagem de respostas do item 16 – alunos -----	152
Quadro 50 – Médias e designação da questão 5 – professores -----	153
Quadro 51 – Média, desvio-padrão e percentagem de respostas do item 5 – professores -----	153
Quadro 52 – Médias e designação da questão 7 – professores -----	155
Quadro 53 – Média, desvio-padrão e percentagem de respostas do item 7 – professores -----	155
Quadro 54 – Médias e designação da questão 6 – professores -----	156
Quadro 55 – Média, desvio-padrão e percentagem de respostas do item 6 – professores -----	157
Quadro 56 – Médias e designação da questão 9 – professores -----	158
Quadro 57 – Média, desvio-padrão e percentagem de respostas do item 9 – professores -----	158
Quadro 58 – Entrevista a EE – questão 5 -----	160
Quadro 59 – Entrevista a EE – questão 7 -----	162
Quadro 60 – Entrevista a EE – questão 6 -----	164
Quadro 61 – Itens 5, 6, 7, 9 e 16 do questionário a alunos -----	166
Quadro 62 – Itens 5, 6, 7 e 9 do questionário a professores -----	167
Quadro 63 - Processo de produção oral -----	169
Quadro 64 – Depoimento de alunos – expressão oral -----	173
Quadro 65 – Médias e designação da questão 12 – alunos -----	174
Quadro 66 – Média, desvio-padrão e percentagem de respostas do item 12 – alunos -----	174
Quadro 67 – Médias e designação da questão 12 – professores -----	176
Quadro 68 – Média, desvio-padrão e percentagem de respostas do item 12 – professores -----	176
Quadro 69 – Entrevista a EE – questão 12 -----	178
Quadro 70 – Item 12 de questionário a alunos -----	180
Quadro 71 – Item 12 de questionário a professores -----	181
Quadro 72 – Depoimentos de alunos sobre desempenho escolar, atenção e concentração -----	184



Quadro 73 – Médias e designação da questão 2 – alunos -----	184
Quadro 74 – Média, desvio-padrão e percentagem de respostas do item 2 – alunos -----	185
Quadro 75 – Médias e designação da questão 3 – alunos -----	186
Quadro 76 – Média, desvio-padrão e percentagem de respostas do item 3 – alunos -----	186
Quadro 77 – Médias e designação da questão 10 – alunos -----	187
Quadro 78 – Média, desvio-padrão e percentagem de respostas do item 10 – alunos -----	188
Quadro 79 – Médias e designação da questão 15 – alunos -----	189
Quadro 80 – Média, desvio-padrão e percentagem de respostas do item 15 – alunos -----	189
Quadro 81 – Médias e designação da questão 2 – professores -----	190
Quadro 82 – Média, desvio-padrão e percentagem de respostas do item 2 – professores -----	191
Quadro 83 – Médias e designação da questão 3 – professores -----	192
Quadro 84 – Média, desvio-padrão e percentagem de respostas do item 3 – professores -----	192
Quadro 85 – Médias e designação da questão 10 – professores -----	193
Quadro 86 – Média, desvio-padrão e percentagem de respostas do item 10 – professores -----	194
Quadro 87 – Entrevista a EE – questão 10 -----	196
Quadro 88 – Itens 2, 3, 10 e 16 do questionário a alunos -----	198
Quadro 89 – Itens 2, 3 e 10 do questionário a professores -----	199
Quadro 90 – Depoimentos de alunos sobre o gosto por línguas -----	204
Quadro 91 – Médias e designação da questão 13 – alunos -----	204
Quadro 92 – Média, desvio-padrão e percentagem de respostas do item 13 – alunos -----	205
Quadro 93 – Médias e designação da questão 13 – professores -----	206
Quadro 94 – Média, desvio-padrão e percentagem de respostas do item 13 – professores -----	206
Quadro 95 – Entrevista a EE – questão 13 -----	208
Quadro 96 – Item 13 do questionário a alunos -----	210
Quadro 97 – Item 13 do questionário a professores -----	211
Quadro 98 – Depoimentos de alunos sobre o gosto pela geografia -----	216
Quadro 99 – Médias e designação da questão 14 – alunos -----	216
Quadro 100 – Média, desvio-padrão e percentagem de respostas do item 14 – alunos -----	217
Quadro 101 – Médias e designação da questão 14 – professores -----	218
Quadro 102 – Média, desvio-padrão e percentagem de respostas do item 14 – professores -----	218
Quadro 103 – entrevista a EE – questão 4 -----	221
Quadro 104 – Item 14 do questionário a alunos -----	222
Quadro 105 – Item 14 do questionário a professores -----	223
Quadro 106 - Resultados à disciplina de Língua Portuguesa no ano letivo 2011/2012 -----	225
Quadro 107 - Resultados à disciplina de inglês no ano letivo 2011/2012 -----	225
Quadro 108 - Resultados à disciplina de geografia no ano letivo 2011/2012 -----	226



Lista de Gráficos

Gráfico 1 – Taxa de sucesso AEG / Nacional 2010/2011 – 1º ciclo do ensino básico -----	84
Gráfico 2 – Taxa de sucesso AEG / Nacional 2010/2011 – 2º ciclo do ensino básico -----	85
Gráfico 3 – Taxa de sucesso AEG / Nacional 2010/2011 – 3º ciclo do ensino básico -----	85
Gráfico 4 – Inscrições no clube de comunicações do AEG -----	98
Gráfico 5 – Total de alunos no clube de comunicações do AEG -----	98
Gráfico 6 – Percentagem das respostas dadas no item 8 – alunos -----	101
Gráfico 7 – Percentagem das respostas dadas no item 4 – alunos -----	102
Gráfico 8 – Percentagem das respostas dadas no item 8 – professores -----	104
Gráfico 9 – Percentagem das respostas dadas no item 4 – professores -----	105
Gráfico 10 – Percentagem das respostas dadas no item 1 – alunos -----	130
Gráfico 11 – Percentagem das respostas dadas no item 11 – alunos -----	132
Gráfico 12 – Percentagem das respostas dadas no item 1 – professores -----	134
Gráfico 13 – Percentagem das respostas dadas no item 11 – professores -----	135
Gráfico 14 – Percentagem das respostas dadas no item 5 – alunos -----	146
Gráfico 15 – Percentagem das respostas dadas no item 7 – alunos -----	148
Gráfico 16 – Percentagem das respostas dadas no item 6 – alunos -----	149
Gráfico 17 – Percentagem das respostas dadas no item 9 – alunos -----	151
Gráfico 18 – Percentagem das respostas dadas no item 16 – alunos -----	152
Gráfico 19 – Percentagem das respostas dadas no item 5 – professores -----	154
Gráfico 20 – Percentagem das respostas dadas no item 7 – professores -----	156
Gráfico 21 – Percentagem das respostas dadas no item 6 – professores -----	157
Gráfico 22 – Percentagem das respostas dadas no item 9 – professores -----	159
Gráfico 23 – Percentagem das respostas dadas no item 12 – alunos -----	175
Gráfico 24 – Percentagem das respostas dadas no item 12 – professores -----	177
Gráfico 25 – Percentagem das respostas dadas no item 2 – alunos -----	185
Gráfico 26 – Percentagem das respostas dadas no item 3 – alunos -----	187
Gráfico 27 – Percentagem das respostas dadas no item 10 – alunos -----	188
Gráfico 28 – Percentagem das respostas dadas no item 15 – alunos -----	190
Gráfico 29 – Percentagem das respostas dadas no item 2 – professores -----	191
Gráfico 30 – Percentagem das respostas dadas no item 3 – professores -----	193
Gráfico 31 – Percentagem das respostas dadas no item 10 – professores -----	194
Gráfico 32 – Percentagem das respostas dadas no item 13 – alunos -----	205
Gráfico 33 – Percentagem das respostas dadas no item 13 – professores -----	207
Gráfico 34 – Percentagem das respostas dadas no item 14 – alunos -----	217
Gráfico 35 – Percentagem das respostas dadas no item 14 – professores -----	219



Lista de Figuras

Figura 1 - Clube de Comunicações do AEG -----	90
Figura 2 – Montagem da estação de rádio -----	91
Figura 3 - Transmissão em fonia -----	92
Figura 4 – Transmissão em PSK -----	92
Figura 5 – Comunicações rádio de apoio a caminhada escolar -----	95
Figura 6 - Campeonato Europeu de Radioamadorismo Escolar – 1º lugar – 2008 -----	96
Figura 7 - Campeonato Europeu de Radioamadorismo Escolar - 3º lugar – 2011 -----	96
Figuras 8 e 9 - Atividades de grupo -----	123
Figura 10 - QSL de estação espanhola -----	213
Figura 11 - QSL de estação alemã -----	213
Figura 12 - QSL do Clube de Comunicações – Capa e contracapa -----	213
Figura 13 - QSL do Clube de Comunicações – Interior -----	214



Lista de Abreviaturas

- AEG** – Agrupamento de Escolas de Gouveia
ANACOM – Autoridade Nacional de Comunicações
ANPC - Autoridade Nacional de Proteção Civil
ARBA – Associação de radioamadores da Beira Alta
ARLA – Associação de Radioamadores do Litoral Alentejano
ARRL - American Radio Relay League
CNEB – Currículo Nacional do Ensino Básico
DT – Diretor de Turma
EB2 – Escola Básica de Segundo Ciclo
EE – Encarregado de Educação
EFA-NS - Educação e formação de adultos – Nível Secundário
IPSS – Instituição Particular de Solidariedade Social
NUT III – Unidade Territorial Estatística
PALOP – Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa
PE 2011-2015 – Projeto Educativo 2001-2015
PMR - Personal Mobile Radio
PSK 31 – Phase Shift Keying a 31 bauds
REP – Rede dos Emissores Portugueses
RTTY – Radioteletype
SD – Score Difference
UO – Unidade Orgânica
UTC - Universal Time Coordinated



Lista de Anexos

Anexo 1 - Pedido de autorização à Autoridade Nacional das Telecomunicações -----	243
Anexo 2 – Autorização de uso de indicativo de chamada especial -----	245
Anexo 3 – Licença de estação de uso comum -----	247
Anexo 4 – Contrato de comodato entre a EB2 de Gouveia e Rede dos Emissores Portugueses --	248
Anexo 5 – Atividade via rádio de batalha naval -----	249
Anexo 6 – Autorização de participação nas atividades do clube -----	250
Anexo 7 – School Club Roundup 2004 -----	251
Anexo 8 – Ficha informativa de alfabeto fonético e código Q -----	253
Anexo 9 – Inquérito a alunos do clube -----	255
Anexo 10 – Inquérito a professores -----	259
Anexo 11 – Guião de entrevista a encarregados de educação -----	263
Anexo 12 – Depoimento do aluno 1 -----	265
Anexo 13 - Depoimento do aluno 2 -----	266
Anexo 14 - Depoimento do aluno 3 -----	267
Anexo 15 - Depoimento do aluno 4 -----	268
Anexo 16 - Depoimento do aluno 5 -----	269
Anexo 17 – Depoimento do aluno 6 -----	271
Anexo 18 - Depoimento do aluno 7 -----	273
Anexo 19 - Depoimento do aluno 8 -----	274
Anexo 20 – Depoimento do aluno 9 -----	275
Anexo 21 – Entrevista ao encarregado de educação 1 -----	277
Anexo 22 - Entrevista ao encarregado de educação 2 -----	280
Anexo 23 - Entrevista ao encarregado de educação 3 -----	282
Anexo 24 - Entrevista ao encarregado de educação 4 -----	284
Anexo 25 - Entrevista ao encarregado de educação 5 -----	290
Anexo 26 – Folheto de prevenção de incêndios florestais – ANPC -----	291
Anexo 27 - Autoproteção contra frio intenso – ANPC -----	292



INTRODUÇÃO

Atualmente, a Escola é encarada como uma organização em constante mudança, devido à grande capacidade que tem em se adaptar às novas realidades e desafios com que se vai deparando no seu percurso. Neste sentido, deve ter, dentro das suas próprias estruturas, a capacidade de conseguir ultrapassar as limitações impostas pelo currículo e constituir-se como um pólo aglutinador de gostos e sensibilidades dos alunos que são a razão da sua existência. Obviamente, caberá aos professores proporcionar os espaços temporais e físicos para que os jovens possam expressar as suas potencialidades das mais variadas formas.

Através das atividades extracurriculares, nos também chamados clubes escolares, os alunos têm a oportunidade, por vezes única, de descobrir preferências ou concretizar sonhos. A escola deverá ser o núcleo de desenvolvimento de atividades de caráter lúdico-pedagógico capazes de proporcionar a todos os alunos, e especialmente aos que têm menores recursos, a concretização de um desejo, de um sonho ou de uma ambição. Como refere Roldão (2001:11)

“Nessa escola acredita-se que formar é organizar contextos de aprendizagem, exigentes e estimulantes, isto é, ambientes formativos que favoreçam o cultivo de atitudes saudáveis e o desabrochar das capacidades de cada um com vista ao desenvolvimento das competências que lhes permitam viver em sociedade, ou seja nela conviver e intervir em interação com os outros cidadãos”.

As atividades levadas a cabo pelos clubes apresentam-se como alternativas importantes e que vão ao encontro de uma escola viva, ativa e dinâmica, onde os jovens podem entrar em contacto com uma espécie de área de predileção. São estratégias através das quais a escola procura educar cívica e culturalmente os jovens, estimulando o seu empenhamento em projetos, tentando de alguma forma apresentar alternativas, caminhos de combate ao insucesso, ao absentismo ou ao abandono escolar. *“Entristece-me ouvir os alunos dizerem que a escola não os estimula”* (Roldão,2001:16).

Desde logo devemos estar conscientes do facto de que as áreas extracurriculares não estão isentas de problemas. A distribuição dos créditos horários para estas atividades varia de escola para escola, não levando em linha de conta as preferências e



adesão por parte dos alunos. O escasso crédito global que o despacho 10317/99 atribui às escolas, a quem cabe gerir a distribuição de horas para todo o tipo de atividades letivas e não letivas revela-se um enorme constrangimento. Como consequência, à medida que os anos vão passando, as escolas veem-se na contingência de anular tais atividades.

Desde o ano de 2007 que existem atividades extracurriculares na área do radioamadorismo no AEG, começando desde logo, a ganhar terreno e a conquistar importância no seio da comunidade escolar. É inquestionável o progresso do Clube de Comunicações do AEG, mas ainda assim valerá a pena procurar resposta para algumas questões:

- Será possível contribuir para a formação de cidadãos responsáveis, intervenientes e ativos através da implementação de clubes escolares?
- De que forma um clube poderá fomentar o gosto pelas comunicações, pela geografia, pela língua portuguesa, pelo inglês, ou contribuir para o desenvolvimento de uma dicção correta, pelo aumento da capacidade de concentração ou para o despertar da curiosidade pelos usos e costumes de outros povos?
- Em que medida um professor autodidata no radioamadorismo poderá ser motivador para os alunos aderirem a um grupo de radioamadorismo escolar?
- De que forma as atividades do clube podem ajudar e fornecer competências transversais aproveitadas pela generalidade das disciplinas?
- Como poderá funcionar o clube de comunicações como agente catalisador do desenvolvimento ou surgimento de futuros radioamadores?

Sabemos bem que um projeto de clube depende da vontade e empenho dos professores e alunos diretamente envolvidos. A par da componente educativa, possui uma componente social fortíssima que está subjacente à sua forma de organização e às interações que desenvolve. A sua implementação implica o envolvimento dos alunos, mas o maior ou menor empenhamento do responsável é o aspeto que mais poderá influenciar o desenvolvimento do projeto, uma vez que o clube não pode justificar-se a si próprio, senão pela resposta que dá a interesses específicos de uma determinada comunidade.



A nossa investigação será conduzida de modo a encontrar resposta para duas questões:

Poderão o clube de comunicações do AEG e o radioamadorismo escolar contribuir para o combate ao absentismo dos alunos, fomentando o prazer em estar na escola?

Poderão o clube de comunicações do AEG e o radioamadorismo escolar contribuir para uma melhoria das competências transversais a várias disciplinas?

Iremos analisar as práticas de um clube escolar de radioamadorismo, único no nosso país e na Europa, que se encontra em atividade desde 2007, contando já com participações de relevo e vitórias em concursos internacionais.

Em função destes pressupostos, definimos, como objetivo fundamental da nossa investigação, averiguar como o radioamadorismo escolar responde às necessidades dos nossos alunos, permitindo-lhes ter uma atividade aliciante que lhes dê motivação e gosto para permanecerem na escola.

A recolha de dados far-se-á através da observação direta e participante, uma vez que o investigador se introduz no mundo das pessoas que pretende estudar. Esse trabalho insere-se numa metodologia de estudo de caso que inclui a observação participativa com o objetivo de *“investigar os fenómenos em toda a sua complexidade e em contexto natural”* (Bogdan & Biklen, 1994:16). Socorrer-nos-emos também dos inquéritos por questionário e por entrevista realizados aos sujeitos de investigação.

Pretendemos pois contribuir de modo muito singelo para uma reflexão sobre a importância e o papel do radioamadorismo escolar integrado nas atividades extracurriculares e sobre a sua utilidade para o sucesso educativo dos jovens, uma vez que consideramos que qualquer sistema só produz os devidos efeitos se for compreendido por todos os seus agentes.

A nossa investigação assenta numa base qualitativa de tipo histórico-etnográfica, já que o caso em estudo é particular, ou seja, as potencialidades que o radioamadorismo escolar poderá ter, numa abordagem construtivista da aprendizagem em contexto não formal. É descritivo porque se apresenta sob a forma de um relato aprofundado do caso em estudo. Heurístico, na medida em que tenta conduzir à compreensão desse mesmo caso.

A metodologia qualitativa parece-nos ser a mais adequada à finalidade do estudo, aos objetivos enunciados e às questões formuladas. Assim, o primeiro problema



identificado consiste em saber se o radioamadorismo escolar responde à necessidade que os alunos têm de ter uma motivação acrescida para se manterem na escola, lutando contra o abandono escolar e o absentismo. O segundo problema radica nos alunos sem ocupação nos tempos livres dentro da escola ou fora dela, quer à hora de almoço, quer ao fim do dia. Esses alunos estão à mercê de um conjunto de perigos desviantes da escola. Poderá o hobby do radioamadorismo escolar ser a solução para mitigar esse problema?

Fomos assim tentados a formular as seguintes hipóteses gerais:

- Hipótese Geral 1 (HG₁) - O clube de radioamadorismo desperta o gosto em estar na escola.
- Hipótese Geral 2 (HG₂) - A frequência do clube de radioamadorismo não compromete o desempenho escolar em determinadas disciplinas.
- Hipótese Geral 3 (HG₃) - A frequência do clube de radioamadorismo melhora a capacidade de interagir, compreender e respeitar o outro.

Formulámos as seguintes hipóteses operacionais:

- Hipótese Operacional 1 (HO₁) - A participação no clube de radioamadorismo faz aumentar ou, pelo contrário, reduz o gosto em estar na escola?
- Hipótese Operacional 2 (HO₂) - A participação no clube de radioamadorismo auxilia, ou pelo contrário, compromete o desempenho escolar dos alunos nas disciplinas de língua portuguesa, inglês e geografia?
- Hipótese Operacional 3 (HO₃) - A participação no clube de radioamadorismo desenvolve ou, pelo contrário, reduz a capacidade de expressão oral?
- Hipótese Operacional 4 (HO₄) - A participação no clube de radioamadorismo fomenta ou, pelo contrário, inibe a capacidade de interagir, compreender e respeitar o outro?



O nosso objeto de estudo, bem como a nossa população-amostra serão os alunos que frequentaram o clube de comunicações do AEG durante o ano letivo de 2011/2012. O trabalho empírico terá lugar nas instalações do clube de comunicações. A recolha de dados será realizada através das descrições do observador e ainda relatos escritos, áudio, vídeo, inquéritos por questionário, inquéritos por entrevista e registos oficiais diversos.

Participarão o investigador como observador participante, tirando partido da sua experiência na área, usando o estatuto de investigador insider, os alunos atuais e de anos anteriores, professores e encarregados de educação envolvidos.

A nossa investigação encontrar-se-á fisicamente organizada num único volume composto por duas partes fundamentais. Numa primeira parte, iremos compilar a informação relevante para o desenvolvimento do nosso estudo. Destacaremos a importância das atividades extracurriculares, dos clubes e da educação não formal. Daremos a conhecer o radioamadorismo como hobby e apresentaremos o radioamadorismo escolar como atividade extracurricular. Contaremos a história da criação de um clube escolar, desde a sua idealização, passando pelo seu nascimento, pelo desabrochar, mas narraremos, acima de tudo, a sua caminhada de mais de quatro anos, dando especial destaque à sua dimensão psicoafectiva. Numa segunda parte, desenvolveremos todo o enquadramento empírico dentro da metodologia qualitativa e respetiva contextualização da investigação. Não perderemos de vista as dinâmicas de inclusão e o papel preponderante do lúdico na aprendizagem, na promoção dos afetos, no desenvolvimento da autoconfiança e no reforço de competências académicas transversais a outras disciplinas. Finalmente, retiraremos as conclusões que a análise dos diversos instrumentos de recolha nos proporcionar.

Para desenvolvermos a nossa investigação, recorreremos a um conjunto de procedimentos de acordo com as nossas necessidades, desde notas de campo, inquéritos, entrevistas, registos áudio, vídeo e fotografia.

Esperamos poder despertar novamente o interesse pelas atividades extracurriculares e pelos clubes escolares, realçando o papel de substantiva importância que têm, bem como o inestimável contributo que podem proporcionar enquanto ferramentas eficazes nos processos de educação e de socialização dos jovens.



1 – Breve reflexão sobre os clubes escolares e atividades extracurriculares

1.1 – Atividades extracurriculares: rumo para a motivação, caminho para o sucesso.

Pensamos ser de fundamental importância começar este nosso estudo por perceber o que se entende por Atividades Extracurriculares. Estas são atividades criadas e dinamizadas pela escola com o objetivo primordial de ocupar os alunos fora dos tempos curriculares. Este tipo de atividades tem, como é lógico, evoluído de acordo com as necessidades e as exigências da sociedade, de que a escola não se pode dissociar, assumindo várias facetas: são transversais aos vários níveis de ensino, têm uma frequência facultativa e deverão resultar de interesses manifestados pelos alunos. Por serem facultativas estão dispensadas de avaliação curricular e possuem uma forte componente social e socializadora.

Até ao dealbar do século XX, muitos educadores revelaram-se avessos às atividades extracurriculares, uma vez que consideravam que a escola se confinava apenas à vertente académica e, portanto, a participação dos alunos noutras atividades não era encarada como positiva. Assim, *“participation in other activities was not considered beneficial and was therefore actively discouraged”* (Gerber, 1996:42).

Nos inícios do século XX, o panorama foi-se modificando, uma vez que os professores começaram a focalizar-se na importância da escola no desenvolvimento das crianças *“Educators’ attention turned to the importance of school in a child’s overall development”* (Gholson & Buger, 1983, citado por Gerber, 1996:42). Neste sentido, as atividades extracurriculares começaram a ser vistas de uma outra forma. Na década de vinte do século XX, a participação em atividades nos clubes escolares foi encarada como um contributo crucial para esse mesmo desenvolvimento *“(…) participation in clubs and organizations was actively encouraged as a crucial contributor to this development”* (Gholson, 1985, citado por Gerber, 1996:42).

Porém, alguns autores opõem-se à integração das atividades extracurriculares, como é o caso de Coleman (1961), que salienta o facto de a cultura dos adolescentes ter mais a ver com fatores sociais do que com fatores académicos sendo, por isso, os clubes



um motivo que fomenta a distração nos jovens, conduzindo-os à não aprendizagem da componente académica da escola. *"The adolescent culture places more value on social facts – athletics, material possessions, music, popularity, and dating – than it does on academics"* (Coleman, 1961, citado por Gerber, 1996:42). Também o tempo perdido com as atividades extracurriculares é objeto de crítica, uma vez que existe a convicção de que o tempo perdido nessas atividades faz com que os jovens se percam do seu rumo e dos seus propósitos escolares *"(...) time dedicated to EA is believed to compete with that devoted to academics and to divert students from their scholastic goals"* (Camp, 1990, citado por Gerber, 1996:42). Mais tarde, alguns dos autores que tinham sido avessos às atividades extracurriculares acabaram por modificar a sua posição como foi o caso de Slater (1988, citado por Gerber, 1996).

Investigadores como Holland & Andre (1987) reconheceram que as atividades extracurriculares são importantes para o desenvolvimento pessoal e social dos alunos, onde estão contidos a autoestima, o autoconceito académico e a identificação com o ambiente escolar. *"Direct interactions with the academic curriculum in schools, such as the degree of success or failure in various subject matters and the degree of encouragement provided for academic effort, influence the self-esteem, aspirations, and values of adolescents"* (Holland e Andre 1987:437).

Davalos et al (1999, citado por Peixoto, 2003) revela a existência de perceções mais positivas da escola por parte dos alunos que participam nas atividades extracurriculares. Estes alunos são menos expostos ao flagelo do abandono, uma vez que incorporam um sentimento de pertença que é fundamental para que se identifiquem com o meio escolar. O sucesso nas atividades extracurriculares pode levar o aluno a compreender que tem capacidades e assim criar objetivos a atingir.

Para Teresa Freire, as atividades extracurriculares *"devem existir para os alunos como oportunidades de realizar um tempo de lazer, tendo presente que o lazer é em si uma característica do desenvolvimento do adolescente"* (Freire, 1989:30), como tal, as atividades de lazer *"poderão concretizar-se na escola através de atividades extracurriculares"* (Idem). A mesma autora refere ainda que as atividades extracurriculares *"não deverão ser um espaço para os alunos 'passarem' o seu tempo, mas deverão ser atividades efetivas de lazer"* (Idem). As atividades extracurriculares poderão ser as únicas oportunidades na escola para promover outros tipos de



desenvolvimento para além do cognitivo (Loesch, 1981, citado por Freire, 1989). Também Bloland (1984, citado por Freire, 1989) refere a importância que tem o planear e implementar programas que visem intervenções educacionais fora da sala de aulas, com o objetivo de promover a mudança e o crescimento nos estudantes.

Super (1980, citado por Freire, 1989) reconhece que as atividades de lazer podem constituir experiências exploratórias válidas que constituem uma ótima ajuda para os jovens se testarem a si próprios, encarando-se assim o lazer não só como recreativo, mas também como exploratório.

Peixoto (2003) verificou no seu estudo que os alunos que participavam em atividades extracurriculares tinham perceções mais elevadas nas dimensões de competência escolar e aceitação social.

Num estudo levado a cabo com 5639 alunos do ensino secundário, Cooley (1995, citado por Peixoto, 2003) constatou que aqueles alunos que participavam em atividades extracurriculares apresentavam taxas inferiores de consumo de álcool, tabaco ou drogas, por comparação com os colegas que não participavam em tais atividades.

Gerber (1996), num estudo com 10944 alunos do oitavo ano, obteve resultados que nos mostram que o grau de participação em atividades extracurriculares se associa positivamente ao rendimento académico.

Bonnie Barber destaca “...*the role such activities might play in promoting school achievement and preventing school disengagement and other problems*” (Barber, 2003:866). As atividades promovidas pela escola poderão contribuir para um maior envolvimento do aluno, que fica, por isso, mais predisposto para as aprendizagens escolares. Para este autor, os sucessos extraescolares são um catalisador, fazendo perceber ao jovem que detém capacidades e talentos e impedindo que se sinta fracassado com os objetivos que não consegue atingir. O aluno sentir-se-á motivado a rentabilizar estas capacidades e competências, demonstradas ao nível do extracurricular, no seu desempenho académico. Barber defende que

“(...) involvement in constructive, non-academic activities both at school and in the community, facilitates continued school engagement and academic achievement as well as other aspects of positive development during adolescence”
(Barber 2003:883).



Segundo a opinião de Herbert Marsh (1992), as atividades extracurriculares fazem aumentar o interesse dos alunos em relação à escola e aos valores que esta veicula, o que influencia positivamente o rendimento escolar.

Por seu turno, Mário Freire (1980) refere que as atividades extracurriculares poderão ser as únicas oportunidades existentes na escola para promover outros tipos de desenvolvimento, além do cognitivo, e que podem constituir experiências muito válidas para ajudar os jovens a colocarem-se à prova, mantendo um bem-estar físico, mental e social, em que é determinante a influência do autoconceito.

Assim, a prática de atividades extracurriculares constitui uma fonte de realização pessoal que faz realçar os valores de vida coletiva, o espírito de solidariedade, sendo um caminho para o sucesso pessoal.

Implica sentido de responsabilidade para com o grupo, nomeadamente nos compromissos que se assumem com os outros, como o sentido de assiduidade e de pontualidade. Inclui também a marcação de metas, sendo o desafio individual a tentativa de as alcançar. Se estes desígnios forem transpostos para a vertente académica, poderemos verificar que o desenvolvimento de competências nesta área tem como consequência um estudo mais eficaz, sendo previsíveis bons resultados escolares. Se a atividade envolve um trabalho cooperativo, estabelecem-se também competências de relacionamento de grupo, promovendo-se valores como a tolerância, o espírito de equipa e a colaboração.

Peixoto, no seu estudo, conclui que “ *a participação em atividades extracurriculares encontra-se associada à menor probabilidade de abandono escolar e de problemas com a justiça na idade adulta*” (Peixoto, 2003:156).

Assim, somos levados a constatar que a participação dos alunos em atividades extracurriculares está ligada a uma menor possibilidade de abandono escolar. Considera-se que poderá constituir um meio de a escola chamar a si os alunos que menos investem em termos académicos. A diversa investigação produzida demonstra que o envolvimento dos jovens nessas atividades é bastante profícuo em várias vertentes, como o autoconceito, as atitudes em relação à escola ou o rendimento académico.



1.2 – Atividades extracurriculares em Portugal

Tendo por base a reorganização curricular do ensino básico, o legislador previu a realização daquilo que denominou Atividades de Enriquecimento Curricular. Neste sentido, o Decreto-Lei 6/2001, no seu artigo nono, refere que

“as escolas no desenvolvimento do projecto educativo devem proporcionar aos alunos actividades de enriquecimento do currículo, de carácter facultativo e de natureza eminentemente lúdica e cultural, incidindo, nomeadamente, nos domínios desportivo, artístico, científico e tecnológico, de ligação da escola com o meio, de solidariedade e voluntariado e da dimensão europeia da educação”.

Na década de oitenta do século passado, o professor Manuel Ferreira Patrício procurou implementar um modelo com o objetivo de dar resposta à necessidade de existência de atividades que fossem bem distintas das curriculares. Nesse sentido, em cada escola, partindo de ideias ou propostas de professores ou alunos, nasceram clubes temáticos, nas mais variadas áreas, indo ao encontro dos interesses e necessidades dos jovens. Ficou este movimento conhecido por “Movimento da Escola Cultural” e serviu para fomentar nas escolas as mais diversas áreas do saber, da cultura e do desporto (Patrício, 1990). Na “Escola Cultural”, os clubes eram formados por grupos de interesse que agregavam alunos de várias turmas e anos de escolaridade em torno de um projeto comum, orientado por um professor com conhecimentos específicos na área.

Este foi o primeiro passo para a criação do “*programa educativo de escola*” e já nesta altura era inquestionável que a dimensão educativa e orgânica da escola passava pela simbiose entre ambas as componentes: a curricular e a extracurricular. Estávamos perante a denominada Escola Pluridimensional. Segundo o seu mentor,

“O fulcro da reforma é a reorganização pedagógica da escola, estruturada segundo um novo paradigma: o da Escola Pluridimensional, com a dimensão curricular tradicional, a dimensão de complemento curricular e a dimensão de interação dialéctica das duas primeiras, gerando deste modo uma envolvente, diversificada e poderosa dinâmica educativa e cultural na Escola una” (Patrício, 1990:17).



No ponto dois do artigo sétimo do Decreto Lei 95/91 de 26 de fevereiro, as atividades extracurriculares apareciam como “*complemento das actividades curriculares*” e eram “*acções de formação e de educação artística, de educação física e desporto escolar, de formação cívica, de inserção e de participação na vida comunitária*”. Estas atividades eram proporcionadas pela escola e promoviam a dinamização dos tempos livres de acordo com as necessidades e procura dos alunos. Pela análise do artigo quarenta e oito da Lei 46/86 de 14 de Outubro, Lei de Bases do Sistema Educativo, percebe-se que a escola tem a obrigação de gerir de forma adequada as componentes curricular e não curricular.

“As actividades curriculares dos diferentes níveis de ensino devem ser complementadas por acções orientadas para a formação integral e a realização pessoal dos educandos no sentido da utilização criativa e formativa dos seus tempos livres”.



1.3 A Educação informal ou não formal

As atividades extracurriculares integram os espaços de educação informal ou não formal, que compreendem as tentativas educacionais organizadas e sistemáticas que, por norma, se realizam fora do sistema formal de ensino, (Bianconi & Caruso, 2005), como é o caso dos clubes escolares. Estes assumem cada vez mais um papel de enorme relevância, tornando-se, por isso, espaços ideais para a articulação do afetivo, do emotivo, do sensorial e do cognitivo. Segundo a opinião de Pinto (2005:5),

“a educação não formal coloca a tónica no desenvolvimento de métodos de aprendizagem participativos, baseados na experiência, na autonomia e responsabilidade (...) em educação não formal, a forma é conteúdo”.

Em 2006, numa resolução intitulada *“Resolución del consejo y de los Representantes de los Gobiernos de los Estados miembros, reunidos en el seno del consejo, sobre el reconocimiento del valor de la educación no formal e informal en el ámbito de la juventud europea”*, a União Europeia reconheceu o valor da educação não formal no ensino, tendo-lhe atribuído uma importância bastante grande no processo educativo e considerando-a como um mecanismo fundamental para tornar a aprendizagem atrativa, visto fomentar a boa disposição e gosto de aprender e, desse modo, favorecer a integração dos mais jovens. Nessa resolução do Conselho da Europa, é referido que

“la educación no formal e informal constituyen elementos importantes del proceso educativo y son eficaces instrumentos para convertir la educación en algo atractivo, fomentar la buena disposición para el aprendizaje permanente y promover la integración social de los jóvenes.” (Consejo de Europa, 2006:168/2).

A educação informal e não formal permite a aquisição de novos conhecimentos, novas qualificações e competências que se apresentam como um contributo valioso para o desenvolvimento pessoal dos jovens, favorecendo a sua inclusão social e uma cidadania ativa.



“la educación no formal e informal pueden permitir que los jóvenes adquieran nuevos conocimientos, cualificaciones y competencias, y contribuyen a su desarrollo personal, la inclusión social y la ciudadanía activa (...)” (Consejo de Europa, 2006:168/2).

Quanto à educação não formal, e de acordo com Thomas La Belle,

“define-se educação não formal como toda a actividade educacional organizada, sistemática executada fora do quadro do sistema formal para oferecer tipos seleccionados de ensino a determinados subgrupos da população” (La Belle, 1982:2).

Luís Pinto coloca a sua atenção na forma de atuar da educação não formal e no seu carácter complementar ao currículo formal.

“a educação não formal é acima de tudo um processo de aprendizagem social, centrado no formando / educando, através das actividades que têm lugar fora do sistema de ensino formal e sendo complementar deste” (Pinto, 2005:4).

Segundo a opinião defendida por Maria Gohn, a educação não formal ocorre em situações e ambientes interativos, construídos coletivamente e onde a participação dos indivíduos é opcional, havendo intencionalidade no ato de participar, de aprender e de trocar saberes. (Gohn, 2006:29) Esta investigadora reconhece que com a educação não formal o aluno aprende a conviver melhor com os demais, compreende melhor o papel do outro, para além de construir melhor a identidade de grupo. Porém, este tipo de educação não deverá competir ou substituir a educação formal, mas antes constituir um desejável complemento (Gohn, 2006:32).

Não esqueçamos que, a aprendizagem formal é, segundo Pires, a que é ministrada nas instituições de ensino, com carácter obrigatório, até um determinado nível e

“ocorre num contexto organizado e estruturado, em que as actividades se encontram planeadas e orientadas para essa finalidade; a aprendizagem é intencional e é objecto de um reconhecimento formal (através da atribuição de diplomas, certificados, etc)” (Pires, 2008:4).

Entende-se, assim, por aprendizagem formal, aquela que é intencional, com objetivos definidos, institucionalizada e executada por agentes reconhecidos.



A aprendizagem informal é aquela que ocorre no dia-a-dia, num processo que é contínuo, em contextos diversificados, não sendo intencional, estruturada ou institucionalizada, nem tendo como meta uma certificação ou diploma. Segundo Luís Pinto, “*pode definir-se como tudo o que aprendemos mais ou menos espontaneamente a partir do meio em que vivemos*” (Pinto, 2005:3).

Lúcia Bianconi e Francisco Caruso entendem a educação informal “*como aquela na qual qualquer pessoa adquire e acumula conhecimentos, através de experiência diária em casa, no trabalho e no lazer*” (Bianconi e Caruso, 2005:20).

Para José Palhares, o não formal e o formal já coexistem, colhendo os alunos e a escola como organização, o melhor de ambos. Defende ele que

“ a rotulagem da escola como a instituição de ‘educação não formal’ está em perda de significado, pois nos espaços e tempos escolares coexistem processos e actividades de natureza não formal (...) dinamizadas internamente (...) de potencial mais-valia no desempenho escolar dos alunos” (Palhares, 2009:55).

Convirá, a este respeito, não esquecermos os quatro pilares fundamentais da Educação: aprender a conhecer (saber), aprender a fazer (saber fazer), aprender a ser (saber ser) e aprender a viver com os outros (saber estar) (Delors, 1996). Assim, a ideia peregrina de uma escola tradicional focalizada essencialmente no saber já não vai ao encontro das exigências do mundo atual. Para realizar, com qualidade, a sua nobre missão, devidamente fundamentada nestes quatro pilares, a escola hoje vem reconhecendo (com esforços, sucessos e retrocessos) o carácter pluridimensional da educação que engloba as várias e diferentes aprendizagens, sejam elas a formal, a não formal ou a informal.

La Belle refere ainda que

“o conceito de educação (...) ultrapassa os limites do ensino escolar formal e engloba as experiências de vida, e os processos de aprendizagem não formais, que desenvolvem a autonomia da criança” (La Belle, 1982:2).

Reconhecemos assim o valor das aprendizagens em contexto não formal, uma vez que permite o contacto com valores como o do direito à diferença, da convivência, da



socialização, do respeito mútuo, da adaptação a culturas diversas, do reconhecimento do outro, da construção da identidade coletiva do grupo, do estabelecimento de regras éticas e de condutas socialmente aceites (Gohn, 2006).

Permite, portanto, desenvolver em conjunto, competências essenciais para que se exerça uma cidadania que *“não se impõe. Ela constrói-se num processo permanente de aprendizagens escolares e extra escolares”* (Martins, 2009:16), com sentido de responsabilidade, de ética e de respeito pelos valores, ou seja, o saber ser e o saber estar.

Todos nós, professores, temos a consciência de que ensinar é bastante mais do que promover a memorização de conceitos através das atividades curriculares. Os diversos espaços fora da sala de aula, conhecidos como não formais, devem ser vistos como recursos pedagógicos ao serviço dos alunos. Por tal motivo,

“as actividades curriculares dos diferentes níveis de ensino devem ser complementadas por acções orientadas para a formação integral e a realização pessoal dos educandos no sentido da utilização criativa e formativa dos seus tempos livres (...) as actividades curriculares estritas não garantem a formação integral e a realização pessoal dos educandos” (Patrício, 1990:83).

As nossas escolas têm consciência deste problema e conhecem bem a situação em que se encontram, havendo casos de valorização e integração, nas suas práticas e atividades, de ensino não formal, como é o caso dos clubes escolares.

Julgamos que o ensino não pode nem deve confinar-se à sala de aulas, agarrado ao modelo tradicional e apenas reduzido a transmissão de conhecimentos. A exploração de novos contextos de aprendizagem parece-nos ser a forma mais eficaz de lidar com este problema.



2 – Clubes Escolares: um Espaço de Criatividade

Consideramos que os clubes escolares se apresentam como um imprescindível contraponto à monotonia que muitas vezes constituem algumas metodologias de ensino praticadas nas nossas escolas. Estes projetos têm uma grande importância pelas suas características bem diferenciadoras em relação a tudo o resto, começando logo pela sua frequência livre. Daí que apenas com professores interessados e motivados, imbuídos de um grande empenhamento, dando o melhor de si, poderão estar em condições de cumprir as exigências que as atividades de um clube escolar encerram. Os clubes escolares poderão ocupar os tempos livres dos alunos em áreas bastante diversificadas e de acordo com os seus interesses. Apresentam-se como veículos através dos quais a escola procura educar culturalmente os jovens, fazendo com que se empenhem em algo concreto e tentando, nalguns casos, apresentar alternativas ao insucesso ao absentismo ou ao abandono escolar. Por vezes acontece que os clubes nascem para preencher horários ou por pressão de outros professores, quando o que deveria acontecer era precisamente o contrário, ou seja, haver horários compatíveis para corporizar projetos extracurriculares plenos de interesse. Os clubes escolares apontam o caminho para uma escola viva e dinâmica onde os alunos possam experimentar a satisfação de fazerem aquilo de que gostam e sentirem-se realizados por isso.

“Os clubes são uma saída importante, ao encontro de uma escola viva onde os alunos possam entrar em contacto com uma espécie de ‘disciplina do fascínio’ de cada um, dando a possibilidade de fazer e de conhecer melhor aquilo de que se gosta” (Duarte e Gonçalves, 1996:5)

É pela falta de horários compatíveis que os clubes escolares apresentam algumas dificuldades na sua implementação ao nível da disponibilidade de professores e alunos. Sabemos bem que atualmente os alunos têm os seus horários muito preenchidos, quer na escola, quer fora dela, havendo dificuldades no que respeita à sua articulação. Por outro lado, cada vez é mais difícil obter verbas para o seu financiamento.

Devemos salientar ainda um conjunto de constrangimentos de índole legislativa que muito limitam as atividades dos clubes escolares:



- ❖ Os créditos horários para as atividades não letivas são cada vez menores.
- ❖ As nossas crianças continuam a abandonar a escola porque a escola não gosta verdadeiramente delas; a escola massificada dificilmente cumprirá a sua função social.
- ❖ A inexistência de qualquer mecanismo que permita avaliar o impacto dos clubes no percurso escolar dos alunos. Um tal instrumento seria muito importante para avaliarmos com eficácia a importância que os clubes escolares têm.
- ❖ Os planos de estudos do ensino básico e secundário preveem que as escolas organizem atividades de enriquecimento curricular, que visem complementar o programa educativo constante das atividades letivas embora

“... nem sempre deixam espaço a que possam ocorrer na sala de aula os necessários e desejáveis intercâmbios entre escola e o meio envolvente.” (Duarte e Gonçalves 1996:5).

Os clubes são, sem dúvida, uma mais-valia, embora muitas vezes condicionados por determinados aspetos, como é o caso do investimento pessoal de cada professor ou da carga horária excessiva dos alunos. Quando a aprendizagem é feita de forma aberta, e a construção dos conhecimentos se apresenta, um pouco, como uma aventura, o clube escolar tem uma enorme carga motivadora para o aluno e, como tal, uma grande probabilidade de captar o seu interesse e a sua atenção. Os clubes são instrumentos fundamentais para complementar os programas das diferentes disciplinas. Apresentam-se como um importante elemento de socialização, uma vez que constituem um “*espaço*” aberto, de caráter facultativo que funciona como um excelente complemento à atividade curricular e, por isso mesmo, fruto de uma livre escolha dos alunos que nele participam por vontade própria. Neste sentido, a oferta dos clubes escolares é, em muitos casos, a única forma de o jovem praticar uma determinada atividade a que não tem acesso fora da escola.

Além disso, cada vez se torna mais importante encontrar estratégias que consigam captar os nossos alunos para o ato de aprender e, nesse sentido, pensamos que estes clubes são um meio importante de os cativar e, por conseguinte, de os manter na escola.



Torna-se importante refletirmos sobre as práticas, nós

“(...) os educadores, já que temos uma responsabilidade acrescida na compreensão do presente e na preparação do futuro. Compete-nos interpretar na actualidade os sinais emergentes do provir para o qual estamos preparando as nossas crianças e os nossos jovens cuja formação a sociedade, em parte, quis confiar-nos” (Alarcão, 2001:10).

Na cada vez mais exigente sociedade atual, a escola tem assumido um papel de inquestionável relevo, pois é em ambiente escolar que o jovem passa uma grande parte do tempo necessário ao seu processo de formação e será esse conjunto de vivências que irá influenciar, de modo inequívoco, a sua forma de pensar e as suas atitudes ao longo da vida. Parece-nos também clara a ideia de que a escola estabelece uma permanente permuta de competências e responsabilidades em dicotomia com a sociedade. Consideramos que, neste sistema de vasos comunicantes, se vislumbra um espaço facilitador da cidadania. Porém, preparar os alunos para o exercício da cidadania encontra uma resistência no paradigma do saber compartimentado, sendo necessária a existência de laços sociais que sejam transversais às várias disciplinas. Devemos ter em conta que

“a escola actual está demasiado concentrada em transmitir conhecimentos como se fosse o seu objectivo principal, que não é. (...) a primeira finalidade da escola é formar cidadãos livres, autónomos e capazes de construir um mundo melhor” (Baptista, 2011:45).

Os clubes escolares são, em nosso entender, o meio ideal para a persecução de tais objetivos.

Defende Perrenoud que

“se a escola pretende preparar os jovens para enfrentar a complexidade do mundo com [os] seus conhecimentos e [as] suas competências, ela deveria privilegiar a figura do professor como organizador de uma pedagogia construtivista, garantia do sentido dos saberes, criador de situações de aprendizagem, gestor de heterogeneidade e regulador e percursor de formação” (Perrenoud, 2005:17).

Em todo o processo de ensino aprendizagem, ao professor é confiado um importante papel de mediação. Ele tem a árdua responsabilidade de estimular a participação dos alunos, fomentar a partilha e as práticas colaborativas, valorizando as



regras éticas e morais, de respeito pelo outro, de solidariedade, de atitudes responsáveis, de cumprimento de regras e normas. (Beltrão e Nascimento, 2000). O professor deverá ter a capacidade e a competência de influenciar positivamente as atitudes e os valores dos seus alunos que o deverão ver como “*amigo mais experiente*” (Beltrão e Nascimento, 2000:116), com vivências úteis e enriquecedoras. Este relacionamento deverá basear-se no respeito mútuo, na amizade e na figura do professor “*como modelo*” (Idem) ao nível dos comportamentos e das atitudes perante a vida, como o senso de justiça e ética.

Nos clubes escolares, os alunos desenvolvem bastante a sua criatividade, o seu sentido de responsabilidade, o trabalho colaborativo, o espírito de grupo e de partilha. Jaques Delors transmite sabiamente esta ideia quando nos explica que

“ combinar a escola clássica com contribuições exteriores à escola, facultar à criança o acesso às três dimensões da educação: ética e cultural; científica e tecnológica; económica e social. Por outras palavras, a educação é, também, uma experiência social, em contacto com a qual a criança aprende a descobrir-se a si mesma, desenvolve as relações com os outros, adquire bases no campo do conhecimento e do saber fazer” (Delors, 1996:22).

Tudo isto fomenta o prazer em estar na escola. Não é desejável concebermos um espaço de aprendizagem sem prazer, embora sempre dentro da observância de regras.

Julgamos não poder desligar os clubes e as suas atividades do conceito de lazer na educação (Marques, 1998) o que constitui uma ajuda importante para o aluno na definição das suas áreas de interesse e contribui para um incremento da sua responsabilidade perante o que o rodeia e atrai. Segundo Requixa,

“a educação é hoje entendida como o grande veículo para o desenvolvimento e o lazer, um excelente e suave instrumento para impulsionar o indivíduo a desenvolver-se, a aperfeiçoar-se, a ampliar os seus interesses e a esfera de responsabilidades” (Requixa, 1979, citado por Marques, 1998:2).

Sabemos que os caminhos de inovação na Escola passam pela incorporação de metodologias de ensino e de aprendizagem ativas, ligadas ao conhecimento de áreas diferentes das curriculares, como de resto é o caso do **radioamadorismo escolar**. O Clube de Comunicações, inserido no Agrupamento de Escolas de Gouveia; promove assim o ensino do radioamadorismo num ambiente não formal, permitindo desenvolver



competências novas e diferentes das habituais, incentivando as experiências, facilitando o uso de novas técnicas por parte dos alunos que assim aprendem de uma maneira divertida e agradável. Torna-se uma forma de conhecerem e interagirem com colegas de anos diferentes e, por vezes, com professores que não são da turma.

O primeiro contacto com uma atividade, no caso o radioamadorismo, poderá ser o incentivo necessário para levar o jovem a praticar o hobby fora da escola, desde que haja condições para tal.



3 – O Radioamadorismo

3.1 – O que é o radioamadorismo? Um breve enquadramento

Para que possamos entender a dinâmica e o alcance do radioamadorismo escolar, torna-se necessário proceder a uma explicação prévia sobre o que é o radioamadorismo. Devemos começar por dizer que o radioamadorismo é muito mais do que um simples passatempo. É uma forma de conhecer outras pessoas, outras culturas, outros povos e até uma outra dimensão da vida. De uma maneira muito simples, poderia dizer-se que o radioamador é um cidadão disponível, atento, altruísta e filantropo, que se dedica a vários aspetos relacionados com a radiodifusão, sem quaisquer interesses comerciais.

A definição de radioamadorismo está regulamentada, em Portugal, pelo Decreto-Lei nº 5/95, de 17 de janeiro e, mais recentemente, através do Decreto-lei 53/09, de 21 de março. Qualquer um dos diplomas define o “*Serviço de Amador*” como “*serviço de radiocomunicações, que tem por objectivo a instrução individual, a intercomunicação e o estudo técnico efectuado por amadores*” (artigo 2º, nº1, alínea a). Portanto, apenas poderão ser radioamadores os indivíduos devidamente autorizados que se interessam pela técnica radioelétrica, a título unicamente pessoal e sem interesse pecuniário. A ARRL (American Radio Relay League), a maior e mais importante associação de radioamadores do mundo, define o radioamadorismo explicando-nos que

“This unique hobby is a mix of fun, public service and convenience is the distinguishing characteristic of Amateur Radio. Although hams get involved for many reasons, they all have in common a basic knowledge of radio technology and operating principles, and pass an examination for the FCC license to operate on radio frequencies known as the ‘Amateur Bands’. These bands are radio frequencies reserved by the Federal Communications Commission (FCC) for use by hams at intervals from just above the AM broadcast band all the way up into extremely high microwave frequencies” in <http://www.arrl.org/what-is-ham-radio>
ARRL (sitio web).



Portanto, o radioamador¹ é um aficionado da rádio, possuidor de um certificado que o autoriza a operar uma estação de rádio de acordo com o estabelecido por lei embora obedecendo, obviamente, a algumas restrições.

Os primeiros radioamadores foram os grandes cientistas que deixaram os seus nomes ligados às descobertas em torno dos fenómenos da rádio, bem como sobre a possibilidade de se transmitir informação à distância, sem fios. Entre eles destacamos Heinrich Hertz, Guglielmo Marconi, Augusto Righi, Alexander Popov e Samuel Morse.

As primeiras comunicações sem fios, através de ondas hertzianas (TSF), foram feitas por radioamadores em modo de telegrafia, usando o Código Morse. Mais tarde, este meio começou a ser utilizado por outras entidades, nomeadamente as forças armadas, que viram nesta forma de comunicação um meio rápido e eficaz de passar informação. Posteriormente, começaram a ser ensaiadas emissões áudio, feitas por amadores, que acabaram por ganhar relevância na comunicação, passando assim a haver grandes estações de radiodifusão sonora.

As primeiras estações de radiodifusão, que possuíam programações com música, informação e os mais variados conteúdos (que apareceram quando surgiu a telefonia), eram, no início, meras estações de amador que operavam a partir da casa dos escassos curiosos que se debruçavam sobre a técnica de construção de aparelhos de emissão/receção. Mais tarde, algumas delas começaram a ganhar importância em meios técnicos e humanos e as multidões que aderiam à receção das suas emissões alertaram os estados para o poder dessa comunicação de massas. Foi este facto que determinou a necessidade da regulamentação e do controle estatal que veio estabelecer a diferença entre o serviço de radiodifusão e o serviço de amador.²

A forma atual do radioamadorismo (principalmente como hobby) desenvolveu-se já no século XX. De algumas centenas de radioamadores existentes no final da I Guerra Mundial, o número de aficionados teve um súbito crescimento a nível global,

¹ Pessoa que pratica a emissão e receção em ondas curtas, exercendo esta atividade sem retribuição salarial. In *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa*, p.3066.

² In <http://www.arla.radio-amador.net/radioam.htm#radioamadorismo> (Página da ARLA – Associação de Radioamadores do Litoral Alentejano).



transformando-se na atual comunidade de cerca de três milhões de experimentadores e comunicadores unidos pelo interesse comum das comunicações via rádio (Silver, 2004).

O fascínio por este passatempo está a cativar cada vez mais cidadãos, levando muitos engenheiros, técnicos de eletrónica, estudantes e mesmo pessoas comuns não ligadas profissionalmente ao campo da eletricidade a dar, todos os dias, (sobretudo nos países com melhores condições económicas), os seus primeiros passos no radioamadorismo. Como nos refere

Kristen Haring,

“Every night thousands of men retreat to radio stations elaborately outfitted in suburban basements or tucked into closets of city apartments to talk to local friends or to strangers on the other side of the world. They communicate by speaking into a microphone, tapping out Morse code on a telegraph key, or typing at the keyboard of a teletypewriter. In the Internet age, instantaneous, long-distance, person-to-person communication seems ordinary. But amateur radio operators have been completing such contacts since the 1910s.” (Haring, 2007, prologue).

O radioamador é, na sua essência, uma pessoa que se dedica a comunicar via rádio com outros amantes das telecomunicações, sem fins lucrativos. A ARRL explica que

“Amateur Radio operators come from all walks of life -- movie stars, missionaries, doctors, students, politicians, truck drivers and just plain folks. They are all ages, sexes, income levels and nationalities. They say Hello to the world in many languages and many ways. But whether they prefer Morse code on an old brass telegraph key, voice communication on a hand-held radio, or computerized messages transmitted via satellite, they all have an interest in what's happening in the world, and they use radio to reach out” in <http://www.arrl.org/what-is-ham-radio> ARRL (sitio web).

O facto de poderem utilizar este meio de comunicação tem feito dos radioamadores peças extremamente importantes em situações de emergência em que disponibilizam os seus meios e conhecimentos técnicos para ajudarem o próximo. Ao longo das últimas décadas, os radioamadores têm sido protagonistas de ações de assombroso humanismo. Existem numerosos casos em que, através da gestão de comunicações de emergência ou através da divulgação de pedidos de socorro, foram salvas muitas vidas. Por exemplo, no acidente ferroviário de Alcafache em 11 de setembro de 1985, na tragédia de Ribeira Quente, nos Açores, em 31 de outubro de



1997, (Seminário “A Protecção Civil e os Radioamadores” Figueira da Foz, 17 de Abril de 2004 [in http://www.radioamadores.net/files/prot_civil_rad_ct1bpt.pdf]), ou noutros casos marcados para sempre na memória coletiva, como o desastre do Titanic em 15 de abril de 1912 ou o atentado às torres gémeas do World Trade Center em 11 de setembro de 2001 (Gregory & Sahre, 2003).

Por vezes, os radioamadores são designados “ham radio”. Embora não haja uma certeza sobre a origem do termo, é comumente aceite que significa “help all man” (in <http://www.qsl.net/ct2hcq/Ham%20.html>). Independentemente da origem do termo, o radioamador é, indubitavelmente, alguém disposto a ajudar, utilizando a ferramenta que tanto adora, o seu transceptor de rádio. De facto, por possuírem meios de comunicações quase infalíveis, muitos destes homens e mulheres têm tido papéis de mérito reconhecido pelas suas comunidades em casos de crise ou catástrofe natural. Alguns amadores salvam vidas de pessoas através da gestão de comunicações de emergência, outros salvam vidas dando a conhecer à opinião pública relatos de situações de crise e atentados aos Direitos Humanos retratados por colegas que transmitem pedidos de socorro a partir de zonas debaixo de fogo em guerras, campos de concentração ou outros pontos quentes do mundo (Gregory & Sahre, 2003). De acordo com os meios técnicos empregues e as restrições das diferentes legislações nacionais, os radioamadores podem comunicar-se num raio de ação que vai da mesma localidade até ao ponto geograficamente mais distante do planeta (nos antípodas) ou mesmo até uma nave espacial ou estação orbital (alguns astronautas são radioamadores e algumas missões espaciais tripuladas incluem este tipo de comunicações).

Se bem que antigamente o radioamadorismo se limitava à telegrafia, neste momento e com a evolução tecnológica dos últimos anos, um radioamador tem ao seu dispor formas de comunicação tão complexas como aliciantes. Tanto pode usar a telefonia (uso da voz humana) como comunicações por intermédio de computadores (comunicação digital). Há quem atualmente ainda desfrute da utilização da forma mais antiga de comunicação via rádio... a telegrafia, utilizando o código Morse. Mas, acima de tudo, o mais fascinante é ter a possibilidade de entrar em contacto com qualquer pessoa no mundo que se dedique ao radioamadorismo.



As mensagens dos radioamadores ultrapassam barreiras linguísticas e culturais, podendo incluir todos os conteúdos imagináveis, desde que dentro dos limites da boa educação, do civismo e das normas dos regulamentos de cada Estado. O código do radioamador foi originalmente escrito por Paul Segal em 1928, sob o título “*Amateur’s code*” onde são enumerados os princípios básicos que orientam a conduta do radioamador, como o espírito fraternal, a tolerância, a educação e a compreensão (Devoldere & Demeuleneere, 2010).

É certo que alguns radioamadores se conhecem, porém a esmagadora maioria nunca se virá a encontrar pessoalmente (Gregory & Sahre, 2003). A riqueza que encerra o ato de comunicar ultrapassa a barreira da distância geográfica, dando origem a amizades que perduram pela vida fora.

Este hobby apresenta todo um conjunto de características que lhe abre a possibilidade de entrar no âmbito escolar, tornando-se numa mais-valia para a escola em variados domínios. Da cultura à ética, da geografia às línguas, da ciência à tecnologia, um sem número de áreas do saber poderão ter o radioamadorismo escolar como ponto de partida para abrir horizontes aos jovens com a amplitude das ondas rádio que se propagam à escala interplanetária.



3.2 – O radioamadorismo escolar

Sendo radioamador e, simultaneamente, professor, surgiu-nos a ideia de efetuar uma ligação feliz entre o radioamadorismo e a escola, desenvolvendo o projeto de criação de um clube escolar dedicado às comunicações via rádio. Procedemos a adaptações em função das exigências concretas do radioamadorismo que se prendem com aspetos logísticos necessários à montagem de estação e aquisição de equipamento.

Esta foi uma ideia pioneira em Portugal, pois em nenhum outro estabelecimento de ensino do nosso país existia (nem existe, pelo que sabemos) um projeto desta natureza. Apenas têm tido lugar algumas sessões pontuais de demonstração do passatempo, levadas a cabo por radioamadores. Finda a demonstração, que mais não serve senão para publicitar o hobby, todo o material é desmontado pelos seus proprietários, não havendo ensejo a qualquer continuidade. Nestas situações os alunos até são convidados a participar, ainda que de uma forma muito incipiente, uma vez que não dominam as técnicas de comunicação via rádio.

No clube de radioamadorismo existe, por outro lado, todo um trabalho de base estruturado no sentido de facultar aos alunos os conhecimentos teóricos e práticos que lhes permitam operar a estação de uma forma eficaz.

Assim, julgámos ter conseguido alguma inovação no que diz respeito a este tipo de projeto de intervenção. Mas, em abono da verdade, convirá referir de onde colhemos a inspiração para a criação deste clube. A ideia foi, por nós, importada dos Estados Unidos, onde há já uma vasta experiência acumulada no radioamadorismo para jovens nas escolas. Os norte-americanos, devido à imensidão do seu território, dão uma importância enorme ao radioamadorismo, não só como forma de comunicação no quotidiano, mas também no que diz respeito aos meios de socorro em catástrofes e calamidades de vária ordem (Haring, 2007). Eles têm a consciência plena que se todos os sistemas de comunicações falharem, apenas os radioamadores, com os seus emissores alimentados por geradores com energia alternativa, conseguem efetuar comunicações e assim salvar vidas e bens. Tendo esta consciência bem vincada, os norte americanos fazem um grande investimento no radioamadorismo em contexto escolar como forma de motivação para os jovens, mas também como treino face a



eventuais catástrofes. Mostrando um elevado dinamismo, a ARRL (American Radio Relay League) organiza competições entre escolas como é o caso do “*School Club Roundup*” (anexo 7), em que estabelecimentos de vários níveis de ensino, desde as escolas básicas até às universidades, entram em salutar competição.

“School Club Roundup (SCR) is sponsored by the ARRL, its Hudson Division Education Task Force and the Long Island Mobile Amateur Radio Club (LIMARC), to foster contacts with and among school radio clubs.

The SCR is a great way to get young operators on the air. Very often a new operator will be intimidated by the fear of not knowing what to say to the stranger on the other side of the radio. The exchange information helps to overcome this fear in a low pressure contest format. Operators are encouraged to take some time to chat beyond the contest exchange.

Award certificates will be issued for the following US and DX categories:

Schools: *Elementary, Middle/Intermediate/Junior High School, High School and College/University. In addition, non-school clubs and individuals also compete for certificates” (Malchick, 2012). in <http://www.arrl.org/school-club-roundup-scr>*

Devemos realçar que não existe qualquer hipótese de comparação entre a realidade norte-americana e a realidade portuguesa. Como mero exemplo, os radioamadores norte-americanos membros da ARRL (American Radio Relay League), contribuíram, em 2002, com mais de 205 mil dólares para financiar o programa tecnológico de educação de radioamadores nas escolas. Os principais objetivos deste programa eram: melhorar a experiência educacional, desenvolvendo nos alunos capacidades ao nível das ciências, matemática, linguagem artística e estudos sociais; criar, no futuro, técnicos qualificados em termos de desenvolvimento tecnológico; fomentar o crescimento do número de radioamadores. O objetivo era ter, em quatro anos, até 2006, cerca de 300 escolas a participar neste programa cujo orçamento poderia ir até ao milhão de dólares (Hill, 2002).

Foi com base nestes projetos, desenvolvidos pelos radioamadores norte-americanos, que surgiu a ideia de implementarmos na nossa escola um clube de radioamadorismo ajustado à nossa realidade e aos nossos recursos. Reconhecemos que iríamos estar perante um clube diferente do habitual, no que às atividades extracurriculares diz respeito, devido às suas características, especificidades e, até, pela projeção internacional que poderia vir a ter. Um clube que buscava a diferença, tentando projetar os nossos alunos no exterior.



Por tal motivo, nasce assim um novo conceito ao nível das atividades extracurriculares: o conceito de radioamadorismo escolar. Emissões de rádio transmitidas em ambiente escolar, a partir de uma estação de caráter funcional e permanente, que permite aos alunos a troca de multifacetadas experiências e o desenvolvimento das suas competências, ao nível educativo, psicológico e social. Esta poderia ser uma definição mais ou menos alargada de radioamadorismo escolar. Cremos bem que o conceito poderá ser ainda mais abrangente. Mais do que na vertente técnica (que tem o seu inquestionável valor), devemos colocar a tónica na vertente educacional, apelando a valores de solidariedade, cidadania, respeito pelo outro, sobretudo através de práticas que sustentem a ideia de uma escola inclusiva, aberta ao exterior e multicultural.

No radioamadorismo escolar, em termos concetuais, procurámos aproveitar o que cada uma dessas vertentes tem de melhor para dar ao conjunto final: por um lado, os aspetos positivos e nobres do radioamadorismo, que fazem deste hobby um dos mais interessantes; por outro lado, o que de melhor e mais profícuo têm as atividades extracurriculares como catalisadoras do gosto de estar na escola cujo centro é o aluno.

Para Peter Newell, radioamador e professor de tecnologia educativa na Johnstown & Guilderland High Schools, em Nova Iorque, nos Estados Unidos, o radioamadorismo é uma atividade que oferece um elevado potencial quando integrada nos currículos académicos. *“Yet, amateur radio is a technology and activity that offers great potential when integrated into academic or vocational curriculum”* (Newell, 1994:1).

Radioamadorismo escolar é, portanto, um conceito novo que pressupõe inovação. Esta tem um propósito que é tornar os alunos mais interessados, mais colaborantes, mais cooperativos, fazendo com que, cada vez mais, não estejam apenas na escola, mas *sejam a escola*. Dentro de um contexto educacional, a inovação surge como o pequeno grande pormenor que marca a diferença no mundo atual, cada vez mais exigente, competitivo e em constante desenvolvimento e transformação. Neste sentido, Benavente & al afirmam que

“Numa sociedade marcada pela imprevisibilidade e pelo movimento, não pode haver modelos únicos, uniformes e centralmente decididos para a instituição escolar (...) em educação, a maneira de difundir ou de promover inovações é tão importante quanto os conteúdos dessas mesmas inovações” (Benavente & al, 1993:12).



Inovação, na nossa perspetiva, deverá equivaler a projetos apelativos que tenham a capacidade de não reproduzir as práticas levadas a cabo na sala de aulas, sendo, portanto, diferentes daquilo que o aluno já recebe no seu percurso académico formal. Aí, os professores têm um papel fundamental no que respeita às suas práticas.

“Nunca é demais acentuar a importância crucial dos professores na mudança e na inovação das práticas escolares; para ultrapassar as mudanças formais, as estratégias terão de ter em conta a diversidade de situações, de pessoas, de modos, de ritmos, de tempos, de necessidades e de projetos inovadores” (Benavente & al, 1993:14).

Perrenoud entende a inovação pedagógica como *“algo extremamente ambicioso”* (Perrenoud, 2001:36), uma vez que ela se fundamenta em aprendizagens e experiências vivenciadas anteriormente, não acontecendo a inovação por processos de geração espontânea. Portanto, *“(...) é preciso começar com um objectivo (...) que cada equipe empunhe o problema”* (Perrenoud, 2001:37).

Na perspetiva de Patrício, a inovação resulta da *“produção intencional e, num certo sentido, consciente da novidade por um produtor humano, individual e colectivo”* (Patrício, 1988:6).

Por seu turno, Vilar entende que *“a inovação educativa (...) implica (...) um desejo de superação (...) a alteração do modelo de escola tradicional é, per si, uma inovação.”* (Vilar, 1993:22). Este investigador defende que a trave mestra da inovação educativa são os próprios professores que considera como *“(...) o verdadeiro ‘motor’ de uma qualquer tentativa ou propósito de inovação no âmbito da escola”* (Vilar, 1993:24).

Quando a escola se dispõe e se abre a novas iniciativas e a novas dinâmicas, a inovação acontece. Como tal, *“não basta que (...) a escola constitua um baluarte de estabilidade capaz de se adaptar à mudança (...) para saber estar num mundo em contínua transformação, a escola tem de estar na mudança, tem de ser capaz de se mudar a si própria”* (Correia, 1989:23-24).

A escola *“(...) não pode limitar-se a assegurar a sua reprodução. Ela tem de produzir inovações, tem de se reproduzir na inovação e reproduzir inovações”* (Idem).



3.3 – O radioamadorismo como auxiliar no desenvolvimento de competências acadêmicas.

“Num mundo em mudança, de que um dos principais motores parece ser a inovação tanto social como económica, deve ser dada importância especial à imaginação e à criatividade; sendo claras manifestações da liberdade humana elas podem vir a ser ameaçadas por uma certa standardização dos comportamentos individuais. O século XXI necessita desta diversidade de talentos e de personalidades, para já não falar das pessoas com qualidades excepcionais, igualmente essenciais em qualquer civilização. As crianças e jovens devem, pois, poder dispor de todas as ocasiões possíveis de descoberta e experimentação - estética, artística, desportiva, científica, cultural e social -, que venham completar a apresentação atraente daquilo que, nestes domínios, foram capazes de criar as gerações que os procederam ou suas contemporâneas” (Delors, 1996:86-87).

O Radioamadorismo escolar tem hoje o seu expoente máximo e quase único nos Estados Unidos.

Como já referimos no ponto anterior, os norte-americanos deram, e dão ainda hoje, uma importância bastante grande ao radioamadorismo em contexto escolar, como forma de motivação para os jovens, mas também como treino face a eventuais catástrofes.

No ano 2000, a ARRL (American Radio Relay League) lançou um programa bastante ambicioso intitulado *The Education & Technology Program* que tinha como principal objetivo melhorar e desenvolver as experiências educacionais, através do radioamadorismo, incentivando os estudantes a uma maior participação em disciplinas como as ciências, a matemática, as línguas, as artes e os estudos sociais. Pretendia-se criar metas de desenvolvimento tecnológico para o futuro, embora subjacente estivesse também a ideia de assegurar a continuidade do radioamadorismo enquanto hobby (Hill, 2002).

O projeto foi levado a cabo em cerca de 300 escolas, com um orçamento que rondava um milhão de dólares e repartido por várias fases. Teve por base parcerias entre professores/radioamadores, que coordenavam nas salas de aula ou em atividades extracurriculares, e entidades como a ARRL que, desse modo, teriam a oportunidade de trazer o radioamadorismo para o quotidiano escolar e *“this is done at no cost to the teachers”* (Hill, 2002:52). A cada escola que integrou o projeto foi oferecida uma



biblioteca básica com um conjunto de manuais técnicos e didáticos que se destinavam a apoiar os professores e auxiliar os estudantes. As escolas que já tivessem uma estação montada receberiam verbas destinadas a melhoramentos. Deste modo, as escolas piloto ficaram completamente equipadas (Hill, 2002).

Este programa de radioamadorismo escolar norte-americano dividia-se em duas partes: uma curricular, no âmbito de várias disciplinas e uma outra extracurricular. Participaram neste projeto escolas básicas, secundárias e superiores, quer urbanas, quer rurais (Hill, 2002).

O processo de adesão ao programa iniciava-se quando um professor desejava partilhar o seu hobby com os alunos. Caso não houvesse professores radioamadores, a escola poderia convidar voluntários da comunidade para transmitir esses conhecimentos (Hill, 2002). O grande objetivo deste programa passava por promover as transmissões de forma a que pudessem auxiliar a aprendizagem numa interligação de várias disciplinas como a tecnologia, matemática, ciências, geografia, escrita, línguas, entre outras.

Os norte-americanos pretendiam, com este tipo de iniciativas, criar alicerces sólidos que propiciassem o aparecimento de uma nova geração de radioamadores, para além de melhorar todos os aspetos que pudessem fazer do radioamadorismo um auxiliar da educação (Hill, 2002).

Toda a importância que é dada ao radioamadorismo nos EUA, tem a ver com o facto de a rádio constituir um poderoso meio de comunicação, como auxiliar no desenvolvimento de competências académicas.

Segundo a opinião de Peter Newell, o radioamadorismo apela a princípios da matemática e faz uso da tecnologia para comunicar. É, simultaneamente, uma atividade com duas vertentes, uma técnica e outra social. Mas ambas poderão ser aproveitadas em quase todas as áreas. Assim, o uso do radioamadorismo como ferramenta educativa na sala de aulas poderá encorajar os alunos a estudar várias matérias (Newell, 1994).

No caso específico do ensino da eletrónica e da informática, o maior problema residia na falta de conhecimentos de matemática ou ciências como base teórica ou a ausência de vocabulário técnico e a falta de capacidade de comunicação por parte dos alunos. O radioamadorismo poderia ser a forma ideal de ajudar estes alunos na



resolução das suas tarefas. A atividade deveria ser dividida em duas áreas fundamentais: a parte técnica ligada à eletrónica e à matemática e a parte da comunicação, de carácter lúdico, uma vez que poderia haver estudantes que não tivessem outra ocasião para realizarem comunicações e necessitassem de ser encorajados a desenvolver a sua linguagem e outras competências sociais através do radioamadorismo (Newell, 1994).

Um aspeto interessante residia no facto de que, quando um aluno obtinha a sua licença de radioamador, ganhava a consciência de que conseguira algo de importante. Por esse feito, recebia reconhecimento na escola, mas também fora dela, até por parte do governo federal (Newell, 1994). Dentro do espaço escolar, os estudantes que obtinham licença sentiam-se especiais, pois detinham aptidões reconhecidas para comandar outros alunos e até professores nas operações de rádio (Idem).

Os clubes de radioamadorismo escolar são uma realidade incontornável nestas escolas norte-americanas. Aí, os professores radioamadores são mais que meros conselheiros ou acompanhantes, sendo aceites como uma parte integrante do clube, uma vez que, tal como os seus alunos licenciados, fazem parte da mesma família radioamadorística com interesses comuns e experiências para partilhar. A barreira da idade e estatuto social caem por terra, estando os alunos mais predispostos para aprender com os seus amigos radioamadores (Idem).

Embora a maioria das pessoas pense que o radioamadorismo se trata de uma atividade apenas de índole técnica, tal acaba por não corresponder à verdade, uma vez que é também uma atividade social que envolve a comunicação oral e escrita. Como resultado desta dupla natureza, o radioamadorismo tem um elevado potencial a ser aproveitado na educação.

Este hobby tem a capacidade de reduzir o isolamento que existe por parte de alguns alunos. Isolamento quer face à escola, quer face ao mundo exterior.

“(...) the isolation that tends to exist in schools can be reduced through the inclusion of amateur radio in curriculum. This isolation takes many forms, including: isolation from the outside world; isolation of teachers; isolation between subjects; and isolation of academics from applications” (Newell, 1994:7).

O radioamadorismo pode assim, ser usado como recurso em todos os graus de ensino e ser uma mais-valia no domínio cognitivo, afetivo e psicomotor. Poderá ainda



ajudar a manter o interesse por disciplinas, como a matemática e as ciências, em que os alunos necessitam de maior ajuda e orientação. O seu uso em contexto de sala de aula poderá dar oportunidade aos professores de radioamadorismo escolar de abrirem, aos seus alunos, novos horizontes de conhecimento (Newell, 1994).

É comumente aceite que um dos maiores problemas que os professores enfrentam é o de encontrar estratégias capazes de motivar os seus alunos para a aprendizagem. O radioamadorismo dá algumas respostas a esse anseio, uma vez que se trata de uma atividade motivadora, devido à sua especificidade, à tecnologia que usa e à ambiência que a rodeia.

Peter Newell considera que o radioamadorismo poderá funcionar como um interessante recurso pedagógico. Assim,

“a curriculum which includes amateur radio can demonstrate the importance of good language skills, the application of math and scientific principles, and the reality of other languages, peoples and cultures”(Newell, 1994:10).

No que diz respeito ao uso do radioamadorismo em contexto de sala de aula, numa primeira fase, este recurso foi considerado importante para os alunos dos cursos ligados à eletrónica e áreas científicas. Mas, rapidamente se percebeu que poderia promover o ensino de práticas e competências em estudos sociais e línguas estrangeiras. A rádio pode transmitir competências como o ouvir e o falar. A simples escuta de uma estação de *broadcast* longínqua pode expandir os horizontes, mas a emissão /recepção (*two-way communication*) via radioamador é um meio facilitador da interação entre as pessoas (Newell, 1994).

Este hobby tem a capacidade de conseguir trazer até à sala de aulas pessoas, eventos, lugares de todo o mundo de uma forma interativa, abrindo aos alunos novos horizontes, novas visões e perspetivas da sociedade onde vivem, fazendo crescer o seu interesse e entusiasmo pela escola. Como tal,

“amateur radio has the ability to integrate subjects and motivate students. It can generate interest in math, science and technology for students who might otherwise avoid these subjects and concentrate on liberal arts” (Newell, 1994:15).



Concluimos que os grandes benefícios do radioamadorismo na escola residem no auxílio que este pode prestar no desenvolvimento de competências acadêmicas e sociais. Facilmente introduz a ciência e a tecnologia, promovendo o estudo de um modo interativo, uma vez que os jovens podem ver, ouvir e sentir, desenvolvendo interesses e vocações para estudos superiores universitários:

“it can help motivate students by providing a fun, interesting and some what unique activity for both technically and socially oriented students, it can provide concrete examples and applications for academic subjects, and it can help decrease the isolation that tends to occur in the school” (Newell, 1994:25).

Esta é a visão que os norte-americanos apresentam acerca do radioamadorismo em contexto escolar.

A integração do radioamadorismo na educação, poderá ser um contributo para enfrentar alguns dos problemas que são colocados à escola de hoje pela sociedade. No caso referido, os alunos conseguiram desenvolver a sua experiência em radioamadorismo, tirando partido desta tecnologia enquanto ferramenta útil às aprendizagens. Peter Newell refere-nos que o radioamadorismo é importante na escola, uma vez que faz aumentar os níveis de autoestima e motivação dos alunos. Assim, *“amateur radio’s biggest value, however, might be in its enhancement of the students motivation and self-esteem”* (Newell, 1994:6).

No nosso caso de estudo, o espírito é diferente, pois a realidade portuguesa é bem distinta. Somos seduzidos por um conjunto de ideias diferentes sobre o papel e a intervenção que o radioamadorismo deverá ter na escola e que, fundamentalmente, se traduzem numa ajuda ao desenvolvimento de competências que abordaremos a seguir.



4 – O Clube de Comunicações do AEG

4.1 – A criação do clube como resposta ao interesse dos alunos

Temos vindo a exercer a atividade de docente, com toda a dedicação e orgulho, desde 1992. Paralelamente, desde 1994, praticamos o aliciente hobby do radioamadorismo.

Para além de uma estação fixa em casa, tínhamos também uma estação móvel e, não raras vezes, os alunos juntavam-se perto do nosso automóvel, no parque de estacionamento da escola, para ouvirem as comunicações que íamos efetuando. Uns interessados, outros apenas atraídos pela curiosidade, rodeavam a viatura tentando vislumbrar o que se passaria no seu interior. Porém, havia sempre uns quantos que ficavam simplesmente fascinados pela magia de se poder comunicar com *alguém* que estava a tantos quilómetros de distância. Aproveitávamos sempre que podíamos para fazer ações de demonstração àquele público interessado, nos fins de tarde, naquele espaço de tempo que mediava entre a saída das aulas e a chegada dos transportes escolares ou dos encarregados de educação, ou ainda, nos últimos dias de cada ano letivo, nas chamadas *semanas abertas*. Nessas semanas culturais, montávamos uma estação de campanha e fazíamos uma demonstração do nosso hobby de eleição. O entusiasmo era grande, mas maior ainda era o espanto de alunos e professores com as potencialidades da rádio quando efetuávamos transmissão em onda curta para lugares bem longínquos. Os jovens ficavam excitados com as capacidades evidenciadas pelas comunicações via rádio. Mas, infelizmente o ano letivo estava a terminar e, provavelmente, no seguinte, já não estaríamos colocados naquele estabelecimento de ensino, pelo que nunca poderíamos dar continuidade a qualquer tipo de projeto.

No ano letivo de 2005/2006, passámos ao quadro de nomeação definitiva da EB 2 de Gouveia, o estabelecimento de ensino da nossa área de residência. Finalmente, depois de muito deambular, tínhamos conseguido a desejada e merecida estabilidade.

Uma tal situação profissional deu-nos a possibilidade de meter mãos à obra e tentar concretizar o projeto de criação de um clube de radioamadorismo escolar.



Há muito tempo que a ideia fervilhava no nosso pensamento, mas era sempre posta de parte, porque impossível de pôr em prática, devido à indefinição do local de trabalho que impossibilitava toda e qualquer tentativa de dar corpo a um projeto de tal envergadura. Ano após ano, tinham sido adiadas as ideias de o concretizar. Nesse momento, deixava, finalmente, de existir esse tipo de constrangimento. Era fundamental construir um projeto devidamente fundamentado e bem alicerçado, que fosse atrativo e com evidente viabilidade didático-pedagógica.

Tornava-se então necessário iniciar uma longa caminhada de cuidadosa explicação, quer aos nossos pares, quer aos órgãos superiores sobre o nosso projeto, as nossas pretensões e objetivos.

Considerámos que, através das atividades extracurriculares, poderíamos abrir aos alunos a oportunidade, por vezes única, de descobrir áreas que vão ao encontro dos seus interesses. Estas atividades, de grande importância, constituem uma eficaz alternativa à ocupação dos tempos livres dos alunos, tornando a escola num espaço mais ativo e dinâmico.

Assim sendo, pensámos que juntando os nossos conhecimentos de radioamador com a nossa sensibilidade profissional de professor, poderíamos encontrar uma simbiose interessante entre a escola e o radioamadorismo.

Tínhamos o conhecimento da existência, bem sucedida nos Estados Unidos, de estações de radioamador instaladas em escolas e decidimos trazer para Portugal este tipo de experiência pedagógica. Sobre este assunto, Anton Ninno esclarece-nos que

“Many schools across the country and around the world have amateur stations. Students can practice speaking, interviewing, listening, and writing skills in an amateur radio school club or classroom activity. Some teachers use the amateur radio as the communications link for school-to-school projects. Real-time conversations allow students to practice listening and speaking skills – a valuable experience that is not found with a email connection” (Ninno, 1999:4).

Estas considerações foram bastante importantes para nós, uma vez que nos permitiram encontrar um ponto de partida e uma orientação para definir modelos adequados à nossa realidade escolar.

Entretanto, as ideias foram passando para o papel e redigimos o projeto de criação do clube de radioamadorismo na escola. O único espaço onde se poderia inserir era no



âmbito dos clubes escolares cujo enquadramento legal se alicerçava no DL 6/2001 de 18 de Janeiro, e nas alterações introduzidas pelo DL 121/2005, regulamentadas pelo despacho 17387/2005 que define o desenvolvimento da componente letiva e não letiva. Consideramos que a escola não pode viver apenas da sua componente curricular, mas numa simbiose entre esta e o extracurricular. Neste assunto, identificamo-nos com o pensamento de Paulo Abrantes que nos apresenta uma posição bastante clara. Para este investigador, *“as funções da escola básica não podem traduzir-se numa mera adição de disciplinas, devendo centrar-se no objectivo de assegurar a formação integral dos alunos”* (Abrantes, 2001:36).

Também Patrício nos convida à reflexão sobre este assunto quando nos refere que

“as actividades curriculares dos diferentes níveis de ensino devem ser complementadas por acções para a formação integral e a realização pessoal dos educandos no sentido da utilização criativa e formativa dos seus tempos livres.” (Patrício, 1990:83).

Duarte e Gonçalves refere-nos que

“A escola, além das suas componentes de aprendizagem e formação, deve construir-se num pólo de aproveitamento das paixões e das sensibilidades individuais dos seus alunos. A escola deve aproximar a comunidade estudantil do mundo prático” (Duarte e Gonçalves, 1996:5).

Segundo opinião dos mesmos autores, na organização e constituição de um clube escolar devem presidir alguns objetivos fundamentais como:

i) Ocupar o aluno nos seus tempos livres em áreas que correspondam aos seus interesses como complemento da área vocacional; (Duarte e Gonçalves, 1996:10)

ii) Contribuir para a formação integral do aluno tornando-o um jovem mais interessado pelo mundo que o rodeia nas várias vertentes que são preocupação de todo o planeta, quer sejam do domínio humanístico, social ou tecnológico; (Idem)

iii) Trazer o global para o local de modo que o conhecimento de outros modos de vida, outras culturas e outras formas de pensamento,



tornem o jovem no futuro, um adulto que respeita e conhece o outro civilizacional (Idem).

Saliente-se que na organização do clube deverão participar ativamente, para além dos professores responsáveis e alunos, também a restante comunidade educativa, como por exemplo os assistentes operacionais e os encarregados de educação. Também é muito salutar a colaboração de elementos exteriores à escola, que possam contribuir com a sua participação, para um profícuo desenvolvimento e promoção da localidade onde o estabelecimento de ensino se encontra. Como referem Duarte e Gonçalves,

“O ideal seria que todos os alunos das escolas organizassem e participassem em clubes, tendo em conta que em termos de educação informal ele é um local privilegiado como o são a família e os amigos” (Duarte e Gonçalves, 1996:10).

Partindo deste conjunto de ideias e em resposta ao interesse manifestado pelos alunos, preparámos em 2006 o projeto de criação do clube que apresentamos a seguir:



**PROJECTO DE CRIAÇÃO DO CLUBE
de
COMUNICAÇÕES (EB2 de GOUVEIA)**

OBJECTIVOS:

- Promover a troca de mensagens entre a nossa escola e diversos pontos do país e do mundo;
- Fomentar nos alunos o gosto pelas comunicações via rádio e pela troca de experiências com pessoas de diversos pontos do país e do mundo;
- Desenvolver a dicção, entoação e expressão oral;
- Desenvolver a concentração e disponibilidade para ouvir o outro;
- Divulgar a nossa Escola e a nossa região, em Portugal e no estrangeiro;
- Cativar os alunos de forma a mantê-los na escola nos seus tempos livres;
- Desenvolver o gosto pelo radioamadorismo nas suas vertentes técnica e lúdica;
- Conhecer técnicas variadas de transmissão via rádio;
- Desenvolver conhecimentos geográficos e culturais;
- Desenvolver laços de amizade entre os elementos do clube;
- Criar nos alunos relações de entreajuda e partilha;
- Desenvolver o trabalho em equipa;
- Combater o absentismo e o abandono escolar;
- Combater a violência e a indisciplina.

ACTIVIDADES:

- Activação da estação base do Clube de Comunicações na EB2 de Gouveia, realizando contactos com diversos pontos de Portugal e do Mundo;
- Acompanhamento dos grupos que realizam actividades no exterior da escola, no âmbito das comunicações;
- Produção, pelos alunos, de cartões Q.S.L. da nossa estação;
- Participação em acções de auxílio à comunidade em colaboração com os serviços



de protecção civil da Área;

- Auxílio às comunicações de socorro (ex.: Bombeiros);
- Apoio de diversas actividades da escola, desenvolvidas no exterior.

RECURSOS:

- Para montar uma estação de Radioamador são necessárias verbas. Todo o material deverá ser eficaz e fiável pelo que terá que ser adquirido por quem detenha os conhecimentos técnicos para o efeito;

- Para podermos, de forma simples e eficaz, pôr uma estação de radioamador a funcionar necessitaríamos de 500 euros para aquisição do material que julgamos ser indispensável. (*)

HORÁRIO:

- Necessitaríamos de 4 a 5 horas por semana para formação teórica e prática dos alunos operadores rádio.

(*) - O dispêndio de verbas nas rádio comunicações é avultado, mas apenas na fase de arranque da modalidade, uma vez que se parte do zero.

Professor responsável: Paulo Sousa



Este constituiu o projeto inicial que apresentámos em 2006 e que foi aprovado em Conselho Pedagógico. Obviamente que, desde essa altura até hoje, algumas alterações foram feitas, nomeadamente no que diz respeito às atividades e aos recursos. Porém, a sua matriz mantém-se inalterável quanto aos objetivos gerais que esperamos atingir em cada ano letivo.

Este clube de radioamadorismo escolar tenta, nas suas práticas, evidenciar um conjunto de virtudes que a rádio patenteia no que respeita à sua componente de partilha e colaboração entre alunos e radioamadores, que vai muito para além das paredes da sala de aula e dos muros da escola. Poderemos facilmente inferir que a escola não se pode alhear de um conjunto de recursos que a sociedade civil põe à sua disposição e, certamente, o radioamadorismo estará entre eles. O clube de comunicações proporciona uma mais-valia, num ambiente de descontração, onde as aprendizagens se adquirem de forma fácil, intuitiva e lúdica. Esta é a forma que consideramos ser a mais favorável à construção de um conhecimento, baseado nos princípios da partilha e da colaboração que vai muito além de uma aprendizagem confinada à sala de aula.

Parece-nos que a escola do século XXI não pode dar-se ao luxo de escamotear os recursos que tem à sua disposição e as competências dos seus professores em áreas não diretamente ligadas com a sua formação científica de base.

O caminho passará forçosamente por partilhar esses conhecimentos de forma colaborativa com os seus alunos, ajudando-os assim a construir o seu próprio conhecimento.



4.2 – Autorizações legais da ANACOM - Autoridade Nacional das Comunicações

Para que o projeto de criação do clube de comunicações avançasse, tornava-se necessário encetar um conjunto de conversações num outro campo, para além do estritamente pedagógico. Referimo-nos obviamente à área respeitante ao legislador e supervisor das comunicações em Portugal - a Autoridade Nacional das Comunicações - que representa o Estado nestes assuntos. Como vai acontecendo noutras áreas, em que as instituições do estado são avessas às mudanças e inovações, também nesta se padece dos mesmos males. O primado da lei sobrepõe-se a todo e qualquer desejo de inovação. Com base nesta inevitabilidade, jamais seria possível aos alunos de uma qualquer escola efetuarem transmissões via rádio sem que para isso estivessem legalmente habilitados. A ANACOM não fugia à regra do estrito cumprimento da lei. O Decreto-lei em vigor na época, o 05/95 de 17 de janeiro, não previa a abertura do radioamadorismo aos jovens com idade inferior a 16 anos. Porém, não perdendo a esperança de levar por diante a nossa ideia, encetámos várias reuniões com a ANACOM, nomeadamente com os seus departamentos jurídico e de engenharia, no sentido de verificar a possibilidade, dentro da legislação em vigor, de encontrar uma forma de dar um enquadramento legal ao clube que pretendíamos constituir, e assim obter a autorização para operar legalmente a futura estação escolar.

Depois de várias tentativas, conseguimos de forma ardilosa encontrar no Decreto-lei uma abertura do legislador que nos permitiu ancorar e alicerçar a nossa pretensão.

Como radioamador autorizado, temos a possibilidade, conferida pela lei, de montar estação onde nos aprouver, mesmo no nosso local de trabalho. Assim sendo, solicitámos à ANACOM uma autorização para instalação de estação adicional à nossa estação oficial com o indicativo de CT1FUH. Esta estação ficaria instalada na EB 2 de Gouveia sendo-lhe consignado, pela ANACOM, um indicativo de chamada especial - CS2GVA - que seria ativado em datas previamente acordadas entre nós e aquela entidade. Nessas transmissões, os alunos membros do clube teriam oportunidade de comunicar via rádio, mesmo sem estarem habilitados para tal, desde que supervisionados pelo professor responsável pelo clube (vide anexos 1, 2 e 3).



Este facto merece realce, uma vez que marcou o ponto de viragem no seio da ANACOM no que diz respeito ao radioamadorismo juvenil. A partir desta altura, a Autoridade Nacional das Comunicações passou a dar uma atenção diferente ao radioamadorismo praticado em ambiente escolar. Depois de um período inicial em que as autorizações eram concedidas a título experimental e por um período de tempo pré-estabelecido, entrámos numa fase profundamente diferente com uma colaboração mais estreita. O início das transmissões levadas a cabo pelo clube de comunicações da EB 2 de Gouveia marcou assim o nascimento do radioamadorismo escolar em Portugal de uma forma sustentada e legalmente enquadrada. A ANACOM, reconhecendo o valor e interesse desta atividade com uma estação escolar de carácter funcional e permanente, não deixou de plasmar tal possibilidade na legislação futura. Neste sentido, a legislação que posteriormente se produziu passou a prever a nova realidade do radioamadorismo escolar com a publicação do Decreto-lei 53/09 a incluir quer o radioamadorismo escolar quer o juvenil.

*“Reconhece -se, também, a importância dos serviços de amador e de amador por satélite como meio de divulgação científica e tecnológica no âmbito das comunicações electrónicas em geral e das radiocomunicações em particular, dada a inserção dos amadores e das suas associações nas comunidades e fomenta -se o acesso da população em geral, **designadamente dos mais jovens**, ao contacto com as radiocomunicações por intermédio do radioamadorismo”.* (DL. 53/2009)

Assim, a idade mínima para um jovem efetuar exame de radioamador passou de 16 para 12 anos (artigo 4º- nº1 alínea a) e o radioamadorismo escolar passou a estar consignado na lei através da existência de “estações de uso comum”. Além disso, através dos números 2 e 3 do artigo 14.º do Decreto-lei 53/2009 de 2 de março

*“O ICP -ANACOM pode autorizar, em determinados eventos ou iniciativas, que **indivíduos não habilitados para o efeito utilizem estações de amador**, sob a supervisão de amadores das categorias 1, A ou B. (...) As autorizações referidas nos n.ºs 1 e 2 são atribuídas mediante requerimento dirigido à ANACOM que invoque o **objectivo exclusivamente de promoção e divulgação do conhecimento tecnológico e científico ou de desenvolvimento de actividades experimentais no âmbito das comunicações electrónicas em geral e das radiocomunicações em particular.**”*

Passou, por tal motivo, a ser possível a dinamização do radioamadorismo também nas escolas portuguesas.



4.3 – Parecer do Conselho Executivo

Consideramos que o estilo de gestão de uma escola é determinante para um eficaz desenvolvimento e aproveitamento de todas as potencialidades enquanto organização. Partilhamos também a ideia de que é ao órgão de gestão que compete gerir os interesses e as motivações de toda a comunidade rumo aos objetivos definidos.

Nesse sentido, tratando-se de idealizar e dar forma a um projeto como o do clube de comunicações, tornava-se fundamental o conhecimento e a existência do aval do órgão executivo da escola. Assim, desde o início, procurámos explicar detalhadamente quais as ideias que iam pairando no nosso espírito, bem como o enquadramento legal que lhe iríamos dar na conceção do clube. Como tal, colocámos o Conselho Executivo a par de todas as reuniões e negociações que íamos encetando com a ANACOM. Paralelamente, também íamos confrontando o órgão de gestão com as necessidades logísticas, materiais e pecuniárias que tínhamos para montar uma estação de radioamadorismo escolar, o mais digna e bem equipada possível.

Os elementos do Conselho Executivo, desde o primeiro momento, foram muito recetivos à ideia, uma vez que eles eram também professores adeptos da inovação e da escola inclusiva. Facultaram-nos o espaço para a instalação da estação e não colocaram quaisquer entraves à colocação de antenas, cabos e restante material que julgássemos necessário. Infelizmente, no que diz respeito a verbas, não houve tanta recetividade, pois não foi possível desbloqueá-las para aquisição de material que permitisse o arranque do clube.

De realçar que o Conselho Executivo considerou, logo à partida, e ainda apenas no papel, o projeto aliciante e com todas as condições para ser bem sucedido. O sucesso seria muito provável e quase certo, em virtude do empenhamento demonstrado pelo professor e também pelo facto de se tratar de um projeto diferente ao qual os alunos iriam, sem dúvida, aderir. Era com projetos deste tipo que a escola poderia marcar a diferença, incentivando os alunos a permanecer dentro dela, por gosto e não por obrigação legal.



II PARTE

5 – O Estudo de Caso

5.1 – O enquadramento metodológico

Quando levamos a cabo uma investigação, para além do relevo e do destaque que devemos conferir ao enquadramento teórico e à revisão da literatura, não é desejável relativizar a vertente metodológica. Para Hill e Hill, a investigação é associada a uma viagem que tem o seu início e o seu terminus na literatura e o plano é, essencialmente, um roteiro orientador da investigação, uma vez que *“uma investigação empírica (pura ou aplicada) é uma viagem de ida e volta que começa e termina na literatura”* (Hiil & Hill, 2005:32). Após uma série de etapas de um périplo, chegámos a um destino que, assim o esperamos, não seja o final de uma necessária investigação acerca desta temática.

As investigações que assentam na metodologia de estudo de caso têm vindo a ter cada vez maior notoriedade, quer no campo educacional, quer nas ciências sociais. Tais méritos ficam a dever-se ao trabalho desenvolvido por investigadores como Yin, Stack, Bogdan, Biklen, Hill, Strauss, Corbin, entre outros. Todos eles têm aprofundado e sistematizado o estudo de caso, no que respeita à metodologia de investigação, o que tem sido positivo para a sua credibilização.

A metodologia qualitativa orienta-se por uma perspetiva marcadamente interpretativa e construtivista, mas a expressão *“investigação qualitativa”* tem sido usada de forma bastante genérica para identificar todas as formas de investigação que assentam na utilização de dados qualitativos, como no caso da etnografia, da investigação naturalista, dos estudos de caso, da metodologia de histórias de vida, das aproximações biográficas e da investigação narrativa. Bogdan & Biklen utilizam a expressão *“investigação qualitativa como um termo genérico que agrupa diversas*



estratégias de investigação que partilham determinadas características.” Os mesmos autores referem ainda que

“os dados recolhidos são designados por qualitativos, o que significa ricos em fenómenos descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas, e de complexo tratamento estatístico. As questões a investigar não se estabelecem mediante a operacionalização de variáveis sendo outrossim formuladas com o objetivo de investigar os fenómenos em toda a sua complexidade e em contexto natural.” (Bogdan & Biklen, 1994:16).

Mason defende que a pesquisa qualitativa é importante e gratificante pois envolve o investigador em aspetos e dimensões sociais ligadas ao quotidiano. Este tipo de investigação denota uma capacidade para construir uma argumentação convincente sobre o funcionamento em contextos particulares.

“Qualitative researching is exciting and important. It is a highly rewarding activity because it engages us with things that matter, in ways that matter. Through qualitative research we can explore a wide array of dimensions of the social world, including the texture and weave of everyday life, the understandings, experiences and imaginings of our research participants, the ways that social processes, institutions, discourses or relationships work, and the significance of the meanings that they generate. We can do all of this qualitatively by using methodologies that celebrate richness, depth, nuance, context, multi-dimensionality and complexity rather than being embarrassed or inconvenienced by them. Instead of editing these elements out in search of the general picture or the average, qualitative research factors them directly into its analyses and explanations. This means that it has an unrivalled capacity to constitute compelling arguments about how things work in particular contexts” (Mason, 2002:1).

Creswell defende que a intenção da pesquisa qualitativa é compreender e explorar os problemas mais importantes e não procurar opiniões consensuais das pessoas que são o objeto de estudo: *“the intent of qualitative research is to understand and explore the central phenomenon, not to develop a consensus of opinion from the people you study”* (Creswell, 2012:130). Para este autor, a pesquisa qualitativa tem como objetivo compreender detalhadamente o significado das informações recolhidas sem cair na generalização dos resultados obtidos e em respostas tipificadas, pois *“the intent of qualitative research is to establish the detailed meaning of information rather than to generalize the results and standardize the responses from all participants in research”* (Creswell, 2012:131). Este tipo de investigação procura a compreensão das inter-



relações que acontecem na vida real. *“One characteristic of qualitative research is to present multiple perspectives of individuals to represent the complexity of our world”* (Creswell, 2012:207).

Cheek Julianne reconhece o trabalho de pesquisa qualitativa como uma forma de pensar e não como um método referindo que *“qualitative research is a way of thinking, not a method”* (Julianne, 2005:391).

Corbin e Strauss referem-se à importância da pesquisa qualitativa como

“qualquer tipo de pesquisa que produza resultados não alcançados através de procedimentos estatísticos ou de outros meios de quantificação (...) pode referir-se à pesquisa sobre a vida das pessoas, experiências vividas, comportamentos, emoções e sentimentos (...) outra razão, provavelmente mais válida, para escolher métodos qualitativos é a natureza do problema de pesquisa” (Corbin & Strauss, 2008:23-24).

Quando se encontra no trabalho de campo, o investigador faz as suas observações, emite juízos de valor e efetua as suas análises. O essencial é manter a capacidade para interpretar o que o rodeia, sem nunca perder o contacto com o devir dos acontecimentos. Assim, *“na investigação qualitativa em educação, o investigador comporta-se mais de acordo com o viajante que não planeia do que aquele que o faz meticulosamente”* (Bogdan & Biklen, 1994:83).

Investigadores como Robert Yin salientam o interesse em usar simultaneamente, alguns métodos de investigação, dados qualitativos e quantitativos. A sua utilização serve para demonstrar que as metodologias se poderão complementar, ao invés de se oporem (Yin, 2004).

O estudo de caso como estratégia de investigação é veiculado por investigadores como Bogdan, Biklen, Yin, Stake, Alaszewsky, entre outros, para os quais, um caso pode ser algo bem definido ou concreto, como um indivíduo, um grupo ou uma organização, embora também possa ser algo menos bem definido dentro de um plano mais abstrato.

“O estudo de caso consiste na observação detalhada de um contexto, ou um indivíduo, de uma única fonte de documentos ou de um acontecimento específico” (Merriam, 1988, citado por Bogdan & Biklen, 1994:89).



É *“particular – porque se focaliza numa determinada situação, acontecimento, programa ou fenómeno; descritivo – porque o produto final é uma descrição “rica” do fenómeno que está a ser estudado; heurístico – porque conduz à compreensão do fenómeno que está a ser estudado; indutivo – porque a maioria destes estudos tem como base o raciocínio indutivo”* (Merriam 1988, citado por Carmo, 2008:217).

Para Natércio Afonso: *“trata-se de estudar o que é particular, específico e único”* (Afonso, 2005:70).

No entendimento de Bogdan e Biklen,

“estes estudos incidem sobre uma organização específica, ao longo de um período determinado de tempo, relatando o seu desenvolvimento” e onde “a melhor técnica de recolha de dados consiste na observação participante e o foco do estudo centra-se numa organização particular ou nalgum aspecto particular dessa organização” (Bogdan & Biklen, 1994:90).

Os estudos de caso apresentam características da investigação qualitativa. Esta parece ser a posição mais consensual entre os diversos autores que vêm abordando esta metodologia.

Yin (2004) refere que os estudos de caso são bastante abrangentes e podem incluir aspetos quantitativos que acabam por ser limitadores do estudo. Ainda segundo o mesmo autor, apesar da estratégia de estudo de caso ser abrangente, não se deverá confundir com a pesquisa de carácter qualitativo, uma vez que existe uma área partilhada entre a investigação qualitativa e quantitativa.

Os estudos de caso são, portanto, menos sistematizados e mais amplos e podem ter diferentes abordagens, consoante os aspetos a que o investigador dê maior relevo. Assim, a forma como o problema é interpretado pelo investigador poderá conduzir a alterações da metodologia, traduzindo-se na utilização de linguagem diferente para aspetos idênticos. Estamos então perante uma estratégia abrangente (Yin, 2004).

Por outro lado, os estudos de caso são holísticos, característica essa herdada da investigação qualitativa. Concentram-se no global, na totalidade do fenómeno que estudam, dando menor importância à particularidade ou à diferenciação (Stake, 1999). Porém, se existem estudos de caso que poderão ser holísticos, haverá outros que não o são, tudo dependendo do projeto a desenvolver (Yin, 2004). Segundo a opinião de Stake (1999), deveremos conceder tanto mais atenção e importância ao contexto quanto mais concreto for o caso a estudar. Para Yin (2004), os estudos de caso surgem devido à



necessidade de se estudar fenômenos sociais complexos, devendo usar-se quando estamos perante condições abrangentes, que poderão ser pertinentes para o decurso da investigação. A estas condições amplas Yin atribui a designação de *contextos* que usa na sua definição de estudo de caso:

“um estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro do seu contexto de vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos” (Yin, 2004:32).

Os estudos de caso denotam a capacidade para generalizar. Segundo Stake, a sua finalidade é conseguir a compreensibilidade do caso, particularizando-o. Porém, há ocasiões que um caso poderá generalizar para outro, daí a distinção entre as “*generalizaciones menores*” e “*generalizaciones mayores*” (Stake, 1999:20). Temos pequenas generalizações quando há uma interferência do investigador num determinado caso. As grandes generalizações podem ser importantes para outros casos ainda não estudados, ou até para alterar generalizações existentes. O mesmo autor fala-nos das “*generalizaciones naturalistas*” que assenta bastante na implicação e experiência do investigador (Stake, 1999:75).

Segundo a opinião de Stake, através dos casos particulares poderemos chegar a generalizações.

“Pero de los casos particulares las personas pueden aprender muchas cosas que son generales. Y lo hacen en parte porque están familiarizados con otros casos a los que añaden el nuevo, y así forman un grupo un tanto nuevo del que poder generalizar, una oportunidad nueva de modificarlas antiguas generalizaciones” (Stake, 1999:78).

Para Yin (2004), os estudos de caso, tal como as experiências, são generalizáveis a considerações teóricas, embora não o sejam a generalizações estatísticas. “*A utilização da teoria, ao realizar estudos de caso, não apenas representa uma ajuda imensa na definição do projeto de pesquisa e na coleta de dados adequados, como também se torna o veículo principal para a generalização dos resultados do estudo de caso*” (Yin, 2004:54).

O principal objetivo do investigador será possuir um esquema de estudo com bases teóricas previamente colhidas na bibliografia já existente, que serão importantes



para fornecer direção ao estudo. Porém, é possível e até provável que, ao longo do tempo, e com o avanço do estudo, possa haver modificação das questões iniciais. Stake (1999) refere as questões temáticas como sendo necessárias para a estruturação das observações e revisão de literatura. Conforme vamos avançando no percurso de compreensão, o investigador vai podendo reformular as questões iniciais. Para Yin (2004), poucos serão os estudos de caso que terminarão conforme o planejado, uma vez que se podem modificar, à custa de novas informações verificadas após a recolha de dados. Porém, a modificação do projeto não deverá alterar as questões iniciais de investigação (tal só poderá acontecer nos casos holísticos). Terá que ser encontrado um equilíbrio que permita ter a perceção de quando as modificações a encetar justificam uma rejeição do projeto inicial e a sua substituição por um novo, com novas questões iniciais (Yin, 2004).

Bogdan e Biklen (1994) classificam os estudos de caso em função dos casos em estudo, referindo-se a casos únicos e casos múltiplos:

“Alguns começam sob a forma de um estudo de caso único cujos resultados vão servir como o primeiro de uma série de estudos, ou como piloto para pesquisa de casos múltiplos. Outras investigações consistem essencialmente, em estudos de caso único, mas compreendem observações menos intensivas e menos extensas noutras locais com o objectivo de contemplar a questão da generalização” (Bogdan e Biklen, 1994:97).

Creswell define estudo de caso como uma investigação em profundidade, mas limitada na sua abrangência, tendo por base uma extensa recolha de dados. *“A case study is an in-depth exploration of a bounded system (e.g., activity, event, process, or individuals) based on extensive data collection”* (Creswell, 2007 citado por Creswell, 2012:465). O mesmo autor indica-nos ainda que *“the “case may be a single individual, several individuals separately or in a group, a program, events, or activities”* (Creswell, 2012:465).

Stake defende que o estudo de caso não se trata de uma escolha metodológica, mas apenas da escolha do que deve ser estudado. Se o estudo de caso é mais humanizado, tal acontece pois é essa a condição dos investigadores e não devido às metodologias usadas. *“Case study is not a methodological choice but a choice of what*



is to be studied. If case study research, is more humane or in some ways transcendent, it is because the researchers are so, not because of the methods” (Stake, 2005: 443).

No que respeita ao papel desempenhado pelo investigador nos estudos de caso, cabe aqui registrar a importância da relação sujeito / objeto na investigação. O positivismo enraizou a ideia do observador neutro, sem qualquer tipo de influência sobre o objeto de investigação. Assim, a realidade é captada quase fotograficamente, com uma objetividade pura, uma vez que todos os aspetos subjetivos poderão ser eliminados pela relação distante do observador que investiga. Com efeito, as posições de Yin e Stake demonstram que o investigador se relaciona com o objeto de investigação. Este assunto está intimamente ligado com a questão da observação participante e não participante. Yin (2004) sustenta que a observação participante é uma forma especial de se observar, uma vez que o investigador não denota passividade ou indiferença, muito pelo contrário, poderá ter uma intervenção ativa no estudo, até participando naquilo que é estudado. Diz que

“ a observação participante é uma modalidade especial de observação na qual você não é apenas um observador passivo. Em vez disso, você pode assumir uma variedade de funções dentro de um estudo de caso e pode, de fato, participar dos eventos que estão sendo estudados” (Yin, 2004:116).

Yin dá bastante importância à observação participante quando salienta que

“ a observação participante fornece certas oportunidades incomuns para a coleta de dados em um estudo de caso (...) a oportunidade mais interessante relaciona-se com a sua habilidade de conseguir permissão para participar de eventos de grupos que são, de outro modo, inacessíveis à investigação científica (...) para alguns tópicos de pesquisa, pode não haver outro modo de coletar evidências a não ser através da observação participante. Outra oportunidade muito interessante é a capacidade de perceber a realidade do ponto de vista de alguém de ‘dentro’ do estudo de caso, e não de um ponto de vista externo” (Idem, 116).

Segundo Bogdan & Biklen, na observação participante,

“o investigador introduz-se no mundo das pessoas que pretende estudar, tenta conhecê-las, dar-se a conhecer e ganhar a sua confiança, elaborando um registo específico e sistemático de tudo aquilo que ouve e observa. O material assim recolhido é complementado como outro tipo de dados como registos escolares, artigos de jornal e fotografias” (Bogdan & Biklen, 1994:16).



O facto de o investigador estar *implicado* com a investigação e ser capaz de interferir nela poderá constituir uma vantagem, uma vez que é possível uma maior e mais eficaz aproximação àquilo que os dados refletem, uma compreensão segura das motivações dos elementos que constituem o grupo em estudo e facilidade na interpretação de todo um conjunto de variáveis do estudo.

No que respeita aos instrumentos de recolha de dados, podemos perceber que no estudo de caso existe a possibilidade de retirar informações a partir de várias fontes. Entre os instrumentos de recolha destacam-se o diário, o questionário, as fontes documentais, as entrevistas, os registos fotográficos, o vídeo, o áudio, entre outros.

O recurso a fontes documentais é uma prática comum num estudo de caso e podem ser de várias ordens: relatórios, propostas, planos, registos, dossiers, etc. A informação entretanto recolhida serve para dar um enquadramento ao caso, acrescentar informação ou até validar evidências sugeridas por outras fontes.

O estudo de caso etnográfico deve ser usado quando se está interessado em investigar uma situação em particular, ou seja, uma determinada instituição, um programa ou um currículo específico. Usa--se ainda quando houver interesse em como está a ocorrer e que resultados produzem, quando se tenta descobrir novas hipóteses teóricas sobre um determinado fenómeno, quando se quer retratar o dinamismo de uma determinada situação o mais próximo possível do seu ambiente natural (André, 2008).

“Para que seja reconhecido como um estudo de caso etnográfico é preciso, antes de tudo, que preencha os requisitos da etnografia e, adicionalmente, que seja um sistema bem delimitado, isto é, uma unidade com limites bem definidos, tal como uma pessoa, um programa, uma instituição ou um grupo social. O caso pode ser escolhido porque é uma instância de uma classe ou porque é por si mesmo interessante. De qualquer maneira o estudo de caso enfatiza o conhecimento do particular. O interesse do pesquisador ao selecionar uma determinada unidade é compreendê-la como uma unidade. Isso não impede, no entanto, que ele esteja atento ao seu contexto e às suas inter-relações como um todo orgânico, e à sua dinâmica como um processo, uma unidade em acção” (André, 2008:31).

A escolha de uma determinada forma de pesquisa depende, antes de tudo, da natureza do problema que se quer investigar bem como das questões específicas que vão sendo formuladas. Sobre isto refere-nos André que *“é útil ponderar as qualidades e os limites de uma metodologia para que se saiba mais claramente o que está sendo ganho e o que está sendo sacrificado” (André, 2008:52).* Com base nessa caracterização de



André (2008), podemos afirmar que todos os estudos de tipo etnográfico são estudos de caso, embora nem todos os estudos de caso sejam etnográficos.

Creswell define o design etnográfico, referindo que

“The term ethnography literally means ‘writing about groups of people.’ Using this qualitative design, you can identify a group of people; study them in their homes or workplaces; note how they behave, think, and talk; and develop a general portrait of the group” (Creswell, 2012:461).

O mesmo autor defende que o design etnográfico se aplica quando há a necessidade de se estudar um determinado grupo de indivíduos no exato local onde desenvolvem as atividades que pretendemos analisar, de forma a perceber como interagem. Refere ainda que os estudos etnográficos são qualitativos e descritivos, contendo elementos que ajudam na análise e interpretação dos comportamentos. Na etnografia, o investigador beneficia de um conhecimento bastante detalhado do grupo de estudo. Para o conseguir, baseia-se em várias fontes que vai explorando sob variados aspetos.

“You may be interested in studying one group of individuals, in examining them in the setting where they live and work, and in developing a portrait of how they interact. An ethnographic study is well suited for this purpose. Ethnographic designs are qualitative procedures for describing, analyzing, and interpreting a cultural group’s shared patterns of behavior, beliefs, and language that develop over time. In ethnography, the researcher provides a detailed picture of the culture-sharing group, drawing on various sources of information. The ethnographer also describes the group within its setting, explores themes or issues that develop over time as the group interacts, and details a portrait of the group” (Creswell, 2012:21).

Para este investigador, o modelo etnográfico poderá ser aplicado nos casos em que houver um profundo entendimento entre o grupo e o investigador, implicando um conjunto de partilhas.

“You conduct an ethnography when the study of a group provides understanding of a larger issue. You also conduct an ethnography when you have a culture-sharing group to study—one that has been together for some time and has developed shared values, beliefs, and language” (Creswell, 2012:462).



É possível levar-se a cabo um estudo deste tipo quando o investigador tem acesso privilegiado a um grupo, havendo a possibilidade de registar detalhadamente os comportamentos, as crenças, as formas de estar ao longo do tempo, podendo o mesmo investigador ser um elemento participante no grupo ou apenas observador, elaborando os seus registos sob a forma de notas de campo, entrevistas, gravações que lhe permitam documentar as dinâmicas do grupo.

“You conduct an ethnography when you have long-term access to a culture-sharing group so that you can build a detailed record of their behaviors and beliefs over time. You may be a participant in the group or simply an observer, but you gather extensive field notes, interview many people, and collect letters and documents to establish the record of the culture-sharing group” (Idem).

Yin define estudo etnográfico como

“field-based study of people in their real-world setting, usually occurring over a sufficiently lengthy period of time to surface people’s everyday routines—that is, their norms, rituals, and acceptable social interactions—hence also establishing the distinctiveness of their culture.” (Yin, 2011:309).

Qualquer tipo de investigação tem necessariamente que assentar num trabalho sistematizado e coordenado, compreendendo várias etapas. É, de resto, o que acontece com este nosso projeto, mas com uma particularidade que o distingue e que tem a ver com o facto de analisarmos um clube escolar do qual fazemos parte enquanto professor responsável.

Partimos de todo um vasto conjunto de experiências vivenciadas enquanto radioamador / professor e propusemo-nos analisar toda a realidade e envolvência deste clube escolar, na ótica das atividades extracurriculares, com o objetivo de identificar relações de causa / efeito entre as práticas e as atividades levadas a cabo no clube e os resultados escolares. Partimos para o nosso estudo com base no conhecimento que tínhamos deste clube que idealizámos e criámos em 2006 para, desta forma, estabelecermos os contornos gerais da investigação. Na primeira parte, fizemos o enquadramento do tema que nos propusemos estudar.

Esta primeira etapa permitiu-nos verificar quais os métodos e instrumentos mais indicados para a recolha de informação.



Como formas de registo, usámos notas de campo, gravações vídeo, áudio e fotografias.

Embora a nossa investigação tenha a ver com o radioamadorismo escolar, a abordagem é feita na ótica das atividades extracurriculares. Reconhecemos um elevado potencial ao radioamadorismo escolar, uma vez que nos apercebemos perfeitamente do impacto que tem na dinâmica interna da nossa escola e nas excelentes experiências que vivenciámos enquanto professor responsável pelo clube de radioamadorismo escolar.

Em termos metodológicos, o nosso estudo enquadra-se no estudo de caso qualitativo / etnográfico, com uma componente de investigação-ação e observação participativa.

Inclinámo-nos fortemente para este design de investigação devido à sua grande especificidade visto que *“a lógica da caracterização de uma pesquisa como um estudo de caso centra-se na natureza do objecto. (...) Trata-se de estudar o que é particular, específico e único”* (Afonso, 2005:70). O autor considera que nos estudos de caso intrínsecos *“o que está em causa é o acontecimento aprofundado de uma situação concreta”* (Idem:71).

Segundo os critérios já enunciados, desenvolvemos os aspetos metodológicos em várias etapas.

Numa primeira fase, recorreremos às nossas memórias e às notas que fomos registando ao longo dos últimos cinco anos para redigirmos toda a história do clube de comunicações.

Numa fase posterior, recolhemos um conjunto alargado de informações dos sujeitos, sob a forma de depoimentos e inquéritos por questionário realizados a alunos e professores. Recorreremos também a entrevistas a Encarregados de Educação. Um conjunto de gravações áudio e vídeo permitiu-nos retirar conclusões sobre diversas questões de investigação a que nos propusemos responder inicialmente.

Um aspeto bastante relevante para uma análise profunda e rigorosa neste estudo reside no facto de sermos um elemento integrado no clube, desde o seu início, portanto familiarizado com o assunto que é objeto de estudo. Isto permitiu-nos refletir com o devido distanciamento, mas com o conhecimento profundo e indispensável de todo o enquadramento organizacional do clube de comunicações. Este equilíbrio que, sempre



conscientemente, procurámos manter entre a proximidade que as dinâmicas, as práticas e o acompanhamento dos alunos no clube exigem e o distanciamento que deverá guardar o investigador, permitiu-nos colher frutos, que resultam de uma posição muito favorável face a toda a envolvência organizacional e ao maior rigor e objetividade dos resultados obtidos. Tal como nos refere Correia e Tomé,

“o factor proximidade e a presença em todas as fases de desenvolvimento das aplicações acarreta consigo, claramente, uma enorme vantagem e privilegia a descrição dos estudos de caso, o seu contrário também não é menos verdade, dado que o efeito de proximidade pode contribuir para uma visão comprometida, que poderá pontuar nalgumas partes do texto com a ausência de consciência crítica em relação ao objecto de afecto” (Correia & Tomé, 2007:110).

Um dos aspetos fundamentais do nosso estudo passa pela tomada de consciência sobre a importância dos clubes em geral e do radioamadorismo escolar em particular como contributo para a formação de cidadãos responsáveis, intervenientes e ativos.

Outro aspeto em que focámos a nossa atenção tem a ver com a capacidade que o clube poderá ter para fomentar o gosto pelas Comunicações, pela Geografia, pela língua portuguesa, pelas línguas estrangeiras, pela correta dicção, pelo aumento da capacidade de concentração ou pelos usos e costumes de outros povos.

Tentaremos aferir até que ponto um professor autodidata no radioamadorismo poderá ser motivador para os alunos aderirem a um grupo de radioamadorismo escolar.

Desejamos encontrar respostas sobre a ajuda que poderão constituir as atividades do clube na obtenção de competências transversais à generalidade das disciplinas.

Tentaremos perceber se o clube de comunicações poderá funcionar como um ponto de partida para o surgimento de novos radioamadores no nosso país.

Consideramos ser um estudo pertinente, uma vez que toda a comunidade educativa está empenhada em encontrar estratégias que lhe permitam melhorar as suas práticas, no sentido da qualidade e da excelência, procurando, para os seus alunos, o sucesso e o prazer em estar na escola. Não é nossa intenção construir novo conhecimento, mas tão somente, retratar uma situação única e concreta que acontece na nossa escola.



5.2 – O objeto de estudo.

O nosso objeto de estudo é o grupo de alunos que praticam radioamadorismo escolar no clube de comunicações do AEG.

Participam no estudo, o investigador como observador participante *insider* devido à experiência que tem na área de investigação e os alunos que frequentaram o clube de comunicações no ano letivo de 2011-2012. As idades dos participantes oscilam entre os 10 e os 15 anos. Participam ainda na investigação professores envolvidos de forma indireta no projeto, como é o caso dos Diretores de Turma, professores da Educação Especial ou Psicóloga do Agrupamento. Contamos ainda com o contributo dos Encarregados de Educação de alunos pertencentes ao clube. Destacamos também o contributo através de antigos alunos do clube, através dos seus depoimentos.

Quadro 1 - caracterização da amostra:

Alunos	Professores	Enc. de Educação
47	18	5



5.3 – Objetivo do estudo

Definimos, como objetivo fundamental da nossa investigação, averiguar como o radioamadorismo escolar responde às necessidades dos nossos alunos, permitindo-lhes ter uma atividade aliciante que lhes dê motivação e gosto para permanecerem na escola.

Tentaremos contribuir para uma reflexão sobre a importância e o papel do radioamadorismo e sobre a sua utilidade para o sucesso educativo dos nossos jovens.

É nossa intenção:

- ❖ Conhecer, analisar e refletir sobre os impactos do radioamadorismo e das atividades de radioamador no desenvolvimento pessoal dos alunos do AEG e na melhoria do seu desempenho escolar;
- ❖ saber se essas aprendizagens se refletem em taxas de sucesso escolar;
- ❖ compreender quais são as percepções sociais da comunidade envolvente sobre a realização e implementação deste projeto;
- ❖ saber que condicionalismos se impõem na consecução do mesmo;
- ❖ identificar os seus constrangimentos e/ou potencialidades.

Estes são os principais objetivos que perseguimos.



5.4 – Tipo de Investigação

A nossa investigação assenta numa base qualitativa de tipo histórico-etnográfico, já que o caso em estudo é particular, ou seja, investiga as potencialidades que o radioamadorismo escolar poderá ter, numa abordagem construtivista da aprendizagem em contexto não formal.

A nossa pesquisa assenta fundamentalmente nas atividades desenvolvidas pelo clube no ano letivo de 2011-2012 e no trabalho desenvolvido pelos alunos que, por essa altura, constituíam o clube. O investigador *insider* foi recolhendo dados ao longo desse tempo.



5.5 Instrumentos de pesquisa

Para Hill & Hill, “*qualquer investigação empírica pressupõe uma recolha de dados.*” (Hill e Hill, 2005: 41).

Como fontes de dados para este estudo, apelámos fundamentalmente à nossa memória e às nossas memórias escritas sobre a história do clube que pretendemos contar e que se reportam aos primeiros cinco anos letivos de vida do clube, ou seja, de 2007 a 2011. Estando perante um estudo de caso, fomos, ao longo do ano letivo de 2011-2012, recolhendo os dados necessários à investigação.

5.5.1 – Notas de Campo

Estas memórias escritas sob a forma de notas de campo revelaram-se um valioso contributo para o presente trabalho.

Segundo Bogdan e Biklen são “*o relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiencia e pensa no decurso da recolha e refletindo sobre os dados de um estudo qualitativo*” (Bogdan e Biklen, 1994:150).

Para Creswell “*Field notes are text (words) recorded during an observation in a qualitative study*” (Creswell, 2012:216). Segundo o mesmo autor, nas notas de campo “*o pesquisador registra de uma maneira não-estruturada ou semi estruturada (...), as actividades no local de pesquisa*” (Creswell, 2007:190).

Tuckman explica-nos que “*as notas de campo são tanto descritivas como interpretativas ou analíticas. Relatam não apenas o que aconteceu mas, muitas vezes, o porquê e também os motivos*”. (Tuckman, 2000:528).

5.5.2 – Inquéritos por questionário

Foram realizados inquéritos por questionário aos alunos que frequentaram o clube no ano letivo de 2011-2012 e também a professores que tenham, ainda que de uma forma indireta, alguma relação com o clube.



Segundo Fortin

“o questionário é um dos métodos de colheita de dados que necessitam das respostas escritas a um conjunto de questões por parte dos sujeitos (...). É um instrumento de medida que traduz os objetivos de um estudo com variáveis mensuráveis. Ajuda a organizar, a normalizar e a controlar os dados de tal forma que as informações procuradas possam ser colhidas de uma maneira rigorosa” (Fortin, 2009:249)

Optámos pela elaboração de um questionário estruturado, apesar de termos a consciência que *“limita o sujeito às questões formuladas, sem que tenha a possibilidade de as alterar ou de precisar o seu pensamento”* (Fortin, 2009:249).

Gil considera

“questionário como a técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores comportamento presente ou passado, etc” (Gil, 2008:121).

Regra geral, os questionários apresentam vantagens e inconvenientes. Salientam-se as seguintes vantagens, segundo Fortin (2009):

- ❖ É menos dispendioso do que a entrevista;
- ❖ A possibilidade de ser utilizado simultaneamente junto de um grande número de sujeitos;
- ❖ A sua natureza impessoal;
- ❖ A sua apresentação uniformizada;
- ❖ A ordem idêntica das questões para todos os sujeitos;
- ❖ As mesmas diretrizes para todos;
- ❖ A segurança face ao anonimato das respostas.

Como desvantagens, Fortin (2009) destaca:

- ❖ Fracas taxas de resposta;
- ❖ Elevada taxa de dados em falta.

Gil (2008) considera as seguintes vantagens:

- ❖ Tem a possibilidade de atingir grande número de pessoas;



- ❖ Implica menores gastos com pessoal;
- ❖ Garante o anonimato das respostas;
- ❖ Permite que seja respondido no momento mais conveniente para elas;
- ❖ Não expõe o pesquisador à influência das opiniões do entrevistado.

Como desvantagens, Gil (2008) destaca:

- ❖ Exclui as pessoas que não sabem ler;
- ❖ Impede o auxílio ao informante quando este não entende as instruções ou perguntas;
- ❖ Impede o conhecimento das circunstâncias em que foi respondido, o que pode ser importante nas respostas;
- ❖ Não oferece garantia da sua devolução devidamente preenchido, reduzindo a representatividade da amostra;
- ❖ Envolve um número relativamente pequeno de perguntas;
- ❖ Proporciona resultados bastante críticos em relação à objetividade.

Carmo & Ferreira apontam também os cuidados a ter na construção de um inquérito por questionário. No que respeita às perguntas, estas devem:

- ❖ Ser reduzidas ao QB, tanto quanto possível fechadas, compreensíveis para os respondentes e não ambíguas;
- ❖ Evitar indiscrições gratuitas;
- ❖ Confirmar-se mutuamente;
- ❖ Abranger todos os pontos a questionar;
- ❖ Ser relevantes relativamente à experiência do inquirido (Carmo & Ferreira, 1989:141).

No que respeita ao conteúdo das questões, estas podem referir-se “*ao que as pessoas sabem (factos), ao que pensam, esperam, sentem ou preferem (comportamentos)*” (Judd, Smith, Kidder, 1999:229, citado por Gil, 2008:124). Segundo o mesmo autor, a escolha de questões é condicionada por vários fatores, como por exemplo, a natureza da informação desejada ou o nível de dificuldade dos interrogados (Gil, 2008).



Convirá observar algumas regras fundamentais na escolha das questões (Gil, 2008):

- ❖ Devem ser incluídas apenas questões relacionadas com o problema pesquisado;
- ❖ Não devem ser incluídas questões cujas respostas podem ser obtidas de forma mais precisa por outros procedimentos;
- ❖ Devem ser incluídas apenas as questões que possam ser respondidas sem maiores dificuldades;
- ❖ Devem ser evitadas questões que penetrem na intimidade das pessoas;
- ❖ As perguntas devem ser formuladas de maneira clara, concreta e precisa;
- ❖ A pergunta deve possibilitar uma única interpretação;
- ❖ A pergunta não deve sugerir respostas;
- ❖ As perguntas devem referir-se a uma única ideia de cada vez.

No nosso estudo, os procedimentos estatísticos utilizados foram de natureza descritiva.

A nível da estatística descritiva serão apresentados os parâmetros e considerados mais adequados, atendendo à escala de mensuração das variáveis em estudo, como:

- ❖ Medidas de tendência central (média, moda e mediana);
- ❖ Medidas de dispersão (desvio-padrão, coeficiente de variação e amplitude de variação);
- ❖ Distribuição de frequências (absoluta e relativa).

Os valores encontram-se expressos sob a forma de quadros e gráficos com o objetivo de facilitar a visualização e análise dos dados.



5.5.3 – Triangulação

Os questionários elaborados para os alunos do clube de comunicações e professores foram construídos de modo a permitirem a triangulação.

Segundo Fortin (2009), a triangulação consiste no uso de vários métodos e perspetivas que, combinados entre si, permitem retirar conclusões válidas sobre um mesmo fenómeno.

Lefrançois define triangulação como

“uma estratégia para colocar em comparação dados obtidos com a ajuda de dois ou vários processos distintos de observação, seguidos de forma independente no seio de um mesmo estudo. O modelo da triangulação tipo é aquele em que se reúnem métodos quantitativos e qualitativos, sendo as regras processuais próprias de cada um escrupulosamente respeitadas” (Lefrançois, 1995:59-60, citado por Fortin, 2009:322).

Denzin explica que a triangulação dos dados *“consiste numa colheita de dados junto das diversas fontes de informação, (grupos, meios e períodos de tempo, a fim de estudar um mesmo fenómeno”* (Denzin, 1989, citado por Fortin, 2009:323). O mesmo autor refere que *“triangulation has been generally considered a process of using multiple perceptions to clarify meaning, verifying the repeatability of an observation or interpretation”* (Denzin, 2005:454).

Mason entende que a triangulação possibilita ao investigador a aproximar as suas questões de investigação em diferentes perspetivas. *“I think the concept of triangulation (...) encourages the researcher to approach their research questions from different angles and to explore their intellectual puzzles in a rounded and multi-faceted way”* (Mason, 2002:190).

Creswell considera que *“triangulation is the process of corroborating evidence from different individuals, (...) types of data (...), or methods of data collection (...) in description and themes in qualitative research”* (Creswell, 2012:259).

Flick chama a atenção para o facto de a triangulação poder constituir uma base de diferenciação em virtude dos diferentes pontos de vista que tende a abordar. *“we used to say that triangulation is a form of confirmation and validation, but when we started giving more respect to multiple points of view, we saw that triangulation may be a form of differentiation”*(Flick, 2002, citado por Stake, 2010:123).



Yin define triangulação como *“an analytic technique, used during fieldwork as well as later during formal analysis, to corroborate a finding with evidence from two or more different sources”* (yin, 2011:313).

No nosso estudo, os dados foram colhidos com a ajuda de inquéritos por questionário feitos aos alunos que fizeram parte do clube de comunicações no ano letivo de 2011-2012 e aos professores que tiveram ligação ao clube por serem DT ou porque lecionavam a alunos do clube.

Colhemos também um conjunto de informações junto de Encarregados de Educação através de entrevistas e de antigos alunos do clube através de depoimentos. A todo este conjunto de dados, juntámos a nossa própria observação participante. Os dados obtidos foram objeto de triangulação, no sentido de procurar a sua validação. *“A triangulação pode realçar os laços entre a teoria, a investigação e a prática, dado que esta consiste em examinar as questões nos diversos contextos através de múltiplas conceptualizações”* (Banik, 1993; Kimchie e col. 1991, citado por Fortin, 2009:325).

5.5.4 – Inquéritos por entrevista

No que respeita aos Encarregados de Educação, a opção recaiu na realização de inquéritos por entrevista. O nosso objetivo era colher dados relativos às questões de investigação.

Fortin define a entrevista como sendo *“um modo particular de comunicação verbal que se estabelece entre o investigador e os participantes com o objetivo de colher dados relativos às questões de investigação formuladas”* (Fortin, 2009:245). Este autor encontra vantagens no facto de a entrevista ser de utilização geral, contrariamente aos questionários; de as suas taxas de resposta serem mais elevadas; de os erros de interpretação serem mais facilmente detetáveis; de serem são mais eficazes na descoberta de informação sobre temas complexos. (Fortin, 2009:249).

Para Creswell a entrevista torna-se importante, visto que *“When researchers ask one or more participants general, open ended questions and record their answers”* (Creswell, 2012:217).



Para Stake, as entrevistas têm como finalidade:

- ❖ *“Obtaining unique information or interpretation held by the person interviewed;*
- ❖ *Collecting a numerical aggregation of information from many persons;*
- ❖ *Finding out about ‘a thing’ that the researchers were unable to observe themselves” (Stake, 2010:95).*

Morgan refere que *“uma entrevista consiste numa conversa intencional, geralmente entre duas pessoas”* (Morgan, 1988, citado por Bogdan e Biklen, 1994:134). Referem ainda que

“em investigação qualitativa, as entrevistas podem ser utilizadas de duas formas. Podem constituir a estratégia dominante para a recolha de dados ou podem ser utilizadas em conjunto com a observação participante, análise de documentos e outras técnicas. Em todas as situações a entrevista é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito” (Bogdan e Biklen, 1994:134).

Os mesmos autores afirmam que *“o processo de entrevista requer flexibilidade”* (Idem:137) e que *“os entrevistadores têm que ser detetives, reunindo partes de conversas, histórias pessoais e experiências numa tentativa de compreender a perspetiva pessoal do sujeito”* (Bogdan e Biklen, 1994:193).

Para Estrela *“a finalidade das entrevistas a realizar consiste em última instância, na recolha de dados de opinião que permitem, não só fornecer pistas para a caracterização do processo em estudo, como também conhecer, sob alguns aspetos, os intervenientes no processo”* (Estrela, 1990:354).

Gil define entrevista como *“a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação, (...) é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação”* (Gil, 2008:109). Este autor considera que a entrevista apresenta as seguintes vantagens:

- ❖ Possibilita a obtenção de dados referentes aos mais diversos aspetos da vida social;



- ❖ É uma técnica muito eficiente para a obtenção de dados em profundidade acerca do comportamento humano;
- ❖ Os dados são suscetíveis de classificação e quantificação;
- ❖ Não se exige que o entrevistado saiba ler;
- ❖ Possibilita a obtenção de um maior número de respostas;
- ❖ Possibilita captar a expressão corporal do entrevistado, bem como a tonalidade de voz e a ênfase nas respostas.

Considera as seguintes desvantagens:

- ❖ A falta de motivação do entrevistado para responder às perguntas que lhe são feitas;
- ❖ A inadequada compreensão do significado das perguntas;
- ❖ O fornecimento de respostas falsas, determinadas por razões conscientes ou inconscientes;
- ❖ A influência exercida pelo aspeto pessoal do entrevistador sobre o entrevistado;
- ❖ A influência das opiniões pessoais do entrevistador sobre as respostas do entrevistado. (Gil, 2008).

No que respeita ao tipo de entrevista, optámos por uma parcialmente estruturada contendo um conjunto de questões que possam verificar as questões de investigação. *“Neste tipo de entrevistas, o responsável apresenta uma lista de temas a cobrir, formula questões a partir destes temas e apresenta-os ao respondente segundo uma ordem que lhe convém”*. (Fortin, 2009:247).

A nossa opção recaiu na recolha de dados por entrevista aos Encarregados de Educação, por se pretender essencialmente ouvir as suas perceções sobre a implementação e dinamização do projeto do clube de comunicações.



5.5.5 – Registos áudio e vídeo

Como formas de registo, para além das notas escritas, usámos também as gravações de áudio e vídeo, que de resto, fazem todo o sentido face ao tipo de investigação que levámos a cabo. Sobre o audiovisual Alaszewsk refere que “ *the record usually takes the form of a time-structured written document, though with the development of technology it can also take the form of an audio or audiovisual recording*” (Alaszewsk, 2006:2). O mesmo autor comenta “ *in the case of audio and video diaries the researcher has to create this text by transcribing the relevant recording*” (idem: 86).

Assim, transcrevemos os aspetos que pela sua relevância são considerados importantes e que foram captados durante a fase de trabalho de campo.

Creswell refere que “ *Audiovisual materials consist of images or sounds that researchers collect to help them understand the central phenomenon under study*” (Creswell, 2012:224).

A validação do nosso estudo é conferida pelo enquadramento empírico, assente num conjunto de registos elaborados pelo investigador, que procedeu a um trabalho *in loco* através da sua participação no próprio objeto de investigação, efetuando a observação das atividades do clube e monitorizando sempre as suas dinâmicas. Procedemos ainda a uma criteriosa escolha dos instrumentos de recolha de dados, de forma a retirar o maior caudal de informação dos sujeitos. Procurámos estabelecer a triangulação de dados para assim podermos verificar e garantir as respostas às questões de investigação que levantamos.

Tais práticas conduziram a uma elevada fiabilidade, uma vez que todas as etapas foram cuidadosa e pormenorizadamente descritas, conferindo-lhes assim uma inquestionável consistência, assente nos mais rigorosos princípios éticos. Consideramos ainda que a extensão da amostra usada, ou seja, a totalidade dos alunos inscritos no clube de comunicações no ano letivo 2011-2012, constitui um importante indicador da abrangência do estudo por nós realizado. A presença dos professores e Encarregados de Educação no nosso estudo permitiram confrontar dados que possibilitaram demonstrar



Radioamadorismo Escolar

e o prazer de estar na escola
Um estudo de caso

evidências. Assim, conseguimos ter como referencial todo o universo de estudo, ou seja, todos os alunos que praticam radioamadorismo escolar em todo o agrupamento e, portanto, em todo o território nacional, os professores que a eles estão ligados e os seus Encarregados de Educação, o que nos permitiu extrapolar diretamente as conclusões finais.



6 – A contextualização da investigação.

O nosso trabalho de investigação insere-se num estudo de caso qualitativo / etnográfico, com uma componente de investigação-ação e observação participativa.

Por se tratar do estudo de um caso em particular, em que se destacam as potencialidades do radioamadorismo escolar em contexto não formal no clube de comunicações do AEG, torna-se pertinente que se proceda à caracterização do meio e da escola, a fim de mais facilmente se contextualizarem as posteriores análises.

O Agrupamento de Escolas de Gouveia foi criado por despacho de 25-06-2010 e entrou em funcionamento no ano letivo de 2010/2011, agregando os Agrupamentos de escolas de Gouveia e de Vila Nova de Tazem com a Escola Secundária com 3º Ciclo do Ensino Básico de Gouveia numa única unidade de gestão pedagógica e administrativa. Tem a sua sede na cidade com o mesmo nome, sede de concelho, no distrito da Guarda. De acordo com os Censos de 2011, o concelho, pertencente à NUT III Serra da Estrela, apresentando uma população de 14089 habitantes, distribuídos por 22 freguesias numa área total de 300,6 Km².

O concelho de Gouveia, apesar das suas condições naturais propícias a atividades como a pastorícia e têxtil, tem assistido, nos últimos anos, em virtude da sua interioridade e inserção num mercado cada vez mais global, a um declínio das mesmas, refletindo-se negativamente nas condições de vida dos seus habitantes. Tal realidade tem-se traduzido na escassez de oportunidades locais para a população ativa e num consequente aumento da sua deslocalização para outras latitudes, tanto do território nacional como do estrangeiro.

A cidade e o concelho de Gouveia dispõem de múltiplas coletividades nas áreas da cultura, desporto e recreio, preocupadas com a preservação de valores transmitidos pelos seus antepassados, capazes de dinamizar o presente e projetar-se no futuro, com uma forte dinâmica inter-geracional. Merecem especial destaque, pelo grau de envolvimento de elementos da comunidade escolar, entidades como as Bandas Filarmónicas, os Ranchos Folclóricos e os Clubes Desportivos, proporcionadores de inúmeros eventos culturais, desportivos, artísticos e religiosos.



O concelho orgulha-se ainda de contar entre os seus filhos de nomes como: os escritores Vergílio Ferreira e Eduardo Barros Lobo (Beldemónio), o pintor Abel Manta, os políticos Pedro e Fernão Botto Machado, entre muitos outros, personalidades sempre inspiradoras das novas gerações.

No que diz respeito à oferta educativa, a educação pré-escolar distribui-se entre a rede pública do Ministério da Educação e a rede particular de solidariedade social, estando presente em treze freguesias do concelho. No que respeita ao primeiro ciclo houve, no ano letivo de 2011/2012, uma frequência de 388 alunos, com oferta assegurada em doze freguesias do concelho. O segundo ciclo do ensino básico encontra-se a funcionar na Escola Sede do Agrupamento e na Escola do 2º e 3º Ciclos de Vila Nova de Tazem, sendo frequentado por 260 alunos distribuídos por 14 turmas. No 3º Ciclo do Ensino Básico encontra-se a funcionar na Escola Sede do Agrupamento e na Escola do 2º e 3º Ciclos de Vila Nova de Tazem, sendo frequentado por 420 alunos distribuídos por 20 turmas do ensino regular e 4 turmas de Cursos de Educação e Formação. No Ensino Secundário a oferta educativa é frequentada na Escola sede do Agrupamento por 277 alunos, repartindo-se entre o ensino regular, a via profissionalizante e cursos EFA-NS em regime noturno (dados recolhidos no PE 2011-2015 do AEG).

No seu projeto educativo para o quadriénio 2011-2015, é referido que

“as alterações sociais decorrentes do desenvolvimento técnico e científico (...) têm colocado à Escola uma série de novos desafios, como a integração social, ou a educação para o exercício da cidadania (...) a educação para uma consciência ética e ecológica (...) é urgente repensar e procurar soluções para os novos ou reformulados problemas, como os de indisciplina, de violência, de falta de civismo, de apatia perante o futuro, entre outros, com grandes reflexos no rendimento e no sucesso dos nossos alunos” (PE 2011-2015 do AEG:8).

No que respeita à frequência, ao sucesso e abandono escolar, devemos referir que, na Educação pré-escolar, e tendo em conta a rede oficial de Jardins de Infância (Ministério da Educação) e a rede privada (IPSS's), o concelho de Gouveia possui uma cobertura integral, não se tendo registado, nos últimos anos, nenhum caso de crianças a ingressar no 1.º Ciclo sem frequência deste grau de ensino.



No ensino básico, a taxa de sucesso do Agrupamento em 2010/2011 foi a seguinte:

Quadro 2 – Taxa de sucesso do AEG – 2010-2011

Ensino/Modalidade/Ano ou Tipo	Taxa de Sucesso	
	da UO *	Nacional
Básico	92,62%	92,05%
Regular	92,62%	92,32%
1º Ano	98,91%	100,0 %
2º Ano	96,19%	93,10 %
3º Ano	99,05%	97,40 %
4º Ano	100,0%	96,30 %
5º Ano	95,65%	92,30 %
6º Ano	97,76%	92,50 %
7º Ano	83,78%	84,10 %
8º Ano	86,49%	89,70 %
9º Ano	78,26%	86,20 %

*UO – Unidade Orgânica (Agrupamento)

(Fonte: PE 2011-2015 de AEG)

No primeiro ciclo, verificamos taxas de sucesso significativas e que superam as taxas nacionais, com exceção do primeiro ano.

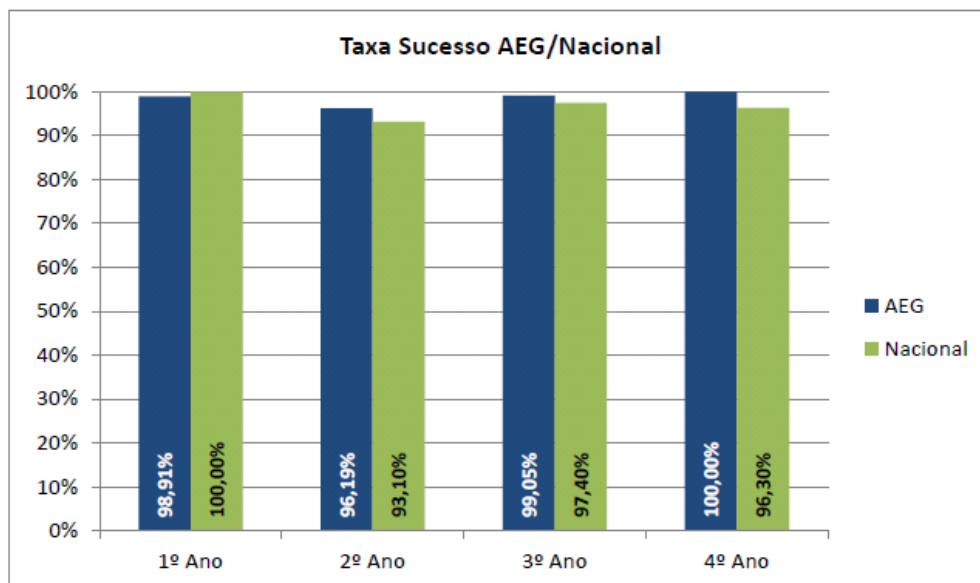


Gráfico 1 - Taxa de Sucesso AEG/Nacional 2010/11 - 1º Ciclo do Ensino Básico

(Fonte: PE 2011-2015 de AEG)



No segundo ciclo, as taxas de sucesso são elevadas, superando as médias nacionais.

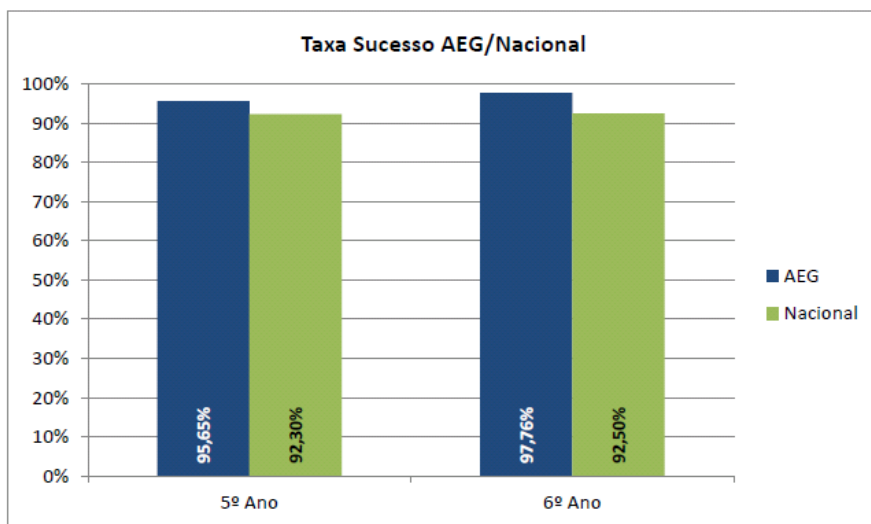


Gráfico 2 - Taxa de Sucesso AEG/Nacional 2010/11 - 2º Ciclo do Ensino Básico

(Fonte: PE 2011-2015 de AEG)

No terceiro ciclo, as taxas de sucesso são elevadas, embora os valores sejam inferiores às médias nacionais.

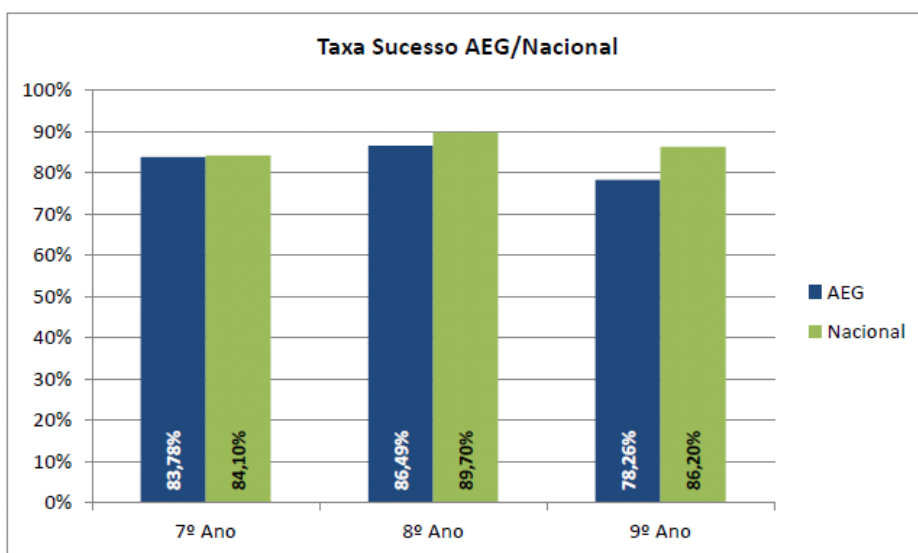


Gráfico 3 - Taxa de Sucesso AEG/Nacional - 2010/2011 - 3º Ciclo do Ensino Básico

(Fonte: PE 2011-2015 de AEG)



Passemos à análise comparativa entre a avaliação externa e interna.

Quadro 3

Análise à avaliação externa - Provas de Aferição/taxa de sucesso					
		2009/2010		2010/2011	
		Agrupamento	Nacional	Agrupamento	Nacional
4º Ano	LPO	91,4%	91,3%	83,5%	87,6%
	MAT	97,8%	88,4%	93,0%	80,3%
6º Ano	LPO	78,2%	88,0%	83,6%	84,3%
	MAT	76,1%	76,1%	62,6%	64,7%

Quadro 4

(Fonte: PE 2011-2015 de AEG)

Análise à avaliação externa - Exames Nacionais /Taxa de sucesso					
		2009/2010		2010/2011	
		Agrupamento	Nacional	Agrupamento	Nacional
9º Ano	LPO	80,9%	71,7%	57%	*
	MAT	53,2%	51,0%	46%	*

* Dados obtidos posteriormente: LPO 51,4% e MAT 44,4%

(Fonte: PE 2011-2015 de AEG)

No que respeita ao abandono escolar, existem dois registos relativamente ao Ensino Básico, sendo um de um aluno do segundo ano de escolaridade (de etnia cigana, de quem se desconhece o paradeiro da família) e um de um aluno do nono ano de escolaridade.

No que concerne ao Ensino Secundário, a taxa de sucesso no Agrupamento, em 2010/2011, nos cursos regulares, foi a seguinte:

Quadro 5 - Taxa de sucesso do AEG – 2010-2011 nos cursos regulares

Ensino/Modalidade/Ano ou Tipo	Taxa de Sucesso	
	da UO	Nacional
Secundário	82,27%	81,63%
Regular Tecnológico	55,56%	74,71%
12º Ano	55,56%	61,20 %
Regular CH	82,61%	79,43%
10º Ano	89,41%	84,80 %
11º Ano	84,85%	89,00 %
12º Ano	69,64%	63,30 %

(Fonte: PE 2011-2015 de AEG)



A taxa de sucesso no Agrupamento, em 2010/2011, dos Cursos Profissionais foi a seguinte:

Quadro 6 - Taxa de sucesso no Agrupamento, em 2010/2011, dos Cursos Profissionais

Ensino/Modalidade/Ano ou Tipo		Taxa de Sucesso	
		da UO	Nacional
Secundário		82,27%	81,63%
	Profissional	89,55%	87,94%
	1º Ano	100,0%	96,7 %
	2º Ano	100,0%	98,9 %
	3º Ano	77,42%	67,1 %

(Fonte: PE 2011-2015 de AEG)

A taxa de sucesso no Agrupamento, em 2010/2011, de Cursos EFA foi a seguinte:

Quadro 7 - taxa de sucesso no Agrupamento, em 2010/2011, de Cursos EFA

Ensino/Modalidade/Ano ou Tipo		Taxa de Sucesso	
		da UO	Nacional
Secundário		82,27%	81,63%
	EFA	62,50%	85,01%

(Fonte: PE 2011-2015 de AEG)

Segue-se uma análise comparativa entre a avaliação interna e externa em 2010/2011.



Quadro 8 - análise comparativa entre a avaliação interna e externa em 2010/ 2011

Disciplina	CIF - UO	Exames da UO	CIF - Nacional	Médias Nacionais
Português – 639	13,25	9,20	13,5	9,6
Biologia e Geol - 702	12,30	11,11	13,6	11
MACS - 835	13,20	8,30	13	11,3
Inglês - 550	-----	17,5	14	10,3
Física e Química - 715	12,30	8,20	13,1	10,5
Geografia – 719	13,40	12,70	13,2	11,3
Geometria 708	13,10	6,9	15	10
Matemática A – 635	12,27	8	13,5	10,6
Matemática B - 735	-----	4,53	13.	11,9
História A - 623	12,5	9,4	13,1	10,5
Economia – 712	-----	7,6	14	12

(Fonte: PE 2011-2015 de AEG)

O agrupamento apresenta um nível muito baixo de abandono escolar que poderemos considerar apenas residual. Relativamente ao Ensino Secundário, não existem registos. Este agrupamento caracteriza-se, fundamentalmente, por tentar, sempre que possível, dar corpo às necessidades e interesses dos seus alunos, baseados num Projeto Educativo que privilegia uma escolarização de sucesso e de qualidade.

No que diz respeito aos recursos materiais e equipamentos, a escola sede encontra-se muito bem equipada, mercê de uma gestão orçamental bem equilibrada e do resultado das parcerias e protocolos que a escola vem estabelecendo.

O seu corpo docente é bastante estável, o que abre a possibilidade de ser levado a cabo um trabalho eficaz durante um período mais alargado de tempo.

É neste contexto que se insere o clube de comunicações, o nosso objeto de estudo. Através das nossas observações, tentámos encontrar respostas para questões que julgámos serem pertinentes. A primeira consiste em saber se o radioamadorismo escolar responde à necessidade que os alunos têm de ter uma motivação acrescida para se manterem na escola, lutando contra o abandono escolar e o absentismo. A segunda questão, tem a ver com os alunos sem ocupação nos tempos livres dentro da escola ou fora dela, quer à hora de almoço, quer ao fim do dia. Poderá o hobby do radioamadorismo escolar ser a solução para que os alunos encontrem na escola o “*seu espaço de eleição*”?



7 – Análise e interpretação de dados

7.1 – As atividades do clube de comunicações

O Clube de Comunicações iniciou as suas atividades no ano letivo de 2007/2008. Começaremos por explicar como se desenvolveu todo o processo referente à edificação da estação. Perceber-se-á que a montagem de uma estação de radioamador não constitui uma tarefa simples, porque a maioria dos materiais destinados às radiocomunicações são equipamentos de grande precisão e elevado custo. Portanto, a sua aquisição não foi nada fácil uma vez que não dispúnhamos de qualquer verba para o efeito. Nesse sentido, para podermos colocar a nossa estação no ar, o AEG celebrou um contrato de comodato com a REP (Rede dos Emissores Portugueses), uma das maiores associações de radioamadores do país e reconhecida entidade de utilidade pública (anexo 4). Assim, a REP cedeu ao AEG, a título de empréstimo, equipamentos de rádio para que os nossos jovens pudessem dar início às suas emissões tão rapidamente quanto possível. Mais tarde, os alunos pertencentes ao clube angariaram fundos e solicitaram apoio às diversas marcas que comercializam os vários equipamentos de radioamador, pedindo-lhes para se associarem ao seu projeto e, como forma de patrocínio, oferecerem material para a sua estação escolar. Simultaneamente, foram vendendo rifas e fazendo quermesses como forma de angariar fundos que permitissem adquirir o material necessário à estação, visto que, por parte da escola, não havia verbas para disponibilizar para um tal projeto. Através de uma cadeia de solidariedade entre os radioamadores portugueses, receberam várias contribuições, pois, à medida que os radioamadores de Norte a Sul do país iam tomando conhecimento do nascimento do clube e das suas necessidades, faziam chegar o material que mais falta lhes fazia. Tratou-se de uma verdadeira manifestação de solidariedade por parte dos radioamadores portugueses para com os jovens operadores de rádio da escola. Por este gesto, pudemos registar a intensa participação e a grande ajuda que a comunidade disponibilizou quando a escola lhe solicitou o apoio. Assim se prova que a sociedade responde às solicitações da escola quando elas têm um sentido bem visível e perceptível. Caminhamos pois para a escola

inclusiva, uma vez que segundo o pensamento de Mrech “*a escola inclusiva é uma escola integrada na comunidade*” (Mrech, 1998:2).



Figura 1 - Clube de Comunicações do AEG

Estas foram as primeiras atividades levadas a cabo pelos nossos alunos operadores, *pioneiros* do clube em todo o processo de montagem da estação e antenas, angariação de fundos e organização do espaço que lhes foi cedido para montarem a estação (que mais não era do que um velho arquivo na EB 2 de Gouveia).

Era bem visível o gosto, o empenhamento, a força de vontade coletiva de fazer vingar o projeto. Os alunos manifestavam um ânimo e um prazer em colaborar, em fazer “*coisas giras*” como, não raras vezes, diziam. A satisfação estava estampada nos seus pequenos rostos, no brilho dos seus olhos, em cada gesto pleno de voluntarismo, como podemos constatar através da observação das fotos da página seguinte.

Notávamos, com muito agrado, o aspeto positivo da atitude colaborativa que existia entre todos os elementos do grupo, inclusivamente entre alunos de diferentes turmas e de diferentes anos de escolaridade. Todos contribuíam com uma elevada dose de generosidade para o bem comum pois, diziam eles, que quanto melhor ficasse o clube, mais poderiam deixar aos colegas que viessem no futuro.



Figura 2 - Montagem da estação de rádio

Como nos refere Patrício, “*o clube escolar é o ponto de encontro e de labor comum de vocações semelhantes*” (Patrício, 1990:129). Pudemos perceber que, o facto de os elementos do clube se dedicarem a outras atividades que não apenas as disciplinas formais do currículo, lhes propiciava uma visão diferente da escola, visão essa que os fazia passar a ter orgulho nela, porque era aí que recebiam os incentivos como consequência do trabalho realizado. Percebemos também que o desenvolvimento do clube transfigurou positivamente o ambiente no seio do grupo. Era notório o prazer que os alunos e o professor retiravam de cada momento e o *brilho nos olhos* de uns e outros em cada passo que iam dando. Neste sentido, este espírito de grupo permitiu-lhes, desde aí, viver, com a escola e com o conhecimento, uma relação diferente, mais aberta e mais construtiva.

No que diz respeito às atividades que desenvolveram, podemos aqui enumerar as que considerámos serem mais significativas.

- ❖ Assim, como principal atividade temos, como não podia deixar de ser, as transmissões via rádio em onda curta SSB (single side band), quer em fonia, quer em modo digital PSK 31 ou 63 (phase shift keying a 31 ou 63 bauds) em que o interface é o computador que está colocado entre o rádio e o utilizador. De realçar que este último tipo de operação é muito do agrado dos alunos mais introvertidos e que revelam uma menor segurança na conversação em fonia. A este respeito, um aluno relatou-nos em depoimento que era a atividade de que mais gostava (*vide* depoimento do João do 8º ano, p.111).
- ❖ Em onda curta, o idioma de trabalho é o inglês, o que se traduz numa interessante prática, uma vez que os nossos jovens operadores começam a contactar com a língua inglesa falada em vários continentes.



Figura 3 - Transmissão em fonia

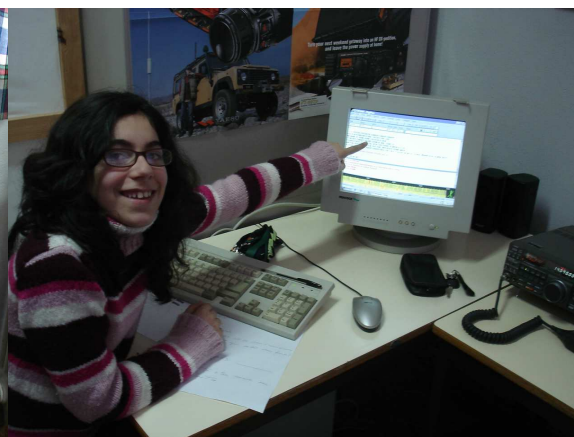


Figura 4 - Transmissão em PSK

Há também um razoável número de alunos que privilegiam a fonia, ou seja, os contactos em que podem ouvir o seu correspondente. Para além dos contactos internacionais em onda curta, têm também a possibilidade dos contactos em FM (frequência modelada) para todo o território de Portugal Continental. Esta segunda modalidade tem também muitos adeptos, essencialmente pela facilidade operacional, uma vez que neste modo comunicam em língua portuguesa.

Os alunos têm ainda várias outras atividades não permanentes, mas calendarizadas dentro do clube de forma a que todos os elementos possam desenvolver tarefas diferentes num mesmo horário.



- ❖ Uma dessas atividades é o torneio de batalha naval, em que participam várias equipas constituídas por dois alunos, sendo um o operador de rádio e outro o anotador. Nesta atividade, cada equipa dispõe de uma grelha (anexo 5) e de um rádio portátil, vulgarmente conhecido por walkie-talkie. Utilizando o código fonético e o vocabulário próprio do radioamadorismo vão competindo entre si. Resulta num interessante trabalho colaborativo entre os dois elementos que compõem cada equipa.
- ❖ Uma outra atividade, muito do agrado dos alunos, é a caça ao tesouro. Funciona com duas equipas, cada uma delas munida de um rádio portátil. Uma das equipas esconde um objeto (tesouro) e a outra terá de o encontrar no menor espaço de tempo. A equipa que previamente escondeu o objeto transmite, via rádio, informações de orientação (pontos cardeais, número de passos...) à equipa que procura o “tesouro”. Nesta atividade, os alunos experimentam o valor da cooperação e do trabalho em equipa, assim como aprendem a valorizar o espírito de grupo. Desenvolvem ainda a capacidade de expressão oral e treinam a transmissão de informações com clareza. Podemos referir que, nesses momentos, se passam episódios hilariantes de boa disposição e convivência partilhados por todos os elementos dos vários grupos e pelo professor.
- ❖ Para além das atividades ao ar livre, existe paralelamente uma componente teórica que serve de base e garante o sucesso da atividade prática. Para proporcionar um melhor acompanhamento a essa componente teórica, elaborámos um pequeno manual de radiocomunicações que funciona como material de apoio aos jovens operadores. Este manual é fornecido em formato PDF e vai sendo consultado à medida que vão surgindo as dúvidas e as necessidades de uma base teórica.
- ❖ Ligado ao clube de comunicações existe também a vertente da Proteção Civil. Neste âmbito, desenvolvemos em parceria com a ANPC (Autoridade Nacional de Proteção Civil), um plano de emergência partilhado por toda a comunidade educativa, por forma a dar a conhecer os diferentes riscos que



podemos ter de enfrentar no nosso quotidiano e prevenir os seus efeitos através da interiorização de comportamentos de autoproteção.

Sobre este assunto, devemos referir que é possível criar e fomentar, nas escolas que o desejem, no âmbito das atividades de complemento curricular, clubes com a finalidade de reforçar e divulgar a mensagem da proteção civil junto das populações, assim como proporcionar e facilitar a formação pessoal dos jovens, de acordo com as várias possibilidades que estão consignadas no despacho nº 141/ME/90 de 1 de setembro, entre elas as de solidariedade e as de ligação da escola com o meio. Estas atividades levadas a cabo através dos clubes de proteção civil, poderão constituir uma forma privilegiada para a difusão de informação sobre medidas de autoproteção. Tal como nos refere Vila Nova,

“acima de tudo, o que interessa é que pela dinâmica desenvolvida nos projetos, os alunos que neles participam cheguem à conclusão de que, sendo uma tarefa de todos para todos, a proteção civil começa pela participação de cada um” (Vila Nova, 1997:155).

Desenvolvemos, assim, competências ligadas com a disciplina de formação cívica, nomeadamente no que diz respeito aos comportamentos de cidadania.

No domínio da proteção civil, o clube de comunicações tem como finalidades:

- ❖ Informar a população escolar sobre riscos coletivos;
- ❖ Envolver a comunidade educativa na construção de uma cultura de segurança;
- ❖ Educar para a prevenção e minimização de riscos.

Os principais objetivos dos nossos alunos do clube de comunicações no âmbito da proteção civil são:

- ❖ Sensibilizar os colegas para a proteção civil;
- ❖ Conhecer protagonistas e intervenientes;
- ❖ Adquirir hábitos de segurança;
- ❖ Promover atitudes e comportamentos adequados em situações de emergência.



As principais atividades têm a ver com a distribuição de desdobráveis sobre segurança e autoproteção (anexos 26 e 27) e ainda o apoio prestado, no âmbito das comunicações, em atividades como caminhadas e cicloturismo.

Nestas atividades os alunos do clube denotam um grande voluntarismo e atitudes de solidariedade para com a sua comunidade escolar, como podemos constatar através da análise das fotografias abaixo.



Figura 5 – Comunicações rádio de apoio a caminhada escolar

Deixámos para o fim uma das atividades que mais projeção tem dado ao clube de comunicações do AEG. Referimo-nos à sua participação nas diversas edições do



Figura 6 -Campeonato Europeu de Radioamadorismo Escolar
Primeiro lugar - 2008

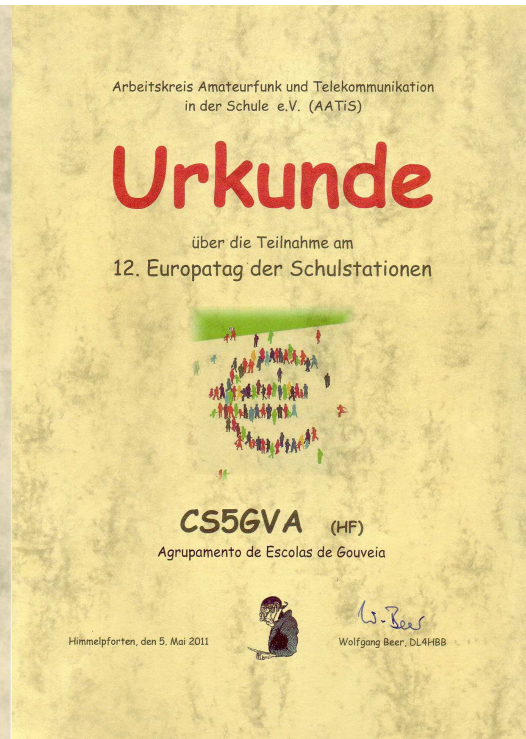


Figura 7 - Campeonato Europeu de Radioamadorismo Escolar
Terceiro lugar - 2011

Campeonato Europeu de Radioamadorismo escolar. Este campeonato, que já vai na sua 12ª edição, é organizado por uma escola alemã da cidade de Himmelpforten (Baixa Saxónia) e conta com a participação de dezenas de estações montadas, durante o dia que dura o campeonato, em escolas de toda a Europa. Portugal participou nas últimas quatro edições, entre 2008 e 2011. O nosso clube de comunicações, em representação de Portugal, obteve dois primeiros lugares, em 2008 e 2009, um segundo em 2010 e um terceiro em 2011. Estas honrosas participações enchem os nossos alunos de orgulho, uma vez que tiveram o enorme prazer em representar o nosso país neste evento que se realiza no dia 5 de maio de cada ano.

Devido a todas estas atividades, passou a ser comum, na nossa escola encontrarmos alunos com um rádio portátil na mão, efetuando as suas comunicações. Se, inicialmente, estas práticas provocaram certa estranheza nalguns alunos e



professores, rapidamente elas foram entrando no quotidiano do Agrupamento. Como refere Patrício, o clube escolar é “*o autêntico motor de transformação da escola, de simples escola unidimensional em real escola pluridimensional*” (Patrício, 1990:129).

Por último, cabe aqui deixar alguns dados relativos a estes cinco anos de vida do clube.

Assim, as atividades tiveram início com quinze inscrições em 2007, tendo este número vindo a crescer, sobretudo devido ao facto de o universo da população escolar ser maior, em virtude da criação do mega agrupamento.

Durante os dois primeiros anos, estiveram inscritos apenas alunos dos quintos e sextos anos, uma vez que a Unidade Orgânica contemplava apenas o segundo ciclo.

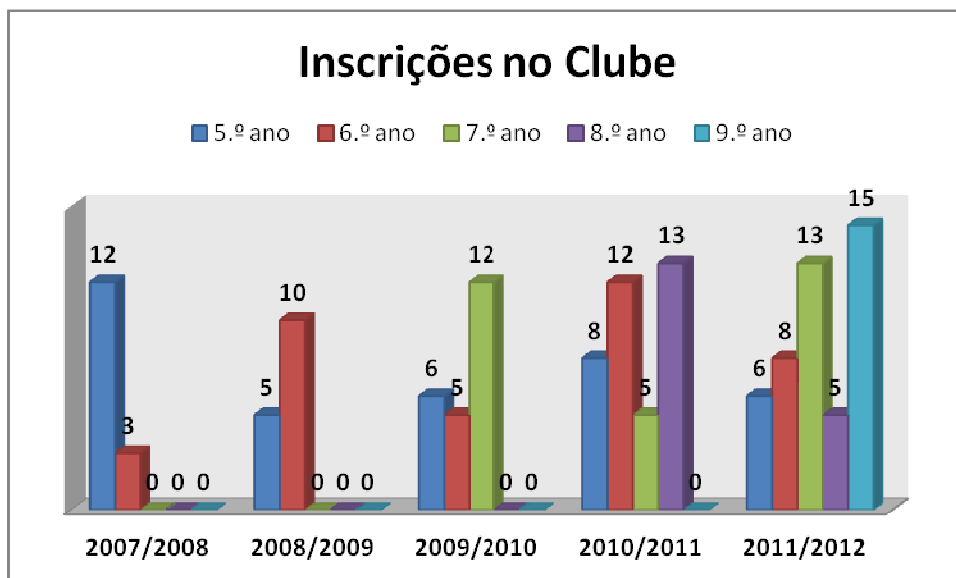
A partir de 2009, o clube alargou as inscrições ao terceiro ciclo, mais concretamente aos alunos do sétimo ano que já tinham sido elementos do clube nos dois anos anteriores, seguindo-se o oitavo ano em 2010 e o nono ano em 2011.

Quadro 9 - Inscrições no Clube de Comunicações

Ano	2007/2008	2008/2009	2009/2010	2010/2011	2011/2012
5.º ano	12	5	6	8	6
6.º ano	3	10	5	12	8
7.º ano	0	0	12	5	13
8.º ano	0	0	0	13	5
9.º ano	0	0	0	0	15
Total	15	15	23	38	47

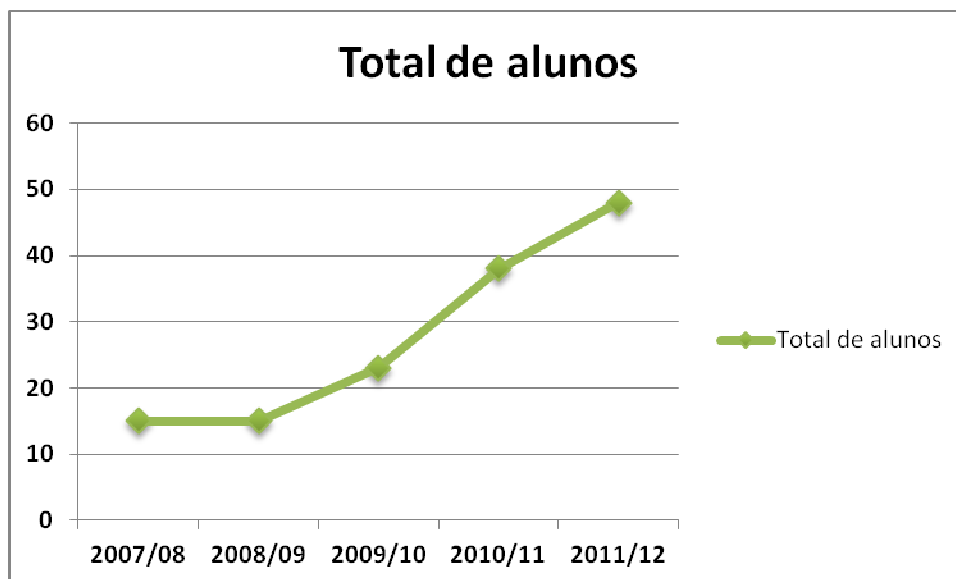


Gráfico 4 – Inscrições no clube de comunicações do AEG



É de realçar a continuidade que se verifica relativamente à permanência dos alunos no clube ao longo dos anos de escolaridade. Permanecem ainda dez alunos com tantas inscrições, quantos os anos de vida do clube, uma vez que se inscreveram desde o quinto ao nono ano.

Gráfico 5 – Total de alunos no clube de comunicações do AEG





7.1.1 – Depoimentos de antigos alunos do clube

Relativamente à sua participação no clube, recolhemos depoimentos de alguns antigos alunos que nos manifestaram o seu agrado pelas diversas atividades realizadas. De um modo geral, consideraram-nas cativantes, interessantes, divertidas “fixes”, fantásticas, “que ajudam a crescer” e úteis para a vida.

- O aluno 1, por se tratar de um jovem introvertido, revela maior gosto pelo PSK31 pois, neste modo de emissão, não tem necessidade de falar, uma vez que apenas escreve no teclado do PC.
- O aluno 6 aprecia bastante as atividades, nomeadamente a batalha naval, caça ao tesouro e apoio em caminhadas ao nível das comunicações.
- O aluno 7 partilha em casa, com os pais, o gosto que tem pelas atividades.
- O aluno 9, de forma mais pragmática, destaca a utilidade das aprendizagens durante a vida.

No quadro abaixo, encontra-se indicado o aluno, bem como o número conferido ao seu depoimento.

Quadro 10 – Depoimentos de antigos alunos do clube sobre atividades

Questão	Achas que as atividades no nosso clube são cativantes?
Aluno 1	Sim, mais especificamente ... falar pelo programa do computador, pelo psk31, porque dá mais jeito estar a escrever no computador. Gosto mais de escrever do que dizer oralmente. Não só em português, mas mesmo nas outras línguas... também gosto mais de escrever do que de falar.
Aluno 5	Eu gosto. De falar para outros países, de falar para Portugal, de falar pelos portáteis. Eu gosto muito das atividades que fazemos. Estou-me a lembrar da batalha naval, da caça ao tesouro, do jogo da medalha e até quando há algumas coisas na escola, em que saímos. Aí somos nós que comandamos, entre aspas, que comandamos numa caminhada ou qualquer coisa, o que é fixe.
Aluno 6	Eu acho que são muito divertidas. As vezes, quando chego a casa, digo: <i>-Ei Mãe, tivemos uma atividade no clube muito fixe (risos).</i>
Aluno 7	Fantásticas.
Aluno 9	São cativantes, porque ajudam muito as pessoas a crescer. Acho que é uma coisa que também nos ajuda, que faz parte da vida, que nos ajuda a crescer. No clube aprendemos tantas coisas que depois nos podem ser muito úteis na vida... porque nós vivemos constantemente com isto.



7.1.2 – Inquéritos a alunos do clube

No inquérito por questionário realizado a 47 alunos, todos responderam à seguinte questão:

Questão 8 - Consideras as atividades do clube de comunicações cativantes?

Quadro 11 – Médias e designação da questão 8 - alunos

Médias	Designação
$(\geq 3,5)$	Muito cativantes
$(\geq 2,5$ e $<3,5)$	Cativantes
$(\geq 1,5$ e $<2,5)$	Pouco cativantes
$(\geq 0$ e $<1,5)$	Nada cativantes

Assim sendo, através do seguinte quadro podemos verificar qual a importância que é conferida às atividades do clube de comunicações.

Quadro 12 – Média, desvio-padrão e percentagem de respostas do item 8 - alunos

Itens	Média	SD	Total %				
			NC	PC	C	MC	
			%	%	%	%	
8) Consideras as atividades do clube de comunicações cativantes?	3,81	0,37	0	0	19	81	100
Média da dimensão	3,81						
Score	179						

Pela observação e análise do Quadro 12, que representa os resultados obtidos relativamente ao item 8, do grupo de discentes, verifica-se que, para um score máximo possível de 188 pontos (4x47), obteve-se um score do item de 179, com 3,81 de média, ou seja “muito cativante” e um SD de 0,37.

Em relação aos valores médios do item 8, registou uma mediana de “cativante” e a MODA também “cativante”.

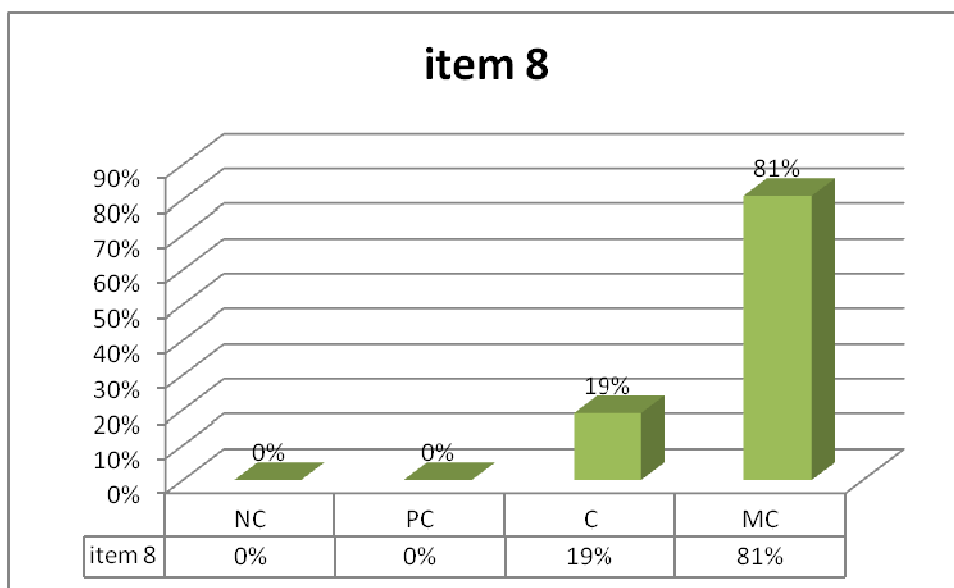


Gráfico 6 – Percentagem das respostas dadas no item 8 - alunos

De acordo com o Gráfico 6, as atividades do clube foram consideradas “cativantes” por 19 % dos elementos e “muito cativantes” por 81%.

Assim, consideram-se as respostas 100% favoráveis.

Questão 4 - Consideras que as atividades que desenvolves no clube de comunicações permitem alargar os teus horizontes culturais?

Quadro 13 – Médias e designação da questão 4 - alunos

Médias	Designação
($\geq 3,5$)	Permitem muito
($\geq 2,5$ e $<3,5$)	Permitem
($\geq 1,5$ e $<2,5$)	Permitem pouco
(≥ 0 e $<1,5$)	Não permitem

Assim sendo, através do seguinte quadro podemos verificar qual a importância que é conferida ao alargamento dos horizontes culturais.



Quadro 14 – Média, desvio-padrão e percentagem de respostas do item 4 - alunos

Itens	Média	SD	Total %				
			NP	PP	P	PM	
			%	%	%	%	
4) Consideras que as atividades que desenvolves no clube de comunicações permitem alargar os teus horizontes culturais?	3,72	0,50	0	2	28	70	100
Média da dimensão	3,72						
Score	175						

Pela observação e análise do Quadro 14, que representa os resultados obtidos relativamente ao item 4, do grupo de discentes, verifica-se que, para um score máximo possível de 188 pontos (4x47), obteve-se um score do item de 175, com 3,72 de média, ou seja “permitem muito” e um SD de 0,50.

Em relação aos valores médios do item 4, registou uma mediana de “permitem muito” e a MODA também “permitem muito”.

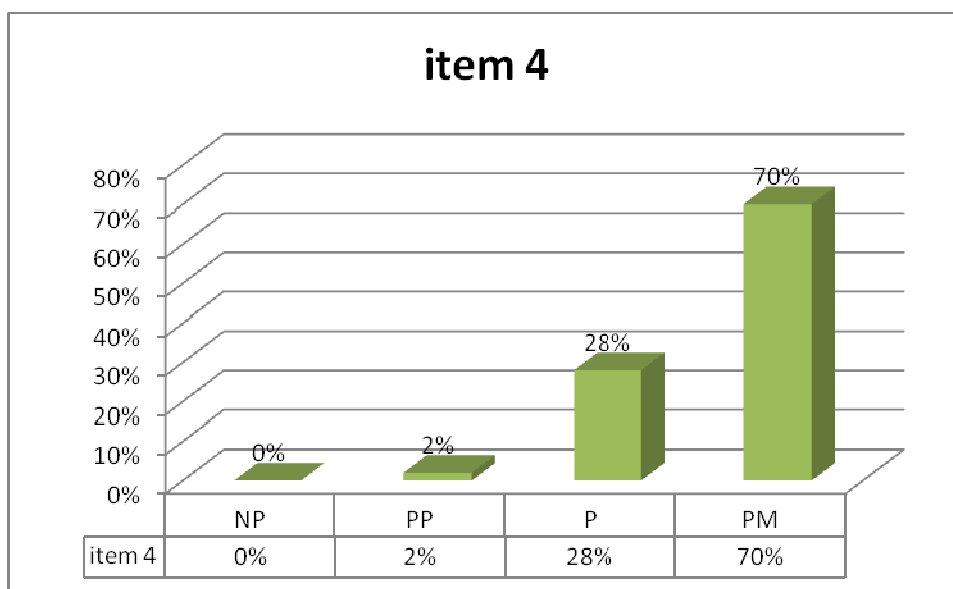


Gráfico 7 – Percentagem das respostas dadas no item 4 - alunos

De acordo com o Gráfico 7, foi considerado que as atividades que os alunos desenvolvem no clube de comunicações “permitem pouco” para 2%, ”permitem” para



28 % e “permitem muito” para 70% dos elementos inquiridos alargar os horizontes culturais. Assim, consideram-se as respostas 98% favoráveis.

7.1.3 – Inquéritos a professores

No inquérito por questionário realizado a 18 docentes, todos responderam à seguinte questão:

Questão 8 - Considera as atividades do clube de comunicações cativantes para os nossos alunos?

Quadro 15 – Médias e designação da questão 8 - professores

Médias	Designação
($\geq 3,5$)	Muito cativantes
($\geq 2,5$ e $<3,5$)	Cativantes
($\geq 1,5$ e $<2,5$)	Pouco cativantes
(≥ 0 e $<1,5$)	Nada cativantes

Assim sendo, através do seguinte quadro podemos verificar o grau de atratividade das atividades realizadas pelos alunos do clube de comunicações.

Quadro 16 – Média, desvio-padrão e percentagem de respostas do item 8 - professores

Itens	Média	SD	Total %				
			NC	PC	C	MC	
			%	%	%	%	
8) Considera as atividades do clube de comunicações cativantes para os nossos alunos?	3,44	0,51	0	0	56	44	100
Média da dimensão	3,44						
Score	62						

Pela observação e análise do Quadro 16, que representa os resultados obtidos relativamente ao item 8, do grupo de docentes, verifica-se que, para um score máximo



possível de 72 pontos (4x18), obteve-se um score do item de 62, com 3,44 de média, ou seja “cativante” e um SD de 0,51.

Em relação aos valores médios do item 8, registou uma mediana de “cativante” e a MODA também “cativante”.

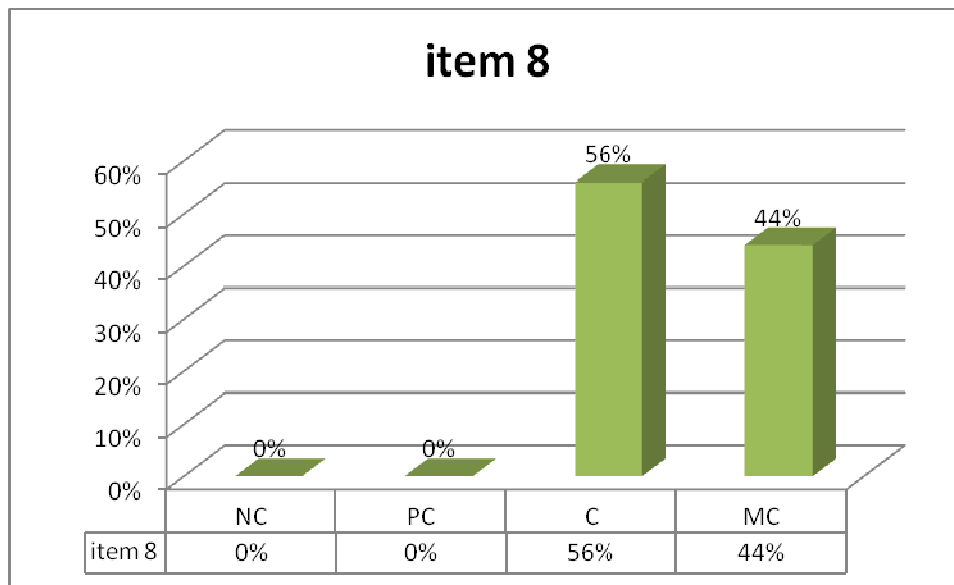


Gráfico 8 – Percentagem das respostas dadas no item 8 – professores

De acordo com o Gráfico 8, as atividades do clube de comunicações foram consideradas “cativantes” por 56 % dos elementos e “muito cativantes” por 44%. Assim, consideram-se as respostas 100% favoráveis.

Questão 4 – Considera que as atividades que os nossos alunos desenvolvem no clube de comunicações permitem alargar os seus horizontes culturais?

Quadro 17 – Médias e designação da questão 4 - professores

Médias	Designação
($\geq 3,5$)	Permitem muito
($\geq 2,5$ e $<3,5$)	Permitem
($\geq 1,5$ e $<2,5$)	Permitem pouco
(≥ 0 e $<1,5$)	Não permitem



Assim sendo, através do seguinte quadro podemos verificar se, para os inquiridos, o clube de comunicações contribui para que os alunos alarguem os seus horizontes culturais.

Quadro 18 – Média, desvio-padrão e percentagem de respostas do item 4 - professores

Itens	Média	SD	Total %				
			NP	PP	P	PM	
			%	%	%	%	
4) Considera que as atividades que os nossos alunos desenvolvem no clube de comunicações permitem alargar os seus horizontes culturais?	3,72	0,46	0	0	28	72	100
Média da dimensão	3,72						
Score	67						

Pela observação e análise do Quadro 18, que representa os resultados obtidos relativamente aos itens 4, do grupo de docentes, verifica-se que, para um score máximo possível de 72 pontos (4x18), obteve-se um score do item de 67, com 3,72 de média, ou seja “permitem muito” e um SD de 0,46.

Em relação aos valores médios do item 4, registou uma mediana de “permitem muito” e a MODA também “permitem muito”.

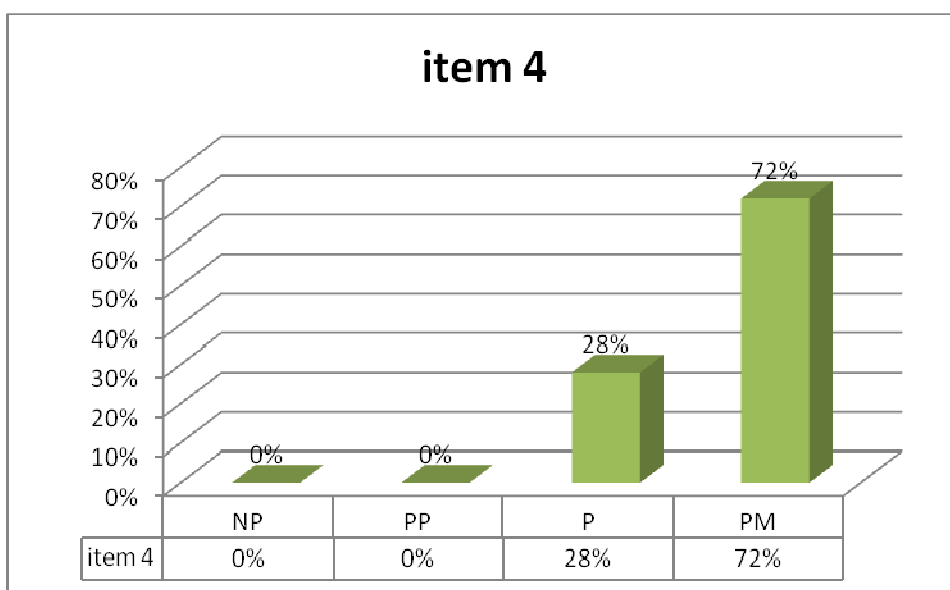


Gráfico 9 – Percentagem das respostas dadas no item 4 -professores



De acordo com o Gráfico 9, as atividades que os alunos desenvolvem no clube de comunicações” permitem” para 28 % e “permitem muito” para 72% dos elementos inquiridos alargar os seus horizontes culturais. Assim, consideram-se as respostas 100% favoráveis.

7.1.4 – Entrevistas a Encarregados de Educação

Nas entrevistas realizadas a 5 encarregados de educação, todos responderam à seguinte questão: **Qual é a sua opinião sobre as atividades do clube?**

Os encarregados de Educação denotam opiniões francamente positivas acerca das atividades desenvolvidas no clube.

- ❖ Consideram que as atividades são boas deixam os alunos entusiasmados (EE1);
- ❖ Entendem que as atividades conferem aos alunos preparação para comunicarem e desenvolverem os laços no grupo (EE2);
- ❖ Reconhecem ser positivo pelo gosto que fomenta, por aprendizagens diferentes das habituais, que dão alegria e felicidade (EE3);
- ❖ Veem as atividades como uma das razões principais da existência do clube. Só existem alunos no clube porque as atividades são interessantes (EE4);
- ❖ Dão uma grande importância à diversidade de atividades que permitem um conhecimento diferente do mundo e a aquisição de competências ao longo dos anos de permanência no clube, como mecanismos fundamentais para o desenvolvimento dos jovens. Essa diversidade abre-lhes um leque cultural completamente diferente e uma preparação para a vida muito importante (EE4);
- ❖ Verificam o interesse dos alunos em aprendizagens diferentes como o alfabeto fonético e a valia de comunicar com outras pessoas ou entre eles (EE4);



- ❖ Reconhecem que as atividades despertam capacidades para comunicar com o outro, algo muito importante no mundo globalizado (EE4);
- ❖ Consideram ser fundamentais, para o desenvolvimento dos alunos, toda a diversidade de competências que vão ganhando com as atividades, ao longo destes anos em que vão estando no clube. Permite abrir-lhes um leque cultural completamente diferente do habitual e uma importante preparação para a vida (EE4);
- ❖ Consideram que o clube é um espaço onde todos gostam de estar e onde todos se sentem bem (EE4);
- ❖ Entendem ser de grande importância o diálogo que o grupo proporciona;
- ❖ Consideram que funciona muito porque tem um adulto que, fazendo parte do grupo, dá a possibilidade aos alunos de se abrirem (EE4);
- ❖ Notam utilidade nas conversas sobre temas laterais à rádio, sobre problemas pessoais. O clube não se cinge às questões da comunicação e da rádio. Há ali outras conversas tão importantes quanto o resto ou mais importantes em determinados momentos (EE4);
- ❖ Reconhecem que o clube apresenta atividades diferentes, ativas, criativas, lúdicas, mas ao mesmo tempo educativas (EE5).

Categoria de análise 1 - As atividades do clube

Subcategoria: Perspetiva dos Encarregados de Educação sobre as atividades do clube.

Quadro 19 – Entrevista a EE – Questão 8

Questão 8	Qual é a sua opinião sobre as atividades do clube?
EE 1	Bem, eu não domino muito mas, pelo que entendo, acho que as atividades são boas, acho que vão de encontro aos gostos deles... e ele vem entusiasmado. Por exemplo, no outro dia, também me contou... <i>“Ó mãe, sabes, olha que nós, os outros anos ficámos em primeiro e agora temos que comunicar não sei quantas horas...”</i> Mas depois



	<p>infelizmente não conseguiram chegar ao primeiro lugar. Pelo que ele me conta, noto-o entusiasmado e acho que ele deve gostar das atividades porque isso transparece.</p>
EE 2	<p>Eu penso que é muito proficuo o que lá fazem e o que lá aprendem. Ficam talvez mais um bocadinho preparados a nível de comunicação e a nível de interligação entre eles todos, como grupo, logo podendo desenvolver um bom relacionamento.</p>
EE 3	<p>É extremamente positivo. O meu filho relata-me, dos vários contactos que vão tendo, o gosto da aprendizagem, de saber para é que servem as coisas, os aparelhos, o andar a comunicar com os walkie-talkies, uns com os outros... portanto é um fator de comunicação e que o deixa feliz, que o deixa agradado. Esta questão de andar na escola com os walkie-talkies obrigou-me, entre aspas porque foi com todo o gosto que o fiz, a ter também uns walkie-talkies e fazer comunicações com vizinhos e com amigos vizinhos com quem ele convive.</p>
EE 4	<p>(...) É pelas atividades que eles estão lá. Claro, há a questão do grupo, do professor, etc. Mas se as atividades não fossem interessantes, eles não estavam lá. E é essa diversidade de atividades, de aprender um alfabeto novo, de comunicar com outras pessoas, de aprenderem a comunicar entre eles, de falarem sobre coisas tão diferentes em situações diferentes, em questões como conhecerem melhor o mundo em que estão, em saberem comunicar de outra forma, de perceberem que comunicação não exige que estejamos a olhar um no outro, mas que isso desperta em nós outras capacidades para comunicar com o outro e é uma coisa que, se calhar, é muito importante, no mundo globalizado em que vivemos hoje, em que a comunicação através do facebook nem sempre é positiva (...). Eu acho que esta diversidade de atividades e de competências que eles vão ganhando e que vão adquirindo ao longo destes anos em que vão estando no clube são fundamentais para o desenvolvimento destes miúdos pois abre-lhes um leque cultural completamente diferente e uma preparação para a vida que eu acho que é muito importante. Ou seja, eu não quero só conhecer coisas que aprendo na escola, mas saber que há outras coisas que são tão importantes nós aprendermos como aquelas que aprendemos na escola. (...) Estimula-os a fazer novas aprendizagens e isso é muito importante. É abrir-se-lhes o leque, eles olharem para o mundo e para as pessoas de uma maneira diferente e perceberem muitas coisas que os rodeiam que não percebem só no espaço-escola. (...) Aquela relação que se estabelece nesse espaço, que eu acho que é fundamental, que é essa de os miúdos poderem, por um lado, entre eles conversarem mas, por outro lado, também terem alguém adulto com quem eles sabem que podem falar sobre quaisquer questões. Alguém que tem esses conhecimentos, mas que também ajuda. É fundamental naquele grupo. É óbvio que o grupo funciona, mas também porque tem um adulto a fazer parte dele. É muito importante abrir-se com uma pessoa adulta, porque sabemos que hoje há muitos miúdos que não conversam com os pais nem com os professores porque não têm espaço para conversar com os professores dentro do espaço-sala de aula e ali, neste clube, têm esse espaço. Têm um professor com quem sabem que, se houver dúvidas (que se calhar não tiravam com ninguém), podem conversar até sobre temas laterais à rádio, ou sobre problemas pessoais. É isso que no clube é muito importante. O clube não se cinge às questões da comunicação e da rádio. Há ali outras conversas tão ou mais importantes quanto o resto, em determinados momentos (...).</p>
EE 5	<p>A minha opinião baseia-se naquilo que o meu filho conta: são diferentes, ativas, criativas, lúdicas, mas ao mesmo tempo educativas.</p>



7.1.5 - Conclusões

Sobre este ponto e segundo uma triangulação de dados obtidos na investigação, os vários sujeitos (antigos e atuais alunos do clube, encarregados de educação e professores) apresentam um conjunto de opiniões convergentes e largamente positivas acerca das atividades realizadas no clube.

Assim os antigos alunos consideraram-nas cativantes, interessantes, divertidas “fixes”, fantásticas e úteis para a vida.

Os encarregados de educação são de opinião que as atividades deixam os alunos entusiasmados, preparam-nos para comunicarem, desenvolvem laços no grupo, realizam aprendizagens diferentes, beneficiam de diversidade de atividades, adquirem novas competências, abrem leques culturais, ganham gosto em comunicar com o outro, fomentam o diálogo e diversificam conversas laterais à rádio.

Nos inquiridos por questionário a alunos, 81%, consideraram as atividades “muito cativantes” e 19% “cativantes”, ou seja, 100% de respostas favoráveis.

No mesmo questionário, 70% consideraram que as atividades “permitem muito” alargar os horizontes culturais, 28% que “permite” e 2% achou que “permite pouco”, ou seja, 98% das respostas foram favoráveis.

Quadro 20 – Itens 4 e 8 de questionário a alunos

Item	Motivo	Média ± SD	Mediana	Moda
4	Consideras que as atividades que desenvolves no clube de comunicações permitem alargar os teus horizontes culturais?	3,72±0,50	4	4
8	Consideras as atividades do clube de comunicações cativantes?	3,81±0,37	4	4

Nos inquiridos por questionário destinados a professores, 56% consideraram as atividades muito cativantes e 44% acharam-nas cativantes, ou seja, 100% de respostas favoráveis

No mesmo questionário, 72% consideraram que as atividades permitem muito alargar os horizontes culturais e 28% pensam que permitem, ou seja, 100% favorável.



Quadro 21 – Itens 4 e 8 de questionário a professores

Item	Motivo	Média ± SD	Mediana	Moda
4	Considera que as atividades que os nossos alunos desenvolvem no clube de comunicações permitem alargar os seus horizontes culturais?	3,72±0,46	4	4
8	Considera as atividades do clube de comunicações cativantes para os nossos alunos?	3,44±0,51	3	3

Verifica-se, assim, que as opiniões e dados recolhidos favorecem a Hipótese Geral 1 (HG₁) – **O clube de radioamadorismo desperta o gosto em estar na escola**. Deste modo, confirma-se a HG1 colocada no início deste trabalho.

A Hipótese Operacional 1 (HO₁) que incide na variável do aumento ou diminuição do gosto em estar na escola é também verificada pelas evidências colhidas na investigação. Confirma-se assim a hipótese de que a participação no clube de radioamadorismo faz aumentar o gosto em estar na escola.



7.2 – O prazer de estar na escola e as dinâmicas de inclusão

Os clubes escolares são, regra geral, centrados num determinado tema ou área, destinando-se a um reduzido número de alunos e não à generalidade da população estudantil. Deste modo, a formação dos clubes nas escolas depende da adesão dos alunos, motivados pelos seus interesses pessoais, bem como das condições de cada estabelecimento no que à logística diz respeito. Porém, não será por isso que as suas atividades se revelarão menos eficazes, bem pelo contrário, é consensual que o desenvolvimento dos clubes escolares transfigura positivamente o ambiente no seio da escola, pois faz com que os alunos se identifiquem mais com ela. Como refere Finn “*extracurricular activities may have the potential for contributing to the students’ sense of identification with school*” (Finn, 1989, citado por Marsh, 1992:553).

Desde o seu início, o clube de comunicações do AEG teve como princípio norteador, a universalidade, ou seja, o ser recetivo à frequência de todos os alunos desde que mostrassem interesse em se inscreverem. Não existem quaisquer condicionalismos que se afigurem como impedientes à participação dos alunos no clube, a não ser os que têm a ver com restrições de horário. Todos os alunos interessados têm apenas de preencher uma ficha de inscrição com a respetiva autorização do Encarregado de Educação (anexo 6) para que o professor responsável possa, por um lado, controlar o número de alunos que poderá ter em cada sessão e, por outro, consiga organizar as aprendizagens nos diversos momentos em que o clube está em atividade. Existe portanto uma total abertura a todos quantos queiram fazer parte do projeto, desde os mais jovens, caso dos alunos que entraram para o quinto ano de escolaridade, até aos alunos do terceiro ciclo que já passaram pelo clube e decidiram voltar.

Qualquer aluno está em condições de frequentar o clube, sem limitações sob o ponto de vista cognitivo e/ou comportamental. Tentamos assim não perpetuar a ideia de que “*a escola exclui porque põe fora os que estão dentro*” (Barroso, 2003, citado por Baptista 2011:29). Como tal, têm integrado o clube, ao longo destes anos, alguns alunos NEE, lado a lado com os seus colegas do ensino regular, numa sã convivência e camaradagem. Esta frequência em conjunto favorece um melhor desenvolvimento social



e também académico dos alunos com NEE, contribuindo para o esbatimento de alguns estigmas (Correia, 1997). Este tipo de aprendizagem cooperativa tem uma importância fundamental no clube de comunicações, uma vez que é facilitadora da inclusão. Na opinião de Afonso Baptista, *“a aprendizagem cooperativa é a alternativa à aprendizagem competitiva, que de certo modo representa a oposição entre o paradigma da exclusão e o paradigma da inclusão”* (Baptista, 2011:91-92).

No que respeita às práticas, todos os elementos se apercebem, logo após os primeiros minutos no clube, que estão num local *diferente*, onde cada um tem uma importância fundamental no bem-estar coletivo e no bom funcionamento do grupo. Nesse sentido, as regras de funcionamento são calmamente explicadas e aceites por todos. Devido à especificidade do clube, a *regra do silêncio* é interiorizada como regra de ouro, uma vez que quando estamos no ar (a transmitir), com os microfones ligados, qualquer ruído é facilmente captado. Como tal, todos os jovens operadores percebem rapidamente que da sua conduta, da sua contribuição para o silêncio, poderá resultar o sucesso do grupo. Por tal motivo, é conferido um elevado valor ao silêncio, não só durante a emissão, como já referimos, mas também durante a receção, na fase de escuta, uma vez que quem está a comunicar espera que estejamos atentos às suas palavras e, portanto, à mensagem que nos transmite, pelo que seria pouco ético e pouco cortês se demonstrássemos desatenção. Os alunos não gostam que tal aconteça e são muito ciosos das suas tarefas, para que tudo saia o melhor possível, pelo que o silêncio é religiosamente cumprido. Trindade refere-nos que

“não é, então, o desejo que impulsiona as aprendizagens, mas o modo como a gestão das condições que propiciam as mesmas permite que os alunos atribuam um sentido ao que fazem, permitindo-lhes assim, não se sentirem seres estranhos e incapazes face aos desafios que lhes são destinados”
(Trindade, 2004:11).

Vislumbramos aqui o aspeto pluridimensional da escola que *“entende o aluno como pessoa, numa busca de equilíbrio entre autonomia e responsabilidade”* (Pinto:2004:1).



Praticar o radioamadorismo significa entrar num grupo que usa vocabulário e códigos próprios no seu seio e, como tal, temos a necessidade de os conhecer e usar para que possamos ser entendidos em qualquer parte do mundo para onde comuniquemos.

Assim, o código de alfabeto fonético, de A – *alfa* a Z – *zulu*, bem como o código Q são interiorizados pelos alunos através de materiais escritos (anexo 8), mas sobretudo através da prática continuada. O facto de conseguirem comunicar e, desta forma, interagir com radioamadores, não só de Portugal como do resto do mundo através do uso do alfabeto fonético, dá aos alunos um importante reforço na sua autoestima. Segundo Roland Viau “*as actividades e as tarefas a propor terão de constituir um desafio para os alunos, de forma a que estes se possam sentir suficientemente gratificados pelo investimento que realizaram*”. (Viau, 2004 citado por Trindade, 2004:11).

Dentro desta dinâmica de inclusão, devemos destacar um conjunto de alunos para os quais o clube é muito importante. Referimo-nos àqueles que apresentam um baixo nível de autoestima, ou seja, crianças e jovens com fraco aproveitamento académico e com baixo reconhecimento por parte dos colegas de turma. Para este grupo de alunos, o clube constitui uma âncora fundamental, dado que a rádio tem a magna vantagem de colocar os intervenientes no mesmo plano e conseguir atenuar as desigualdades, porque, por detrás do microfone todos são iguais. Estes alunos conseguem elevar a sua autoestima, pois encontram no radioamadorismo uma área em que conseguem revelar as suas capacidades e ser considerados bons. Além disso, são bastante incentivados e acarinhados por toda a comunidade de radioamadores. A sua autoestima vai assim aumentando e com ela cresce e desenvolve-se a desinibição. Gohn identifica esta situação quando refere que

“a educação não formal resgata o sentimento de valorização de si próprio, ou seja, dá condições aos indivíduos para desenvolverem sentimentos de auto valorização, de rejeição de preconceitos que lhes são dirigidos, o desejo de lutarem para serem reconhecidos como iguais” (Gohn, 2006:30).

Para estes jovens, a rádio começa a ser um verdadeiro refúgio, um porto de abrigo que não querem abandonar. Podemos, a este respeito, contar a história de um aluno do clube com baixa autoestima e, conseqüentemente, com desinteresse pela escola que



confidenciou ao seu Diretor de Turma que gostaria de ficar retido para não perder a hipótese de continuar a frequentar o clube de que tanto gostava, uma vez que era o único local da escola onde se sentia bem. Através deste episódio, podemos perceber a importância que têm, para os nossos alunos, os clubes escolares e, no caso vertente, o clube de comunicações. A mesma ideia fica também patente num contacto em que o mesmo aluno NEE confessa *“Já ando aqui no radioamadorismo há dois anos e gostava de continuar a andar cá, só que não há possibilidade, se passar, vou para o sétimo ano e os do sétimo ano se calhar já não vão ter oportunidade de falar assim como eu estou a falar.”* (Fábio, registo vídeo 15-03-2011, file DSCF2644).

Durante o mesmo contacto, o aluno demonstra a sua satisfação e gosto em estar no clube e fazer rádio. A dado passo da transmissão refere:

“eu também gostava de tirar, como é que hei de dizer, pronto, o curso de radioamadorismo porque aquilo mesmo que eu gosto é do radioamadorismo, não há outra coisa que goste. Gosto mais de radioamadorismo do que futebol. Para mim o radioamadorismo nunca devia morrer, para mim devia ser para sempre, devia estar para sempre.” (Fábio, registo vídeo 15-03-2011, file DSCF2646.AVI)

Estes episódios vêm ao encontro das considerações que Gohn faz sobre o trabalho levado a cabo nos clubes escolares que *“ajuda na construção da identidade coletiva do grupo; ela pode colaborar para o desenvolvimento da autoestima do empowerment do grupo”* (Gohn, 2006:30).

Através das práticas levadas a cabo pelo clube, a escola luta, com apreciável sucesso, contra o problema do abandono escolar. O clube de comunicações constitui, por vezes, uma amarra, um motivo que faz o aluno vir e permanecer na escola. O clube constitui o local onde ele é acarinhado, mas também responsabilizado (Correia, 1997). Tivemos o caso de um aluno em risco de abandono, mas que nunca faltou às horas de clube pois, para além de gostar do *“bom ambiente”* e de lá *“não sentir o tempo passar”*, tinha combinado com o professor ajudar na formação dos colegas mais novos. Neste sentido, a responsabilização para uma tarefa que lhe agradava e que lhe dava até alguma notoriedade contribuiu para que assumisse uma postura completamente diferente da que usualmente tinha nas aulas regulares. Estes alunos com fracas



resultados escolares beneficiam muito com o clube, uma vez que lhes é facultado o acompanhamento necessário para que, de uma forma lenta, mas consistente, vão aumentando a confiança nas suas capacidades e, conseqüentemente, melhorando o seu rendimento escolar.

Todas as atividades são, assim, centradas no aluno, nas suas necessidades, de forma a combater as suas angústias e as suas tristezas. Ser capaz e eficiente na rádio é uma forma de combater um conjunto de frustrações que vêm da sala de aulas e da família que os deprecia.

No caso dos alunos com problemas de comportamento, excluídos da sala de aula, as atividades que desenvolvemos no clube funcionam como uma válvula de escape para as suas revoltas acumuladas. Baptista lembra-nos que uma das finalidades da educação é *“a socialização da pessoa, inculcando-lhe regras, valores e princípios que favoreçam a sua relação com os outros, que promovam a paz e a harmonia entre os homens”* (Baptista, 2011:16). Alguns manifestam uma enorme necessidade de falar, de conversar com os radioamadores, contando-lhes as suas vidas e as suas vivências escolares e familiares.

No clube, o aluno é o centro de todo o trabalho desenvolvido, todas as comunicações giram em torno dele e todos os jovens operadores de rádio aproveitam a oportunidade com ambas as mãos. Aposta-se muito na transmissão bidirecional dos saberes. Procura-se sempre que os alunos tragam os seus conhecimentos, vastos ou parcos para o clube e para a rádio, os partilhem com os seus colegas e os transmitam à comunidade radioamadorística. Neste ponto, partilhamos inteiramente a opinião de Gohn quando nos diz que *“na educação não formal, o grande educador é o outro, aquele com quem interagimos ou nos integramos”* (Gohn, 2006:29).

Para que o desempenho na estação se desenrole com facilidade e sem falhas graves, torna-se necessária a existência de um trabalho estruturado na retaguarda. Assim, os alunos, quando entram no clube, obviamente não estão logo aptos a transmitir via rádio tendo, portanto, que iniciar a sua aprendizagem. Para além da componente teórica que inclui, entre outros aspetos, o conhecimento dos códigos mais importantes, bem como do alfabeto fonético, a que de resto já aludimos, torna-se fundamental a vertente prática, uma vez que só ela possibilita o aumento da experiência. Neste sentido,



começa a ser, então, levado a cabo, pelos alunos, um trabalho com rádios portáteis, os denominados walkie-talkies, dentro do perímetro escolar. Realizando campeonatos de batalha naval ou caças ao tesouro, por exemplo, os nossos jovens candidatos a operadores de rádio colocam em prática os conhecimentos teóricos previamente adquiridos. Este tipo de comunicações em ambiente escolar tem-se revelado estimulante e profícuo, pois trata-se de um trabalho de pares, em que os colegas mais velhos e mais experientes ajudam as aprendizagens dos mais novos. Leny Mrech chama-nos a atenção para esta vertente da colaboração e cooperação na escola inclusiva em que *“há um privilegiamento das relações sociais entre todos os participantes da escola, tendo em vista a criação de uma rede de autoajuda”* (Mrech:1998:2). Não raras vezes acontece que um colega mais velho é integrado por um outro mais novo, mas com mais tempo de clube e, portanto, mais experiente. Depois de ganharem prática, confiança e desenvoltura, vão estando aptos a, já na estação, poderem transmitir e receber todas as comunicações.

As diversas atividades que os alunos vão desenvolvendo, proporcionam-lhes bem-estar, contribuindo para que se sintam animados, felizes, satisfeitos por aprenderem e, por tal motivo, permaneçam na escola, encarando-a de frente em vez de lhe virarem costas. Desejamos uma escola que pense na criança como um todo e não apenas na sua faceta de aluno pois

“o princípio da inclusão apela, assim, para uma Escola que tenha em atenção a criança-todo, não só a criança-aluno, e que, por conseguinte, respeite três níveis de desenvolvimento essenciais – académico, socioemocional e pessoal – por forma a proporcionar-lhe uma educação apropriada, orientada para a maximização do seu potencial” (Correia 1997:34).

Os alunos põem em evidência os seus conhecimentos e as suas vivências mas, por outro lado, ouvem com toda a atenção, aprendendo aquilo que os radioamadores lhes vão explicando sobre as suas vidas, as suas experiências, registando-se uma salutar e enriquecedora partilha entre todos. Transcrevemos, a seguir, um excerto de uma transmissão efetuada entre um aluno do clube de comunicações e dois radioamadores localizados na Figueira da Foz onde podemos sentir esse espírito de partilha.



Quadro 22 – Transmissão: Gouveia – Figueira da Foz

CS2GVA	<p><i>Charlie Tango Um Bravo Charlie Papá (CT1BCP) de Charlie Sierra dois Golf Vitor Alfa (CS2GVA).</i></p> <p><i>Boa tarde, chamo-me João, tenho 10 anos e vivo em Gouveia. Pratico Karaté, andebol, desporto escolar e estudo.</i></p> <p><i>Charlie Tango Um Bravo Charlie Papá (CT1BCP) de Charlie Sierra dois Golf Vitor Alfa (CS2GVA).</i></p>
CT1BCP	<p><i>Ok correto, Charlie Sierra dois Golf Vitor Alfa (CS2GVA) de Tango Um Bravo Charlie Papá (CT1BCP), José Almeida, Tocha.</i></p> <p><i>Imenso prazer João. Um abraço, os meus 73 e votos que continues com este hobby, Ok? É um hobby muito engraçado, eu estou nisto há cerca de 30 anos que faço radioamadorismo. Embora agora atualmente não seja aquele entusiasmo que foi no principio mas é o meu hobby número um e passo os meus tempos aqui, já que estou aposentado.</i></p> <p><i>Charlie Sierra dois Golf Vitor Alfa (CS2GVA) de Tango Um Bravo Charlie Papá (CT1BCP).</i></p>

(João Mota, registo vídeo 07-04-2008, file DSCF0878.AVI)

CS2GVA	<p><i>Charlie Tango dois India Romeu Uniforme (CT2IRU) de Charlie Sierra dois Golf Vitor Alfa (CS2GVA).</i></p> <p><i>(...) Chamo-me João, tenho 10 anos e vivo em Gouveia. Estou a falar com o senhor Machado no clube de comunicações e proteção civil. Também pratico muitas vezes karaté e andebol.</i></p> <p><i>Charlie Tango dois India Romeu Uniforme (CT2IRU) de Charlie Sierra dois Golf Vitor Alfa (CS2GVA).</i></p>
CT2IRU	<p><i>Charlie Sierra dois Golf Vitor Alfa (CS2GVA) João Mota. É Charlie Tango dois India Romeu Uniforme (CT2IRU) aqui em móvel. Olha, diz-me uma coisa João, como é que está por aí tempo aí por Gouveia? Olha, também tenho um filho com onze anos que também já andou no kickboxing e pronto, é mais velho do que tu, ok e já agora reporta-me se gostas destas lides da rádio ou não e como é que está por aí o tempo.</i></p> <p><i>Charlie Sierra dois Golf Vitor Alfa (CS2GVA) de Charlie Tango dois India Romeu Uniforme (CT2IRU) em móvel.</i></p>
CS2GVA	<p><i>Charlie Tango dois India Romeu Uniforme (CT2IRU) de Charlie Sierra dois Golf Vitor Alfa (CS2GVA).</i></p> <p><i>Aqui o tempo, em Gouveia, está meio chuvoso e confirmado e gosto muito mesmo de ser radioamador.</i></p> <p><i>Charlie Tango dois India Romeu Uniforme (CT2IRU) de Charlie Sierra dois Golf Vitor Alfa (CS2GVA).</i></p>
CT2IRU	<p><i>Pronto, pronto... Charlie Sierra dois Golf Vitor Alfa (CS2GVA) de Charlie Tango dois India Romeu Uniforme (CT2IRU).</i></p> <p><i>Pronto João, João Mota. Está QSL, compreendido na totalidade e estão a chegar muito bem. A vossa estação está a chegar muito bem ao repetidor de Brenha, na Figueira da Foz, Ok? Brenha com 'e'. QSL. Pronto João. Bons estudos e começa a pensar no radiozinho. Olha, só um aparte. Eu quando tinha a tua idade, quando tinha 12 anos já escutava no rádio de música do meu pai, ao fim de semana entretinha-me na onda curta, entretinha-me a ouvir estações, ok? A escutar estações, na onda curta e entretinha-me assim. Pronto João Mota CS2GVA, uma boa tarde para ti e estuda muito que os estudos são muito importantes. Até uma próxima. Foi Charlie Tango dois India Romeu Uniforme, o meu QRA é Machado em móvel pela cidade da Figueira da Foz.</i></p>
CS2GVA	<p><i>Charlie Tango dois India Romeu Uniforme (CT2IRU) de Charlie Sierra dois Golf Vitor Alfa (CS2GVA).</i></p> <p><i>Também gostei muito de falar com o senhor Machado e até uma próxima.</i></p> <p><i>Charlie Tango dois India Romeu Uniforme (CT2IRU) de Charlie Sierra dois Golf Vitor</i></p>



	<i>Alfa (CS2GVA).</i>
CT2IRU	<i>Charlie Sierra dois Golf Vitor Alfa (CS2GVA) de Charlie Tango dois India Romeu Uniforme (CT2IRU) Vou dar oportunidade, João Mota, operador da estação CS2GVA. Peço permissão para ficar em standby porque me vou ausentar aqui do veículo. Até uma próxima, um abraço. Charlie Sierra dois Golf Vitor Alfa (CS2GVA) de Charlie Tango dois India Romeu Uniforme (CT2IRU).</i>

(João Mota, registo vídeo 07-04-2008, file DSCF0872.AVI)

Neste espaço do clube de comunicações, privilegia-se a partilha de experiências em que o professor é o mediador da comunhão de saberes entre os alunos mais velhos e os seus colegas mais jovens, mas também entre os alunos e a comunidade exterior à escola, não apenas em contexto local, mas também nacional. Roland Viau recorda-nos precisamente que

“as actividades e as tarefas a propor deverão constituir oportunidades de colaboração entre os alunos, bem como permitir que estes assumam gradualmente uma maior responsabilidade pela sua monitorização e execução” (Viau, 2004 citado por Trindade, 2004:11).

Para que tal se torne efetivamente possível, os alunos são *convidados* a uma participação ativa e não passiva. Eles não são meros espectadores, presentes nos eventos de demonstração de radioamadorismo nas escolas, onde pouco ou nada interagem, porque não estão à vontade no meio, não conhecem as técnicas, não dominam o vocabulário usado nem a tecnologia que os rodeia. No clube de comunicações do AEG, tudo se passa de modo bem diferente. Aqui, o aluno é levado a ser ativo, é convidado a *ativar a estação de rádio escolar*, a ser ele o motor e o impulsionador dos contactos, a realizar as chamadas via rádio, em suma, a construir a própria vivência do clube. Este convite à participação traz consigo um outro, bem mais sério, que se prende com a pretensão de levar os alunos a permanecerem “*na escola*”, não apenas fisicamente no espaço escolar, mas, essencialmente, “*dentro da escola*” dando corpo e vida às realizações e atividades escolares.

Neste sentido, cabe aqui referir uma iniciativa levada a cabo pela escola Ginestal Machado, em Santarém. Tratou-se de uma ação de demonstração de radioamadorismo, resultado da vontade de um professor radioamador que resolveu comemorar de um modo diferente o dia da escola. Assim, solicitou a colaboração do clube de



comunicações do AEG, para que alunos de ambos os estabelecimentos de ensino pudessem comunicar e trocar experiências.

Transcrevemos a seguir excertos de alguns contactos realizados entre os alunos das duas escolas, naquela que foi a primeira experiência do género conhecida em Portugal. Infelizmente, a iniciativa não foi repetida até à presente data.

Quadro 23 Transmissão: AEG – Escola Ginestal Machado

CS5GVA	<i>Charlie Sierra dois Echo Sierra Golf Mike (CS2ESGM) de Charlie Sierra cinco Golf Vitor Alfa (CS5GVA). Olá, como já disse sou a Maria, podes repetir o teu nome se faz favor que eu não percebi muito bem, não se ouviu muito bem, não percebi... é a primeira vez que estás a fazer rádio, não é? Charlie Sierra cinco Golf Vitor Alfa (CS5GVA) de Charlie Sierra dois Echo Sierra Golf Mike (CS2ESGM) ... [enganei-me... fiz ao contrário].</i>
CS2ESGM	<i>(...) Olá, sou a Andreia, tenho 16 anos, sou da escola Ginestal Machado e tenho muito prazer em conhecer-te.</i>
CS5GVA	<i>Charlie Sierra dois Echo Sierra Golf Mike (CS2ESGM) de Charlie Sierra cinco Golf Vitor Alfa (CS5GVA). Olá Andreia, muito prazer conhecer-te e espero que tenhas estado a gostar de estar a falar no rádio.</i>
CS2ESGM	<i>Charlie Sierra dois Echo Sierra Golf Mike (CS2ESGM) de Charlie Sierra cinco Golf Vitor Alfa (CS5GVA). Boa tarde, eu sou o João Vaz, sou aluno da Ginestal Machado, sou do 10º ano do curso de sistemas informáticos e gostei muito de te conhecer.</i>
CS5GVA	<i>Charlie Sierra dois Echo Sierra Golf Mike (CS2ESGM) de Charlie Sierra cinco Golf Vitor Alfa (CS5GVA). Olá, muito prazer em conhecer-te, eu ando no 5º ano ainda, sou um bocado mais nova que tu, foi um prazer-te e obrigada por estares a falar. Charlie Sierra dois Echo Sierra Golf Mike (CS2ESGM) de Charlie Sierra cinco Golf Vitor Alfa (CS5GVA).</i>
CS2ESGM	<i>CS5GVA de CS2ESGM, daqui fala o Pedro Pereira da escola (...) tenho 16 anos e gostei de te conhecer. Vocês são todos da mesma idade ou têm outras idades?</i>
CS5GVA	<i>Charlie Sierra dois Echo Sierra Golf Mike (CS2ESGM) de Charlie Sierra cinco Golf Vitor Alfa (CS5GVA). Nós estamos em anos diferentes (...) mas a diferença de um ou dois anos não é muita diferença.</i>
CS5GVA	<i>(...) Charlie Sierra dois Echo Sierra Golf Mike (CS2ESGM) de Charlie Sierra cinco Golf Vitor Alfa (CS5GVA). (Op. Fábio) Como eu disse, já ando cá há dois anos, aqui o tempo vai passando não é? Já vamos no segundo período, era bom que fossemos no primeiro período que assim tinha mais tempo para falar. Como disse gosto muito de aqui andar. O tempo aqui em Gouveia está muito bem, está sol, ontem esteve a chover muito, está um bocadinho assim de nuvens e... pronto, já conheço o senhor professor há três anos (...) bem, agora passo para aí a palavrinha. Charlie Sierra dois Echo Sierra Golf Mike (CS2ESGM) de Charlie Sierra cinco Golf Vitor Alfa (CS5GVA).</i>
CS2ESGM	<i>Ok! É a primeira vez que estou a falar aqui num rádio de radioamador, já algum tempo que estava interessado nisto. Para mim uma das melhores coisas que podes fazer é isto. A nível de walkie-talkies já falava muito, PMR's não lhes ligo, não é preciso ter licença, mas hoje aproveitei esta oportunidade e pronto, vou falar aqui um bocadito, ok ó colega? Pronto, fica agora aí para Gouveia.</i>



CS5GVA	<p><i>Charlie Sierra dois Echo Sierra Golf Mike (CS2ESGM) de Charlie Sierra cinco Golf Vitor Alfa (CS5GVA).</i></p> <p><i>Eu sou o Fábio, tenho 14 anos, sou de Nespereira e ando no Agrupamento de escolas de Gouveia</i></p> <p><i>Charlie Sierra dois Echo Sierra Golf Mike (CS2ESGM) de Charlie Sierra cinco Golf Vitor Alfa (CS5GVA).</i></p>
CS2ESGM	<p><i>Charlie Sierra cinco Golf Vitor Alfa (CS5GVA) de Charlie Sierra dois Echo Sierra Golf Mike (CS2ESGM).</i></p> <p><i>Há quanto tempo estás aqui nos radioamadores e se estás a gostar bastante?</i></p>
CS5GVA	<p><i>Charlie Sierra dois Echo Sierra Golf Mike (CS2ESGM) de Charlie Sierra cinco Golf Vitor Alfa (CS5GVA).</i></p> <p><i>Eu já ando aqui no radioamadorismo há dois anos e gostava de continuar a andar cá, só que não há possibilidade, se passar vou para o 7º ano e os do 7º ano se calhar já não vão ter oportunidade de falar assim como eu agora estou a falar. Houve algumas coisas que nós aqui não percebemos muito bem, está a fazer muito ruído...</i></p> <p><i>Charlie Sierra dois Echo Sierra Golf Mike (CS2ESGM) de Charlie Sierra cinco Golf Vitor Alfa (CS5GVA).</i></p>
CS2ESGM	<p><i>Charlie Sierra cinco Golf Vitor Alfa (CS5GVA) de Charlie Sierra dois Echo Sierra Golf Mike (CS2ESGM).</i></p> <p><i>Eu pronto, ainda estou aqui assim mais ou menos à experiência, é a segunda vez que estou a fazer uma comunicação, ainda há pouco tempo, talvez há uma hora atrás fiz a minha primeira comunicação com um senhor mesmo de cá de Portugal, mas depois disso ainda fiz uma pequena comunicação com um senhor chamado Marco, e acabei por ter que falar em inglês. Passaste por alguma experiência em que tiveste que falar em inglês com algum radioamador? Estou a gostar muito desta experiência e posso dizer que é agradável. Estou a gostar muito desta experiência de radioamador e estou com ideias de assim que estudar a matéria, fazer o exame para me tornar um radioamador mais tarde.</i></p>
CS5GVA	<p><i>Charlie Sierra cinco Golf Vitor Alfa (CS5GVA) de Charlie Sierra dois Echo Sierra Golf Mike (CS2ESGM).</i></p> <p><i>Gostava de saber em que ano em que tu tás, há quanto é que já andas na escola Ginestal Machado. Eu já ando aqui na escola há 3 anos, chumbei no ano passado que era no sexto. Já fiz o 5º ano em cima, o sexto e agora estou outra vez no sexto. Que não me apetecia estudar. Bem...</i></p> <p><i>Charlie Sierra dois Echo Sierra Golf Mike (CS2ESGM) de Charlie Sierra cinco Golf Vitor Alfa (CS5GVA).</i></p>
CS2ESGM	<p><i>Charlie Sierra cinco Golf Vitor Alfa (CS5GVA) de Charlie Sierra dois Echo Sierra Golf Mike (CS2ESGM).</i></p> <p><i>Eu, vou fazer 16 anos agora em Março e estou no 10º ano e estou a tirar um curso de programação de computadores. Por acaso estou a gostar de estudar programação porque é algo um pouco vasto porque não é simplesmente programação que se aprende, implica muita coisa. Nós temos a arquitetura de computadores, sistemas operativos, (...) que é a disciplina em que nos fez a descoberta do radioamadorismo. Depois temos programação e por acaso estou a gostar muito. Não que eu seja assim um bom aluno, mas adapto-me à situação.</i></p>
CS5GVA	<p><i>Charlie Sierra dois Echo Sierra Golf Mike (CS2ESGM) de Charlie Sierra cinco Golf Vitor Alfa (CS5GVA).</i></p> <p><i>Eu também gostava de tirar... como é que hei de dizer... pronto, o curso de radioamadorismo porque aquilo mesmo que eu gosto é do radioamadorismo, não há outra coisa que goste. Gosto mais de radioamadorismo do que de futebol. Para mim o radioamadorismo nunca devia morrer, para mim devia ser para sempre, devia tar para sempre. Bem, vou dar para aí outra vez a palavrinha.</i></p> <p><i>Charlie Sierra dois Echo Sierra Golf Mike (CS2ESGM) de Charlie Sierra cinco Golf Vitor Alfa (CS5GVA).</i></p>
CS2ESGM	<p><i>Charlie Sierra cinco Golf Vitor Alfa (CS5GVA) de Charlie Sierra dois Echo Sierra Golf Mike (CS2ESGM).</i></p>



	<p><i>Eu gosto... para além de gostar de radioamadorismo, eu tenho a ideia de fazer o exame e de aprender mais sobre o radioamadorismo, porque eu posso aprender mais e saber cada vez mais. Para além dos radioamadores terem sempre uma tecnologia avançada e diferente dos outros... é sempre uma forma de comunicar com outros radioamadores... sem utilizar outras redes... por exemplo telemóvel. Se houver, por exemplo, uma emergência pode-se utilizar o walkie-talkie para falar.</i></p>
CS5GVA	<p><i>Charlie Sierra dois Echo Sierra Golf Mike (CS2ESGM) de Charlie Sierra cinco Golf Vitor Alfa (CS5GVA).</i></p> <p><i>Aqui o rádio não se consegue perceber muito bem porque aqui esta a fazer muito ruído, não se consegue ouvir bem (...) bem, vou passar para aí.</i></p> <p><i>Charlie Sierra dois Echo Sierra Golf Mike (CS2ESGM) de Charlie Sierra cinco Golf Vitor Alfa (CS5GVA).</i></p>
CS2ESGM	<p><i>Charlie Sierra cinco Golf Vitor Alfa (CS5GVA) de Charlie Sierra dois Echo Sierra Golf Mike (CS2ESGM).</i></p> <p><i>Eu por acaso aqui estou-te a ouvir bem. Mas pronto, como vocês dizem que não me estão a ouvir lá muito bem, posso repetir um bocão. Como eu estava a dizer eu gosto de radioamador, de radioamadorismo, não só pelo prazer de falar com outros através dos rádios PMR's e walkie-talkies, mas também porque eu com o radioamadorismo posso aprender muito mais do que simplesmente estar no curso como eu estou. O radioamadorismo pode servir de auxiliar de houver alguma emergência como por exemplo no Japão como está a acontecer agora, se acontecer cá em Portugal, pode ser comunicado às autoridades ou com outros radioamadores sobre essa emergência.</i></p>
CS2ESGM	<p><i>(...) Posso dizer que não fui assim um grande exemplo porque eu desde o 7º ano até ao 9º ano tive assim muita brincadeira e basicamente estudar era estudar jogos, estudar sons e nem chegava a estudar os livros. Mas, é assim. Posso dizer que me arrependi um pouco, porque é assim. Eu passei estes últimos anos assim um pouco à rasca. Só para teres uma ideia eu no 9º ano, no 1º período, tive nove negativas e então tive que esforçar-me e começar a trabalhar mesmo no duro. E depois aí foi o que complicou mais, mas consegui passar, mas pronto...E digo-vos uma coisa vocês aproveitem agora porque... estudar pode ser chato mas aproveitem que mesmo que não gostem... por exemplo eu não gostava nada de estudar na escola, só que eu mudei para algo que para além de ser mais prático tem muito a ver com aquilo de que eu gosto e isso incentiva-me muito mais. Para terem uma ideia eu tenho notas de bom, muito bom porque é uma matéria de que eu gosto e fico a perceber melhor as coisas porque estou atento nas aulas e estar atento nas aulas, para mim é a base de ter boas notas.</i></p>
CS5GVA	<p><i>Charlie Sierra dois Echo Sierra Golf Mike (CS2ESGM) de Charlie Sierra cinco Golf Vitor Alfa (CS5GVA). (op. Marcelo)</i></p> <p><i>Eu também, às vezes, não gosto lá muito de estudar, também não tiro assim muito boas notas, não sou um bom exemplo e gostava também de tirar o curso de radioamadorismo. Mas também gostava muito de ir para a universidade e ter mais conhecimentos.</i></p> <p><i>Charlie Sierra dois Echo Sierra Golf Mike (CS2ESGM) de Charlie Sierra cinco Golf Vitor Alfa (CS5GVA).</i></p>

Pelos excertos acima transcritos, pode constatar-se que se tratou de uma experiência muito profícua. Houve conversas entre alunos mais novos e mais velhos, uma vez que os colegas da Escola Dr. Ginestal Machado frequentavam o ensino secundário, em cursos ligados a sistemas informáticos. Ficou também demonstrado o prazer dos alunos em atividades diferentes e o gosto em conversar, via rádio com colegas de outra escola. Evidenciou-se o grande gosto que o aluno Fábio nutre pelo



radioamadorismo, não transparecendo os défices que o colocam no grupo dos alunos NEE. Houve interessantes trocas de experiências como o caso do aluno que partilhou o seu insucesso que lhe serviu de aprendizagem para o futuro. Partilhou com os seus colegas mais jovens a sua experiência. Decerto que resultou mais nos colegas que o ouviram do que qualquer apelo ao estudo, de um qualquer professor na sala de aula. Por fim, muitos dos intervenientes acabaram por manifestar o desejo de tirar o curso de radioamadorismo.

No entanto, desta iniciativa, o que fica evidente é o prazer que estes jovens retiraram nesse dia por estarem na escola e partilharem gostos, ideias, sentimentos, experiências.

Este tipo de iniciativas constituem uma grande ajuda, uma vez que, por vezes, a sala de aula não dá uma resposta conveniente aos problemas e não consegue, de uma forma subtil, arrojada e dinâmica, formular este convite diário ao aluno que leve à sua reiterada presença na escola. Todos procuramos a “*escola eficaz*” (Lima, 2008). Sem qualquer dúvida que, através do lúdico, poderemos atrair e fixar os alunos à escola e daí à sala de aulas. O lúdico como forma de atrair deverá ser implementado, dentro de parâmetros de rigor, para que possa dar os seus frutos. Necessitamos assim de cativar os professores a cativarem os alunos.

A questão coloca-se, então, da seguinte forma: qual é o catalisador que impulsiona as melhorias destas competências por parte dos nossos alunos? A resposta, poderemos encontrá-la na grande disponibilidade que eles têm para realizar as atividades, no desejo enorme de as fazer com mestria e, conseqüentemente, de receber elogios de quem está do lado de lá, percebendo que ter dificuldades não significa ser diferente dos seus colegas ou até dos de outras escolas.

Tudo isto acontece porque, acima de tudo, o clube representa um espaço de convívio entre todos, entre alunos de diferentes anos de escolaridade e diferentes turmas, do ensino regular e da educação especial. O convívio entre os alunos e entre eles e os radioamadores dos mais diversos pontos do país potencia um magnífico espaço de convívio onde todos aprendem algo, uns com os outros, e veem assim recompensado o esforço de tentar e... conseguir. As barreiras quebram-se, o distanciamento reduz-se entre os alunos rotulados de mais ou menos inteligentes, mais ou menos competentes,



mais ou menos estudiosos. Todos se mostram generosamente disponíveis uma vez que gostam de estar no grupo e sentem-se parte integrante dele, de um todo que não representa nada se não juntarmos harmoniosamente todas as partes.

Esta valorização das atitudes individuais, a favor de um bem comum, que é o bem do grupo, é uma competência que os nossos alunos têm conseguido desenvolver.

Assim, sempre que possível, as atividades são realizadas em pares ou em pequeno grupo, de forma a favorecer o espírito de colaboração entre os diversos elementos.



Figuras 8 e 9 - Atividades de grupo

Sabemos bem que integrar é evitar a exclusão (Lopes, 1997), fomentando oportunidades de aprendizagem com elevada probabilidade de sucesso para todos, através da diferenciação de estratégias. Terá que haver um esforço substantivo de todos os intervenientes para construirmos contextos inclusivos. A cultura é, por natureza, intrinsecamente inclusiva. Sendo o radioamadorismo uma atividade cultural que se baseia no contacto com o outro, é também eminentemente inclusiva, indo as suas práticas ao encontro dos princípios emanados pela UNESCO quando referem que

“O princípio fundamental das escolas inclusivas consiste em todos os alunos aprenderem juntos, sempre que possível, independentemente das dificuldades e das diferenças que apresentem. Estas escolas devem reconhecer e satisfazer as necessidades diversas dos seus alunos, adaptando-se aos vários estilos e ritmos de aprendizagem, de modo a garantir um bom nível de educação para todos, através de currículos adequados, de uma boa organização escolar, de estratégias pedagógicas, de utilização de recursos e de uma cooperação com as respectivas comunidades.” (Declaração de Salamanca, 1994:11-12).



Este tipo de atividades como a que foi realizada com a Escola Ginestal Machado, desenvolve a capacidade de partilha, os afetos, a inclusão e as relações humanas. Assim, os alunos do clube apercebem-se, aos poucos, que são iguais aos demais companheiros e revelam aptidões para um conjunto de situações ou tarefas diferentes, gerando-se a riqueza que resulta da diversidade. Encontram assim a sua *felicidade escolar*, o seu *espaço*, não tanto dentro de um contexto formal, de sala de aulas, onde o professor é o único transmissor do saber adquirido, mas no clube onde veem reforçada a sua autoconfiança. Percebem que, também eles são competentes, empenhados, companheiros, cooperantes, colaboradores. O estímulo não vem do professor mas, acima de tudo, vem deles próprios, do interior de cada um. Sobre este assunto, Margarida César veicula a ideia de que a

“escola inclusiva é uma escola onde se celebra a diversidade, encarando-a como uma riqueza e não como algo a evitar, em que as complementaridades das características de cada um permite avançar em vez de serem vistas como ameaçadoras, como um perigo que põe em risco a nossa própria integridade, apenas porque ela é culturalmente diversa da do outro, que temos por parceiro social.” (César, 2003:119).

Afonso Baptista considera ser uma escola inclusiva aquela que

“combate as diferenças, favorece a igualdade de oportunidades, reconhece e satisfaz as necessidades dos alunos, garante um bom nível de educação, sensibiliza alunos, pais e comunidade, utiliza recursos e cria novos métodos de aprendizagem, recorre a estratégias diversificadas, proporciona a integração na vida económica e social e não deixa nenhum aluno para trás” (Baptista, 2011:79).

Neste sentido, as atividades do clube, nomeadamente as que se prendem com comunicações à distância e trabalho de campo no domínio da proteção civil, encerram uma grande importância ao nível da gestão emocional dos elementos do grupo. Nestes casos, a *respeitabilidade* que é ganha face aos companheiros é encarada como uma vitória, um sucesso. *“Veja, professor, eu nisto até consigo ser bom!”* - dizia-nos um dos alunos do clube sobre o seu desempenho, durante uma atividade de campo. Nestes sentimentos manifestados por alunos com NEE está bem patente o conceito de exclusão pela diferença que Baptista bem nos explica quando refere



“a existência de um modelo de escola fundada sob a matriz da exclusão e da competição, deixando de fora, ou pondo de fora, as crianças e jovens com menores condições para competir dentro das regras estabelecidas pela escola” (Baptista, 2011:10).

Damos conta de um grande prazer em demonstrar perante os outros, talvez perante aqueles que mais brilham na sala de aulas, e mais facilmente conquistam a atenção dos professores, o domínio das técnicas de comunicação via rádio. A colaboração entre os vários alunos do clube é, neste sentido, uma constante, uma vez que uns procuram ajudar os seus companheiros no sentido de estes melhorarem as suas técnicas, reduzirem os estados de ansiedade e o stresse. Jaques Delors afirma que

“quando se trabalha em conjunto sobre projetos motivadores e fora do habitual, as diferenças e até os conflitos interindividuais tendem a reduzir-se, chegando a desaparecer em alguns casos. Uma nova forma de identificação nasce destes projetos que fazem com que ultrapassem as rotinas individuais, que valorizam aquilo que é comum e não as diferenças” (Delors, 1996:85).

Os alunos que apresentam dificuldades no percurso académico obtêm, por norma, bons resultados no clube, uma vez que se sentem muito motivados. Como nos refere Thomas La Belle, *“só aprendemos quando nos envolvemos profundamente naquilo que aprendemos, quando o que estamos aprendendo tem sentido para as nossas vidas”* (La Belle, 1982:3).

Neste sentido, pela frequência dos clubes, os alunos têm tido uma motivação extra na escola, constituindo as atividades dos clubes uma referência para eles. Manifestam esse prazer no empenhamento que colocam nas diferentes atividades, numa assiduidade quase absoluta, uma vez que nada os demove da frequência dos clubes. Eles vão gerindo os seus horários de brincadeiras, de almoço e de estudo, sem nunca colocarem de lado as práticas que lhes dão muito prazer e os fazem ter gosto em estar na escola. É comum ouvirmo-los dizer que *“estar no clube é fixe”* ou *“não quero sair deste clube, pelo menos até ao 12º ano”*.

O prazer que os alunos sentem nos clubes escolares é transmitido em casa aos Encarregados de Educação. Aí é relatado, com pormenor, aquilo que se passa, o que mais lhes agrada ou o que verdadeiramente os incomoda.



No que diz respeito ao clube de comunicações, o *feedback* dos encarregados de educação é também muito importante e tem sido largamente positivo e muito motivador, dando-nos força e coragem para prosseguir.

Por vezes, são-nos relatadas situações em que os pais ou os avós também, no passado, realizaram comunicações, enquanto militares, alguns dos quais durante a guerra colonial e recordam com agrado as aventuras de África aos seus netos, a propósito das transmissões. O clube tem o condão de, nestes casos, colocar gerações a contar / ouvir histórias recheadas de aventuras. Está aqui visível o contributo para a educação informal das crianças como veremos adiante.

Outros casos ainda em que os pais são bombeiros e, nessa qualidade realizam comunicações via rádio. Também aí se identificam muito com as atividades desenvolvidas pelos seus educandos no clube. Tal acontece porque os jovens contam em casa o que mais lhes agrada e partilham com a família os seus bons momentos vividos na escola.

Constatámos o envolvimento das famílias neste contexto, facto que nos parece ser importante. Assim, o clube tenta, dentro das suas possibilidades, fidelizar à escola os alunos em risco e impedir o absentismo e o abandono através da motivação. Depois desta conquista estar conseguida, segue-se o desafio de os cativar, na sala de aula, para as diferentes aprendizagens. Tentamos, deste modo, cumprir um papel que é nosso enquanto parte integrante da escola, escola essa que desejamos diferente, onde o aluno queira permanecer e em que haja alegria, gosto e prazer em descobrir. Assim se cumpre o verdadeiro papel social da escola e do professor. Servir o aluno.

Por considerarmos importante o *feedback* dos encarregados de educação, transcrevemos uma das várias opiniões que nos foram chegando, por escrito, acerca da participação dos respetivos educandos no clube de comunicações.

“O século XXI trouxe novos desafios para a escola. Cada vez mais, as escolas se tornam instrumentos de oportunidades, expandindo as suas funções para além da aprendizagem académica e da simples instrução básica. Com esta forma de pensar, surgem também novos desafios para os professores. A arte de ensinar desafia cada profissional a ensinar para a construção do significado e a ensinar para uma aprendizagem ativa. A multiculturalidade, a escolha e a tecnologia são conceitos fortemente relacionados com o ensino nos dias de hoje. É aceitando esta perspetiva



que surge na escola as atividades de complemento curricular – os Clubes escolares.

Quando a minha educanda começou a frequentar o 5º ano, a escola ofereceu-lhe a oportunidade de participar em vários clubes que se apresentavam num leque variado de temas. Desde logo, a sua opção foi inscrever-se no Clube de Comunicações, pois já tinha ouvido falar no entusiasmo que alguns colegas referiam da oportunidade em aprender a ‘mexer em rádios que serviam para comunicar com pessoas de várias partes do mundo!’. Também tínhamos já algum conhecimento do excelente trabalho que era desenvolvido pelos alunos e respetivo professor do clube, nomeadamente dos prémios que foram atribuídos, de artigos publicados no ‘Notícias de G...’ e pela participação em atividades de promoção de cidadania na comunidade local. O que levou a uma rápida decisão e escolha pela frequência deste clube foi sem dúvida a novidade e a descoberta associada às novas tecnologias. Desde o primeiro momento que a minha educanda trazia conceitos novos, experiências novas e foi desenvolvendo um gosto apurado pelo Clube de Comunicações. Foi sem dúvida, o sentido prático daqueles momentos, o poder mexer e praticar, o adquirir novos conhecimentos, que levou a manter-se no clube, sempre com o mesmo entusiasmo e dedicação. Acrescento ainda que, à medida que as semanas iam passando a passagem de testemunho e de conhecimento para os pais e avós, foi uma constante. Hoje se sabemos algo sobre alfabeto fonético deve-se à minha filha, que depressa envolveu a família na aprendizagem que trazia todas as semanas. Igualmente importante, tem sido a oportunidade que a minha filha tem tido em comunicar com outras pessoas de diferentes partes do mundo, praticar o inglês e resolver alguma timidez, tornando-a mais autónoma e com mais iniciativa. Não queria terminar este depoimento, sem acrescentar que o professor responsável por esta iniciativa tem um papel muito importante. Só os professores eficazes, como é exemplo o professor Paulo Sousa, é que se permitem a desenvolver relações humanas genuínas com os seus alunos, os pais e colegas, criando salas de aula democráticas e socialmente justas. São estes professores eficazes que, considerando a aprendizagem do ensino é um processo ao longo da vida, conseguem adaptar e utilizar o seu conhecimento profissional de forma apropriada, favorecendo a aprendizagem dos alunos e a melhorar as escolas. Em jeito de conclusão, considero que este clube escolar é uma prova viva que é possível a escola continuar a valorizar a educação para e pela cidadania, inculcando valores muito importantes aos nossos filhos, através destas experiências e vivências. É certo que a permanência da minha educanda em clubes geridos desta maneira, será para continuar e apostar.”

A.M.S., Encarregada de Educação da aluna M. do 6ºB



7.2.1 – Depoimentos de antigos alunos do clube

Recolhemos depoimentos de alguns antigos alunos do clube sobre a utilidade deste. De um modo geral, consideraram o clube útil, importante, educativo, cativante e facilitador de partilha de experiências.

- O aluno 1 considera-o importante no desenvolvimento da expressão oral e escrita, para além do convívio que possibilita.
- O aluno 2 destaca a vertente educativa, as interações e o convívio que permite.
- O aluno 3 realça a faceta cativante e atrativa do clube.
- O aluno 4 destaca o espírito de solidariedade que o clube tem.
- O aluno 5 valoriza a ajuda na compreensão oral.
- O aluno 6 considera importante a partilha de experiências.
- O aluno 7 realçou a capacidade que o clube tem de proporcionar aprendizagens diferentes.
- O aluno 8 destaca a possibilidade de fazer amigos e contactar com muitas pessoas.
- O aluno 9 considera importante a possibilidade que o clube dá de comunicar com o estrangeiro.

No quadro abaixo, encontra-se indicado o aluno, bem como o número conferido ao seu depoimento.

Quadro 24 – Depoimento de alunos sobre a utilidade do clube

Questão	Qual é a tua opinião acerca da utilidade do nosso clube?
Aluno 1	Foi importante para desenvolver a expressividade oral em Português e a expressão escrita em inglês, para termos mais facilidade em nos exprimirmos e dizermos mais coisas. Aprender algumas palavras novas em estrangeiro e também conviver mais com os amigos via rádio.
Aluno 2	Achei muito interessante, muito educativo. Tínhamos interações com outras pessoas que depois também ajudávamos a interagir de forma, pronto... em grupo, interações em grupo...
Aluno 3	Este clube é muito bom para esta escola pois cativa muito os alunos a virem para a escola alguns alunos quase como se não quisessem... É como se fosse mais uma atração e depois até podemos tirar algum proveito para outras disciplinas.
Aluno 4	Eu acho que é uma coisa boa e que toda a gente devia frequentar até porque aprendemos a falar e se um dia precisarmos já estamos preparados para ajudar os



	outros. Acho que é um incentivo. Pelo menos, aprendemos a falar melhor com as pessoas.
Aluno 5	Ajuda nas outras disciplinas. Ajuda a comunicar em português, por exemplo. A compreensão oral vale muito e isto ajuda muito na compreensão oral. Fazemos muitas comunicações nos portáteis, o que ajuda na comunicação.
Aluno 6	Para além de estarmos com colegas diferentes, aprendemos várias coisas com as outras pessoas com quem falamos através do rádio. Aprendemos também línguas e, quando falamos e quando fazemos o PSK, aprendemos o alfabeto fonético que é muito divertido. E é assim a comunicação.
Aluno 7	Porque aprendemos muitas coisas, que nós nunca iríamos aprender. Temos uma oportunidade boa.
Aluno 8	Então...ajuda a desenvolvermos a nossa linguagem, também ajuda a desenvolver um pouco a língua estrangeira, quando falamos em inglês, e também a escrita. É divertido, podemos fazer muitos amigos e contactamos com muitas pessoas por todo o mundo e é uma experiência positiva.
Aluno 9	(...) Faz com que eles tenham mais espaço para falar com pessoas e para se desenvolver (...) e também falar com pessoas do estrangeiro.

7.2.2 – Inquéritos a alunos do clube

No inquérito por questionário realizado a 47 alunos, todos responderam à seguinte questão:

Questão 1 – Consideras a existência do clube de comunicações importante para o nosso agrupamento de escolas?

Quadro 25 – Médias e designação da questão 1 - alunos

Médias	Designação
($\geq 3,5$)	Muito importante
($\geq 2,5$ e $<3,5$)	Importante
($\geq 1,5$ e $<2,5$)	Pouco importante
(≥ 0 e $<1,5$)	Nada importante

Assim sendo, através do seguinte quadro podemos verificar qual a importância que é conferida à existência do clube de comunicações.



Quadro 26 – Média, desvio-padrão e percentagem de respostas do item 1 - alunos

Itens	Média	SD	Total %				
			NI	PI	I	MI	
			%	%	%	%	
1) Consideras a existência do clube de comunicações importante para o nosso agrupamento de escolas?	3,70	0,46	-	-	30	70	100
Média da dimensão	3,70						
Score	188						

Pela observação e análise do Quadro 26, que representa os resultados obtidos relativamente aos itens 1, do grupo de discentes, verifica-se que, para um score máximo possível de 188 pontos (4x47), obteve-se um score do item de 174 com 3,70 de média, ou seja “muito importante” e um SD de 0,46.

Em relação aos valores médios do item 1, registou uma mediana de “muito importante” e a MODA também “muito importante”.

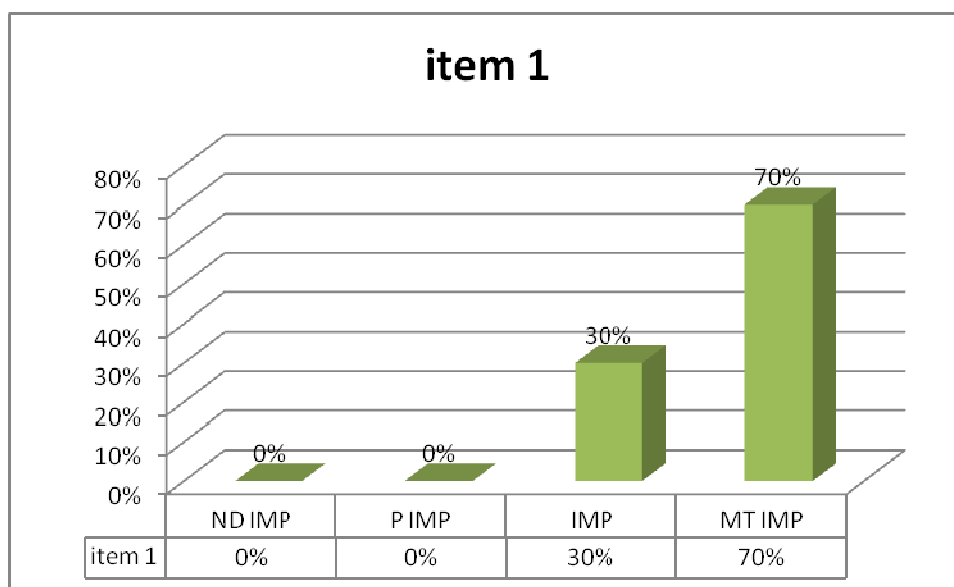


Gráfico10 – Percentagem das respostas dadas no item 1 - alunos

De acordo com o Gráfico 10, a existência do clube de comunicações foi considerada para o agrupamento de escolas “importante” por 30 % dos elementos e



“muito importante” por 70% dos inquiridos. Assim, consideram-se as respostas 100% favoráveis.

No inquérito por questionário realizado a 47 alunos, todos responderam à seguinte questão:

Questão 11 – Consideras que a frequência do clube de comunicações ajuda a evitar a saída da escola?

Quadro 27 – Médias e designação da questão 11 - alunos

Médias	Designação
($\geq 3,5$)	Ajuda muito
($\geq 2,5$ e $<3,5$)	Ajuda
($\geq 1,5$ e $<2,5$)	Ajuda pouco
(≥ 0 e $<1,5$)	Não ajuda

Assim sendo, através do seguinte quadro podemos verificar qual a importância do clube de comunicações no combate ao absentismo e ao abandono escolar.

Quadro 28 – Média, desvio-padrão e percentagem de respostas do item 11 - alunos

Itens	Média	SD	Total %				
			NA	AP	A	AM	
			%	%	%	%	
11) Consideras que a frequência do clube de comunicações ajuda a evitar a saída da escola?	3,47	0,71	2	0	47	51	100
Média da dimensão	3,47						
Score	163						

Pela observação e análise do Quadro 28, que representa os resultados obtidos relativamente ao item 11, do grupo de discentes, verifica-se que, para um score máximo possível de 188 pontos (4x47), obteve-se um score do item de 163, com 3,47 de média, ou seja, “ajuda” e um SD de 0,71.



Em relação aos valores médios do item 11, registou uma mediana de “ajuda muito” e a MODA também “ajuda muito”.

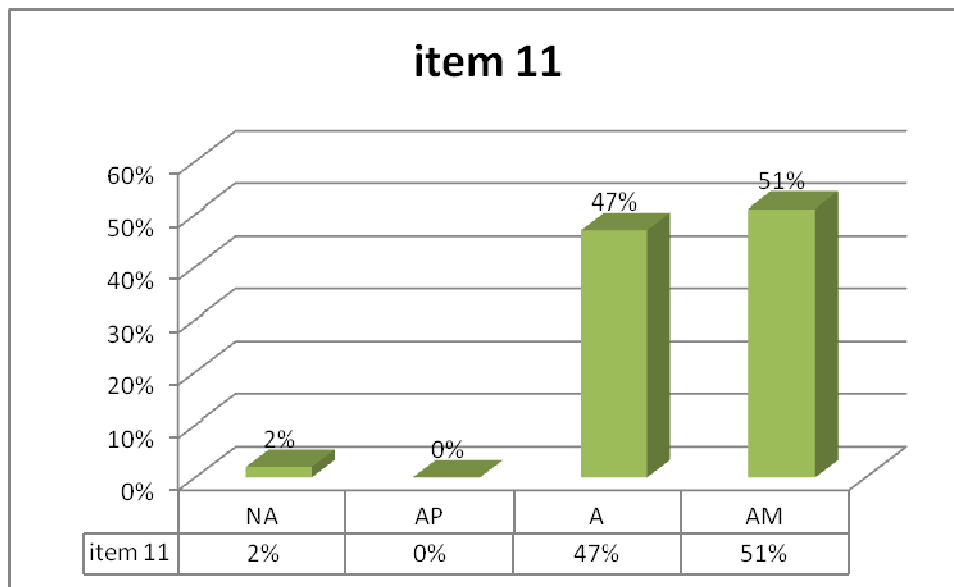


Gráfico 11 – Percentagem das respostas dadas no item 11 - alunos

De acordo com o Gráfico 11, foi considerado que a frequência do clube de comunicações “não ajuda” para 2%, “ajuda” para 47% e “ajuda muito” para 51% dos inquiridos a evitar a saída da escola. Assim, consideram-se as respostas 98% favoráveis.

7.2.3 – Inquéritos a professores

No inquérito por questionário realizado a 18 docentes, todos responderam à seguinte questão:

Questão 1 – Considera a existência do clube de comunicações importante para o nosso agrupamento de escolas?



Quadro 29 – Médias e designação da questão 1 - professores

Médias	Designação
$(\geq 3,5)$	Muito importante
$(\geq 2,5 \text{ e } < 3,5)$	Importante
$(\geq 1,5 \text{ e } < 2,5)$	Pouco importante
$(\geq 0 \text{ e } < 1,5)$	Nada importante

Assim sendo, através do seguinte quadro podemos verificar qual a importância que é conferida à existência do clube de comunicações.

Quadro 30 – Média, desvio-padrão e percentagem de respostas do item 1 - professores

Itens	Média	SD	Total %				
			NI	PI	I	MI	
			%	%	%	%	
1) Considera a existência do clube de comunicações importante para o nosso agrupamento de escolas?	3,39	0,50	-	-	61	39	100
Média da dimensão	3,39						
Score	61						

Pela observação e análise do Quadro 30, que representa os resultados obtidos relativamente ao item 1, do grupo de docentes, verifica-se que, para um score máximo possível de 72 pontos (4x18), obteve-se um score do item de 61, com 3,39 de média, ou seja “importante” e um SD de 0,50.

Em relação aos valores médios do item 1, registou uma mediana de “importante” e a MODA também “importante”.

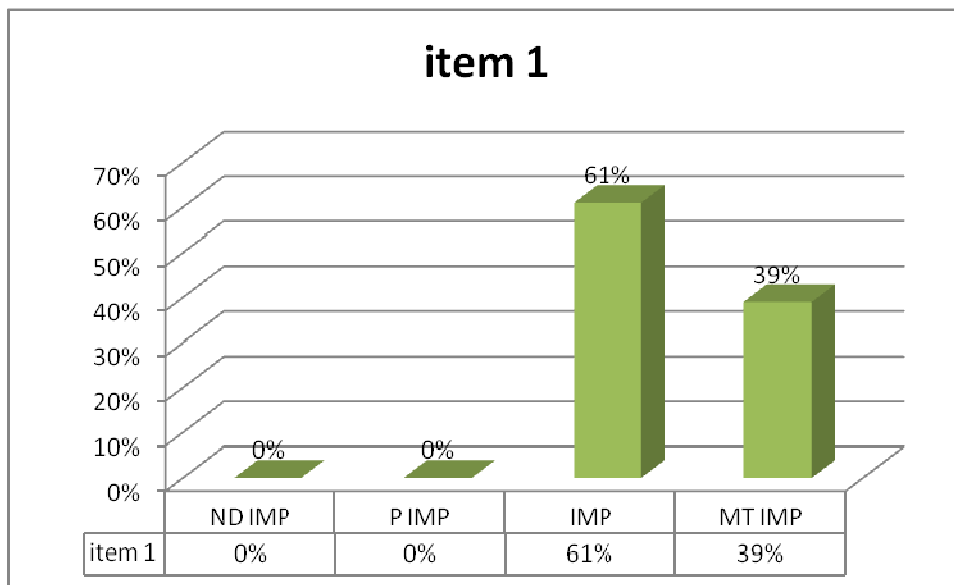


Gráfico 12 – Percentagem das respostas dadas no item 1 - professores

De acordo com o Gráfico 12, a existência do clube de comunicações, para o nosso agrupamento de escolas, foi considerada, ”importante” para 61 % e “muito importante” para 39% dos elementos inquiridos. Assim, consideram-se as respostas 100% favoráveis.

No inquérito por questionário realizado a 18 docentes, todos responderam à seguinte questão:

Questão 11 – Considera que a frequência do clube de comunicações ajuda a evitar o abandono escolar?

Quadro 31 – Médias e designação da questão 11 - professores

Médias	Designação
($\geq 3,5$)	Ajuda muito
($\geq 2,5$ e $<3,5$)	Ajuda
($\geq 1,5$ e $<2,5$)	Ajuda pouco
(≥ 0 e $<1,5$)	Não ajuda

Assim sendo, através do seguinte quadro podemos verificar qual a importância que é conferida ao clube de comunicações na ajuda ao combate ao abandono escolar.



Quadro 32 – Média, desvio-padrão e percentagem de respostas do item 11 - professores

Itens	Média	SD	Total %				
			NA	AP	A	AM	
			%	%	%	%	
11) Considera que a frequência do clube de comunicações ajuda a evitar o abandono escolar?	3,50	0,51	0	0	50	50	100
Média da dimensão	3,50						
Score	63						

Pela observação e análise do Quadro 32, que representa os resultados obtidos relativamente ao item 11, do grupo de docentes, verifica-se que, para um score máximo possível de 72 pontos (4x18), obteve-se um score do item de 63, com 3,50 de média, ou seja, “ajuda muito” e um SD de 0,51.

Em relação aos valores médios do item 11, registou uma mediana de “muito importante” e a MODA também “muito importante”.

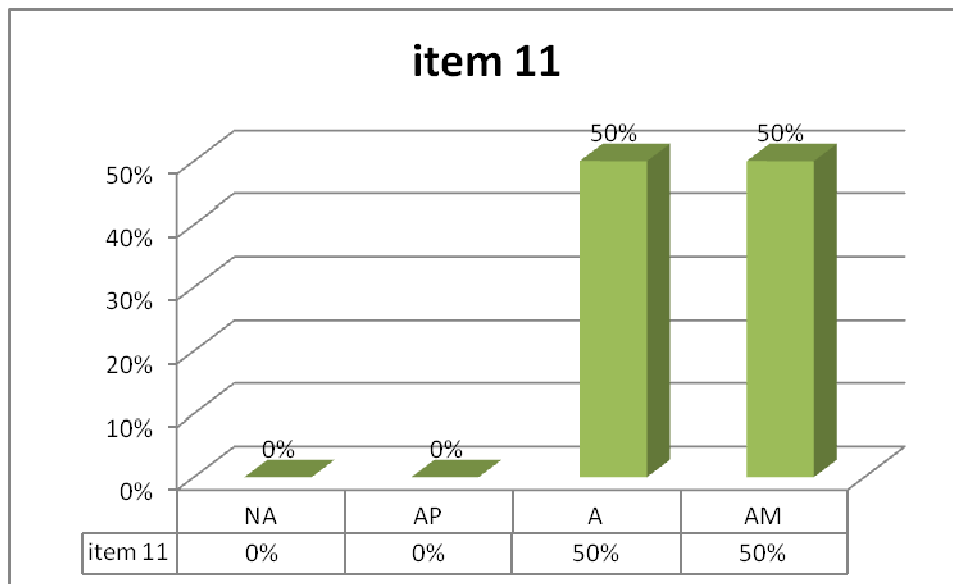


Gráfico 13 – Percentagem das respostas dadas no item 11 – professores

De acordo com o Gráfico 13, foi considerado que a frequência do clube de comunicações “ajuda” e “ajuda muito” a evitar o abandono escolar, por 50%, perspetivamente. Assim, consideram-se as respostas 100% favoráveis.



7.2.4 – Entrevistas a Encarregados de Educação

Nas entrevistas realizadas a 5 encarregados de educação, todos responderam à seguinte questão: O seu educando gosta de frequentar o clube de comunicações? Porquê?

Todos os Encarregados de Educação entrevistados convergiram na opinião francamente positiva, no que respeita à satisfação dos seus educandos em frequentarem o clube de comunicações, ultrapassando até as expectativas. Assim,

- ❖ Salientam a importância da convivência que o clube proporciona (EE1);
- ❖ Sublinharam o gosto dos educandos em comunicar com países estrangeiros (EE1) e (EE2);
- ❖ Notaram a vantagem que existe em ocupar algumas horas livres (EE1);
- ❖ Consideram importante o desenvolvimento de novas experiências (EE2) e (EE5);
- ❖ Assinalam a possibilidade de trabalhar com equipamentos tecnologicamente desenvolvidos (EE3);
- ❖ Verificam a satisfação do educando pelo número de anos que frequenta a clube (EE4);
- ❖ Verificam a satisfação do educando pelos comentários que faz em casa (EE4);
- ❖ Notam que o clube faz com que o educando se sinta bem (EE4);
- ❖ Reconhecem que o educando traz novos elementos para o clube porque gosta de o frequentar (EE4);

Categoria de análise 2 – Gosto em frequentar o clube.

Subcategoria: Perspetiva dos Encarregados de Educação sobre o gosto em estar na escola e as dinâmicas de inclusão.



Quadro 33 – Entrevista a EE – Questão 1

Questão 1	O seu educando gosta de frequentar o clube de comunicações? Porquê?
EE 1	Gosta sim. Ele diz que convive com os outros colegas também. Comunica com pessoas de outros países e gosta. Tem algumas horas que ele gosta de ocupar também...gosta de frequentar o clube.
EE 2	Sim, ele gosta muito de frequentar o clube porque adora comunicar e, principalmente, adora experimentar coisas novas.
EE 3	Sim, posso dizer que sim. As expectativas foram ultrapassadas, uma vez que ele está a gostar de trabalhar com este tipo de maquinaria e fazer contacto com outros povos, com outros amigos.
EE 4	Sim, gosta. Gosta e ela demonstra isso em casa. Já é o 3º ano que está a frequentar o clube e, portanto, demonstra que gosta porque ela vai porque quer e porque é um clube que tem algo de diferente e que faz com que ela se sinta bem. Claro que aqui houve aspetos importantes que acho que influenciaram a ida dela para o clube e o gosto em estar lá: por um lado, ser o professor Paulo (que era professor de História da Maria na altura em que ela foi) e, por outro lado, ter ido com dois ou três colegas com quem ela se dava bem. Com o passar do tempo, foi gostando cada vez mais e acabou por influenciar outros colegas a irem, o que também algo que é importante, também é isso a função, se calhar é um bocadinho isso que o professor Paulo quer e tenta passar para estes alunos é que eles também possam depois também trazer outros. (...) Eu acho que isso demonstra que ela tem gostado e a maneira como ela fala do clube e das atividades que tem desenvolvido... Ela gosta bastante de frequentar o clube e, por isso, vai voluntariamente sem nós dizermos <i>tens que ir</i> ou sem o professor dizer que tem que ir. Portanto, acho que isso é demonstrativo do prazer com que ela está no clube.
EE 5	Sim, bastante. Porque, segundo ele diz, o clube é um espaço que lhe permite estar na aula sem estar na aula, ou seja, em que pode aprender e praticar coisas novas sem a pressão da avaliação, num clima de descontração.

No que diz respeito à segunda questão colocada na entrevista: “ Qual é a sua opinião acerca da utilidade do clube de comunicações?”

Todos os Encarregados de educação entrevistados valorizaram o clube de comunicações de forma francamente positiva, no que respeita à sua utilidade. Assim,

- ❖ Valorizam a utilidade como forma de ocupação de tempos livres à hora de almoço ou ao fim do dia (EE1);
- ❖ Entendem que os alunos podem disfrutar de algo novo e desenvolver a criatividade (EE2);
- ❖ Reconhecem utilidade no facto de os alunos poderem contactar com várias pessoas e ter regras (EE3);
- ❖ Consideram importante o clube ser um espaço informal com todas as suas vantagens (EE4);



- ❖ Assinalam a importância de haver desafios, de aprender a comunicar de outras formas (EE4);
- ❖ Notam que estimula a criatividade e espontaneidade (EE4);
- ❖ Consideram interessante mostrar aos alunos como funcionam os aparelhos usados pelos radioamadores (EE5);
- ❖ Valorizam a possibilidade de despertar a sua atenção para realidades que existem para lá dos muros da escola (EE5).

Categoria de análise 2 – Gosto em frequentar o clube.

Subcategoria: Perspetiva dos Encarregados de Educação sobre a utilidade do clube.

Quadro 34 – Entrevista a EE – Questão 2

Questão 2	Qual é a sua opinião acerca da utilidade do clube de comunicações?
EE 1	Eu acho que tem uma boa utilidade. Porquê? Por exemplo, às vezes naquela horita que eles têm, estão ali... Ou, às vezes, têm muito tempo para o almoço, por exemplo, ou ao fim do dia, então vão para lá. E a utilidade é que têm sempre uma forma de comunicarem, de desenvolverem a expressão oral, por exemplo, e de aprenderem. Ele anda entusiasmado e chega a casa e conta-me como fala e os códigos e essas coisas que utilizam. Ele chega-me lá e diz: “ <i>Olha o nosso código é CS</i> ”... não sei o quê... E lá me está ele a explicar... “ <i>e comunicámos com um russo e estivemos a falar com um alemão...</i> essas coisas assim. Pronto, acho que tem muita utilidade.
EE 2	Acho que é bastante útil porque os alunos podem desfrutar de algo novo para que possam desenvolver a sua criatividade. Acho que podem encontrar ali um motivo inspirador para se desenvolverem intelectualmente.
EE 3	A utilidade prende-se não só com o facto de poder contactar com outras pessoas, mas também de aprender alguma regra que o próprio clube impõe, de saber manusear, de saber respeitar os outros. Particularmente por isso.
EE 4	Eu acho que qualquer clube numa escola é importante. Para já, porque é um espaço onde os alunos estão de uma forma mais informal. Essa questão da informalidade tem vantagens, quer para os alunos na relação entre si, quer para os alunos na relação com o professor. Acho que isso é fundamental numa relação que se estabelece diferente, onde se conversa sobre tudo, onde eles podem conversar sobre questões mais pessoais ou podem conversar sobre questões que têm a ver com o clube (...). Acho que isso tem grandes vantagens para a Maria e para os outros alunos que estão no clube. Enquanto clube de comunicação, acho que, para a Maria, tem muitas vantagens naquilo que tem a ver com áreas que nós achámos que era importante. Uma delas tem a ver com a aprendizagem, com a questão da língua e de poderem utilizar outras línguas e estimular a sua utilização, que era uma necessidade que nós queríamos que a Maria sentisse, (...) para ela ter mais interesse na aprendizagem do inglês por exemplo e sentir que é algo fundamental para a vida dela aprender outras línguas, para além do português. Aprender a comunicar de outras formas também acho que é outra das questões que este clube coloca e os desafios que coloca a estes miúdos que é aprender a comunicar doutras formas sem ser com a linguagem universal, o inglês ou o português e aprender com outros alfabetos, a comunicar com outras pessoas. Acho que isso é fundamental. Depois, a questão de comunicar com outros que não estão ali mas estão noutros lados noutros pontos... no mundo. Podermos comunicar com outras pessoas de outra forma, estando em pontos completamente diferentes e tendo um interesse comum que é a forma diferente de comunicar. E essa comunicação pode servir para nós conhecermos melhor outras regiões do país, do mundo, para conhecermos melhor outras culturas, falarmos com outras pessoas. Isso é bastante vantajoso para também estimular a comunicação deles. Acho que lhes dá outras competências em termos da



	comunicação. Para o português, tem muitas vantagens o facto de eles comunicarem e aprenderem a comunicar de outra forma, porque vão utilizando vocabulário diferente (...) Acho que estimula muito a criatividade. Por outro lado, a questão que tem a ver com quando eu estou a comunicar e tenho que ouvir o que o outro está a dizer e saber explicar-lhe... Isso estimula muito a criatividade, a espontaneidade, o respeito e o interesse pela comunicação.
EE 5	Parece-me que o clube tem várias utilidades: mostrar aos alunos como funcionam os aparelhos usados pelos radioamadores; reforçar regras de comportamento individual; ocupar os seus tempos livres ou até despertar a sua atenção para realidades que existem para lá dos muros da escola.

7.2.5 – Conclusões

No que diz respeito ao prazer de estar na escola e às dinâmicas de inclusão, de acordo com uma triangulação de dados obtidos ao longo da fase de trabalho de campo, os vários sujeitos (antigos e atuais alunos do clube, encarregados de educação e professores) evidenciaram um conjunto de opiniões muito semelhantes e largamente positivas em relação à importância da existência do clube, e portanto em relação à sua utilidade. Também, no que diz respeito à inclusão, transpareceu a evidência que o clube ajuda a evitar a saída da escola.

Assim, os antigos alunos consideraram o clube útil, importante, educativo, cativante e facilitador de partilha de experiências.

Os encarregados de educação deixaram evidente uma opinião francamente positiva no que respeita à satisfação que os seus educandos demonstram em frequentar o clube. Salientam a importância da convivência, do prazer em comunicar com países estrangeiros, da ocupação de horas livres, da aquisição de novas experiências, de trabalhar com equipamentos desenvolvidos, satisfação pelos comentários que o educando faz em casa. No que respeita à utilidade do clube, ela é bastante valorizada. Consideram-no útil porque ocupa os tempos livres, desenvolve a criatividade, é um espaço informal, envolve desafios de comunicar de outras formas, estimula a espontaneidade, mostrar como funcionam equipamentos de radioamador e despertar para realidades diferentes das da escola.

Nos inquiridos por questionário a alunos, 70% consideraram ser muito importante a existência do clube, enquanto 30% considerou importante, ou seja 100% favorável.



No mesmo questionário, 51% dos alunos inquiridos consideraram que a frequência do clube ajuda muito a evitar a saída da escola, enquanto 47% refere que ajuda e 2% acha que não ajuda, ou seja 98% favorável.

Quadro 35 – Itens 1 e 11 de questionário a alunos

Item	Motivo	Média ± SD	Mediana	Moda
1	Consideras a existência do clube de comunicações importante para o nosso agrupamento de escolas?	3,70±0,46	4	4
11	Consideras que a frequência do clube de comunicações ajuda a evitar a saída da escola?	3,47±0,71	4	4

Nos inquiridos por questionário a destinados a professores, 39% consideraram que para o AEG a existência do clube é muito importante e para 61% é importante, ou seja 100% favorável.

No mesmo questionário, 50% consideraram que o clube ajuda muito a evitar o abandono escolar e 50% refere que ajuda, ou seja 100% favorável.

Quadro 36 – Itens 1 e 11 de questionário a professores

Item	Motivo	Média ± SD	Mediana	Moda
1	Considera a existência do clube de comunicações importante para o nosso agrupamento de escolas?	3,39±0,50	3	3
11	Considera que a frequência do clube de comunicações ajuda a evitar o abandono escolar?	3,50±0,51	3,5	4

Verifica-se, assim, que as opiniões e dados recolhidos favorecem a Hipótese Geral 1 (HG₁) – **O clube de radioamadorismo desperta o gosto em estar na escola.** Deste modo, confirma-se a HG₁ colocada no início deste trabalho.

A Hipótese Operacional 1 (HO₁) que incide na variável do aumento ou diminuição do gosto em estar na escola é também verificada pelas evidências colhidas na investigação. Confirma-se assim a hipótese de que a participação no clube de radioamadorismo faz aumentar o gosto em estar na escola.



7.3 – As competências pessoais

No clube de comunicações do AEG todos os alunos interagem de forma muito positiva, os mais velhos prestam uma saudável e eficaz colaboração, ajudando os mais jovens, no que respeita ao processo de integração e dinâmicas próprias do clube. Gohn chama-nos a atenção para estes “*laços de pertencimento*” dos elementos do grupo acrescentando que se fundamentam “*no critério da solidariedade e identificação de interesses comuns*” e são “*parte do processo de construção da cidadania coletiva e pública do grupo*” (Gohn, 2006:30).

O reforço da autoestima é, desta forma, impulsionado pelo desenvolvimento do espírito de grupo e de um conjunto de relações de amizade que, nalgumas ocasiões, se apresentam algo deficitárias à entrada para o clube.

As competências pessoais, ligadas com os afetos, as relações humanas, o espírito de grupo e o trabalho em equipa, são desenvolvidas pelos alunos na sua própria construção das dinâmicas de grupo.

Alguns dos que entram para o clube, são crianças que não têm grandes expectativas face à escola, que nas aulas regulares são considerados alunos problemáticos, quer ao nível cognitivo, quer ao nível comportamental e que, por isso, revelam baixo sucesso académico.

Refira-se que o trabalho colaborativo é uma das dimensões que consideramos mais importantes no radioamadorismo escolar. Ninguém consegue fazer radioamadorismo sozinho. Este projeto vive porque se alimenta da dinâmica de grupo. As tomadas de decisão são ações de natureza coletiva, depois de ouvidas as sugestões dos diversos elementos. Todas as atividades, algumas das quais se realizam em simultâneo, pressupõem uma divisão equilibrada do trabalho e o cumprimento das tarefas atribuídas a cada elemento. Assim, vamos desenvolvendo competências de natureza organizacional, de gestão de tempo, de meios e dos poucos recursos do clube. Estas aprendizagens revelar-se-ão importantes não só no desempenho curricular, como até na vida em sociedade.

A dinamização de um clube de radioamadorismo escolar revela-se também um exercício importante de cidadania. Desenvolve-se uma relação forte entre os alunos que



integram o clube, entre eles e a escola, a comunidade, os professores e toda a comunidade radioamadorística em geral. Gera-se um convite ao respeito pelo outro e à consciência cívica.

7.3.1 – Depoimentos de antigos alunos do clube

7.3.1.1 – Afetos e Relações humanas

Recolhemos depoimentos de alguns antigos alunos do clube sobre o relacionamento entre os seus elementos, assim como sobre atitudes solidárias sentidas no seio do grupo. Todos consideraram haver um relacionamento muito bom entre elementos.

- O aluno 2 salienta ainda a entreatajuda.
- Os alunos 3 e 5 destacam também o clima de amizade entre alunos oriundos de várias turmas.
- O aluno 6 assinala o clima divertido e a possibilidade de conhecer pessoas novas.
- O aluno 9 prefere destacar o papel da rádio no que respeita à ajuda que disponibiliza ao outro.

No quadro abaixo, encontra-se indicado o aluno, bem como o número conferido ao seu depoimento.

Quadro 37 – Depoimentos de alunos sobre afetos e relações humanas

Questão	Achas que no nosso clube, conseguimos ser solidários, amigos uns dos outros? Como?
Aluno 2	Acho que eram solidários e ajudavam-se sempre uns aos outros.
Aluno 3	Sim, sim em todos os aspetos. Quando andávamos aqui no clube, todos éramos amigos uns dos outros, não só os da mesma turma, mas também alunos de outras turmas que nos acolhiam como se fôssemos... éramos novos ainda aqui... Foi positivo, eu acho... Foram ótimos amigos e ajudaram-nos.
Aluno 5	Muitos dos alunos [do 7º, 8º e 9º ajudaram], no ano passado em que eu era do 5º. Havia solidariedade do 7º, 8º e 9º que ajudavam também os do 5º e 6º.
Aluno 6	É muito boa. Divertimo-nos, acima de tudo, e conseguimos conhecer pessoas novas. Agora, em vez de só falarmos com as pessoas da turma, às vezes cruzamos nos corredores: “Então hoje vais ao clube?” Pronto, já são mais amigos e são mais pessoas que conhecemos.
Aluno 8	Acho que sim. Não há discussões, não há muito alarido... até é calmo.
Aluno 9	Acho que sim, acho que se consegue ser solidário porque o rádio não é só para



falar também é para quando há em situações problema. [As pessoas] andam a comunicar umas com as outras e a ajudar, por exemplo, [dão] dicas para o que se pode fazer quando se tem um problema. É através do rádio que as pessoas, a ajudar, também conseguem ser mais solidárias.

7.3.1.2 – O Espírito de Grupo

Recolhemos depoimentos de alguns alunos do clube sobre o espírito de grupo. Todos consideraram haver uma boa camaradagem e muito apoio e ajuda no processo de integração dos novos elementos.

- O aluno 1 realça a inexistência de barreiras ao nível de idade.
- O aluno 3 destaca a forma como são recebidos e integrados os elementos que entram no clube.
- O aluno 5 valoriza a amizade e o espírito de descontração, entreaajuda, nomeadamente na integração daqueles que chegam ao clube.
- O aluno 6 assinala a importância da ajuda mútua, considerando mesmo ser um exemplo a seguir.
- Os alunos 7 e 8 reconhecem ser excelente e fantástico o espírito de grupo, em que os mais velhos ajudam os mais novos.
- O aluno 9 valoriza o ambiente acolhedor, “confortável” proporcionado aos novos. Caracteriza ainda o espaço como sendo, como sendo “*bom e tranquilo, calmo, alegre e também descontraído*”.

Quadro 38 – Depoimentos de alunos sobre espírito de grupo

Questão	Como é que é o relacionamento entre jovens do segundo ciclo, do terceiro ciclo?
Aluno 1	É como se fossemos da mesma idade. Vai-se convivendo da mesma forma. É pelo rádio, por isso...
Questão	Como é que tu achas que o nosso clube trata os colegas mais jovens quando chegam?
Aluno 3	Trata bem. Começa a dizer-lhe o que será necessário saber, as regras (devemos fazer tudo o que deverá ser correto, não devemos andar a brincar nem a fazer muitas palhaçadas pois pode atrapalhar outro colega e assim até pode ... podemos estar a estragar como se fosse... como por exemplo uma nota. Podemos estragar mais ou menos o comportamento).
Questão	Como é que achas que o nosso clube funciona ao nível da cooperação, da entreaajuda? Elas existem entre os diversos elementos?
Aluno 5	Até criamos mais amizade. Porque podemos já ser amigos, mas se estivermos (...) a falar no rádio e isso... estamos descontraídos e acho que criamos mais



	amizade até do que se estivermos na rua.
Aluno 8	Eu acho que sim. Acho que, por exemplo, quando estou a fazer uma coisa em PSK, posso não saber fazer o que vem a seguir. Pode chegar alguém com mais experiência e explicar como é que hei de fazer.
Questão	E quanto ao espírito de grupo?
Aluno 5	Há muito. Há muita entreajuda e espírito de grupo para ajudar o outro a aprender mais. Por exemplo, aos que vêm novos, os que já estão lá há mais tempo ajudam-nos muito.
Aluno 6	É bom, nós ajudamo-nos muito uns aos outros, conhecemo-nos bem, fazemos amigos novos acima de tudo. Eu acho que [há] um grande espírito de grupo e é um exemplo a seguir.
Aluno 7	Bem, bem está fantástico. Está excelente. Podemos ajudá-los, os mais velhos têm que ajudar os mais novos.
Questão	Achas que isso [espírito de grupo] ajuda os colegas mais novos que chegam pela primeira vez?
Aluno 9	Acho que sim. Ajuda porque eles quando entram no clube não conhecem ninguém e nós fazemos com que eles se possam sentir confortáveis, como se estivessem num espaço bom e tranquilo, calmo, alegre e também descontraído. Acho que isso se faz muito, acontece muito.

7.3.1.3 – O Trabalho em Equipa

Recolhemos depoimentos de alguns alunos do clube sobre o trabalho em equipa. Todos foram unânimes em reconhecer a importância que as ações de tipo colaborativo têm no grupo.

- O aluno 6 destaca a entreajuda dentro do grupo quando alguém se engana ou falha.
- O aluno 9 realça a capacidade de interação entre os elementos, que reforça o sentimento de amizade. Considera importante o trabalho em equipa entre alunos de diversos anos de escolaridade, embora com algumas limitações. Quando confrontado com a hipótese de trabalho em equipa entre alunos do segundo ciclo e do secundário, já é mais cético e cuidadoso na abordagem ao tema. Porém não rejeitará a realização de atividades com alunos mais novos quando for mais velho.



Quadro 39 – Depoimentos de alunos sobre trabalho em equipa

Questão	Tu achas que, no nosso clube, trabalhamos em equipa?
Aluno 6	Sim. Às vezes, quando falamos e quando cometemos algum erro ou assim, os outros podem-nos ajudar e dizer: “ <i>Olha, não era assim, por acaso essa letra diz-se assim no alfabeto fonético</i> ”.
Questão	No nosso clube, como fazemos muitas atividades em grupo, nunca estamos sozinhos, estamos sempre com companhia. Achas que isso é positivo?
Aluno 9	Acho... É bom porque nós estamos a interagir todos juntos e faz com que nós também fiquemos a ser mais amigos. Aprendemos a ser amigos das pessoas, a ajudar, a ser solidários.
Questão	É importante que os alunos do 2º Ciclo e os do 3º partilhem as mesmas atividades?
Aluno 9	Acho que é bom para os mais novos e também para os mais velhos. Todos juntos (...) temos uma coisa boa... não sei como explicar, mas acho que é bom.
Questão	E se for com colegas do secundário?
Aluno 9	Na minha opinião, assim já tão...tão mais velhos, acho que não porque depois fazem uma diferença muito grande de idades.
Questão	Se tu estivesse no 10º ano e eu te propusesse uma atividade em conjunto com alunos mais pequeninos, do 5ºano, tu rejeitá-la-ias?
Aluno 9	Não! Eu ia aceitar, se fosse eu, eu aceitava, porque não tenho problemas em fazer atividades com os mais novos.

7.3.2 – Inquéritos a alunos do clube

No inquérito por questionário realizado a 47 alunos, todos responderam às seguintes questões:

7.3.2.1 – Afetos e relações humanas

Questão 5 - Consideras que a frequência do clube de comunicações permite aumentar a tua capacidade de ser solidário?

Quadro 40 – Médias e designação da questão 5- alunos

Médias	Designação
($\geq 3,5$)	Permite muito
($\geq 2,5$ e $<3,5$)	Permite
($\geq 1,5$ e $<2,5$)	Permite pouco
(≥ 0 e $<1,5$)	Não permite



Assim sendo, através do seguinte quadro podemos verificar qual a importância que é conferida à existência do clube de comunicações na promoção da solidariedade.

Quadro 41 – Média, desvio-padrão e percentagem de respostas do item 5 - alunos

Itens	Média	SD	Total %				
			NP	PP	P	PM	
			%	%	%	%	
5) Consideras que a frequência do clube de comunicações permite aumentar a tua capacidade de ser solidário?	3,53	0,59	0	2	43	55	100
Média da dimensão	3,53						
Score	166						

Pela observação e análise do Quadro 41, que representa os resultados obtidos relativamente ao item 5, do grupo de discentes, verifica-se que, para um score máximo possível de 188 pontos (4x47), obteve-se um score do item de 166, com 3,53 de média, ou seja “permite muito” e um SD de 0,59.

Em relação aos valores médios do item 5, registou uma mediana de “permite muito” e a MODA também “permite muito”.

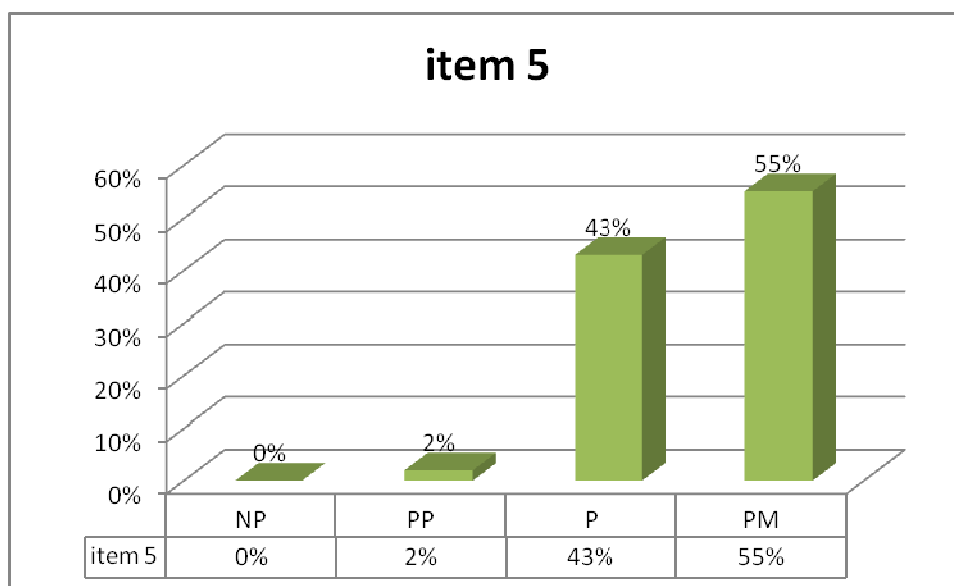


Gráfico 14 – Percentagem das respostas dadas no item 5 - alunos



De acordo com o Gráfico 14, foi considerado pelos inquiridos que o clube de comunicações “permite pouco” para 2%, ” permite” para 43 % e “permite muito” para 55% aumentar a sua capacidade de ser solidário. Assim, consideram-se as respostas 98% favoráveis.

7.3.2.2 - Espírito de grupo

Questão 7 – Consideras que a frequência do clube te faz desenvolver o espírito de grupo?

Quadro 42 – Médias e designação da questão 7 - alunos

Médias	Designação
($\geq 3,5$)	Desenvolve muito
($\geq 2,5$ e $<3,5$)	Desenvolve
($\geq 1,5$ e $<2,5$)	Desenvolve pouco

Assim sendo, através do seguinte quadro podemos verificar qual a importância que é conferida à existência do clube de comunicações na promoção do espírito de grupo.

Quadro 43 – Média, desvio-padrão e percentagem de respostas do item 7 - alunos

Itens	Média	SD	Total %				
			ND	DP	D	DM	
			%	%	%	%	
7) Consideras que a frequência do clube te faz desenvolver o espírito de grupo?	3,85	0,37	0	0	15	85	100
Média da dimensão	3,85						
Score	181						

Pela observação e análise do Quadro 43, que representa os resultados obtidos relativamente ao item 7, do grupo de discentes, verifica-se que, para um score máximo possível de 188 pontos (4x47), obteve-se um score do item de 181, com 3,85 de média, ou seja, “desenvolve muito” e um SD de 0,37.

Em relação aos valores médios do item 7, registou uma mediana de “desenvolve muito” e a MODA também “desenvolve muito”

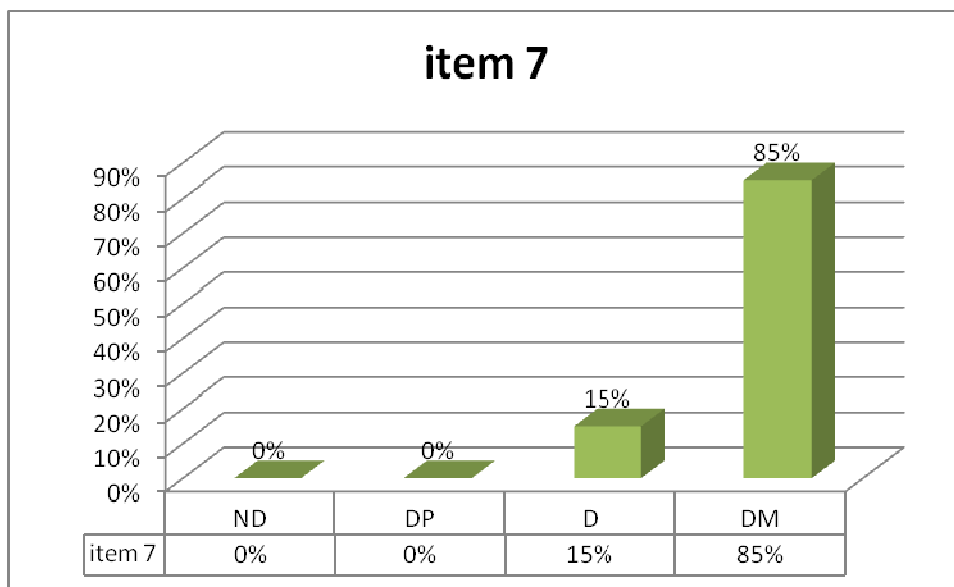


Gráfico 15 – Percentagem das respostas dadas no item 7 - alunos

De acordo com o Gráfico 15, foi considerado que a frequência do clube “desenvolve”, o espírito de grupo, para 15 % e “desenvolve muito” para 85% dos elementos inquiridos, Assim, consideram-se as respostas 100% favoráveis.

7.3.2.3 - Trabalho em equipa

Questão 6 - Consideras que a frequência do clube de comunicações te motiva a ser cooperante com os teus colegas?

Quadro 44 – Médias e designação da questão 6 - alunos

Médias	Designação
($\geq 3,5$)	Motiva muito
($\geq 2,5$ e $<3,5$)	Motiva
($\geq 1,5$ e $<2,5$)	Motiva pouco
(≥ 0 e $<1,5$)	Não motiva



Assim sendo, através do seguinte quadro podemos verificar qual a importância que é conferida ao clube de comunicações quanto à cooperação entre pares.

Quadro 45 – Média, desvio-padrão e percentagem de respostas do item 6 - alunos

Itens	Média	SD	Total %				
			NM %	MP %	M %	MM %	
6) Consideras que a frequência do clube de comunicações te motiva a ser cooperante com os teus colegas?	3,68	0,48	0	0	32	68	100
Média da dimensão	3,68						
Score	173						

Pela observação e análise do Quadro 45, que representa os resultados obtidos relativamente ao item 6, do grupo de discentes, verifica-se que, para um score máximo possível de 188 pontos (4x47), obteve-se um score do item de 173, com 3,68 de média, ou seja “motiva muito” e um SD de 0,48.

Em relação aos valores médios do item 6, registou uma mediana de “motiva muito” e a MODA também “motiva muito”.

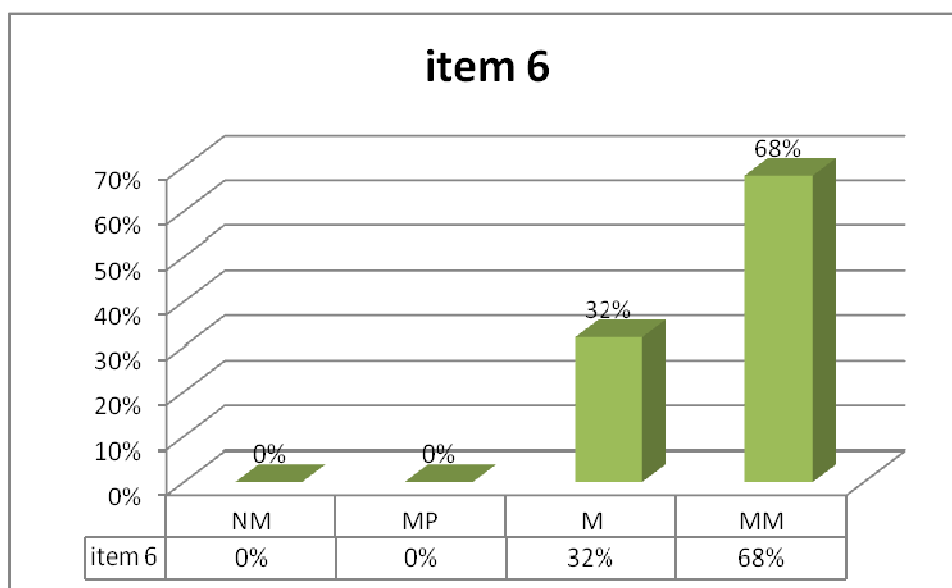


Gráfico 16 – Percentagem das respostas dadas no item 6 - alunos



De acordo com o Gráfico 16, foi considerado que a frequência do clube de comunicações "motiva", a ser cooperante com os colegas, para 56 % e "motiva muito" por 44% dos elementos. Assim, consideram-se as respostas 100% favoráveis.

Questão 9 – Consideras importante partilhar atividades com colegas de outros anos de escolaridade?

Quadro 46 – Médias e designação da questão 9 - alunos

Médias	Designação
($\geq 3,5$)	Muito importante
($\geq 2,5$ e $<3,5$)	Importante
($\geq 1,5$ e $<2,5$)	Pouco importante
(≥ 0 e $<1,5$)	Nada importante

Assim sendo, através do seguinte quadro podemos verificar qual a importância que é conferida ao clube de comunicações quanto à partilha de atividades com colegas de outros anos.

Quadro 47 – Média, desvio-padrão e percentagem de respostas do item 9 - alunos

Itens	Média	SD	Total %				
			NI %	PI %	I %	MI %	
9) Consideras importante partilhar atividades com colegas de outros anos de escolaridade?	3,38	0,51	0	0	62	38	100
Média da dimensão	3,38						
Score	159						

Pela observação e análise do Quadro 47, que representa os resultados obtidos relativamente ao item 9, do grupo de discentes, verifica-se que, para um score máximo possível de 188 pontos (4x47), obteve-se um score do item de 159, com 3,38 de média, ou seja, "importante" e um SD de 0,51.

Em relação aos valores médios do item 9, registou uma mediana de “importante” e a MODA também “importante”.

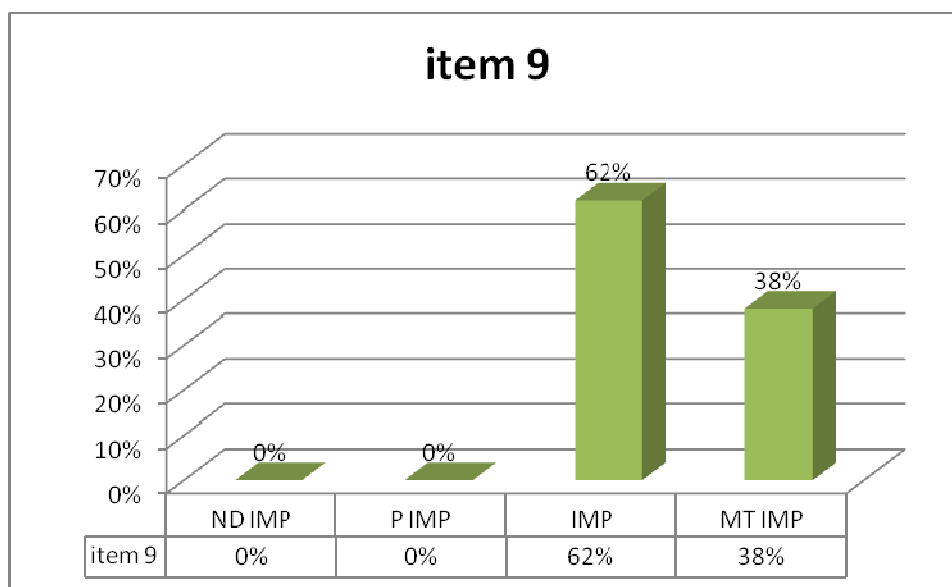


Gráfico 17 – Percentagem das respostas dadas no item 9 - alunos

De acordo com o gráfico 17, partilhar atividades com colegas de outros anos de escolaridade foi considerado “importante” para 62 % e “muito importante” para 38% dos elementos inquiridos. Assim, consideram-se as respostas 100% favoráveis.

Questão 16 – Como avalias o teu relacionamento com os restantes colegas de clube?

Quadro 48 – Médias e designação da questão 16 - alunos

Médias	Designação
($\geq 3,5$)	Excelente
($\geq 2,5$ e $<3,5$)	Bom
($\geq 1,5$ e $<2,5$)	Satisfatório
(≥ 0 e $<1,5$)	Razoável



Assim sendo, através do seguinte quadro podemos verificar qual a avaliação que os alunos radioamadores fazem do relacionamento com os seus pares.

Quadro 49 – Média, desvio-padrão e percentagem de respostas do item 16 - alunos

Itens	Média	SD	Total %				
			R	S	B	E	
	%	%	%	%			
16) Como avalias o teu relacionamento com os restantes colegas de clube?	3,68	0,48	0	0	32	68	100
Média da dimensão	3,68						
Score	173						

Pela observação e análise do Quadro 49, que representa os resultados obtidos relativamente ao item 16, do grupo de discentes, verifica-se que, para um score máximo possível de 188 pontos (4x47), obteve-se um score do item de 173, com 3,68 de média, ou seja, “excelente” e um SD de 0,48.

Em relação aos valores médios do item 16, registou uma mediana de “bom” e a MODA também “bom”.

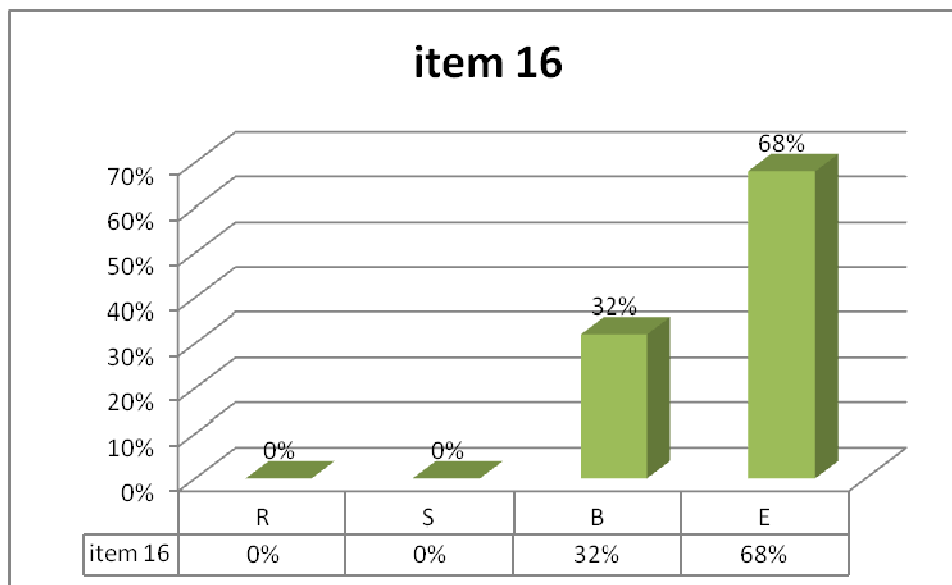


Gráfico 18 – Percentagem das respostas dadas no item 16 - alunos

De acordo com o Gráfico 18, o relacionamento com os restantes colegas de clube foi considerado “bom” por 32% e “excelente” por 68% dos inquiridos. Assim, consideram-se as respostas 100% favoráveis.



7.3.3 – Inquéritos a professores

No inquérito por questionário realizado a 18 docentes, todos responderam às seguintes questões:

7.3.3.1 – Afetos e Relações Humanas

Questão 5 – Considera que a frequência do clube de comunicações permite aos nossos alunos aumentar a sua capacidade de serem solidários?

Quadro 50 – Médias e designação da questão 5 - professores

Médias	Designação
$(\geq 3,5)$	Permite muito
$(\geq 2,5 \text{ e } <3,5)$	Permite
$(\geq 1,5 \text{ e } <2,5)$	Permite pouco
$(\geq 0 \text{ e } <1,5)$	Não permite

Assim sendo, através do seguinte quadro podemos verificar, qual a perceção dos inquiridos, no que respeita à influência do clube de comunicações no incremento da capacidade de ser solidário.



Quadro 51 – Média, desvio-padrão e percentagem de respostas do item 5 – professores

Itens	Média	SD	Total %				
			NP	PP	P	PM	
			%	%	%	%	
5) Considera que a frequência do clube de comunicações permite aos nossos alunos aumentar a sua capacidade de serem solidários?	3,56	0,51	0	0	44	56	100
Média da dimensão	3,56						
Score	64						

Pela observação e análise do Quadro 51, que representa os resultados obtidos relativamente ao item 5, do grupo de docentes, verifica-se que, para um score máximo possível de 72 pontos (4x18), obteve-se um score do item de 64, com 3,56 de média, ou seja, “permite muito” e um SD de 0,51.

Em relação aos valores médios do item 5, registou uma mediana de “permite muito” e a MODA também “permite muito”. Assim, consideram-se as respostas 100% favoráveis.

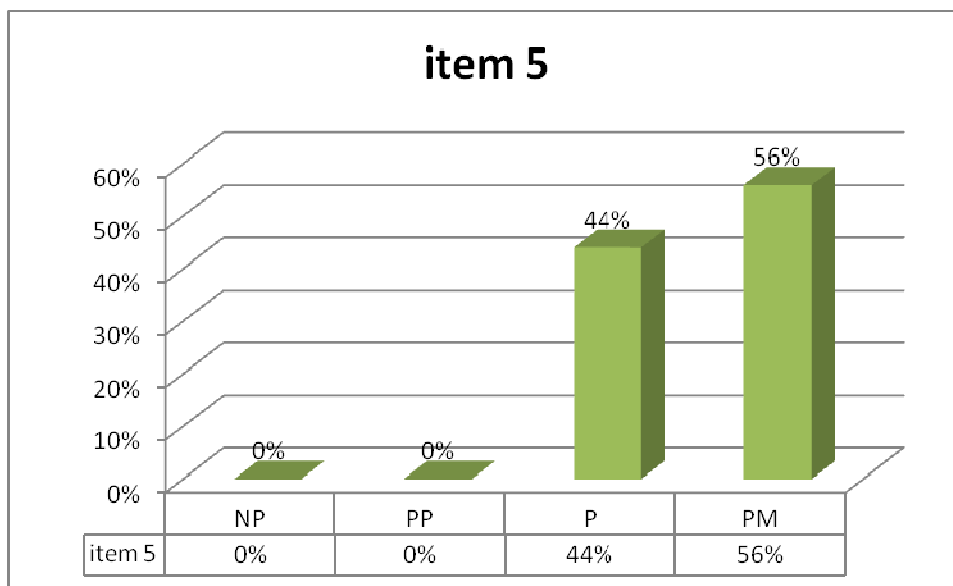


Gráfico19 – Percentagem das respostas dadas no item 5 - professores



De acordo com o Gráfico 19, foi considerado que a frequência do clube de comunicações "permite" aumentar a sua capacidade de serem solidários para 44 % enquanto "permite muito" para 56% dos elementos inquiridos.

7.3.3.2 – Espírito de grupo

Questão 7 – Considera que a frequência do clube faz desenvolver nos nossos alunos o espírito de grupo?

Quadro 52 – Médias e designação da questão 7 - professores

Médias	Designação
($\geq 3,5$)	Desenvolve muito
($\geq 2,5$ e $<3,5$)	Desenvolve
($\geq 1,5$ e $<2,5$)	Desenvolve pouco
(≥ 0 e $<1,5$)	Não desenvolve

Assim sendo, através do seguinte quadro podemos verificar se, para os inquiridos, o clube de comunicação ajuda a desenvolver o espírito de grupo.

Quadro 53 – Média, desvio-padrão e percentagem de respostas do item 7 – professores

Itens	Média	SD	Total %				
			ND %	DP %	D %	DM %	
7) Considera que a frequência do clube faz desenvolver nos nossos alunos o espírito de grupo?	3,56	0,51	0	0	44	56	100
Média da dimensão	3,56						
Score	64						

Pela observação e análise do Quadro 53, que representa os resultados obtidos relativamente aos itens 7, do grupo de docentes, verifica-se que, para um score máximo possível de 72 pontos (4x18), obteve-se um score do item de 64, com 3,56 de média, ou seja, "desenvolve muito" e um SD de 0,51.

Em relação aos valores médios do item 7, registou uma mediana de “desenvolve muito” e a MODA também “desenvolve muito”.

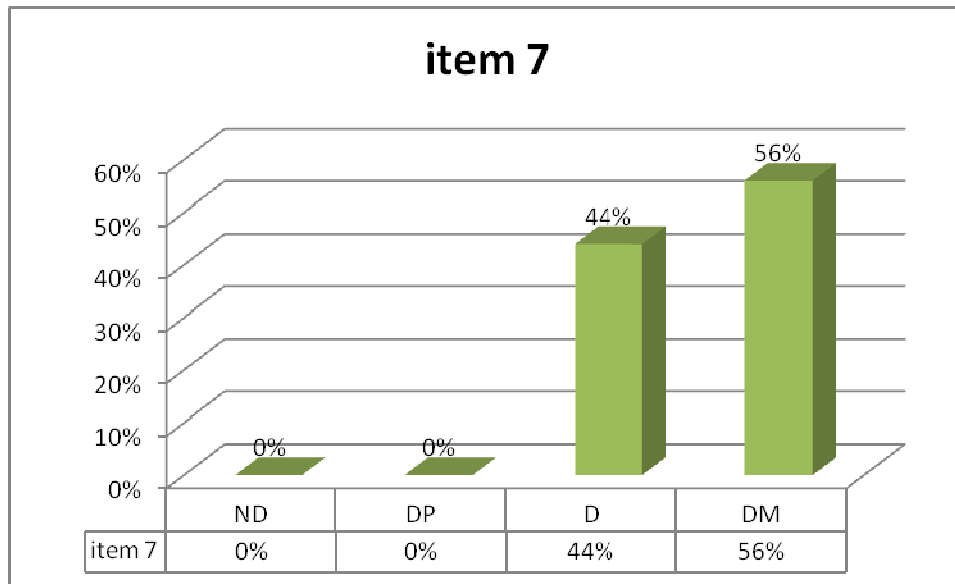


Gráfico 20 – Percentagem das respostas dadas no item 7 – professores

De acordo com o gráfico 20, foi considerado que a frequência do clube “desenvolve” o espírito de grupo entre os alunos para 44 % e “desenvolve muito” para 56% dos elementos inquiridos. Assim, consideram-se as respostas 100% favoráveis.

7.3.3.3 – Trabalho em equipa

Questão 6 – Considera que a frequência do clube de comunicações motiva os nossos alunos a serem cooperantes com os seus colegas?

Quadro 54 – Médias e designação da questão 6 - professores

Médias	Designação
($\geq 3,5$)	Motiva muito
($\geq 2,5$ e $<3,5$)	Motiva
($\geq 1,5$ e $<2,5$)	Motiva pouco
(≥ 0 e $<1,5$)	Não motiva

Assim sendo, através do seguinte quadro podemos verificar se, para os inquiridos, o clube de comunicação motiva os alunos a serem cooperantes.



Quadro 55 – Média, desvio-padrão e percentagem de respostas do item 6 - professores

Itens	Média	SD	Total %				
			NM	MP	M	MM	
			%	%	%	%	
6) Considera que a frequência do clube de comunicações motiva os nossos alunos a serem cooperantes com os seus colegas?	3,44	0,51	0	0	56	44	100
Média da dimensão	3,44						
Score	62						

Pela observação e análise do Quadro 55, que representa os resultados obtidos relativamente ao item 6, do grupo de docentes, verifica-se que, para um score máximo possível de 72 pontos (4x18), obteve-se um score do item de 62, com 3,44 de média, ou seja, “motiva” e um SD de 0,51.

Em relação aos valores médios do item 6, registou uma mediana de “motiva” e a MODA também “motiva”.

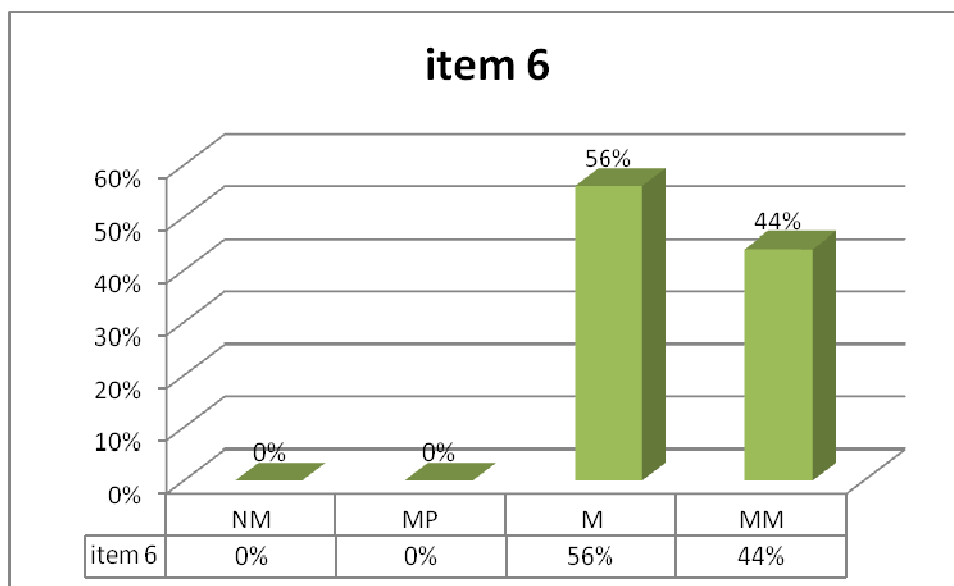


Gráfico 21 – Percentagem das respostas dadas no item 6 - professores

De acordo com o Gráfico 21, foi considerado que a frequência do clube de comunicações “motiva” os nossos alunos a serem cooperantes com os seus colegas para



56 % e “motiva muito” para 44% dos elementos inquiridos. Assim, consideram-se as respostas 100% favoráveis.

Questão 9 – Considera importante, dentro do clube, partilharem atividades alunos de diferentes anos de escolaridade?

Quadro 56 – Médias e designação da questão 9 - professores

Médias	Designação
($\geq 3,5$)	Muito importante
($\geq 2,5$ e $<3,5$)	Importante
($\geq 1,5$ e $<2,5$)	Pouco importante
(≥ 0 e $<1,5$)	Nada importante

Assim sendo, através do seguinte quadro podemos verificar se, para os inquiridos, o clube de comunicação ajuda a desenvolver o espírito de partilha entre os alunos.

Quadro 57 – Média, desvio-padrão e percentagem de respostas do item 9 - professores

Itens	Média	SD	Total %				
			NI	PI	I	MI	
			%	%	%	%	
9) Considera importante, dentro do clube, partilharem atividades alunos de diferentes anos de escolaridade?	3,61	0,50	0	0	39	61	100
Média da dimensão	3,61						
Score	65						

Pela observação e análise do Quadro 57, que representa os resultados obtidos relativamente ao item 9, do grupo de docentes, verifica-se que, para um score máximo possível de 72 pontos (4x18), obteve-se um score do item de 65, com 3,61 de média, ou seja, “muito importante” e um SD de 0,50.

Em relação aos valores médios do item 9, registou uma mediana de “muito importante” e a MODA também “muito importante”.

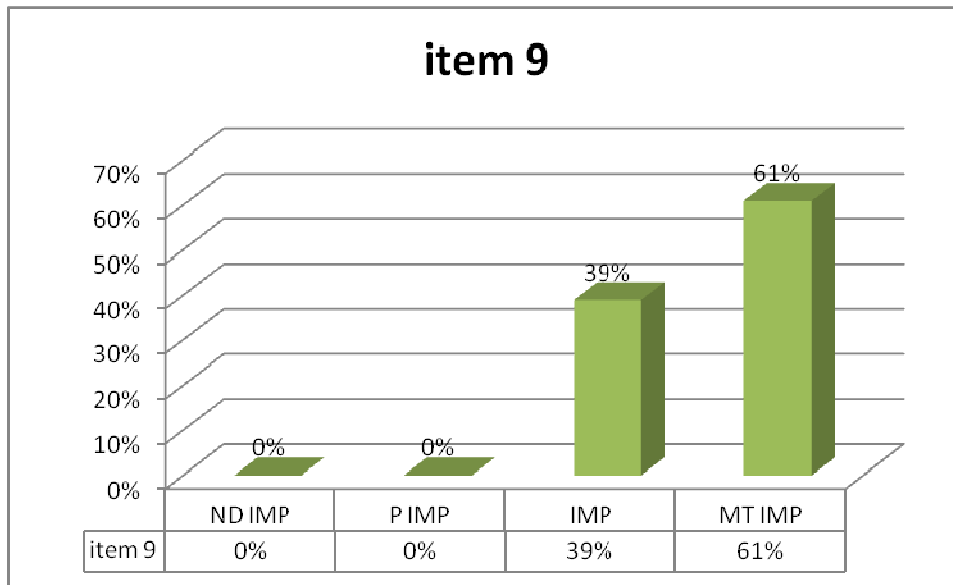


Gráfico 22 – Percentagem das respostas dadas no item 9 - professores

De acordo com o Gráfico 22, foi considerado “importante” haver partilha de atividades entre alunos de diferentes anos de escolaridade, dentro do clube, por 39 % dos e “muito importante” por 61%, elementos inquiridos. Assim, consideram-se as respostas 100% favoráveis.

7.3.4 - Entrevistas a Encarregados de Educação

7.3.4.1 – Afetos e Relações Humanas

Todos os Encarregados de educação entrevistados transmitiram uma opinião francamente positiva, no que respeita à existência de sentimentos de afeto e relações humanas. Assim:

- ❖ Reconhecem que os alunos desenvolvem a capacidade de partilha (EE1);
- ❖ Notam que os jovens se preocupam mais com os outros (EE2);
- ❖ Verificam que os alunos estão disponíveis para ajudar e recetivos a serem ajudados (EE3);
- ❖ Valorizam a forma de integração dos novos elementos (EE4);
- ❖ Reconhecem a importância de os alunos se sentirem valorizados (EE4);



- ❖ Dão relevo a atividades que sejam informais, que promovam uma relação com os professores, diferente daquela que se estabelece dentro da aula e que promove todas as questões que têm a ver com o ser mais solidário (EE4);
- ❖ Reconhecem que a escola é, cada vez menos, um espaço onde os alunos têm outras atividades extracurriculares que lhes deem prazer fazer e onde adquiram outras aprendizagens, de modo a serem mais solidários (EE4);
- ❖ Assinalam o papel solidário do radioamadorismo ao longo da sua história (EE5);
- ❖ Notam os alunos mais incentivados a ajudar e a apoiar os colegas mais novos e a envolver-se mais em projetos locais de solidariedade (EE5).

Categoria de análise 3 – Competências pessoais.

Subcategoria: Perspetiva dos Encarregados de Educação sobre a capacidade do seu educando ser solidário.

Quadro 58 – Entrevista a EE – questão 5

Questão 5	Considera que o clube de comunicações promove no seu educando a capacidade de ser solidário? Como nota isso?
EE 1	Eu acho que sim, porque (...) há, às vezes, um pedido de ajuda, por exemplo, ou sei lá... Acho que há sempre uma maneira de partilhar, digo eu, mesmo até com alguém que esteja no clube, por exemplo, entre eles. Eu noto porque às vezes ele diz que ajuda, porque quando foi para lá não sabia. Não sabia nem tinha a ideia. Depois foi, entusiasmou-se muito e gosta. Continua lá porque gosta muito do clube.
EE 2	Sim, eu acho que sim, porque, desde que entrou para o clube de comunicação, noto que tem uma maior preocupação com os outros, tanto no aspeto social como nos problemas que cada um tem.
EE 3	(...) Acredito que sim. É uma atividade que obriga a pedir ajuda ao outro e, simultaneamente, a ajudar o outro quando ele precisa. Neste tipo de atividade há um momento de aprendizagem e, depois de a adquirir é necessário também transmiti[-la] a outros que entrem para o clube, portanto. Isto é, quando nós mexemos em máquinas é preciso saber trabalhar com as máquinas, com os aparelhos e, neste aspeto, acho que sim, pode promover a solidariedade entre eles.
EE 4	Sim, claro. Eu acho que olhando para o grupo, por aquilo que eu percebo, do funcionamento do grupo, isso está subjacente ao funcionamento do próprio clube que é... e tem a ver um bocadinho com aquilo eu senti na Maria quando ela entrou. Sinto que, quando ela fala no clube, que é importante a integração dos novos elementos, aliás, a maneira como ela foi integrada e agora a maneira como ela integra os outros é um processo que eles fazem de uma forma natural. Percebe-se que eles já sabem qual é o papel deles, quer dizer, quando entram não sabem muito bem, mas depois, com o passar do tempo, percebem que tal como eles quando entraram estavam lá os mais velhos para os poderem integrar, agora são eles os mais velhos que têm de fazer essa integração dos outros e esta integração é fundamental. Saber fazer esta integração e saber partilhar com



	<p>outros as experiências que eles também já aprenderam para que os outros também possam aprender. Para já, valoriza-os. Eles sentem-se valorizados e eu acho que isso é importante e, por outro lado, dá-lhes uma capacitação para estarem em grupo que eu acho que é fundamental, hoje, nas escolas que é a questão de saber respeitar os outros independentemente da sua condição social, económica, etc. (...) Acho que haver atividades que sejam mais informais, que promovam uma relação com os professores que é completamente diferente daquela que se estabelece dentro da aula e que promove todas estas questões que têm a ver com o ser mais solidário, as questões culturais, o saber integrar, o saber estar na escola. (...) Claro que não é só, mas passará também por aqui por a escola cada vez ser menos um espaço onde eles têm outras atividades extracurriculares que lhes deem prazer fazer e onde eles possam ter outras aprendizagens, abrindo o leque de serem mais solidários. Acho que isso faz falta nas escolas. (...) É uma diferença grande e é uma oportunidade excelente para os miúdos. (...) Este tipo de clubes que sejam diferentes e que lhes possam proporcionar experiências diferentes, alargar esses tais horizontes e conhecimentos são muito importantes para os miúdos. Acho que isso faz falta nas escolas.</p>
EE 5	<p>Sim, ao contactar com esta atividade, ele apercebeu-se dos episódios de solidariedade que a história do radioamadorismo tem envolvido. Além disso, sentiu-se mais incentivado a ajudar e a apoiar os colegas mais novos, por exemplo, ou a envolver-se mais em projetos locais de solidariedade.</p>

7.3.4.2 – Espírito de Grupo

Todos os Encarregados de educação entrevistados passaram uma opinião francamente positiva do clube, no que respeita ao espírito de grupo. Assim:

- ❖ Consideram ser positivo a cooperação entre elementos de idades diferentes (EE1);
- ❖ Valorizam a construção de ideias em grupo (EE2);
- ❖ Dão importância ao coletivo em relação ao individual (EE2);
- ❖ Entendem que o trabalho desenvolvido só será eficaz se existir um espírito de partilha e entreajuda (EE3);
- ❖ Assinalam a importância do espírito de grupo para o sucesso do clube e das comunicações efetuadas para os mais diversos locais (EE3);
- ❖ Assinalam a importância do sentimento de grupo, no que respeita ao integrar e ser integrado (EE4);
- ❖ Destacam a capacidade de partilha de experiências em grupo (EE4);



- ❖ Notam a vantagem de trazerem para fora as aprendizagens realizadas no seio do grupo (EE4);
- ❖ Entendem que o espírito de grupo reduz a importância das diferenças de idades entre os elementos (EE4);
- ❖ Entendem que se os educandos se sentem bem, é porque o grupo funciona bem (EE4);
- ❖ Considera que se os alunos aprendem a trabalhar em grupo, isso faz desenvolver o espírito de entreajuda, dentro e fora da escola (EE5).

Categoria de análise 3 – Competências pessoais.

Subcategoria: Perspetiva dos Encarregados de Educação sobre a capacidade do seu educando desenvolver o espírito de grupo.

Quadro 59 – Entrevista a EE – questão 7

Questão 7	Considera que o clube de comunicações faz desenvolver o espírito de grupo no seu educando? De que forma?
EE 1	Faz. Faz porque, segundo ele me diz, no clube não são todos da mesma idade nem do mesmo nível. Por exemplo, quando ele lá chegou, no 5º, estavam outros mais velhos que também o ensinaram, portanto como é um grupo em que há diferentes idades acho que é uma forma de desenvolver muito o trabalho de grupo. Acho e concordo.
EE 2	Sim, eu acho que sim, (...) uma cabeça pode sugerir novas ideias para o trabalho em grupo. E então, todos juntos, acho que podem ter ideias bonitas que só um não era capaz de poder desenvolver.
EE 3	Se não houver um espírito de partilha, um espírito de entreajuda não se consegue comunicar, trabalhar de uma forma eficaz. Logo, este espírito de grupo tem que estar subjacente a esta atividade e só com a ajuda partilhada entre os vários elementos que constituem o clube é que podem ir mais além e ter contactos, os mais variados, e em número elevado com os vários povos com que o fazem.
EE 4	Sim, claro. Como já referi, aliás, o clube é um grupo e eles sentem-se como um grupo (...). Quando sou mais velho, integro os outros, quando sou mais novo sou integrado. Não tem a ver com as idades, tem a ver com as experiências que eu já vivi, os anos que aqui estou e vou partilhando com os outros esses conhecimentos e vou mostrando aos outros aquilo que já sou capaz de fazer e os outros mostram-me aquilo que são capazes de fazer e que foram aprendendo a fazer. Há aí esse espírito (...) de estar, de fazer as coisas em grupo, de não ser individual, de não ser o melhor. Todos estamos aqui... cada um vai lidando com as suas experiências e vamos partilhando com os outros, vamos vendo, assistindo, colaborando e aprendendo uns com os outros. (...) Claro que isto depois tem a ver com a individualidade de cada miúdo, como é óbvio, mas acaba sempre por influenciar de alguma forma. E depois, a forma como eles trazem cá para fora, para a sua vida normal, para fora do clube, essas experiências de estar ali em grupo para a sua convivência com os outros (...). Eu estava a falar de individualidade nesse aspeto. Há, nesse grupo, com certeza, miúdos que conseguem mais facilmente trazer isso cá para fora e saber lidar em grupo e saber estar em grupo, outros vão ter que fazer uma aprendizagem com mais tempo, mas isso tem a ver com a individualidade (...). De qualquer forma, eu percebo pela Maria, que a questão do grupo... e de sentir pertença do



	<p>grupo... mesmo quando entrou no 5º ano, estavam miúdos de 7º, mais velhos já e ela sentiu-se bem e sentiu-se integrada. Isto quer dizer que a diferença de idade não é um grande problema enquanto que, se calhar, no espaço-escola, fora do clube, isso não acontece tão facilmente. E ali aconteceu de uma forma natural, ela não se sentiu minimizada nem se sentiu mal. Sentiu-se sempre bem. É por isso que continua e raramente falha ao clube, por isso mesmo, porque é um espaço onde gosta de estar e onde se sente bem. Se se sente bem, quer dizer que o grupo funciona bem. Nós só estamos com um grupo de pessoas quando nos sentimos bem. Estamos ali porque queremos. Isso é logo um sinal. Estar há 3 anos no mesmo clube quer dizer que ali a questão do grupo está muito bem trabalhada. (...) É tão importante a relação que se estabelece entre eles como a relação que se estabelece com o professor porque é um grupo e o professor faz parte desse grupo. Isso é que é importante e isso é que é giro perceber. Ali, [o professor] é um elemento que partilha, que é importante. Aliás, é isso que depois dá a questão de mais cultura geral e essas partilhas e essas conversas que eu acho que são muito importantes para o espírito do grupo e em que o professor tem um papel muito importante. Acho que isso também ajudou muito a que este grupo, incluindo o professor, esteja a funcionar da forma como está, aos anos que está e com o interesse que os miúdos [têm]. Acho que é muito importante quando eles chegam a casa e dizem “<i>olha, hoje estive a falar com...</i>”. São aquelas coisas que demonstram que os miúdos gostam de estar ali.</p>
EE 5	<p>Esta questão está interligada com a anterior. Se os alunos aprendem a trabalhar em grupo, é evidente que o clube faz desenvolver o espírito de união, de entreajuda, de camaradagem, dentro e fora da escola.</p>

7.3.4.3 – O Trabalho em Equipa

Todos os Encarregados de educação entrevistados partilham uma opinião francamente positiva sobre o clube, no que respeita ao trabalho em equipa. Assim:

- ❖ Destacam a ajuda que os mais velhos dão aos iniciados (EE1);
- ❖ Valorizam a partilha de ideias e práticas (EE2);
- ❖ Reconhecem a importância da partilha de conhecimentos e técnicas ligadas ao radioamadorismo (EE3);
- ❖ Notam o sentimento de igualdade existente nos elementos do grupo independentemente da idade ou antiguidade no clube (EE4);
- ❖ Valorizam o espírito de equipa que se estende para outros espaços no seu quotidiano (EE5).



❖ **Categoria de análise 3 – Competências pessoais.**

Subcategoria: Perspetiva dos Encarregados de Educação sobre a capacidade dos seus educandos em cooperar com os colegas.

Quadro 60 – Entrevista a EE – questão 6

Questão 6	Considera que o clube de comunicações motiva o seu educando a cooperar com os colegas? Como?
EE 1	Ele às vezes diz “ <i>O mãe quando eu lá cheguei, eu também não sabia. Estava lá o professor, mas estavam lá outros mais velhos e também me ensinaram. Agora sou eu que ensino, com a ajuda do professor, aos outros que entraram, como é que se faz (...)</i> ”.
EE 2	Sim, porque em conjunto podem descobrir ou implementar ideias que, na prática e isoladamente, seriam difíceis de implementar. Ali mesmo, expondo as suas ideias e dizendo o que têm e o que podem adquirir, acho que é muito útil haver essa interligação de todos num clube destes.
EE 3	Sim. Há uma necessidade de partilha entre eles, de conhecimento para que possam de uma forma eficaz saber manusear os aparelhos.
EE 4	Sim. (...) Isso é óbvio quando há esta relação, quando o próprio clube tem este modelo de funcionamento, de integração, de cooperação, de solidariedade, de que eles estão ali todos num grupo onde não há uns que são mais e outros que são menos, mas todos são iguais. Uns estão é há mais tempo e estão ali para poder ajudar os outros a chegarem a onde eles chegaram e esses quando lá chegarem irão ter o mesmo papel, esperando que o clube continue, que esses que quando lá chegarem, quando entrarem outros, tenham esse mesmo papel. Há uma outra vertente: às vezes, há miúdos mais velhos que até entram já mais velhos e estão mais novos que já lá estão há mais tempo e são esses próprios que integram os mais velhos. Não é uma questão de idade mas uma questão de tempo no clube. Isso é outra questão que é muito importante. É giro esta relação que não tem a ver ali com as idades, tem a ver com os anos em que estão (antiguidade no clube). E, portanto, isso é importante e é muito engraçado de perceber.
EE 5	Sim, pelo que percebo, no clube os alunos funcionam em equipa, com os mais velhos a ajudar os mais novos e isso acaba por se estender a outros momentos e a outros espaços do seu quotidiano.



7.3.5 – Conclusões

Em relação às competências pessoais, e de acordo com uma triangulação de dados obtidos ao longo da fase de trabalho de campo, os vários sujeitos (antigos e atuais alunos do clube, encarregados de educação e professores) demonstraram ter um conjunto de opiniões muito semelhantes e bastante positivas. Estas opiniões são válidas para a questão dos afetos e relações humanas, mas também em relação ao espírito de grupo e ao trabalho de equipa.

Assim, os antigos alunos consideraram haver um relacionamento muito bom entre os elementos. Ao nível dos afetos e relações humanas salientam a importância da entreajuda, da amizade entre alunos de várias turmas, a ajuda disponibilizada ao outro e o clima divertido. Quanto ao espírito de grupo, destacam a inexistência de barreiras ao nível da idade, a forma como os novos elementos são recebidos e integrados no grupo, o ambiente acolhedor e o espaço tranquilo, alegre e descontraído que favorece o relacionamento no grupo. Sobre o trabalho de equipa, todos os antigos alunos, nos seus depoimentos, foram unânimes em reconhecer a importância que as ações de tipo colaborativo têm para o grupo. Como tal, valorizam a amizade cultivada, a entreajuda entre alunos de diferentes anos de escolaridade.

Os encarregados de educação manifestaram opiniões francamente positivas no que respeita aos afetos e às relações humanas que são evidenciadas pelos seus educandos em relação ao clube. Nesse sentido, reconhecem que desenvolve a capacidade de partilha, a preocupação com os outros, a disponibilidade para ajudar e a recetividade a serem ajudados, a valorização dos novos elementos, o sentimento de valorização pessoal, a promoção de relacionamento com professores durante atividades informais, o papel solidário do radioamadorismo e o envolvimento em projetos locais de solidariedade. No que respeita ao espírito de grupo, salientam o aspeto positivo da cooperação entre elementos de idades diferentes, a construção de ideias em grupo, a valorização do coletivo, a importância do espírito de grupo para integrar e ser integrado, a capacidade de partilha, a redução da importância das diferenças de idades entre os elementos, a boa disposição e o aprender a trabalhar em grupo. No domínio do trabalho em equipa, as opiniões partilhadas pelos encarregados de educação são bastante



positivas. Valorizam a ajuda que os mais velhos dispensam aos iniciados, a partilha de ideias e práticas, a partilha de conhecimentos técnicos ligados ao radioamadorismo e o sentimento de igualdade, independentemente da idade ou antiguidade no clube.

Nos inquiridos por questionário a alunos, no que respeita aos afetos e às relações humanas, 55%, consideraram que a frequência do clube “permite muito” aumentar a capacidade de ser solidário, enquanto para 43% “permite” e para 2% “permite pouco”, ou seja, há 98% de opiniões favoráveis. Em relação ao espírito de grupo, 85% dos alunos inquiridos consideraram que a frequência do clube o faz “desenvolver muito”, enquanto para 15% “desenvolve”, ou seja, 100% são favoráveis. Na análise do trabalho em equipa, 68% dos alunos inquiridos consideraram que a frequência do clube “motiva muito” a ser cooperante, enquanto para 32% “motiva”, ou seja, 100% são favoráveis. Consideram que partilhar atividades com colegas de outros anos de escolaridade é “muito importante” para 38%, enquanto para 62% é “importante”, ou seja 100% favorável. Os alunos inquiridos avaliam o relacionamento com os outros colegas do clube como “excelente” (68%) e “bom” (32%), ou seja, 100% são favoráveis.

Quadro 61 – Itens 5, 6, 7, 9 e 16 do questionário a alunos

Item	Motivo	Média ± SD	Mediana	Moda
5	Consideras que a frequência do clube de comunicações permite aumentar a tua capacidade de ser solidário?	3,53±0,59	4	4
6	Consideras que a frequência do clube de comunicações te motiva a ser cooperante com os teus colegas?	3,68±0,48	4	4
7	Consideras que a frequência do clube te faz desenvolver o espírito de grupo?	3,85±0,37	4	4
9	Consideras importante partilhar atividades com colegas de outros anos de escolaridade?	3,38±0,51	3	3
16	Como avalias o teu relacionamento com os restantes colegas de clube?	3,68±0,48	4	4

Nos inquiridos por questionário destinados a professores, no que respeita aos afetos e às relações humanas, 56% dos inquiridos consideraram que o clube “permite muito” aos alunos aumentar a capacidade de serem solidários e 44% acha que “permite”, ou seja 100% das opiniões são favoráveis.

No mesmo questionário, relativamente ao espírito de grupo, 56% dos docentes foram de opinião que a frequência do clube “desenvolve muito” nos alunos o espírito de



grupo, enquanto 44% consideram que “desenvolve”, ou seja 100% das opiniões são favoráveis.

Quanto ao trabalho em equipa, 44% dos docentes consideram que a frequência do clube “motiva muito” os alunos a serem cooperantes enquanto para 56% dos inquiridos “motiva”, ou seja 100% das opiniões são favoráveis. 61% dos professores consideram ser “muito importante” dentro do clube partilharem atividades alunos de diferentes anos de escolaridade, enquanto 39% consideram ser “importante”, ou seja, 100% das opiniões são favoráveis.

Quadro 62 – Itens 5, 6, 7 e 9 de questionário a professores

Item	Motivo	Média ± SD	Mediana	Moda
5	Considera que a frequência do clube de comunicações permite aos nossos alunos aumentar a sua capacidade de serem solidários?	3,56±0,51	4	4
6	Considera que a frequência do clube de comunicações motiva os nossos alunos a serem cooperantes com os seus colegas?	3,44±0,51	3	3
7	Considera que a frequência do clube faz desenvolver nos nossos alunos o espírito de grupo?	3,56±0,51	4	4
9	Considera importante, dentro do clube, partilharem atividades alunos de diferentes anos de escolaridade?	3,61±0,50	4	4

Verifica-se, assim, que as opiniões e dados recolhidos favorecem a Hipótese, Geral 3 (HG₃) – **A frequência do clube de radioamadorismo melhora a capacidade de interagir, respeitar e compreender o outro.** Deste modo, confirma-se a HG₃ colocada no início deste trabalho.

A Hipótese Operacional 4 (HO₄) que incide na variável do fomento ou inibição da capacidade de interagir, compreender e respeitar o outro é também verificada pelas evidências colhidas na investigação. Confirma-se assim a hipótese de que a **participação no clube de radioamadorismo fomenta a capacidade de interagir, compreender e respeitar o outro.**



7.4 – A importância das competências transversais – A dicção e a expressão oral

O radioamadorismo escolar poderá desempenhar um papel importante no trabalho em torno do oral, uma vez que nesta atividade a oralidade é rainha.

Alimentar um QSO, ou seja, uma conversa via rádio, impõe a aquisição de um conjunto de conhecimentos, bem como o desenvolvimento de uma série de competências do foro pessoal, no que respeita às normas e à ética. Os clubes escolares, e portanto a escola, têm uma elevada responsabilidade na promoção de atitudes que conduzam à formação de cidadãos conscientes, reflexivos, críticos e ativos.

No clube de comunicações vamos tentando, de uma forma extremamente simples, formar uma consciência linguístico-discursiva dos alunos através da produção comunicativa, norteando a nossa atuação no sentido da formação de um falante reflexivo e consciente.

A língua constitui uma ferramenta fundamental na comunicação rádio, que apesar de ser uma situação comunicativa concreta, atua como uma forma de valorização pessoal dos nossos alunos.

Segundo a opinião de Newell o radioamadorismo pode servir como um excelente veículo para ensinar as competências básicas da aprendizagem do ouvir e falar. “(...) *As an activity involving communication, amateur radio can serve as a vehicle to teach the most basic skills required for learning-listening and speaking*”(Newell, 1994:7).

Quando entra para a escola, a criança já detém um conjunto de capacidades e um discurso oral, que resultam da sua apreensão do quotidiano e que são exercidos de forma espontânea, embora cada indivíduo seja diferente do outro, devido aos diferentes estímulos comunicativos que existem no seio familiar com enquadramentos socioeconómicos e culturais bastante díspares.

O Clube de comunicações tenta, sempre que possível, não descurar o aperfeiçoamento dos desempenhos comunicativos dos seus elementos, no que respeita à adequação morfosintática e léxico-semântica, à dicção, à ênfase, à entoação e até à intensidade de voz (com aproximação ou afastamento do microfone), à clareza do discurso e à utilização de recursos retóricos que melhorem a eficácia e se adequem à



comunicação via rádio. Os progressos registados nesses desempenhos ajudam ao aumento dos níveis de segurança comunicativa e ao desenvolvimento de um estilo pessoal de transmissão. Assim, torna-se necessário aprender a planificar a oralidade, sendo o radioamadorismo um facilitador dessa aprendizagem. Como afirma Monserrat Vilà

“se aprende a hablar, sobre todo, si se enseña a planificar el discurso oral y la planificación del discurso a menudo se relaciona con las situaciones monologadas (...) que son especialmente complejos, ya que el hablante necesita disponer de una visión global de todo lo que va a decir, sin la intervención directa del interlocutor. Y eso requiere planificación (...)” (Vilà, 2005:34).

Daniel Cassany, Marta Luna e Glória Sans definiram um conjunto de procedimentos para planificação e concretização das atividades de produção oral, que sintetizam alguns dos objetivos ao nível da expressão oral no clube de comunicações.

Quadro 63 - Processo de produção oral (traduzido de Cassany, Luna & Sans, 1998: 148-149)

Planificar o discurso

- Analisar a situação (rotina, estado do discurso, antecipação, etc.) para preparar a intervenção.
- Usar suportes escritos para preparar a intervenção (guiões, notas, apontamentos, etc.).
- Antecipar e preparar o tema (informação, estrutura, linguagem, etc.).
- Antecipar e preparar a intervenção (momento, tom, estilo, etc.).

Conduzir o discurso

- ❖ Conduzir o tema
 - Procurar temas adequados a cada situação.
 - Iniciar ou propor um tema.
 - Desenvolver um tema.
 - Dar por terminada uma conversa.
 - Conduzir a conversa para um novo tema.
 - Desviar ou evitar um tema de conversa.



- Relacionar um tema novo com um velho.
- Saber abrir e fechar um discurso oral.

- ❖ Conduzir a interação
- Utilizar eficazmente a intervenção:
 - aproveitar o tempo para dizer tudo o que se considere necessário;
 - respeitar as convenções do tipo de discurso (tema, estrutura, etc.);
 - marcar o início e o fim da intervenção.
- Reconhecer quando um interlocutor pede a palavra.
- Ceder a palavra a um interlocutor no momento adequado.

Produzir o texto

- ❖ Facilitar a produção
- Simplificar a estrutura da frase.
- Omitir todas as palavras irrelevantes.
- Usar expressões e fórmulas convencionais.
- Usar reiteraões, pausas e repetições.

- ❖ Compensar a produção
- Autocorrigir-se.
- Precisar o sentido do que se quer dizer.
- Repetir e resumir as ideias importantes.
- Reformular o que se disse.
- Articular com clareza os sons do discurso.
- Aplicar as regras gramaticais da língua (normativa).

Aspetos não verbais

- Controlar a voz: timbre, volume, inflexões, tom.

Para desenvolvermos as competências de compreensão e expressão oral dos alunos, é importante a escuta da emissão rádio e que esta se transforme em compreensão do que é emitido, ou seja, “*lo oral se construye siempre en cooperación, en negociación permanente*” (Vilà, 2005: 32). Assim, é necessário haver a produção e revisão de textos orais adequados às situações específicas da comunicação em radioamadorismo. Os alunos realizam atividades que lhes permitem desenvolver a locução e a dicção. Neste sentido, é treinada a articulação correta das palavras, sem a omissão de sílabas e com uma correta entoação. Num estudo comparativo desenvolvido por Zeneida Assumpção



em duas escolas públicas da cidade de Curitiba, no Paraná, uma com rádio escolar, outra sem, a investigadora concluiu que a produção e a locução de programas para a rádio escolar podem contribuir para que os alunos (produtores/locutores) desenvolvam competências linguístico-comunicativas diversas, melhorem a fluência verbal e a leitura em voz alta

“(...) os participantes da Radioescola demonstram habilidades de produção de textos escritos: clareza (unidade temática, argumentos, pontuação, paragrafação, sequência lógica e clareza de idéias); coerência (sem contradições); discursos direto e indireto; coesão (conjunções, pronomes, preposições, sinônimos, tempos verbais, advérbios, etc.); sintaxe (com concordâncias verbal, nominal e regências); morfologia (vocabulário, divisão silábica correta) e apresentação (legibilidade e disposição gráfica do texto). Como locutores demonstram fluência verbal na leitura e relato ao microfone, dando vida e entonação aos textos com uso adequado da voz. A leitura é realizada com objetividade, clareza, elementos de coesão, coerência, consistência argumentativa, adequação ao interlocutor e à situação (altura, tonalidade, timbre, postura, grau de formalidade)” (Assumpção, 2006: 9).

Todo o trabalho que a criação e dinamização de uma estação de radioamadorismo escolar pressupõe, tem necessariamente um impacto positivo e bastante significativo na qualidade das produções textuais dos alunos, tanto orais como escritas. Embora o que nos chega seja primordialmente o áudio, o que é dito pelos alunos é fruto de um enunciado previamente pensado e, eventualmente escrito, mesmo que ocorram muitos momentos de improviso (que são, de resto, um indicador do à vontade comunicativo do operador).

Assim, consideramos que o trabalho que os alunos desenvolvem com a dinamização do clube de radioamadorismo escolar leva-os e encoraja-os a melhorar as suas competências de produção textual, tanto destinado à emissão em fonia (textos para serem lidos), como escritos no caso das transmissões digitais em PSK31 ou RTTY. Relembramos que não é apenas o áudio usado nas transmissões, mas também o texto escrito que é previamente pensado e planejado, nomeadamente quando é usada a língua estrangeira.

A participação dos alunos no radioamadorismo escolar ajuda-os a promover a capacidade de síntese, uma vez que as transmissões rádio são tendencialmente curtas e,



por isso, a informação passada deverá ser a mais substantiva. Esta capacidade requer treino, revelando-se útil nas emissões mas, acima de tudo, na sala de aulas.

No radioamadorismo existem dois aspetos que se aliam na emissão de fonia: o som e o silêncio. Ambos são de grande importância e devendo ser entendidos os seus significados, sob o ponto de vista técnico da emissão. Como todos podemos perceber, devido à ausência de imagens e à distância a que se encontra quem escuta, o operador de rádio, leia-se o aluno, desenvolve a consciência de toda uma paleta de aspetos paralinguísticos que são fundamentais para a comunicação, como forma de expressar os sentimentos e sensações, granjear simpatias, despoletar emoções de agrado e até, sentimentos de lisonja. Tais pressupostos são conseguidos através da dicção, da entoação, da ênfase, do tom, do timbre, das pausas e dos ritmos. Depois de algum tempo *no ar*, os jovens radioamadores conseguem criar um estilo de comunicação pessoal, onde entra a imaginação e a criatividade.

Estamos em crer que o radioamadorismo escolar será capaz de contribuir eficazmente para uma integração responsável dos alunos que dele fazem parte, uma vez que permite a abertura de um canal de comunicação para o exterior, ou seja para a comunidade radioamadorística mundial, constituindo um marco de afirmação da escola nessa comunidade. Consideramos ainda que, no domínio afetivo, tem um desempenho digno de registo, uma vez que permite gerar ideias positivas e otimistas, plenas de motivação, onde há uma abertura enorme à capacidade de iniciativa. É um mecanismo de valorização, quer da componente individual, quer pela soma das individualidades, ou seja, do coletivo.

O trabalho de escuta no radioamadorismo escolar representa um contributo importante para o aperfeiçoamento de competências de compreensão oral dos alunos. A produção de textos destinados à transmissão apresenta-se como uma excelente oportunidade de desenvolvimento da expressão oral e, até, de promoção de competências de leitura e escrita, quer na língua portuguesa, quer em língua estrangeira.



7.4.1 - Depoimentos de antigos alunos do clube

Recolhemos depoimentos de alguns antigos alunos do clube sobre a importância da expressão oral. Alguns deles consideraram importante o desenvolvimento da expressão oral. Assim:

- O aluno 5 reconhece que, inicialmente, as suas transmissões eram tímidas e pouco expressivas, porém com o tempo ganhou a desinibição necessária para comunicar cada vez mais e melhor.
- O aluno 6 valoriza as aprendizagens orais com os mais velhos.
- O aluno 9 nota o seu aperfeiçoamento da expressão oral pela prática sistemática e continuada da rádio. O mesmo aluno reconhece que a prática da locução no clube de comunicações o ajuda no desempenho oral na disciplina de língua Portuguesa.

Quadro 64 – Depoimento de alunos – expressão oral

Questão	Parece-te que o nosso clube contribui para o desenvolvimento da expressão oral?
Aluno 5	Sim. No início, no primeiro ano de comunicação, as minhas primeiras chamadas eram muito tímidas. Agora, já estou muito desinibido e até já comunico mais, o que me faz também aprender mais.
Aluno 6	Sim, porque falamos muito com outras pessoas e às vezes não sabemos bem dizer e perguntamos. (...) E as outras pessoas falam de outras formas... de forma mais complexa porque também já são mais velhos e nós aprendemos muito.
Aluno 9	Ajuda, porque mesmo quando é para o estrangeiro... quando temos que falar uma língua que se percebe, estamos sempre a aperfeiçoar. Como estamos sempre a falar, aperfeiçoamos.
Questão	E nas aulas de língua portuguesa, tu notas isso quando estás numa atividade de leitura em que seja preciso expressão oral?
Aluno 9	Sim, porque estamos a falar com as pessoas temos sempre de falar assim com expressão e (...) acho que nas aulas de português como há muitos textos acho que isso também ajuda muito.



7.4.2 – Inquéritos a alunos do clube

No inquérito por questionário realizado a 47 alunos, todos responderam à seguinte questão:

Questão 12 – Consideras que a frequência do clube de comunicações contribui para desenvolver a expressão oral?

Quadro 65 – Médias e designação da questão 12 - alunos

Médias	Designação
($\geq 3,5$)	Contribui muito
($\geq 2,5$ e $<3,5$)	Contribui
($\geq 1,5$ e $<2,5$)	Contribui pouco
(≥ 0 e $<1,5$)	Não contribui

Assim sendo, através do seguinte quadro podemos verificar qual a importância que é conferida ao clube de comunicações quanto ao desenvolvimento da expressão oral.

Quadro 66 – Média, desvio-padrão e percentagem de respostas do item 12 - alunos

Itens	Média	SD	Total %				
			NC	CP	C	CM	
			%	%	%	%	
12) Consideras que a frequência do clube de comunicações contribui para desenvolver a expressão oral?	3,87	0,33	0	0	13	87	100
Média da dimensão	3,87						
Score	182						



Pela observação e análise do Quadro 66, que representa os resultados obtidos relativamente ao item 12, do grupo de discentes, verifica-se que, para um score máximo possível de 188 pontos (4x47), obteve-se um score do item de 182, com 3,87 de média, ou seja, “contribui muito” e um SD de 0,33.

Em relação aos valores médios do item 12, registou uma mediana de “contribui muito” e a MODA também “contribui muito”.

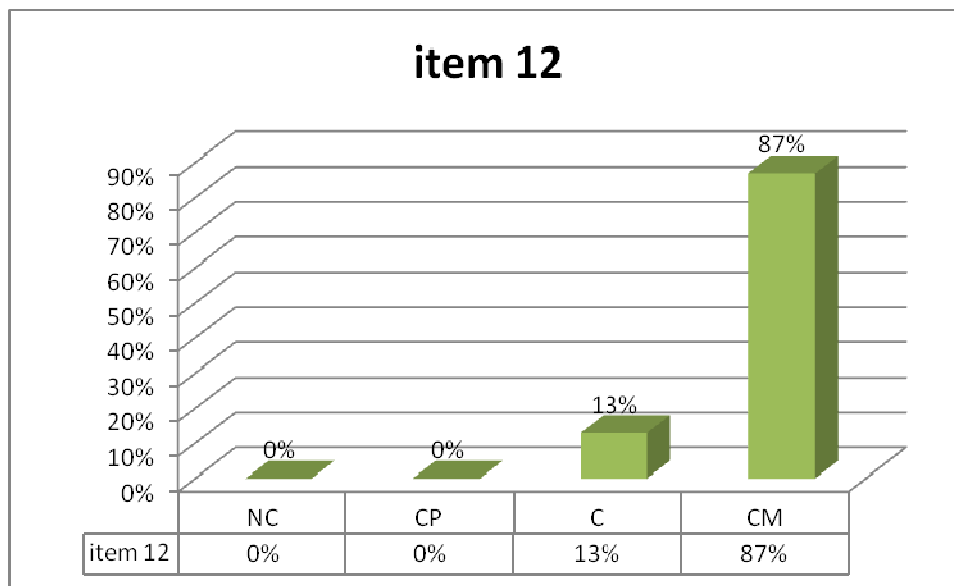


Gráfico 23 – Percentagem das respostas dadas no item 12 - alunos

De acordo com o gráfico 23, foi considerado que a frequência do clube de comunicações “contribui” para desenvolver a expressão oral para 13% e “contribui muito” para 87% dos elementos inquiridos. Assim, consideram-se as respostas 100% favoráveis.



7.4.3 – Inquéritos a professores

No inquérito por questionário realizado a 18 docentes, todos responderam à seguinte questão:

Questão 12 – Considera que a frequência do clube de comunicações contribui para desenvolver, nos alunos, a expressão oral?

Quadro 67 – Médias e designação da questão 12 - professores

Médias	Designação
$(\geq 3,5)$	Contribui muito
$(\geq 2,5 \text{ e } < 3,5)$	Contribui
$(\geq 1,5 \text{ e } < 2,5)$	Contribui pouco
$(\geq 0 \text{ e } < 1,5)$	Não contribui

Assim sendo, através do seguinte quadro podemos verificar se, para os inquiridos, o clube de comunicação contribui para desenvolver, a expressão oral nos alunos.

Quadro 68 – Média, desvio-padrão e percentagem de respostas do item 12 - professores

Itens	Média	SD	Total %				
			NC	CP	C	CM	
			%	%	%	%	
12) Considera que a frequência do clube de comunicações contribui para desenvolver, nos alunos, a expressão oral?	3,78	0,51	0	0	22	78	100
Média da dimensão	3,78						
Score	68						

Pela observação e análise do Quadro 68, que representa os resultados obtidos relativamente ao item 12, do grupo de docentes, verifica-se que, para um score máximo possível de 72 pontos (4x18), obteve-se um score do item de 68, com 3,78 de média, ou seja, “contribui muito” e um SD de 0,43.

Em relação aos valores médios do item 12, registou uma mediana de “contribui muito” e a MODA também “contribui muito”.

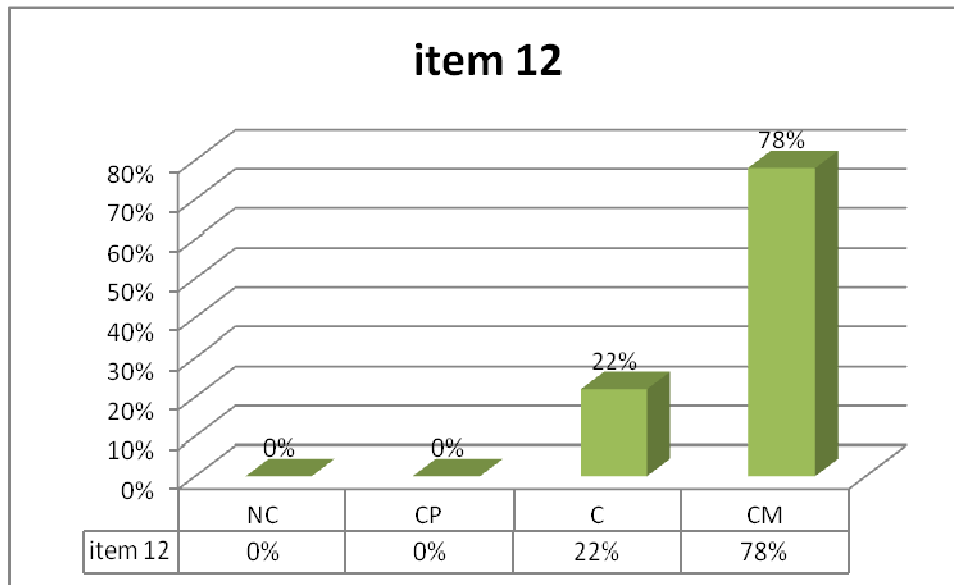


Gráfico 24 – Percentagem das respostas dadas no item 12 - professores

De acordo com o Gráfico 24, foi considerado que a frequência do clube de comunicações” contribui” para desenvolver, nos alunos, a expressão oral para 22% e “contribui muito” para 78% dos elementos inquiridos. Assim, consideram-se as respostas 100% favoráveis.

7.4.4 – Entrevista a Encarregados de Educação

Todos os Encarregados de Educação entrevistados reconhecem a importância do desenvolvimento da capacidade de saber ouvir e de se expressar corretamente, quer em língua portuguesa, quer em línguas estrangeiras. Assim:

- ❖ Consideram fomentar o diálogo no interior do grupo (EE1);
- ❖ Convergem na opinião de que o compasso de espera que existe entre a pergunta e a resposta, via rádio, os ajuda a serem mais disciplinados no âmbito do saber ouvir, uma vez que aprendem a esperar (EE1) e (EE5);



- ❖ Notam que desenvolve a competência de expressão oral em inglês (EE1);
- ❖ Reconhecem a expressão oral como a principal arma do clube de comunicações que se desenvolve com a experiência obtida através da prática (EE3);
- ❖ Entendem que o clube pode ajudar muito na capacidade de expressão em vários idiomas (EE4);
- ❖ Valorizam o desenvolvimento da criatividade oral que constitui uma ajuda à expressão escrita (EE4);
- ❖ Assinalam a sua importância no treino da capacidade de síntese, da ordenação de ideias, de entoação correta, tornando a expressão mais fluente (EE4);
- ❖ Valorizam a expressão oral com correção através de uma boa articulação das palavras e construção de frases bem conseguida (EE5).
- ❖

Categoria de análise 4 – A importância das competências transversais – A dicção e a expressão oral

Subcategoria: Perspetiva dos Encarregados de Educação sobre o papel do clube de comunicações no desenvolvimento da capacidade de expressão oral.

Quadro 69 – Entrevista a EE – questão 12

Questão 12	Considera que o clube de comunicações contribui para que o seu educando desenvolva a sua expressão oral? Porquê?
EE 1	Sim, eu acho que sim, porque eles comunicam... Para já, têm que falar entre eles no clube, entre os elementos que fazem parte do grupinho. Depois, como comunicam com outras pessoas que não estão lá perto, não estão a olhar nos olhos... Eles falam e têm que depois esperar que do outro lado venha resposta. Acho que isso é bom porque eles, mesmo em casa, às vezes, estão a falar e não têm aquele compasso de espera para que haja resposta... Ali eles sabem: comunicaram, perguntaram alguma coisa ou falaram e do outro lado tem que haver resposta. Acho que esse compasso de espera também faz com que aprendam a saber ouvir, a esperar, porque estão numa idade em que é tudo ao mesmo tempo. Ficam mais calmos porque têm que esperar que do outro lado venha a resposta. E, às vezes, não vem tão depressa, penso eu, [porque] estão a comunicar para a Rússia, como ele me diz lá em casa. Penso que a resposta não é tão rápida, digo eu que percebo pouco lá desses meios de comunicação. Acho que esse compasso de espera é muito importante (...) até mesmo para aplicar depois lá na escola. Estarem à espera,



Radioamadorismo Escolar

e o prazer de estar na escola

Um estudo de caso

	saber ouvir o professor e os colegas quando estão a trabalhar em grupo é importante e desenvolve mesmo a expressão oral, pois eles têm comunicar, têm que falar em várias línguas, principalmente em inglês.
EE 2	Uma boa expressão oral é a base duma comunicação expressiva e compreensiva que é uma base fundamental para quem emite ou recebe uma mensagem numa comunicação.
EE 3	Sim. Primeiro que tudo é um clube cuja arma é a expressão oral. Portanto nós, ao fazermos a comunicação com outros, temos que pôr em prática a expressão oral. E é evidente que com o tempo, com a experiência, muito mais facilmente conseguimos dar resposta à situação com que no momento nos deparamos, a situação oral, é evidente. Portanto, isto permite esse mesmo desenvolvimento da oralidade.
EE 4	Sim, muito. (...) Aquilo que é importante neste clube, especificando mais as expressões da comunicação, tem muito a ver com essa comunicação oral, de eu saber, de eu aprender a exprimir-me, de eu saber comunicar com outras pessoas, seja com pessoas fora do país, seja dentro do grupo, de eu saber comunicar e saber utilizar linguagens diferentes, de saber falar, de aprender a falar (...). Estimula a criatividade. Sinto isso na Maria, porque acho que ela tem uma capacidade de expressão oral muito boa e depois consegue transmitir, transpor isso para a parte escrita e para a criatividade e portanto acho que este tipo de clube a ajuda. A capacidade de resumir aquilo que tenho para dizer porque só tenho aquele tempo e a forma como me exprimo, a entoação que dou, tudo isso ajuda, neste caso ajuda a Maria, a desenvolver estas capacidades de comunicar de uma forma diferente e de uma forma mais fluente, sabendo também depois ter essa capacidade de sintetizar quando é necessário. Quando, num teste, só tenho 15 linhas para expor uma coisa, tenho que saber sintetizar e tenho que saber ordenar e [o clube] ajuda muito porque eles sabem que, por exemplo quando estão a comunicar com outras pessoas têm que dizer aquilo que é essencial, têm que ser objetivos e isso é muito importante porque também são aprendizagens na comunicação.
EE 5	É evidente que sim. Se, para comunicar através do rádio, ele tem que falar corretamente, articular bem as palavras, construir adequadamente as frases, é óbvio que a sua expressão oral vai melhorar. Além disso, aprende também a não falar ao mesmo tempo que os outros e a saber ouvir.



7.4.5 - Conclusões

Relativamente às competências transversais – a dicção e a expressão oral - e, mais uma vez, através de uma triangulação de dados recolhidos ao longo da fase de trabalho de campo, os vários sujeitos (antigos e atuais alunos do clube, encarregados de educação e professores) evidenciaram ideias muito semelhantes, concretas e bastante positivas.

Os antigos alunos consideraram o clube muito importante porque desenvolve a expressão oral, favorece a desinibição, permite transmissões mais expressivas, incentiva as aprendizagens orais com os mais velhos, facilita o aperfeiçoamento da expressão oral pela prática continuada e sistemática.

Os encarregados de educação reconheceram a importância de, no clube de comunicações, se desenvolver a capacidade de saber ouvir e de se expressar corretamente, quer em língua portuguesa, quer em línguas estrangeiras. Deste modo consideram que o clube fomenta o diálogo no interior do grupo, ajuda os alunos a serem disciplinados no saber ouvir (uma vez que aprendem a esperar), desenvolve a competência da expressão oral em inglês, fomenta a experiência através da prática, auxilia a capacidade de expressão em vários idiomas, desenvolve a criatividade oral que constitui uma ajuda à expressão escrita, exercita a capacidade de síntese, de ordenação de ideias e correta entoação.

Nos inquéritos por questionário a alunos, no que respeita à expressão oral, 87% dos inquiridos consideraram que a frequência do clube “contribui muito” para desenvolver a expressão oral, enquanto que para 13%, “contribui”, ou seja, há 100% de opiniões favoráveis.

Quadro 70 – Item 12 de questionário a alunos

Item	Motivo	Média ± SD	Mediana	Moda
12	Consideras que a frequência do clube de comunicações contribui para desenvolver a expressão oral?	3,87±0,33	4	4



Nos inquéritos por questionário a destinados a professores, no que respeita à expressão oral, 78% dos inquiridos consideraram que a frequência do clube “contribuiu muito” para desenvolver a expressão oral, enquanto que, para 22% contribui, ou seja, há 100% de opiniões favoráveis.

Quadro 71 – Item 12 de questionário a professores

Item	Motivo	Média ± SD	Mediana	Moda
12	Considera que a frequência do clube de comunicações contribui para desenvolver, nos alunos, a expressão oral?	3,78±0,43	4	4

Verifica-se, assim, que as opiniões e dados recolhidos favorecem a Hipótese Geral 2 (HG₂) – **A frequência do clube de radioamadorismo não compromete o desempenho escolar em determinadas disciplinas.** Deste modo, confirma-se a HG₂ colocada no início deste trabalho.

A Hipótese Operacional 2 (HO₂) que incide na variável do auxílio ou comprometimento do desempenho escolar dos alunos às disciplinas de língua portuguesa, inglês e geografia, é verificada pelas evidências colhidas na investigação. Confirma-se assim a hipótese de que a **participação no clube de radioamadorismo auxilia o desempenho escolar dos alunos nas disciplinas de língua portuguesa e inglês.** Neste domínio não se verificou a área da geografia.

A Hipótese Operacional 3 (HO₃) que incide na variável do desenvolvimento ou redução da capacidade de expressão oral é também verificada pelas diversas evidências colhidas durante o processo de investigação. Confirma-se a hipótese de que **a participação no clube de radioamadorismo desenvolve a capacidade de expressão oral.**



7.5 – O desempenho escolar / a atenção / a concentração

Um dos objetivos do clube de comunicações passa por desenvolver a concentração e a disponibilidade para ouvir o outro nos alunos que nele participam.

Consideramos que a motivação é um dos fatores essenciais para conseguir atenção e concentração. Assim, as atividades no clube têm um ambiente de aventura e as aprendizagens realizam-se de forma aberta e livre, embora com regras. Com esta carga motivadora, aumentam as probabilidades de sucesso na captação da atenção.

Através da rádio, procura-se induzir e aumentar os tempos de atenção e concentração dos jovens, uma vez que, quando se escuta não se transmite, o que resulta num excelente treino dos momentos em que é imperioso estar absolutamente concentrado e atento às comunicações. Isto favorece positivamente o rendimento escolar, visto que estes hábitos começam a entrar nas rotinas e chegam até à sala de aulas. A escuta é algo muito importante em rádio. Saber ouvir é fundamental em qualquer operador de rádio, portanto a atenção treina-se de modo a que possa ser mais eficaz e durante um apreciável período de tempo. Tudo se torna mais fácil quando o aluno está motivado e focalizado para a tarefa que está a desempenhar. Quando ouvem outros QSO's ou quando escutam as diversas explicações que os radioamadores lhes vão dispensando, colocam toda a atenção no que ouvem, movidos, não só pela curiosidade própria da idade, mas também pelo prazer em desempenhar cabalmente a sua *missão*.

Devido às características do clube, os alunos do ensino especial, nomeadamente com dificuldades de aprendizagem, défice cognitivo e défice de atenção / concentração, sentem-se muito atraídos pelas atividades desenvolvidas, uma vez que, através da rádio, treinam largamente as suas capacidades de atenção e concentração devido à existência de um só canal de comunicação (emissor – recetor).

O estabelecimento de regras relativamente ao funcionamento do clube ajuda os jovens operadores a saber o que é esperado deles, o que lhes transmite segurança e os convida a executar com gosto e perfeição as diferentes tarefas. Logo, faz-se um apelo, mais ou menos implícito, à concentração.



Durante as transmissões, as atividades são constantemente monitorizadas de forma a evitar toda e qualquer distração que ponha em risco o contacto.

Por vezes, não é possível verbalizar uma chamada de atenção, pois a estação está no ar, mas isso pode ser trocado por um pequeno gesto, ou um simples olhar, que ajuda o aluno a manter-se atento.

7.5.1 – Depoimentos de antigos alunos do clube

Recolhemos depoimentos de alguns antigos alunos do clube sobre a importância da atenção e a concentração no desempenho escolar. Alguns alunos consideraram que as atividades desenvolvidas no clube constituem uma ajuda para o seu desempenho escolar. Assim:

- O aluno 4 considera que conseguiu melhorar o seu desempenho escolar depois de passar pelo clube.
- O aluno 5 nota que o clube lhe permite obtenção de melhores notas a outras disciplinas, nomeadamente a línguas e a geografia.
- O aluno 6 reconhece que o desempenho escolar é superior ao dos colegas não radioamadores, devido à descontração com que se aprende, para além do agrado em usufruir das atividades do clube. O mesmo aluno nota a capacidade do clube permitir que os alunos cheguem a casa “*mais aliviados*”.
- O aluno 8 valoriza a importância que o clube teve no desenvolvimento da sua linguagem e no que respeita à rapidez de escrita no teclado do computador.
- O aluno 9 sublinha, o contributo do clube no desenvolvimento da sua autonomia e no aperfeiçoamento do seu método de estudo.



Quadro 72 – Depoimentos de alunos sobre desempenho escolar, atenção e concentração

Questão	Achas que ficaste diferente depois de passares pelo nosso clube? Melhoraste o teu desempenho, o teu rendimento escolar?
Aluno 4	Em questão de participar e de falar, acho que sim, que consegui.
Questão	O clube permite ter melhores notas a outras disciplinas?
Aluno 5	Isso permite, por exemplo, na geografia, com os mapas. Dá para identificar melhor os países nos mapas. A compreensão oral também melhora, como já tinha referido. Ajuda nas línguas (inglês e, no meu caso, francês).
Aluno 6	Acho que sim. Os alunos vêm para aqui de forma mais descontraída, já vão para casa mais aliviados e se tiverem teste no dia a seguir, acho que vão mais concentrados.
Aluno 9	Acho que depende um bocado. Aqui no clube aprendemos coisas que, às vezes, são importantes para a matéria que estamos a dar e que, depois, até vão calhar no teste. Aqui também conseguimos aprender mais coisas, conseguimos ser autónomos e conseguimos ter um método para estudar a matéria que damos.
Questão	Parece-te que o desempenho escolar dos alunos do nosso clube é melhor ou pior do que o dos outros? Porquê?
Aluno 6	É melhor... Acho que sim. Porque estamos de forma mais descontraída, mas a aprender, sempre. Eu acho que eles vêm para aqui a dizer: “Boa... Vamos ter clube!”. Às vezes, quando vão para outras disciplinas dizem: “Ah que seca!...”
Questão	Em que é que o clube alterou o teu desempenho escolar?
Aluno 8	Acho que desenvolveu um pouco a minha linguagem, também já consigo escrever mais rápido, no computador, por exemplo. Acho que é isso.

7.5.2 – Inquéritos a alunos do clube

Questão 2 – Consideras que a frequência do clube de comunicações te ajuda a compreender melhor as diferentes disciplinas?

Quadro 73 – Médias e designação da questão 2 - alunos

Médias	Designação
($\geq 3,5$)	Ajuda muito
($\geq 2,5$ e $<3,5$)	Ajuda
($\geq 1,5$ e $<2,5$)	Ajuda pouco
(≥ 0 e $<1,5$)	Não ajuda

Assim sendo, através do seguinte quadro podemos verificar qual a importância que é conferida à existência do clube de comunicações relativamente à ajuda à compreensão de outras disciplinas.



Quadro 74 – Média, desvio-padrão e percentagem de respostas do item 2 - alunos

Itens	Média	SD	Total %				
			NA	AP	A	AM	
			%	%	%	%	
2) Consideras que a frequência do clube de comunicações te ajuda a compreender melhor as diferentes disciplinas?	3,26	0,47	0	9	57	34	100
Média da dimensão	3,26						
Score	153						

Pela observação e análise do Quadro 74, que representa os resultados obtidos relativamente ao item 2, do grupo de discentes, verifica-se que, para um score máximo possível de 188 pontos (4x47), obteve-se um score do item de 153, com 3,26 de média, ou seja, “ajuda” e um SD de 0,61.

Em relação aos valores médios do item 2, registou uma mediana de “ajuda” e a MODA também “ajuda”.

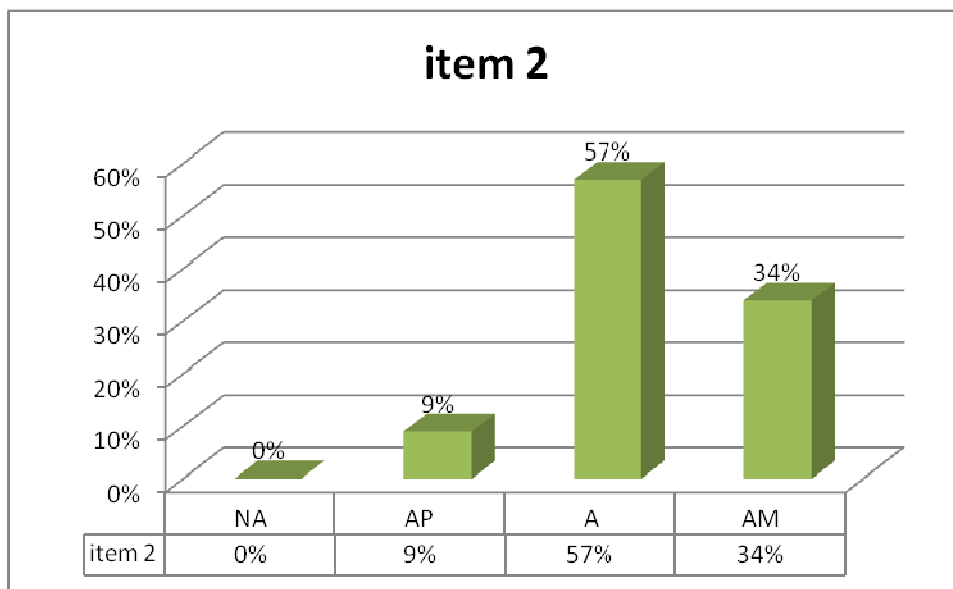


Gráfico25 – Percentagem das respostas dadas no item 2 - alunos

De acordo com o gráfico 25, foi considerado que a frequência do clube de comunicações” ajuda pouco” a compreender melhor as diferentes disciplinas para 9%”, “ajuda” para 57 % e “ajuda muito” para 34% dos elementos inquiridos. Assim, consideram-se as respostas 91% favoráveis.



Questão 3 – Consideras que o clube te permite pôr em prática aprendizagens adquiridas noutras disciplinas?

Quadro 75 – Médias e designação da questão 3 - alunos

Médias	Designação
$(\geq 3,5)$	Permite muito
$(\geq 2,5 \text{ e } <3,5)$	Permite
$(\geq 1,5 \text{ e } <2,5)$	Permite pouco
$(\geq 0 \text{ e } <1,5)$	Não permite

Assim sendo, através do seguinte quadro podemos verificar qual a possibilidade que o clube de comunicações dá para pôr em prática aprendizagens adquiridas noutras disciplinas.

Quadro 76 – Média, desvio-padrão e percentagem de respostas do item 3 - alunos

Itens	Média	SD	Total %				
			NP	PP	P	PM	
			%	%	%	%	
3) Consideras que o clube te permite pôr em prática aprendizagens adquiridas noutras disciplinas?	3,43	0,51	0	2	53	45	100
Média da dimensão	3,43						
Score	161						

Pela observação e análise do Quadro76, que representa os resultados obtidos relativamente ao item 3, do grupo de discentes, verifica-se que, para um score máximo possível de 188 pontos (4x47), obteve-se um score do item de 161, com 3,43 de média, ou seja, “permite” e um SD de 0,51.

Em relação aos valores médios do item 3, registou uma mediana de “permite” e a MODA também “permite”.

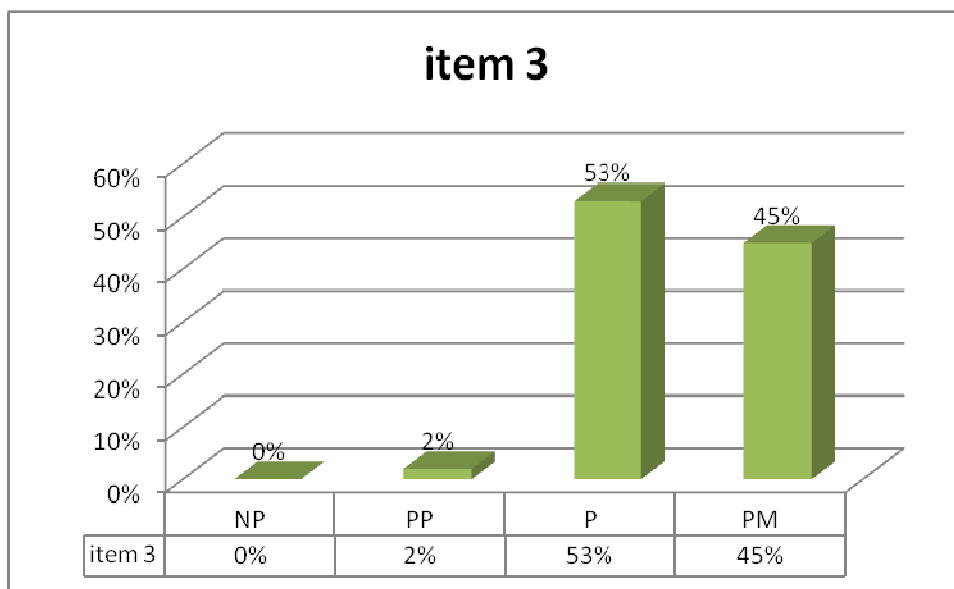


Gráfico 26 – Percentagem das respostas dadas no item 3 - alunos

De acordo com o gráfico 25, foi considerado que o clube “permite pouco” pôr em prática aprendizagens adquiridas noutras disciplinas para 2%, “permite” para 53 % e “permite muito” para 45% dos elementos inquiridos. Assim, consideram-se as respostas 98% favoráveis.

Questão 10 – Consideras que a frequência do clube de comunicações contribui para melhorar o desempenho escolar a várias disciplinas?

Quadro 77 – Médias e designação da questão 10 - alunos

Médias	Designação
($\geq 3,5$)	Contribui muito
($\geq 2,5$ e $<3,5$)	Contribui
($\geq 1,5$ e $<2,5$)	Contribui pouco
(≥ 0 e $<1,5$)	Não contribui



Assim sendo, através do seguinte quadro podemos verificar se a frequência do clube de comunicações contribui para melhorar o desempenho escolar a várias disciplinas.

Quadro 78 – Média, desvio-padrão e percentagem de respostas do item 10 - alunos

Itens	Média	SD	Total %				
			NC	CP	C	CM	
			%	%	%	%	
10) Consideras que a frequência do clube de comunicações contribui para melhorar o desempenho escolar a várias disciplinas?	3,45	0,59	0	2	51	47	100
Média da dimensão	3,45						
Score	162						

Pela observação e análise do Quadro 78, que representa os resultados obtidos relativamente ao item 10, do grupo de discentes, verifica-se que, para um score máximo possível de 188 pontos (4x47), obteve-se um score do item de 162, com 3,45 de média, ou seja, “contribui” e um SD de 0,59.

Em relação aos valores médios do item 10, registou uma mediana de “contribui” e a MODA também “contribui”.

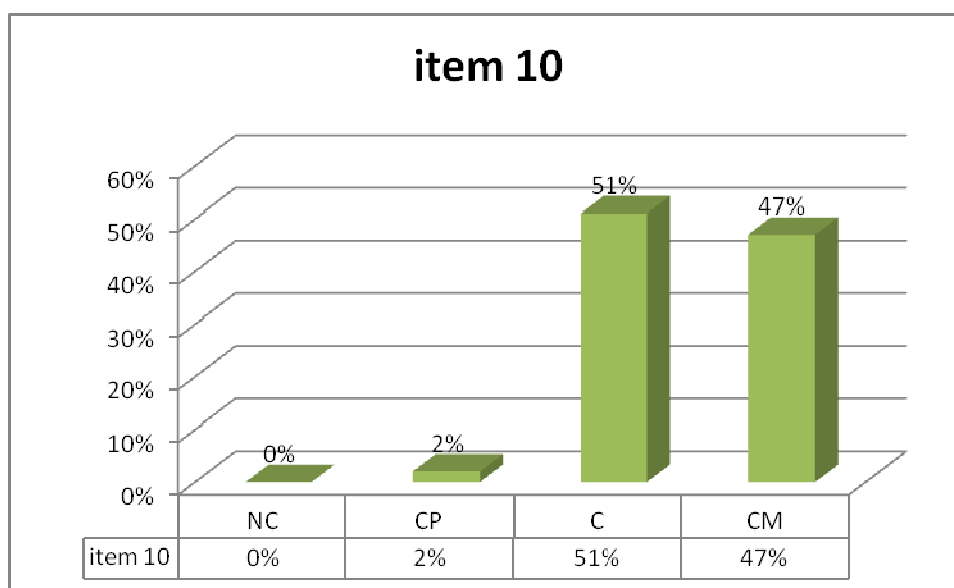


Gráfico 27 – Percentagem das respostas dadas no item 10 - alunos



De acordo com o Gráfico 27, foi considerado que a frequência do clube de comunicações “ contribui pouco” para melhorar o desempenho escolar a várias disciplinas para 2%, ” contribui” para 51 % e “contribui muito” para 47% dos elementos inquiridos. Assim, consideram-se as respostas 98% favoráveis.

Questão 15 – Como avalias o teu desempenho no clube de comunicações?

Quadro 79 – Médias e designação da questão 15 - alunos

Médias	Designação
($\geq 3,5$)	Excelente
($\geq 2,5$ e $<3,5$)	Bom
($\geq 1,5$ e $<2,5$)	Satisfatório
(≥ 0 e $<1,5$)	Razoável

Assim sendo, através do seguinte quadro podemos verificar a autoavaliação dos alunos no que se refere ao seu desempenho no clube de comunicações.

Quadro 80 – Média, desvio-padrão e percentagem de respostas do item 15 - alunos

Itens	Média	SD	Total %				
			R %	S %	B %	E %	
15) Como avalias o teu desempenho no clube de comunicações?	3,11	0,57	2	4	75	19	100
Média da dimensão	3,11						
Score	146						

Pela observação e análise do Quadro 80, que representa os resultados obtidos relativamente ao item 15, do grupo de discentes, verifica-se que, para um score máximo possível de 188 pontos (4x47), obteve-se um score do item de 146, com 3,11 de média, ou seja, “bom” e um SD de 0,57.

Em relação aos valores médios do item 15, registou uma mediana de “bom” e a MODA também “bom”.

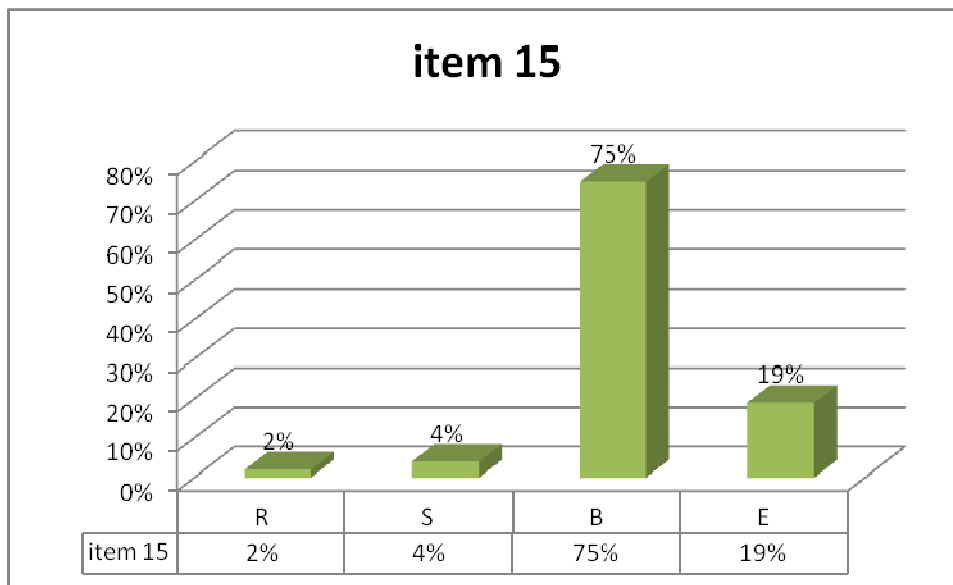


Gráfico 28 – Percentagem das respostas dadas no item 15 - alunos

De acordo com o Gráfico 28, o desempenho individual no clube de comunicações foi considerado “razoável” por 2%, “satisfatório” por 4%, “bom” por 75% e “excelente” por 19% dos elementos inquiridos.

7.5.3 – Inquéritos a professores

No inquérito por questionário realizado a 18 docentes, todos responderam às seguintes questões:

Questão 2 – Considera que a frequência do clube de comunicações ajuda os nossos alunos a estarem mais atentos na sala de aulas?

Quadro 81 – Médias e designação da questão 2 - professores

Médias	Designação
($\geq 3,5$)	Ajuda muito
($\geq 2,5$ e $<3,5$)	Ajuda
($\geq 1,5$ e $<2,5$)	Ajuda pouco
(≥ 0 e $<1,5$)	Não ajuda



Assim sendo, através do seguinte quadro podemos verificar se, para os inquiridos, o clube de comunicação ajuda os alunos a estarem mais atentos na sala de aula.

Quadro 82 – Média, desvio-padrão e percentagem de respostas do item 2 - professores

Itens	Média	SD	Total %				
			NA	AP	A	AM	
			%	%	%	%	
2) Considera que a frequência do clube de comunicações ajuda os nossos alunos a estarem mais atentos na sala de aulas?	3,11	0,47	0	5	78	17	100
Média da dimensão	3,11						
Score	56						

Pela observação e análise do Quadro 82, que representa os resultados obtidos relativamente ao item 2, do grupo de docentes, verifica-se que, para um score máximo possível de 72 pontos (4x18), obteve-se um score do item de 56, com 3,11 de média, ou seja, “ajuda” e um SD de 0,47.

Em relação aos valores médios do item 2, registou uma mediana de “ajuda” e a MODA também “ajuda”

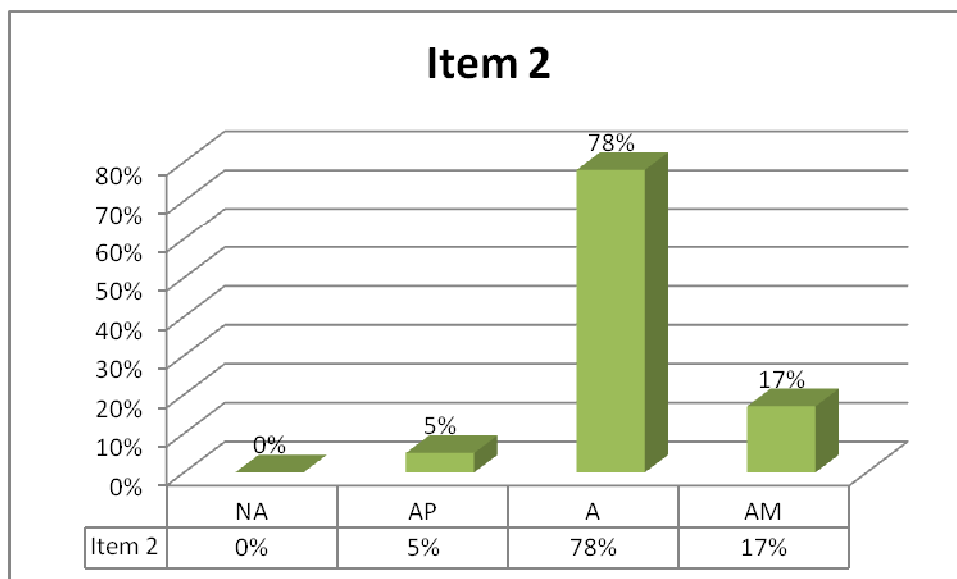


Gráfico 29 – Percentagem das respostas dadas no item 2 - professores



De acordo com o gráfico 27, foi considerado que a frequência do clube de comunicações "ajuda pouco" os nossos alunos a estarem mais atentos na sala de aulas para 6%", "ajuda" para 78 % e "ajuda muito" para 17% dos elementos inquiridos. Assim, consideram-se as respostas 95% favoráveis.

Questão 3 – Considera que a frequência do clube de comunicações ajuda os nossos alunos a melhorar o comportamento na sala de aula?

Quadro 83 – Médias e designação da questão 3 - professores

Médias	Designação
($\geq 3,5$)	Ajuda muito
($\geq 2,5$ e $<3,5$)	Ajuda
($\geq 1,5$ e $<2,5$)	Ajuda pouco
(≥ 0 e $<1,5$)	Não ajuda

Assim sendo, através do seguinte quadro podemos verificar se, para os inquiridos, o clube de comunicações ajuda os alunos a melhorar o comportamento na sala de aulas.

Quadro 84 – Média, desvio-padrão e percentagem de respostas do item 3 - professores

Itens	Média	SD	Total %				
			NA	AP	A	AM	
			%	%	%	%	
3) Considera que a frequência do clube de comunicações ajuda os nossos alunos a melhorar o comportamento na sala de aulas?	3,39	0,50	0	0	61	39	100
Média da dimensão	3,39						
Score	61						

Pela observação e análise do Quadro 84, que representa os resultados obtidos relativamente aos itens 3, do grupo de docentes, verifica-se que, para um score máximo possível de 72 pontos (4x18), obteve-se um score do item de 61, com 3,39 de média, ou seja "ajuda" e um SD de 0,50.



Em relação aos valores médios do item 3, registou uma mediana de “ajuda” e a MODA também “ajuda”.

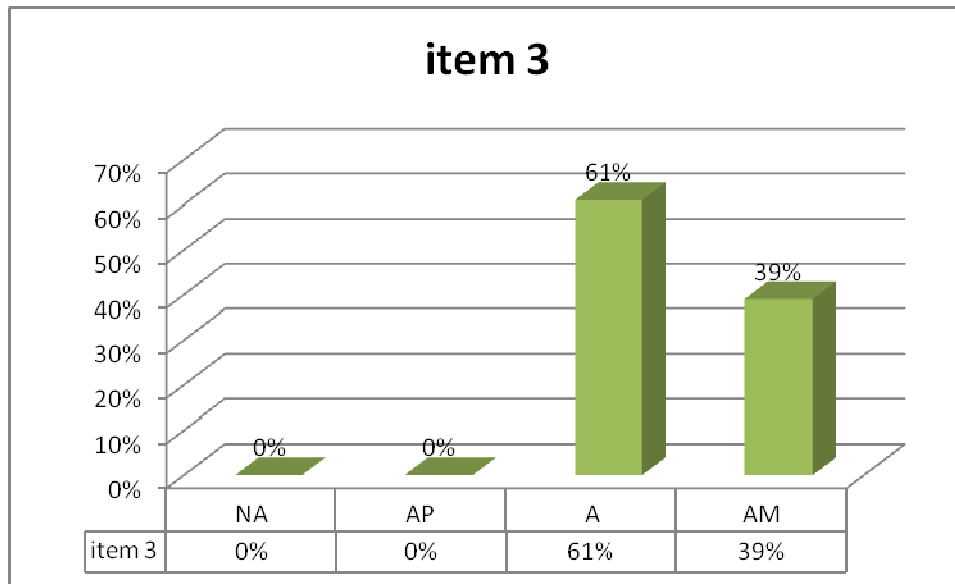


Gráfico 30 – Percentagem das respostas dadas no item 3 -professores

De acordo com o Gráfico 30, foi considerado que a frequência do clube de comunicações “ajuda” a melhorar o comportamento na sala de aulas para 61 % e “ajuda muito” para 39% dos elementos inquiridos. Assim, consideram-se as respostas 100% favoráveis.

Questão 10 – Considera que a frequência do clube de comunicações contribui para melhorar o desempenho escolar a várias disciplinas?

Quadro 85 – Médias e designação da questão 10 - professores

Médias	Designação
$(\geq 3,5)$	Contribui muito
$(\geq 2,5 \text{ e } < 3,5)$	Contribui
$(\geq 1,5 \text{ e } < 2,5)$	Contribui pouco
$(\geq 0 \text{ e } < 1,5)$	Não contribui



Assim sendo, através do seguinte quadro podemos verificar se, para os inquiridos, o clube de comunicações contribui para os alunos melhorarem o desempenho escolar nas várias disciplinas.

Quadro 86 – Média, desvio-padrão e percentagem de respostas do item 10 - professores

Itens	Média	SD	Total %				
			NC	CP	C	CM	
			%	%	%	%	
10) Considera que a frequência do clube de comunicações contribui para melhorar o desempenho escolar a várias disciplinas?	3,11	0,32	0	0	89	11	100
Média da dimensão	3,11						
Score	56						

Pela observação e análise do Quadro 86, que representa os resultados obtidos relativamente aos itens 10, do grupo de docentes, verifica-se que, para um score máximo possível de 72 pontos (4x18), obteve-se um score do item de 56, com 3,11, ou seja “contribui” de média e um SD de 0,32.

Em relação aos valores médios do item 10, registou uma mediana de “importante” e a MODA também “importante”.

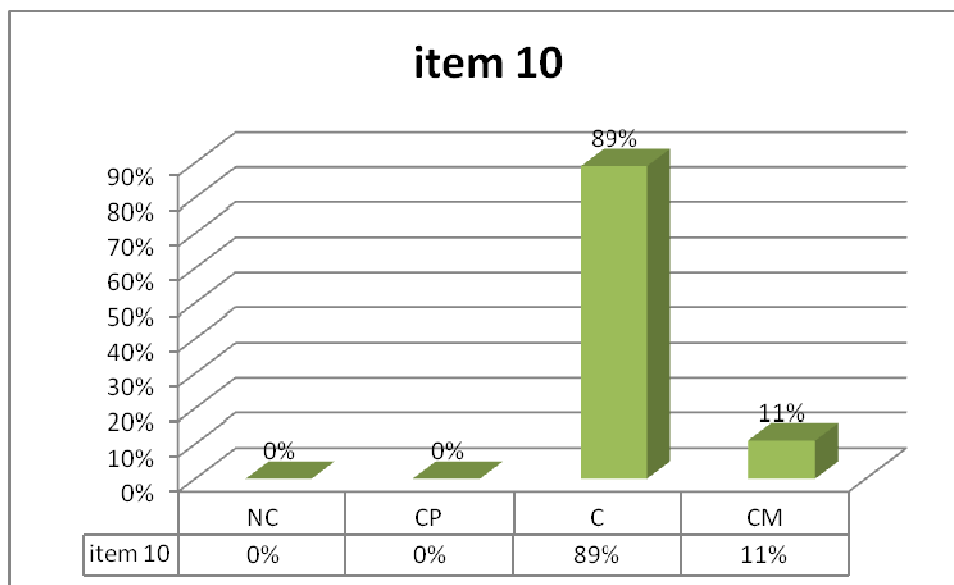


Gráfico 31 – Percentagem das respostas dadas no item 10 - professores



De acordo com o Gráfico 31, foi considerado que a frequência do clube de comunicações "contribui" para melhorar o desempenho escolar a várias disciplinas para 89 % e "contribui muito" para 11% dos elementos inquiridos. Assim, consideram-se as respostas 100% favoráveis.

7.5.4 – Entrevista a Encarregados de Educação

Todos os Encarregados de Educação entrevistados reconhecem a importância do clube na melhoria do desempenho escolar, atenção e concentração dos seus educandos. Assim:

- ❖ Consideram que desenvolve bastante a capacidade oral nas línguas e de localização em Geografia, para além de fomentar o desejo de procurar informação extra sobre os locais contactados (EE1);
- ❖ Dão importância às competências que podem adquirir-se com o manuseamento dos equipamentos de comunicações (EE1);
- ❖ Valorizam a ajuda ao desempenho escolar nas línguas (EE2);
- ❖ Assinalam a importância dos desempenhos transversais como contributo para outras disciplinas (EE3);
- ❖ Entendem como sendo importante o espírito de partilha e de solidariedade que se constrói e que passa pela disponibilidade de partilhar com os outros colegas determinados conhecimentos de várias disciplinas (EE3);
- ❖ Valorizam a importância do prazer na realização das atividades do clube como forma de ganhar gosto em estar noutros espaços escolares (EE4);
- ❖ Saliendam a importância de despertar para outras formas de reter informação e de transformá-la em conhecimento (EE4);
- ❖ Notam que os alunos se sentem motivados a aprofundar conhecimentos nas línguas, geografia e história (EE5);
- ❖ Dão importância às questões ligadas ao funcionamento da rádio que poderão despertar os alunos para questões mais técnicas (EE5);
- ❖ Valorizam a capacidade de concentração e de saber ouvir o outro (EE5).



Categoria de análise 5 – A importância do desempenho escolar, da atenção e da concentração nas diversas disciplinas.

Subcategoria: Perspetiva dos Encarregados de Educação sobre o papel do clube de comunicações na melhoria do desempenho escolar, da atenção e da concentração nas diversas disciplinas.

Quadro 87 – Entrevista a EE – questão 10

Questão 10	O que pensa da possibilidade de o clube poder contribuir para a melhoria do desempenho escolar a várias disciplinas?
EE 1	Por exemplo, (...) no inglês, acho que sim, a nível (...) da oralidade, desenvolve; a nível da geografia, para localizar os diferentes locais (por exemplo, se está a falar com um russo, onde é que fica a Rússia). Ele até me disse que lá no clube (eu já vi fotos, por acaso, já me mostrou), têm colado na parede, um mapa que consultam. Mas até a nível da história: podem sempre saber a história daquele país, por exemplo. Acho que ajuda, não só nas línguas (...) até mesmo no próprio português também. Pronto, comunicar saber comunicar também é importante. Nas línguas, na geografia, acho que sim, e nas novas tecnologias, para mexer nos aparelhómetros que eu não sei nada... (risos).
EE 2	Na área do português, acho que pode ajudar muito, mas também na área das línguas estrangeiras pode ser essencial, porque pode ser uma ligação com o dia a dia do comunicador. Pode ser o aperfeiçoar ou o implementar de expressões que são pouco usuais no dia a dia, mas que num radioamador será muito importante porque são palavras chave que eles podem expressar e podem dar a conhecer o que já sabem ou em que ainda têm dúvidas.
EE 3	Neste contexto não é fácil demonstrar este contributo direto. Mas acredito que, pelo menos em termos de regras de disciplina, de partilha contribua para que, nas outras disciplinas, este mesmo espírito se venha a verificar. Espírito de partilha de solidariedade, de querer também partilhar com os outros colegas determinados pontos de conhecimentos dessas mesmas disciplinas.
EE 4	(...) Nós, se calhar, se fôssemos avaliar individualmente, podíamos ver assim: este miúdo que até em termos de desempenho escolar não é nada... se não estivesse no clube ainda era pior. E a questão é esta: (...) estar num grupo, estar a fazer uma coisa que me dá prazer e sinto [que] na escola há um espaço onde me sinto bem. Isso faz com que eu depois me possa sentir bem noutros momentos naquele espaço-escola. Para além disso, as questões de que já falámos: a questão da cultura, de abrir leques, de eles estarem despertos para muitas outras coisas. Tudo faz com que eles, quando estão na sala de aula ou quando estão a estudar, não se limitem a olhar para a matéria daquela forma que é o decorar mas antes tentar perceber. Se calhar, para tentar perceber tenho que ir ver outras coisas ou, se calhar, aquilo de que falámos no clube, em termos de geografia, eu já sei, porque já sei que a Ásia fica ali ou aquele país fica ali e faz fronteira com aqueles, que tem aquela cultura ou que os seus antepassados foram assim... Ou mesmo em história. Acho que estas questões do clube têm vantagens em relação à autoestima dos miúdos. Por exemplo, miúdos que até têm dificuldades nas aprendizagens estão com dois ou com três colegas e ali no clube servem e têm capacidades. Ali são capazes de render... Então, há aqui qualquer coisa que está mal e não é o aluno. Ele ali aprende porque gosta, porque está interessado e portanto aprende. Se calhar, então, no espaço-sala de aula alguma coisa tem que mudar. E, se calhar, aí consegue-se perceber <i>“Atenção que este miúdo não tem nenhum problema especial. Ele aqui consegue fazer as coisas, ele aqui decorou o</i>



	<i>alfabeto todo sem dificuldade nenhuma e comunica com outras pessoas e até comunica em inglês</i> ”. Pode haver qualquer coisa que não esteja bem na escola e isto pode até ajudar os professores a perceberem que há aqui uma estratégia que temos que alterar. Acho que, se este clube e outros pudessem aparecer e existir, podiam melhorar muito estas questões que têm a ver com estes miúdos e com as aprendizagens que fazem dentro da sala de aula. Podiam também alertar os professores. Afinal o miúdo não tem nenhum problema, é uma questão de o estimular talvez de uma outra forma.
EE 5	Há situações em que os alunos se sentem incentivados a aprofundar conhecimentos. É o caso das línguas (materna e estrangeira), da geografia ou da história. Saber como funciona um rádio, ou se propagam as ondas são questões que podem despertá-los para disciplinas mais <i>técnicas</i> . A capacidade de concentração, de ser capaz de ouvir o outro são também fatores que podem ser desenvolvidos.

7.5.5 – Conclusões

No que diz respeito ao desempenho escolar, à atenção e à concentração, e de acordo com a triangulação de dados obtidos ao longo da investigação, os vários sujeitos (antigos e atuais alunos do clube, encarregados de educação e professores) demonstraram ter um conjunto de opiniões muito semelhantes e bastante positivas.

Assim, os antigos alunos foram de opinião que as atividades desenvolvidas pelo clube constituem uma ajuda para o desempenho escolar. Recordam que melhoraram o seu desempenho depois de passarem pelo clube. Reconhecem que o clube permite obtenção de melhores notas, nomeadamente a línguas e a geografia; que o seu desempenho escolar é superior aos colegas não radioamadores devido à descontração com que aprendem; que desenvolvem a linguagem e a rapidez de escrita no teclado; que contribui para melhorar a sua autoestima e aperfeiçoar métodos de estudo.

Os encarregados de educação reconhecem a importância do clube na melhoria do desempenho escolar, da atenção e da concentração dos seus educandos. Neste tópico manifestam uma opinião muito positiva. Nesse sentido, consideram que a frequência do clube faz desenvolver nos seus educandos a capacidade oral, a capacidade de manusear equipamentos de comunicações e de cumprir regras de disciplina e de partilha. Referem ainda que desenvolve nos alunos a valorização do prazer na realização das atividades de forma a ganharem gosto em estar noutros espaços escolares, desperta para outras formas de reter informação e transformá-la em conhecimento. Notam ainda que os motiva a aprofundar conhecimentos nas línguas, na geografia e na história, assim como em áreas ligadas às tecnologias.



Nos inquéritos por questionário a alunos, no que respeita ao desempenho escolar, à atenção e à concentração, 34% dos inquiridos consideraram que a frequência do clube ajuda muito a compreender melhor as diferentes disciplinas, enquanto para 57% ajuda e para 9% ajuda pouco, ou seja, há 91% de opiniões favoráveis. Em relação às aprendizagens adquiridas noutras disciplinas e postas em prática no clube, 45% dos inquiridos considera que são muito úteis (“permite muito”), enquanto 53% acham-nas úteis (“permite”) e 2% pensam que são pouco úteis (“permite pouco”) ou seja, 98% das opiniões são favoráveis. Quanto à frequência do clube poder contribuir para melhorar o desempenho a várias disciplinas, 47% dos alunos inquiridos consideram que contribui muito, enquanto contribui para 51% e contribui pouco para 2%, ou seja há 98% de opiniões favoráveis. Dos inquiridos, 19% avaliaram o seu próprio desempenho no clube como sendo excelente, 75%, como sendo bom, 4% como sendo satisfatório e 2% como sendo razoável, ou seja uma autoavaliação do desempenho 94% positiva.

Quadro 88 – Itens 2, 3, 10 e 16 do questionário a alunos

Item	Motivo	Média ± SD	Mediana	Moda
2	Consideras que a frequência do clube de comunicações te ajuda a compreender melhor as diferentes disciplinas?	3,26±0,61	3	3
3	Consideras que o clube te permite pôr em prática aprendizagens adquiridas noutras disciplinas?	3,43±0,51	3	3
10	Consideras que a frequência do clube de comunicações contribui para melhorar o desempenho escolar a várias disciplinas?	3,45±0,59	3	3
15	Como avalias o teu desempenho no clube de comunicações?	3,11±0,57	3	3

Nos inquéritos por questionário destinados a professores, no que respeita ao desempenho escolar, à atenção e à concentração, 17% dos inquiridos consideraram que a frequência do clube ajuda muito os alunos a estarem mais atentos na sala de aula, 78% acham que ajuda e 6% pensam que ajuda pouco, ou seja 94% das opiniões são favoráveis.

No mesmo questionário, 39% dos docentes consideram que a frequência do clube ajuda muito os alunos a melhorarem o comportamento na sala de aulas, enquanto para 61% ajuda, ou seja 100% das opiniões são favoráveis.

Quanto ao desempenho escolar a várias disciplinas, 11% dos docentes consideram que a frequência do clube contribui muito, enquanto 89% referem que contribui, ou seja 100% das opiniões são favoráveis.



Quadro 89 – Itens 2, 3 e 10 do questionário a professores

Item	Motivo	Média ± SD	Mediana	Moda
2	Considera que a frequência do clube de comunicações ajuda os nossos alunos a estarem mais atentos na sala de aulas?	3,11±0,47	3	3
3	Considera que a frequência do clube de comunicações ajuda os nossos alunos a melhorar o comportamento na sala de aulas?	3,39±0,50	3	3
10	Considera que a frequência do clube de comunicações contribui para melhorar o desempenho escolar a várias disciplinas?	3,11±0,32	3	3

Verifica-se, assim, que as opiniões e dados recolhidos favorecem a Hipótese Geral 2 (HG₂) – **A frequência do clube de radioamadorismo não compromete o desempenho escolar em determinadas disciplinas.** Deste modo, confirma-se a HG₂ colocada no início deste trabalho.

Verifica-se também que as opiniões e dados recolhidos favorecem a Hipótese Geral 3 (HG₃) – **A frequência do clube de radioamadorismo melhora a capacidade de interagir, respeitar e compreender o outro.** Deste modo, confirma-se a HG₃ colocada no início deste trabalho.

A Hipótese Operacional 2 (HO₂) que incide na variável do auxílio ou comprometimento do desempenho escolar dos alunos às disciplinas de língua portuguesa, inglês e geografia é verificada pelas evidências colhidas na investigação. Confirma-se assim a hipótese de que a **participação no clube de radioamadorismo auxilia o desempenho escolar dos alunos nas disciplinas de língua portuguesa e inglês.**

A Hipótese Operacional 4 (HO₄) que incide na variável do fomento ou inibição da capacidade de interagir, compreender e respeitar o outro é também verificada pelas evidências colhidas na investigação. Confirma-se assim a hipótese de que a **participação no clube de radioamadorismo fomenta a capacidade de interagir, compreender e respeitar o outro.**



7.6 – Cultura Geral – línguas

Nas atividades que os alunos desenvolvem, poderemos observar ligações interessantes (interações) com outras disciplinas. Assim, ao nível das línguas, os jovens conseguem constatar as diferenças na língua portuguesa de região para região, ou o português falado no Brasil ou nos PALOP's. Têm ainda a possibilidade de perceber aspetos interessantes, como por exemplo, as diferentes pronúncias do inglês ou do francês nas diferentes partes do mundo.

Segundo a definição expressa no Currículo Nacional do Ensino Básico

*“Entende-se por **compreensão do oral** a capacidade para atribuir significado a discursos orais em diferentes variedades do Português. Esta competência envolve a receção e a decifração da mensagem por acesso a conhecimento organizado na memória, o que implica prestar atenção ao discurso e seleccionar o essencial da mensagem. Entende-se por **expressão oral** a capacidade para produzir cadeias fónicas dotadas de significado e conformes à gramática da língua. Esta competência implica o recrutamento de saberes linguísticos e sociais e supõe uma atitude cooperativa na interação e o conhecimento dos papéis desempenhados pelos falantes em cada tipo de situação”* (CNEB, s/d:32).

Uma das metas do currículo de língua portuguesa na educação básica é desenvolver nos jovens um conhecimento da língua que lhes permita:

- (i) *Compreender e produzir discursos orais formais e públicos;*
- (ii) *Interagir verbalmente de uma forma apropriada em situações formais e institucionais* (CNEB, s/d:31).

Sabemos igualmente que a língua portuguesa desempenha um papel fundamental no desenvolvimento de competências importantes das quais destacamos:

- ❖ *Assumir o papel de ouvinte atento, de interlocutor e locutor cooperativo em situações de comunicação que exijam algum grau de formalidade;*
- ❖ *Reconhecer a pertença à comunidade nacional e transnacional de falantes da língua portuguesa e respeitar as diferentes variedades linguísticas do Português e as línguas faladas por minorias linguísticas no território nacional;*
- ❖ *Transferir o conhecimento da língua materna para a aprendizagem das línguas estrangeiras;*
- ❖ *Transformar informação oral e escrita em conhecimento;*
- ❖ *Expressar-se oralmente e por escrito de uma forma confiante, autónoma e criativa* (Idem).



São estas competências que tentamos desenvolver no clube de comunicações ao nível da língua materna, de forma a conseguir os seguintes desempenhos:

- ❖ *Alargamento da compreensão a discursos em diferentes variedades do Português, incluindo o Português padrão;*
- ❖ *Alargamento da expressão oral em Português padrão (Idem:31-32).*

As atividades desenvolvidas no clube, a que já dedicámos atenção em ponto anterior do presente trabalho, tentam ir ao encontro dos objetivos do currículo de língua portuguesa, enunciados seguidamente:

- ❖ *Audição orientada de registos diversificados de extensão e grau de formalidade crescentes;*
- ❖ *Audição orientada de registos de diferentes variedades do Português;*
- ❖ *Actividades de planeamento e de produção de diversos tipos de discurso oral, com grau crescente de formalidade;*
- ❖ *Actividades que propiciem a participação eficaz e adequada em diversas situações de interacção (debates, exposições, entrevistas, sínteses...);*
- ❖ *Actividades de leitura silenciosa e em voz alta de diferentes tipos de textos (Idem:36).*

No que diz respeito às línguas estrangeiras, o inglês e o francês são as mais utilizadas no radioamadorismo, nomeadamente em onda curta e em transmissões de longa distância, denominadas de DX, “*the term DX means long distance*” (Ninno, 1999:3). Os alunos no clube de comunicações põem em prática os seus conhecimentos de línguas estrangeiras (de acordo com o seu nível de escolaridade) quer falado, quer escrito. Ao nível das línguas, começam a distinguir, ao fim de alguns meses de transmissões, as diferenças de pronúncia entre inglês britânico, o norte-americano e aquele que é usado como língua de trabalho por grande parte da comunidade radioamadorística internacional. No caso do francês, as diferenças entre o francês europeu e o de África são também identificadas pelos alunos do terceiro ciclo que têm francês no seu currículo.

Julgamos ser um aspeto muito interessante ao nível da aprendizagem de línguas



estrangeiras, desenvolvido pela capacidade da onda curta que constitui um forte incentivo para os nossos alunos. Numa época de globalização, a onda curta propicia a inclusão e a diversidade cultural, através do uso de um código comum: a língua. Devemos recordar-nos de que uma grande parte da população do nosso planeta não tem acesso à internet ou à televisão e ainda é o rádio de onda curta que permite estabelecer contactos àquelas populações de locais inóspitos ou de elevada pobreza, para que não fiquem alheios ao que se passa no mundo.

“As ondas curtas são o meio mais económico de atingir o mundo através da rádio. (...) As ondas curtas ainda são úteis (...) em educação inclusiva e no acesso à diversidade cultural. E assim continuarão sendo por um longo tempo, conforme indicam pesquisas do fim do século passado e início deste” (Júnior, 2007:50).

O mesmo autor refere ainda que

“do ponto de vista de educação inclusiva e informação em tempo real, as ondas curtas das transmissoras de rádio são, ainda, uma forte motivação aos educandos; principalmente de regiões de precária civilização (...) as ondas curtas podem propiciar o acesso à diversidade cultural em tempos de mundialização (...)” (Idem, 2006:51).

Assim, o contacto com línguas estrangeiras, através do radioamadorismo, constitui um singelo contributo para a construção de uma competência plurilingue e pluricultural.

As atividades desenvolvidas no clube tentam também ir ao encontro dos objetivos do currículo. De entre elas salientamos:

- ❖ *Participar em projectos comunicativos que impliquem um uso vivo da língua;*
- ❖ *Utilizar, nas actividades de recepção, interacção e produção de textos, estratégias que lhe permitam satisfazer exigências comunicativas;*
- ❖ *Estabelecer e desenvolver uma relação afectiva com a língua estrangeira, dispondo-se a reagir de forma construtiva face aos problemas inerentes à aprendizagem* (CNEB, s/d:30-41).

Os alunos procuram, no clube de comunicações, dentro das suas possibilidades, promover *uma relação afetiva com a língua estrangeira*. Os jovens radioamadores tornam-se assim sensíveis à diversidade linguística que escutam, percebendo que cada



língua faz parte do acervo e da identidade cultural de cada povo. Os contactos em onda curta, quer em fonia, quer em modos digitais, sendo atividades eminentemente lúdicas, proporcionam o uso de línguas estrangeiras (inglês e francês) como forma de interagir com todo o mundo. Permitem ainda sensibilizar os alunos para a diversidade linguística que a rádio permite ouvir e fomenta a curiosidade que os leva a investigar as diferentes culturas desses povos. Trata-se de uma atividade interativa, esta que os nossos jovens realizam ao nível das transmissões de rádio em onda curta, fazendo da comunicação o aspeto fundamental a ter em conta, qualquer que seja o código linguístico usado.

“A criação de condições para que os aprendentes se impliquem na execução de determinadas tarefas favorecerá a emergência de necessidades e de actos comunicativos e o uso das diversas linguagens. O uso da língua permitir-lhes-á agir e a acção estimulará os desempenhos verbais” (CNEB, s/d:45).

O importante é, acima de tudo, desenvolver a competência da comunicação, seja na língua materna ou não, sentindo-se o aluno impelido a interagir, a ouvir, a falar nas mais diversificadas situações de comunicação. O radioamadorismo não é mais do que um pretexto para que tal aconteça.

7.6.1 – Depoimentos de antigos alunos do clube

Recolhemos depoimentos de alguns antigos alunos do clube sobre o gosto por línguas estrangeiras. Alguns deles consideraram que as atividades desenvolvidas no clube constituem um aliciente à aprendizagem e prática de línguas. Assim:

- O aluno 2 considera que as atividades do clube representam uma possibilidade de treinar as línguas estrangeiras.
- O aluno 5 assinala a possibilidade de desenvolver a língua “*desinibimos a fala*”, quando comunica com o estrangeiro.
- O aluno 6 valoriza o facto de poder aplicar os seus conhecimentos de francês e inglês nos contactos via rádio.
- O aluno 9 realça a possibilidade de ouvir várias línguas e diferentes sotaques.



Quadro 90 – Depoimentos de alunos sobre o gosto por línguas

Questão	No que diz respeito às línguas estrangeiras, achas que o clube ajuda?
Aluno 2	Sim, a nível das línguas estrangeiras ajuda porque nós somos obrigados aqui a falar com pessoas de outros países, doutras nacionalidades. Requer mais de nós e puxamos mais pela língua estrangeira.
Aluno 5	No rádio, podemos comunicar e também ficar a perceber melhor o que a pessoa do outro lado diz. Desinibimos a fala nessa língua e também ouvimos, fixamos e aprendemos muito com a pessoa que está do outro lado.
Questão	Consegues pôr em prática, no nosso clube, o que aprendes nas línguas?
Aluno 5	(...) Em inglês quando falamos para outros países... Mais disciplinas... são tantas... línguas... português.
Aluno 6	(...) Conseguimos aplicar as línguas estrangeiras como, por exemplo, estou a ter francês e inglês e quando os ouço já consigo traduzir mais ou menos para português e consigo aplicar o que aprendi nessas disciplinas.
Questão	E quanto ao gosto por línguas estrangeiras? Achas que o nosso clube consegue desenvolvê-lo?
Aluno 6	Acho que sim, acho que ganhamos muito porque, quando ouvimos o professor a falar, ficamos todos a pensar “ <i>gostava de aprender esta língua</i> ”. Por exemplo, eu não tenho espanhol, mas gostava de ter. Já ouvi o professor a falar e acho que deve ser muito fixe.
Aluno 9	Acho que sim porque (...) ao ouvir novas línguas pode ser que também aprendamos algumas palavras. Acho que isso ajuda muito no gostar de ouvir as línguas e ver a diferença que há, o sotaque... é ver a diferença.

7.6.2 – Inquéritos a alunos do clube

Questão 13 – Consideras que a frequência do clube de comunicações contribui para desenvolver o gosto por línguas estrangeiras?

Quadro 91 – Médias e designação da questão 13 - alunos

Médias	Designação
($\geq 3,5$)	Contribui muito
($\geq 2,5$ e $<3,5$)	Contribui
($\geq 1,5$ e $<2,5$)	Contribui pouco
(≥ 0 e $<1,5$)	Não contribui

Assim sendo, através do seguinte quadro podemos verificar se, para os inquiridos, o clube de comunicações contribui para desenvolver o gosto por línguas estrangeiras.



Quadro 92 – Média, desvio-padrão e percentagem de respostas do item 13 - alunos

Itens	Média	SD	Total %				
			NC	CP	C	CM	
			%	%	%	%	
13) Consideras que a frequência do clube de comunicações contribui para desenvolver o gosto por línguas estrangeiras?	3,72	0,48	0	0	28	72	100
Média da dimensão	3,72						
Score	175						

Pela observação e análise do Quadro 92, que representa os resultados obtidos relativamente ao item 13, do grupo de discentes, verifica-se que, para um score máximo possível de 188 pontos (4x47), obteve-se um score do item de 175, com 3,72 de média, ou seja, “contribui muito” e um SD de 0,48.

Em relação aos valores médios do item 13, registou uma mediana de “contribui muito” e a MODA também “contribui muito”.

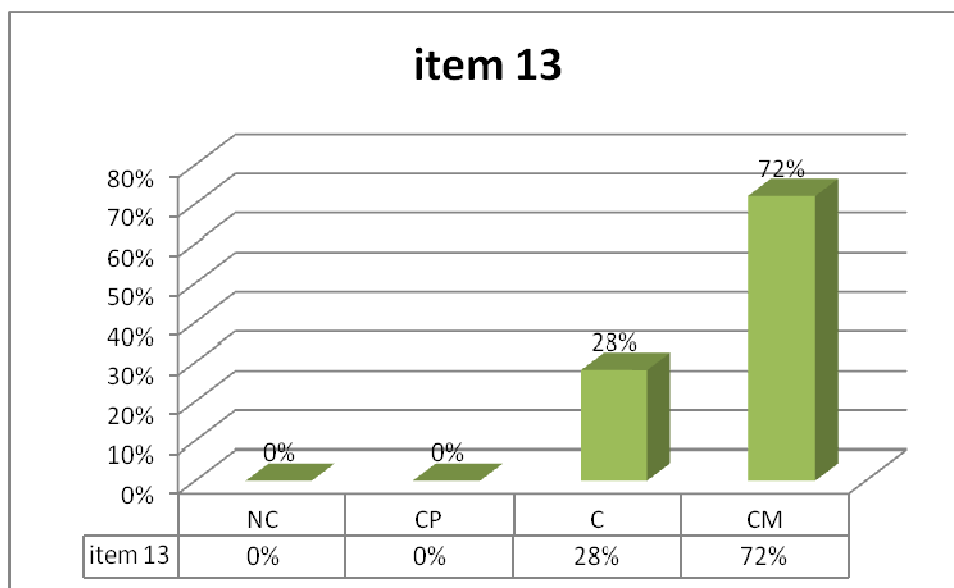


Gráfico32 – Percentagem das respostas dadas no item 13 - alunos

De acordo com o gráfico 32, foi considerado que a frequência do clube de comunicações” contribui” para desenvolver o gosto por línguas estrangeiras para 28% e “contribui muito” para 72% dos elementos inquiridos, ou seja 100% favorável.



7.6.3 – Inquéritos a professores

Questão 13 – Considera que a frequência do clube de comunicações contribui para desenvolver, nos alunos, o gosto por línguas estrangeiras?

Quadro 93 – Médias e designação da questão 13 - professores

Médias	Designação
($\geq 3,5$)	Contribui muito
($\geq 2,5$ e $<3,5$)	Contribui
($\geq 1,5$ e $<2,5$)	Contribui pouco
(≥ 0 e $<1,5$)	Não contribui

Assim sendo, através do seguinte quadro podemos verificar se, para os inquiridos, o clube de comunicações contribui para que os alunos desenvolvam o gosto por línguas estrangeiras.

Quadro 94 – Média, desvio-padrão e percentagem de respostas do item 13 - professores

Itens	Média	SD	Total %				
			NC	CP	C	CM	
			%	%	%	%	
13) Considera que a frequência do clube de comunicações contribui para desenvolver, nos alunos, o gosto por línguas estrangeiras?	3,61	0,50	0	0	39	61	100
Média da dimensão	3,61						
Score	65						

Pela observação e análise do Quadro 94, que representa os resultados obtidos relativamente ao item 13, do grupo de docentes, verifica-se que, para um score máximo possível de 72 pontos (4x18), obteve-se um score do item de 65, com 3,61 de média, ou seja “contribui muito” e um SD de 0,50.

Em relação aos valores médios do item 13, registou uma mediana de “contribui muito” e a MODA também “contribui muito”.

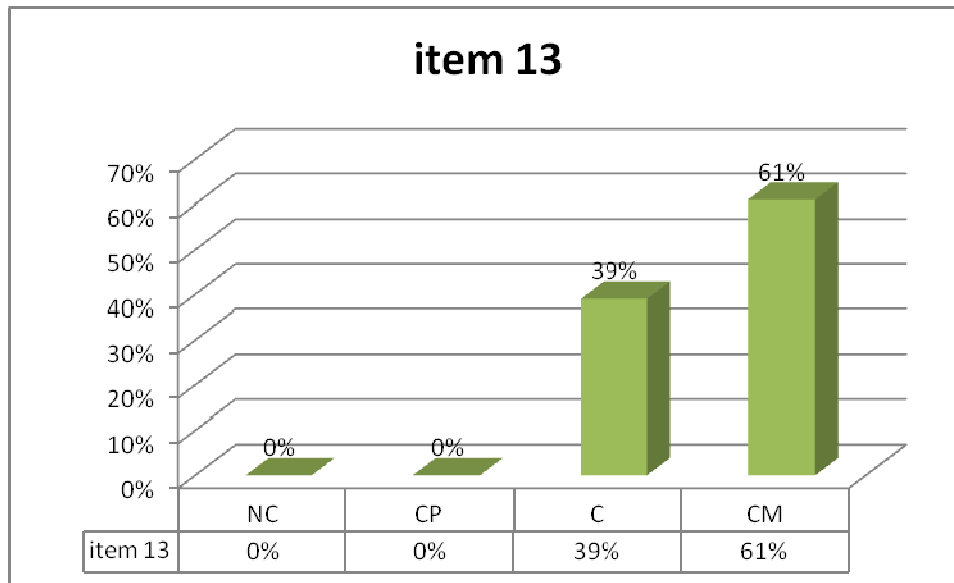


Gráfico 33 – Percentagem das respostas dadas no item 13 - professores

De acordo com o gráfico 33, foi considerado que a frequência do clube de comunicações, “contribui” para desenvolver, nos alunos, o gosto por línguas estrangeiras para 39% e “contribui muito” para 61% dos elementos inquiridos, ou seja 100% favorável.

7.6.4 – Entrevistas a Encarregados de Educação

Todos os Encarregados de Educação entrevistados valorizam bastante o papel do clube no que respeita ao fomento do gosto por línguas estrangeiras. Assim:

- ❖ Consideram que os alunos, no clube, desenvolvem gosto pelo inglês e denotam à vontade com a língua (EE1);
- ❖ Entendem as línguas estrangeiras como facilitadoras do conhecimento, permitindo alargar as fronteiras culturais (EE2);
- ❖ Reconhecem que há uma maior apetência e maior gosto pelas línguas estrangeiras (EE3);
- ❖ Valorizam a importância que têm as línguas no mundo de hoje (EE4) e (EE5);



- ❖ Notam que o clube consegue mostrar a importância de se saber línguas (EE4);
- ❖ Entendem que o clube consegue estimular as aprendizagens, uma vez que mostra essa necessidade de saber interagir numa língua estrangeira (EE4);
- ❖ Veem como um aspeto importante a interação de alunos mais jovens com alunos mais velhos, a quem vão ouvindo a língua e enriquecendo o seu vocabulário (EE4);
- ❖ Valorizam a possibilidade de, via rádio, ouvirem os autóctones e perceberem as diferenças de sotaque (EE4);

Categoria de análise 6 – A importância das línguas.

Subcategoria: Perspetiva dos Encarregados de Educação sobre o papel do clube de comunicações no incremento do gosto por línguas estrangeiras.

Quadro 95 – Entrevista a EE – questão 13

Questão 13	Qual é a sua opinião acerca da contribuição que o clube de comunicações dá para o desenvolvimento do gosto por línguas estrangeiras?
EE 1	Penso que a língua em que eles mais comunicam é o inglês. Diz-se que o inglês é a língua mais falada no mundo e eu acho que desenvolvem, por exemplo, nas outras línguas, eles também têm a parte de expressão oral. Nas línguas estrangeiras também têm a expressão oral. E eu acho que isso é assim: se ele comunica e se ele tem uma boa expressão oral, se ele está habituado a falar, eu acho que nas aulas, principalmente de inglês talvez esteja também mais à vontade para falar. (Se fosse eu já me envergonhava mais que não percebo nada de inglês). Acho que sim que desenvolve o gosto. Se eu vou para uma aula em que estou à vontade, em que eu sei, em que não tenho medo de falar, acho que é logo isso à partida: “ <i>Eu gosto de inglês, eu sei falar</i> ”. Acho que está mais à vontade.
EE 2	Acho que as línguas estrangeiras são um alargar de fronteiras numa comunicação que só com compreensão e aprendizagem das diversas línguas faladas se pode comunicar com o mundo inteiro. Havendo uma base de línguas estrangeiras, como inglês, francês, alemão, espanhol, acho que é essencial com o desenvolvimento que há nas comunicações, não estarmos só a falar para pessoas de língua portuguesa. Podemos estar em comunicação com os diversos cantos do mundo e, desde que haja o mínimo de compreensão, acho que se pode enriquecer muito, tanto quem recebe como quem emite, perceber culturas e tradições e o viver de pessoas que nunca pensamos que estão do outro lado e afinal estão lá.
EE 3	É evidente que, no caso em apreço, suponho eu, a língua privilegiada é o inglês. No entanto, no caso do meu filho, também o francês e agora o espanhol. Mas o francês e inglês são as línguas utilizadas comumente para estas comunicações. [O clube] permite



	que haja uma maior apetência e maior gosto pelas línguas estrangeiras.
EE 4	<p>Acho que é muito importante, aliás, para a Maria foi muito importante perceber a importância que têm as línguas no mundo de hoje. No mundo de hoje, e sabendo que o mercado de trabalho é globalizante, o futuro pode não passar por Portugal, pode passar por ter que ir para um país estrangeiro. Portanto, o começar a perceber, o saber línguas, para comunicar com outras pessoas, o clube mostra-lhes isso na prática. <i>“Eu tenho que saber falar inglês para saber comunicar com os outros”</i>. E depois há aqui a questão de que tenho que investir e tenho que realmente saber falar inglês ou francês ou espanhol ou qualquer língua. Claro que o inglês é mais universal, mas acho que isso estimula os alunos a aprender e a sentirem essa necessidade e ao sentirem essa necessidade vão perceber porque é que o inglês, o francês, o alemão ou espanhol são importantes. Depois há esta questão que é dos mais velhos que já têm mais anos de língua e eu vou ouvindo e também vou aprendendo algumas coisas. E isso cria essa necessidade, gera estímulos porque se ele está a falar com aquela pessoa mais tempo, eu também tenho que conseguir, eu também quero falar. Portanto tenho que aprender (...). E aí nas línguas ainda se torna mais evidente a necessidade das aprendizagens. Aquilo que nós vemos nas aprendizagens das línguas é que eles aprendem muito a questão gramatical e formal da língua, mas depois quando há que passar isso para a comunicação oral, a coisa não é tão fácil, é preciso ir buscar mais vocabulário e aí ainda se nota mais a necessidade da comunicação oral. Eles perceberem que aquilo que aprendem em inglês, às vezes, ali não chega, é preciso ir mais além do que isso, do que aprenderem como se faz a frase (...). Na hora como se pode substituir vocabulário que não temos, por outro idêntico que nos permita transmitir a mesma ideia, a mesma mensagem? Nas línguas ainda se nota mais. No português acabam por ter um leque já grande de vocabulário. Sente-se na mesma como é óbvio, porque há sempre termos novos a aprender, mas no inglês a questão de passar para a oralidade torna-se ainda mais evidente. Acho que é fundamental um estímulo para eles aprenderem as línguas. Uma outra situação é que, normalmente, eles só ouvem a língua estrangeira pela voz de uma única pessoa que é o professor da língua e na rádio têm hipótese de ouvir pessoas do próprio país a falar o que é diferente. Por muito boa que seja a dicção do professor de inglês, nunca é igual Se estamos a falar para Londres e estamos a ouvir um londrino puro, é completamente diferente e mostra-nos a dificuldade que é depois quando nós quisermos falar com pessoas desses países. Se calhar, com essas experiências é que nós vamos percebendo a linguagem, a comunicação. Eu estar a falar com um colega meu ou com professor é uma coisa. Quando vou falar com um inglês é completamente diferente. E é isso que é importante para eles perceberem: <i>“Eu tenho que aprender a falar, tenho que ir muito mais além daquilo que é a aprendizagem porque quando falo com um inglês não percebo”</i>. Claro que eu também sei que há o cuidado de quem está a falar do outro lado, quando está a falar com alguém de uma língua diferente, de se exprimir de uma forma mais lenta e mais perceptível. Mas dá para eles perceberem isso.</p>
EE 5	<p>Que interesse teria ouvir inúmeras pessoas falar, se não conseguíssemos percebê-las nem comunicar com elas? Claro que as línguas estrangeiras são fundamentais nesta atividade e os alunos compreendem isso.</p>



7.6.5 - Conclusões

Atinente à cultura geral - línguas, e através da triangulação de dados obtidos ao longo do trabalho de pesquisa, os vários sujeitos (antigos e atuais alunos do clube, encarregados de educação e professores) evidenciaram um conjunto de opiniões muito semelhantes sobre o gosto por línguas, nomeadamente por línguas estrangeiras.

Assim, os antigos alunos consideraram que algumas das atividades desenvolvidas pelo clube constituem um aliciante à aprendizagem e prática de línguas. Reconheceram que constitui uma ajuda no treino de línguas estrangeiras, que permite desenvolver vocabulário, que permite a aplicação de conhecimentos de francês e inglês nos contactos via rádio e a dá a possibilidade de ouvir várias línguas e diferentes sotaques.

Os encarregados de educação valorizaram o papel do clube no que respeita ao fomento do gosto por línguas estrangeiras. Na entrevista, os vários encarregados de educação consideraram que os alunos desenvolvem o gosto pelo inglês, revelam desenvoltura com a língua, desenvolvem apetência e gosto por línguas estrangeiras. Reconhecem o valor das línguas estrangeiras como facilitadoras do conhecimento e como forma de alargar as fronteiras culturais. Valorizam também a importância que têm as línguas no mundo de hoje, a interação entre os mais jovens e os mais velhos a quem vão ouvindo a língua e a possibilidade de, via rádio, ouvirem os autóctones e perceberem as diferenças de sotaque.

Nos inquiridos por questionário a alunos, 72% dos inquiridos consideraram que a frequência do clube contribui muito para desenvolver o gosto por línguas estrangeiras, enquanto para 28% contribui, ou seja, há 100% de opiniões favoráveis.

Quadro 96 – Item 13 do questionário a alunos

Item	Motivo	Média ± SD	Mediana	Moda
13	Consideras que a frequência do clube de comunicações contribui para desenvolver o gosto por línguas estrangeiras?	3,72±0,48	4	4

Nos inquiridos por questionário destinados a professores, 61% dos inquiridos consideraram que a frequência do clube contribui muito para desenvolver, nos alunos, o



gosto por línguas estrangeiras, enquanto para 39% contribui, ou seja 100% das opiniões são favoráveis.

Quadro 97 – Item 13 do questionário a professores

Item	Motivo	Média ± SD	Mediana	Moda
13	Considera que a frequência do clube de comunicações contribui para desenvolver, nos alunos, o gosto por línguas estrangeiras?	3,61±0,50	4	4

Verifica-se, assim, que as opiniões e dados recolhidos favorecem a Hipótese Geral 2 (HG₂) – **A frequência do clube de radioamadorismo não compromete o desempenho escolar em determinadas disciplinas.** Deste modo, confirma-se a HG₂ colocada no início deste trabalho.

Verifica-se também que as opiniões e dados recolhidos favorecem a Hipótese Geral 3 (HG₃) – **A frequência do clube de radioamadorismo melhora a capacidade de interagir, respeitar e compreender o outro.** Deste modo, confirma-se a HG₃ colocada no início deste trabalho.

A Hipótese Operacional 2 (HO₂), que incide na variável do auxílio ou comprometimento do desempenho escolar dos alunos nas disciplinas de língua portuguesa, inglês e geografia, é verificada pelas evidências colhidas na investigação. Confirma-se assim a hipótese de que **a participação no clube de radioamadorismo auxilia o desempenho escolar dos alunos nas disciplinas de língua portuguesa e inglês.**

A Hipótese Operacional 3 (HO₃) que incide na variável do desenvolvimento ou redução da capacidade de expressão oral é também verificada pelas diversas evidências colhidas durante o processo de investigação. Confirma-se a hipótese de que **a participação no clube de radioamadorismo desenvolve a capacidade de expressão oral.**

A Hipótese Operacional 4 (HO₄), que incide na variável do fomento ou inibição da capacidade de interagir, compreender e respeitar o outro, é também verificada pelas evidências colhidas na investigação. Confirma-se assim a hipótese de que **a participação no clube de radioamadorismo fomenta a capacidade de interagir, compreender e respeitar o outro.**



7.7 – Cultura Geral – geografia

Julgamos ser razoável considerar que a geografia procura responder às questões que o Homem levanta sobre o meio físico e humano, utilizando diferentes escalas de análise. Sob o ponto de vista escolar, a disciplina de geografia desenvolve o conhecimento dos lugares do mundo, bem como a compreensão dos mapas. Através do seu estudo, os alunos estabelecem contacto com diferentes sociedades e culturas num contexto espacial, o que os ajuda a perceber de que forma os espaços se relacionam entre si. O cidadão geograficamente competente é o que é capaz de “*descrever corretamente o meio em que vive ou trabalha*” (CNEB, s/d:107).

Os alunos do clube de comunicações sentem despertar para a curiosidade que lhes permite, conhecer territórios e paisagens, valorizando a sua diversidade como uma riqueza natural e cultural que é preciso preservar. Uma tal competência é adquirida quando efetuam as suas transmissões, via rádio, para o território nacional onde contactam com radioamadores de todas as regiões de Portugal Continental, Açores e Madeira, mas também quando encetam contactos para as diferentes partes do mundo. Aí, tomam contacto com a localização da estação com que estão a comunicar, uma vez que dispõem de mapas, na sua estação escolar.

Durante o contacto, estabelece-se, entre as estações, a troca de dados: elementos de localização (como o país, a cidade, com referência à distância da capital), informações sobre as condições meteorológicas do momento em que é efetuado o contacto, a intensidade e qualidade do sinal recebido ou as horas, por exemplo. De realçar que a hora de registo do contacto é sempre a UTC (Coordinated Universal Time) para que não haja qualquer tipo de equívoco com as horas locais.

Finalmente é preenchido, e posteriormente enviado, um cartão que formaliza e credita o contacto, tornando-o válido e não fictício. Chamamos, no radioamadorismo, QSL a este cartão, que poderá apresentar um conjunto de informações obrigatórias e outras facultativas que terão a ver com a criatividade de cada radioamador, no sentido de dar a conhecer a sua localidade, a sua região, ou o seu país e, noutros casos, mostrar a sua estação. Gregory & Sahre (2003:11) explicam que

“each QSL – a ham radio term meaning a contact is confirmed – card is unique. It contains specific technical information on the contact, the equipment used, the strength and clarity of the transmission, the identities of the parties involved, tec. But more interestingly, it is also a unique design created for or by the individual operator. Pictures, drawings, and text decorate the cards and tell the person’s story. In less than 24 inches, these cards convey a lot of information. And we’ve found there’s a story behind every QSL. Most of the cards include details about the person, their place of origin, and what they were experiencing at the time of the call.”

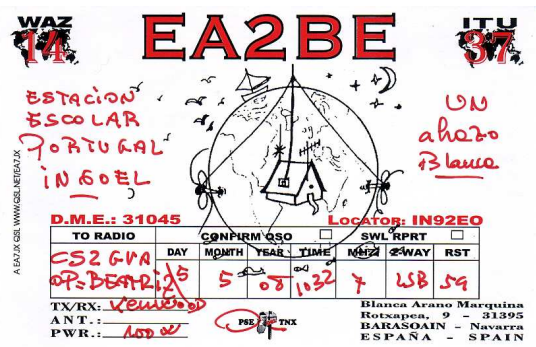


Figura 10 - QSL de estação espanhola



Figura 11 - QSL de estação alemã

A Escola de Gouveia concebeu também a sua própria QSL.



Figura 12 - QSL do Clube de Comunicações – Capa e contracapa



Figura 13 - QSL do Clube de Comunicações - Interior

Assim, formam-se cidadãos geograficamente conhecedores e capazes, uma vez que um dos domínios em que se agrupam as competências em geografia é a localização (CNEB).

Nas atividades que desenvolvem no clube, como no caso da caça ao tesouro, procuram também dar relevo à orientação geográfica, realizando “jogos de orientação para seguir direções, utilizando os termos para cima, para baixo, atrás, à frente, perto, longe, à esquerda, à direita, norte, sul, este, oeste” (CNEB, s/d:114).

Nos contactos feitos para o território nacional, tentam integrar as competências específicas da geografia para o segundo ciclo que vão ao encontro do

“conhecimento do território português, de modo a desenvolver uma identidade de base territorial, tendo em conta a relação entre o ambiente, a sociedade, a cultura e o património, permitindo ao individuo consolidar o sentimento de pertença ao país e a capacidade de intervenção cívica” (CNEB, s/d:116).

Destacamos, seguidamente, o conjunto de competências específicas que os alunos desenvolvem no clube de comunicações:

- ❖ “Construir o conhecimento do espaço geográfico – conhecer os lugares, as pessoas que aí vivem ou trabalham” (CNEB, s/d:120);
- ❖ “Despertar a curiosidade pelo mundo e dar oportunidade para explorar novos lugares / espaços (...)” (Idem);



- ❖ *“Ler e interpretar (...) mapas e plantas de várias escalas, utilizando a legenda (...) Ser capaz de utilizar o vocabulário geográfico, em descrições escritas e orais de lugares e regiões” (CNEB, s/d:122).*

Os alunos deverão ter a

“capacidade de desenvolver competências geográficas de observação, classificação, organização, leitura e interpretação de mapas. Os alunos das escolas básicas tomam atitudes relativamente a pessoas de outros países e manifestam interesse e curiosidade em aprender sobre as populações das várias regiões do mundo. Estas atitudes devem desenvolver-se, frequentemente, com grande precisão nos conhecimentos relativos à localização e características dos lugares e das populações que neles vivem e trabalham” (CNEB, s/d:120).

Procuramos dar uma resposta positiva, tentando treinar e desenvolver estas capacidades à medida das nossas parcas possibilidades e tendo apenas a intenção de constituir um singelo contributo para o trabalho desenvolvido no âmbito da disciplina de geografia. Recordemos que *“ não é (...) admissível que as atividades curriculares e as extra curriculares não tenham relação entre si” (Patrício, 1990:128).*

7.7.1 - Depoimentos de antigos alunos do clube

Recolhemos depoimentos de alguns alunos do clube sobre o gosto pela geografia. Alguns de entre eles consideraram que as atividades desenvolvidas no clube constituem um aliciente à descoberta. Assim:

- Os alunos 5 e 6 consideram que as atividades do clube lhes permitem aplicar conhecimentos de geografia ligados à localização.
- Os alunos 6 e 8 reconhecem que os contactos, via rádio, promovem um alargamento dos horizontes culturais, uma vez que recebem informações sobre os diferentes locais para onde comunicam.
- O aluno 9 não aponta diferenças entre os alunos não radioamadores e radioamadores. Porém, considera que estes têm acesso ao contacto com



outras culturas. Nota também a possibilidade do intercâmbio cultural. O mesmo aluno valoriza a existência de um planisfério na estação de rádio, uma vez que permite uma fácil e rápida identificação do local para onde comunicam.

Quadro 98 – Depoimentos de alunos sobre o gosto pela geografia

Questão	No que diz respeito à geografia, achas que o clube ajuda?
Aluno 5	Sim, por exemplo, nos mapas. O professor às vezes diz: “ <i>Estamos a falar... no QSO... estamos a falar para X</i> ” e podemos ver no mapa, pensando no que falámos na disciplina de geografia.
Aluno 6	Sim, por exemplo, quando estamos a falar com alguém de outro país, como temos um mapa, conseguimos saber indicar onde estão.
Questão	Em termos culturais, o que é que achas que o nosso clube te dá?
Aluno 6	Quando falamos com outras pessoas, às vezes, essas pessoas falam-nos sobre as terras deles, o tempo, dão informações que nós não sabemos e isso é muito bom para a nossa cultura.
Aluno 8	Por exemplo, estamos a fazer um contacto com uma pessoa de outro país e ela pode-nos dizer alguma coisa sobre a cultura daquela região.
Questão	Achas que somos diferentes dos outros colegas que não estão no clube?
Aluno 9	Ser diferente, acho que não, mas que conseguimos aprender mais coisas e saber mais sobre as outras culturas, acho. Porque nós, no rádio, como estamos a falar com pessoas do estrangeiro vamos falando sobre a nossa cultura e eles também falam sobre a deles. Ai, conseguimos aprender mais coisas.
Questão	E o gosto pela geografia? No nosso clube temos um planisfério lá em frente aos rádios...
Aluno 9	Também ajuda porque quando estamos a falar com uma pessoa e a pessoa nos diz o local de onde está a falar nós, no mapa, aprendemos sempre mais, por exemplo, mais um local que não sabíamos onde estava. Assim também acho que é mais fácil na geografia identificar no mapa.

7.7.2 - Inquéritos a alunos do clube

Questão 14 – Consideras que a frequência do clube de comunicações contribui para desenvolver o gosto pela geografia?

Quadro 99 – Médias e designação da questão 14 - alunos

Médias	Designação
($\geq 3,5$)	Contribui muito
($\geq 2,5$ e $<3,5$)	Contribui
($\geq 1,5$ e $<2,5$)	Contribui pouco
(≥ 0 e $<1,5$)	Não contribui



Assim sendo, através do seguinte quadro podemos verificar se, para os inquiridos, a frequência do clube de comunicações contribui para desenvolver o gosto pela geografia.

Quadro 100 – Média, desvio-padrão e percentagem de respostas do item 14 - alunos

Itens	Média	SD	Total %				
			NC	CP	C	CM	
			%	%	%	%	
14) Consideras que a frequência do clube de comunicações contribui para desenvolver o gosto pela geografia?	3,51	0,59	0	4	41	55	100
Média da dimensão	3,51						
Score	165						

Pela observação e análise do Quadro 100, que representa os resultados obtidos relativamente ao item 14, do grupo de discentes, verifica-se que, para um score máximo possível de 188 pontos (4x47), obteve-se um score do item de 165, com 3,51 de média, ou seja “contribui muito” e um SD de 0,59.

Em relação aos valores médios do item 14, registou uma mediana de “contribui muito” e a MODA também “contribui muito”.

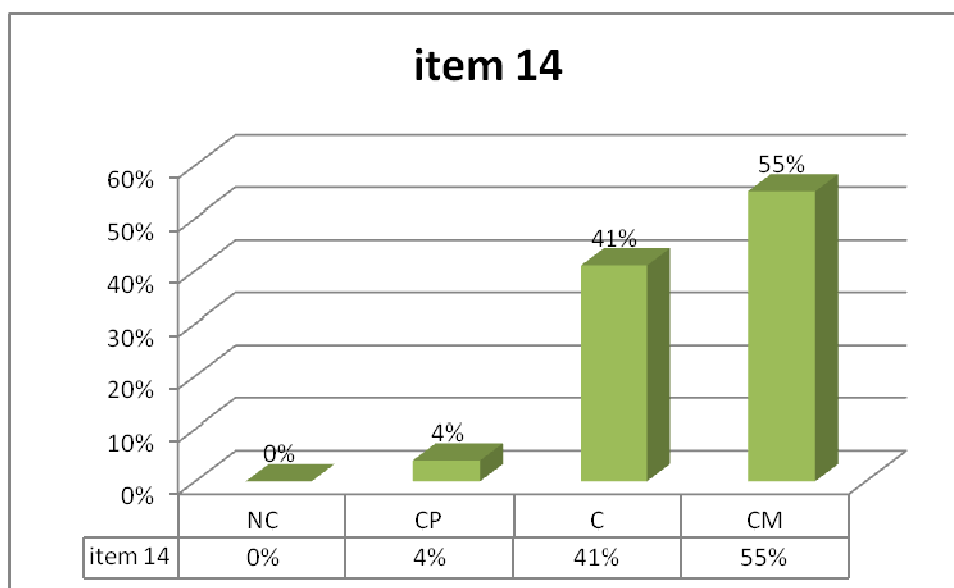




Gráfico34 – Percentagem das respostas dadas no item 14 - alunos

De acordo com o Gráfico 34, foi considerado que a frequência do clube de comunicações “contribui pouco” para desenvolver o gosto pela geografia para 4%, ”contribui” para 41% e “contribui muito” para 55% dos elementos inquiridos. Assim, consideram-se as respostas 95% favoráveis.

7.7.3 - Inquéritos a professores

Questão 14 – Considera que a frequência do clube de comunicações contribui para desenvolver, nos alunos, o gosto pela geografia?

Quadro 101 – Médias e designação da questão 14 - professores

Médias	Designação
($\geq 3,5$)	Contribui muito
($\geq 2,5$ e $<3,5$)	Contribui
($\geq 1,5$ e $<2,5$)	Contribui pouco
(≥ 0 e $<1,5$)	Não contribui

Assim sendo, através do seguinte quadro podemos verificar se, para os inquiridos, o clube de comunicações contribui para que os alunos desenvolvam o gosto pela geografia.

Quadro 102 – Média, desvio-padrão e percentagem de respostas do item 14 - professores

Itens	Média	SD	Total %				
			NC %	CP %	C %	CM %	
14) Considera que a frequência do clube de comunicações contribui para desenvolver, nos alunos, o gosto pela geografia?	3,61	0,50	0	0	39	61	100
Média da dimensão	3,61						
Score	65						



Pela observação e análise do Quadro 102, que representa os resultados obtidos relativamente aos itens 14, do grupo de docentes, verifica-se que, para um score máximo possível de 72 pontos (4x18), obteve-se um score do item de 65, com 3,61 de média, ou seja, “contribui muito” e um SD de 0,50.

Em relação aos valores médios do item 14, registou uma mediana de “contribui muito” e a MODA também “contribui muito”.

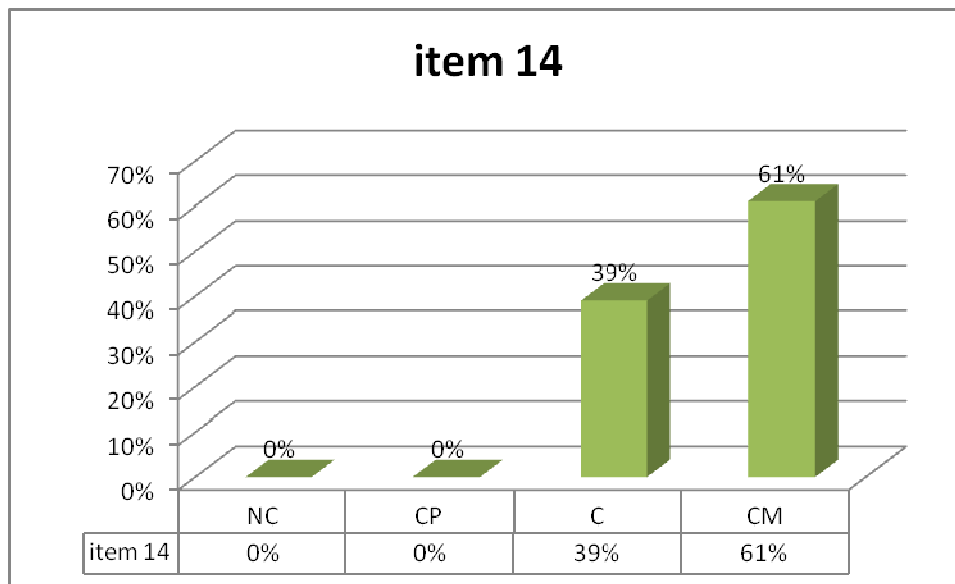


Gráfico 35 – Percentagem das respostas dadas no item 14 - professores

De acordo com o Gráfico 35, foi considerado que a frequência do clube de comunicações “contribui” para desenvolver, nos alunos, o gosto pela geografia para 39% e “contribui muito” para 61% dos elementos inquiridos. Assim, consideram-se as respostas 100% favoráveis.



7.7.4 - Entrevistas a Encarregados de Educação

Todos os Encarregados de Educação entrevistados reconhecem que os contactos via rádio favorecem o alargamento dos horizontes geográficos e culturais dos seus educandos. Assim:

- ❖ Entendem que os contactos no clube constituem uma forma de alargamento de conhecimentos sobre tradições, gastronómicas, não apenas no que diz respeito ao estrangeiro, mas também a Portugal (EE1);
- ❖ Reconhecem que o radioamadorismo permite aos alunos o alargamento de horizontes através do conhecimento de gentes dos mais diversos pontos do país e do mundo, contactando com os seus usos e costumes (EE2) e (EE3);
- ❖ Valorizam o despertar para aprendizagens diferentes do habitual, ainda que no âmbito da história, da geografia (EE4);
- ❖ Dão importância ao relacionamento informal que os elementos do clube mantêm com o seu professor (EE4);
- ❖ Assinalam a importância deste tipo de clubes como sendo um espaço onde os alunos podem ser estimulados a irem construindo os seus próprios horizontes culturais e não se cingirem àquilo que são as aprendizagens que fazem na escola. (EE4).
- ❖ Consideram importante como forma dos alunos se aperceberem de realidades diferentes das deles (EE5).



Categoria de análise 7 – A importância da geografia no alargamento dos horizontes culturais.

Subcategoria: Perspetiva dos Encarregados de Educação sobre o papel do clube de comunicações no alargamento dos horizontes culturais.

Quadro 103 – entrevista a EE – questão 4

Questão 4	Considera que as atividades que o seu educando desenvolve no clube de comunicações possibilitam o alargamento dos seus horizontes culturais?
EE1	Sim. (...) Acho que eles podem, como estão a comunicar, fazer um intercâmbio, e dizerem sei lá... falarem de como é que é o país, como é ao nível das tradições, da gastronomia, a nível cultural... e depois vão ver à internet. <i>“Ó mãe, estive a falar... Deixa-me lá ver como é aquele país, o que é que lá há”</i> . Eu acho que sim, que desenvolve muito a nível cultural. Mesmo até o português, às vezes a gente não o conhece. Pensamos que conhecemos muito bem Portugal, mas há sítios onde ainda não fomos e eles podem encontrar um [radioamador] que esteja no Algarve ou que esteja no norte.
EE2	Sim. Através do radioamadorismo pode conhecer outras gentes dos mais diversos pontos do país e do mundo, incentivando as trocas de conhecimentos, usos e costumes das mais diferentes regiões.
EE3	Sim. Mais que não seja, e aqui não pode ser de outra maneira, a não ser da oralidade, ter conhecimento de eventos, de aspetos culturais que se realizem noutros países, com outros povos.
EE4	Sim, muito. Eu acho que essa para nós, pais da Maria, essa foi uma das questões que nos fez autorizar que a Maria participasse num clube. (...) por acharmos que neste tipo de clubes alargam-se horizontes, em termos culturais, que não se conseguem alargar dentro da sala de aula e que isso é muito importante para a vida deles. Acho que eles despert[am] para outras aprendizagens, convers[am] sobre outras questões (da história, da geografia, das relações entre eles) com o professor de uma forma completamente diferente. Da experiência que o professor tem de vida é muito mais transmitido ali do que num espaço em sala de aula onde estão agarrados a um programa que é preciso cumprir. É preciso haver regras e ali as regras são quase... nascem deles com o professor... O professor não precisa de estar a dizer quais são as regras mas, embora haja regras, estas questões são muito importantes em termos culturais (...). Eu sinto isso na Maria, quando ela fala nas conversas que tem, quando comunica com um país lá mais de leste, e depois falam sobre esse país, e como é que as pessoas vivem, onde é que fica... Quer dizer, são coisas que eles na sala de aula não aprenderiam. Às vezes, vem [para casa] e vai ao globo ver onde é que fica e vem dizer que esteve a falar com aquela pessoa que estava ali. São coisas muito interessantes e de que ela fala de uma forma muito informal, sem ser obrigatório. São aprendizagens que se fazem sem ser obrigatórias. Para o desenvolvimento dela, acho que é muito importante.
EE5	Claro que sim. Como já disse, os alunos apercebem-se de outras realidades bem diferentes das deles. Se falarem, por exemplo, com um radioamador português a residir no estrangeiro vão certamente interrogar-se: 1º Onde fica o país? 2º Que características tem ele? 3º Que diferenças há entre esse país e Portugal? 4º Por que razão esse português trocou Portugal por esse país; e por aí fora...



7.7.5 - Conclusões

Relativamente à cultura geral - geografia, e usando a triangulação de dados obtidos durante a fase de trabalho de campo, os vários sujeitos (antigos e atuais alunos do clube, encarregados de educação e professores) patentearam um conjunto de opiniões muito semelhantes sobre o gosto pela geografia e pela cultura geral.

Assim, os antigos alunos referiram que as atividades desenvolvidas pelo clube constituem um convite à descoberta, uma vez que permite aplicar conhecimento de geografia ligados à localização, reconhecem que os contactos via rádio promovem o alargamento de horizontes culturais, pois têm acesso a várias culturas, favorecendo o intercâmbio cultural.

Os encarregados de educação deram relevo ao papel que o clube desempenha no alargamento dos horizontes geográficos e culturais dos seus educandos. Na entrevista, os vários encarregados de educação reconheceram que os contactos via rádio constituem uma forma de alargamento de conhecimentos em variados domínios como gentes e tradições. Esse alargamento fá-los despertar para aprendizagens diferentes do habitual e os estimula a construir os seus próprios horizontes culturais que não se confinam às aprendizagens curriculares. Apercebem-se ainda de realidades diferentes das suas.

Nos inquéritos por questionário a alunos, 55% dos inquiridos consideraram que a frequência do clube contribui muito para desenvolver o gosto pela geografia, enquanto para 41% contribui e para 4% contribui pouco, ou seja, há 96% de opiniões favoráveis.

Quadro 104 – Item 14 do questionário a alunos

Item	Motivo	Média ± SD	Mediana	Moda
14	Consideras que a frequência do clube de comunicações contribui para desenvolver o gosto pela geografia?	3,51±0,59	4	4

Nos inquéritos por questionário destinados a professores, 61% dos inquiridos consideraram que a frequência do clube contribui muito para desenvolver, nos alunos, o gosto pela geografia, enquanto para 39% contribui, ou seja 100% das opiniões são favoráveis.



Quadro 105 – Item 14 do questionário a professores

Item	Motivo	Média ± SD	Mediana	Moda
14	Considera que a frequência do clube de comunicações contribui para desenvolver, nos alunos, o gosto pela geografia?	3,61±0,50	4	4

Verifica-se, assim, que as opiniões e dados recolhidos favorecem a Hipótese Geral 2 (HG₂) – **A frequência do clube de radioamadorismo não compromete o desempenho escolar em determinadas disciplinas.** Deste modo, confirma-se a HG₂ colocada no início deste trabalho.

Verifica-se também que as opiniões e dados recolhidos favorecem a Hipótese Geral 3 (HG₃) – **A frequência do clube de radioamadorismo melhora a capacidade de interagir, respeitar e compreender o outro.** Deste modo, confirma-se a HG₃ colocada no início deste trabalho.

A Hipótese Operacional 2 (HO₂) que incide na variável do auxílio ou comprometimento do desempenho escolar dos alunos nas disciplinas de língua portuguesa, inglês e geografia é verificada pelas evidências colhidas na investigação. Confirma-se assim a hipótese de que **a participação no clube de radioamadorismo auxilia o desempenho escolar dos alunos nas disciplinas de língua portuguesa e inglês e geografia.**

A Hipótese Operacional 3 (HO₃) que incide na variável do desenvolvimento ou redução da capacidade de expressão oral é também verificada pelas diversas evidências colhidas durante o processo de investigação. Confirma-se a hipótese de que **a participação no clube de radioamadorismo desenvolve a capacidade de expressão oral.**

A Hipótese Operacional 4 (HO₄) que incide na variável do fomento ou inibição da capacidade de interagir, compreender e respeitar o outro é também verificada pelas evidências colhidas na investigação. Confirma-se assim a hipótese de que **a participação no clube de radioamadorismo fomenta a capacidade de interagir, compreender e respeitar o outro.**



7.8 – Taxas de abandono escolar

No que respeita ao abandono escolar, existem apenas dois registos relativamente ao Ensino Básico, sendo um aluno do segundo ano de escolaridade (de etnia cigana, desconhecendo-se o paradeiro da família) e um aluno do nono ano de escolaridade.

“(…) existem dois registos relativamente ao Ensino Básico: 1 aluno do 2º ano de escolaridade (de etnia cigana, desconhecendo-se o paradeiro da família); 1 aluno do nono ano de escolaridade” (PE de AEG 2011-2015, 13).

O agrupamento apresenta um nível muito baixo de abandono escolar que poderemos considerar, apenas residual. Relativamente ao Ensino Secundário, não existem registos *“Não existem registos de abandono escolar relativamente ao Ensino Secundário.”* (PE de AEG 2011-2015, 14).

Este agrupamento caracteriza-se, fundamentalmente, por tentar, sempre que possível, dar corpo às necessidades e interesses dos seus alunos, baseados num Projeto Educativo que privilegia uma escolarização de sucesso e de qualidade.



7.9 – Resultados escolares

Recolhemos os dados referentes aos resultados obtidos, no final do ano letivo de 2011/2012, às disciplinas de língua portuguesa, inglês e geografia, por parte dos alunos que integraram o Clube de Comunicações, e comparámo-los com a Unidade Orgânica (UO).

A recolha de dados assentou na consulta de pautas referentes ao terceiro período do ano letivo de 2011/2012 das turmas do quinto ao nono ano de escolaridade.

Quadro 106 - Resultados à disciplina de língua portuguesa no ano letivo 2011/2012

Resultados à disciplina de língua portuguesa no ano letivo 2011/2012		
Ano	UO	Alunos do clube
5.º ano	3,2	3,7
6.º ano	3,6	4,2
7.º ano	3,2	3,7
8.º ano	3,6	3,6
9.º ano	3,2	3,3

Procedendo a uma análise comparativa dos resultados de Língua Portuguesa entre a Unidade Orgânica (UO) e os obtidos pelos alunos do Clube de Comunicações, constatámos que em todos os anos de escolaridade os alunos do clube obtiveram resultados superiores aos conseguidos pela UO.

Resultados à disciplina de inglês no ano letivo 2011/2012		
Ano	UO	Alunos do clube
5.º ano	3,8	3,6
6.º ano	3,6	4,4
7.º ano	3,3	3,8
8.º ano	3,5	3,4
9.º ano	3,2	3,3

Quadro 107 - Resultados à disciplina de inglês no ano letivo 2011/2012



No que respeita à disciplina de Inglês, já não nos deparámos com o mesmo cenário, uma vez que no quinto e oitavo anos os resultados evidenciados pela UO são superiores aos dos alunos do clube.

Quadro 108 - Resultados à disciplina de geografia no ano letivo 2011/2012

Resultados à disciplina de geografia no ano letivo 2011/2012		
Ano	UO	Alunos do clube
7.º ano	3,0	3,1
8.º ano	3,2	3,4
9.º ano	3,2	3,3

Quanto à disciplina de geografia, os alunos do clube também obtiveram resultados superiores aos da UO. Neste caso, o estudo teve por base apenas dados recolhidos no terceiro ciclo, uma vez que, no segundo, a disciplina não existe.

Da análise ressalta ainda a ideia de que os resultados obtidos pelos alunos do clube que frequentam o sexto ano são superiores aos dos restantes anos de escolaridade.



8 – Comprovação de hipóteses

O investigador utiliza uma variedade de dados recolhidos de diversas formas, de modo a efetuar o cruzamento da informação, que lhe permite confirmar ou rejeitar hipóteses, descobrir novos dados bem como ser conduzido à formulação de hipóteses alternativas.

Formulámos as seguintes hipóteses gerais:

- (HG₁) O clube de radioamadorismo desperta o gosto em estar na escola.
- (HG₂) A frequência do clube de radioamadorismo não compromete o desempenho escolar em determinadas disciplinas.
- (HG₃) A frequência do clube de radioamadorismo melhora a capacidade de interagir, compreender e respeitar o outro.

Formulámos as seguintes hipóteses operacionais:

- (HO₁) A participação no clube de radioamadorismo faz aumentar ou, pelo contrário, reduz o gosto em estar na escola?
- (HO₂) A participação no clube de radioamadorismo auxilia, ou pelo contrário, compromete o desempenho escolar dos alunos nas disciplinas de língua portuguesa, inglês e geografia?
- (HO₃) A participação no clube de radioamadorismo desenvolve ou, pelo contrário, reduz a capacidade de expressão oral?
- (HO₄) A participação no clube de radioamadorismo fomenta ou, pelo contrário, inibe a capacidade de interagir, compreender e respeitar o outro?

A Hipótese Operacional 1 (HO₁), que incide na variável do aumento ou diminuição do gosto em estar na escola, é verificada por um conjunto de evidências



colhidas na investigação. Confirma-se assim a hipótese de que **a participação no clube de radioamadorismo faz aumentar o gosto em estar na escola.**

A Hipótese Operacional 2 (HO₂) que incide na variável do auxílio ou comprometimento do desempenho escolar dos alunos às disciplinas de língua portuguesa, inglês e geografia é verificada pelas evidências colhidas na investigação. Confirma-se assim a hipótese de que **a participação no clube de radioamadorismo auxilia o desempenho escolar dos alunos nas disciplinas de língua portuguesa e inglês e geografia.**

A Hipótese Operacional 3 (HO₃), que incide na variável do desenvolvimento ou redução da capacidade de expressão oral, é também verificada pelas diversas evidências colhidas durante o processo de investigação. Confirma-se a hipótese de que **a participação no clube de radioamadorismo desenvolve a capacidade de expressão oral.**

A Hipótese Operacional 4 (HO₄), que incide na variável do fomento ou inibição da capacidade de interagir, compreender e respeitar o outro, é também verificada por evidências colhidas na investigação. Confirma-se assim a hipótese de que **a participação no clube de radioamadorismo fomenta a capacidade de interagir, compreender e respeitar o outro.**

Assim conclui-se que:

- ❖ A presença dos alunos no clube não compromete os seus resultados escolares;
- ❖ Embora esses resultados não se devam apenas ao contributo do clube, estão também associados a ele;



- ❖ O Clube motiva o empenhamento em áreas do saber como a língua portuguesa, o inglês ou a geografia, podendo contribuir para uma melhoria das competências a essas disciplinas;
- ❖ O espírito do clube motiva a continuidade e permanência dos alunos durante vários anos letivos;
- ❖ O clube potencia o aproveitamento de competências transversais por parte de várias disciplinas;
- ❖ O clube de comunicações do AEG e o radioamadorismo escolar podem contribuir para o combate ao absentismo dos alunos, fomentando o prazer em estar na escola.

Este estudo demonstrou ainda que os alunos que participam no clube de comunicações:

- ❖ apresentam, na sua esmagadora maioria, bons resultados académicos;
- ❖ estão na escola com muito agrado, sendo assíduos e pontuais relativamente às diversas atividades;
- ❖ registam taxas de abandono inferiores aos colegas que não frequentam o clube;
- ❖ apresentam melhores resultados em LP que os colegas não radioamadores;
- ❖ desenvolvem capacidades de expressão oral de melhor nível que os colegas não radioamadores;
- ❖ desenvolvem melhor a capacidade de interagir, compreender e respeitar o outro.

Assim, as nossas questões iniciais, que consistiam em saber se o radioamadorismo escolar responderia às necessidade que os alunos têm de ter uma motivação acrescida para se manterem na escola, lutando contra o abandono escolar e o absentismo e se poderia o hobby do radioamadorismo



escolar ser a solução para os alunos sem ocupação nos tempos livres dentro da escola, quer à hora de almoço, quer ao fim do dia, encontram resposta no presente trabalho.

Não é nossa pretensão generalizar os resultados obtidos. Esta investigação insere-se num âmbito muito concreto e, portanto, toda e qualquer generalização para outras realidades não faz parte dos objetivos do presente trabalho. Os resultados obtidos devem ser entendidos como relacionados com a realidade em que foram estudados.



9 – Conclusão

“A obsessão com os resultados, que faz do conhecimento uma mercadoria como qualquer outra, no seio da economia de mercado, hipervaloriza a avaliação e toda uma parafernália de instrumentos a ela associados (...). Qualquer dia 50% do tempo e dos recursos das organizações educacionais são dedicados a estas tarefas e os outros a realizar a missão para a qual foram criadas.” (Azevedo, 2011:173)

Na esteira do pensamento de Joaquim Azevedo, estamos convictos de que todo o fundamentalismo educativo voltado apenas para os resultados distrai a sociedade da missão para a qual a escola foi criada. Neste sentido, teve, para nós, desde sempre, uma grande importância *o outro lado da escola*, talvez o lado menos compreendido, aquele que não se traduz de imediato em resultados de uma qualquer pauta. Referimo-nos aos clubes escolares e às atividades extracurriculares.

Neste estudo pudemos confirmar a grande importância que tem o contributo dos clubes escolares para a promoção das aprendizagens.

Durante a revisão da literatura começámos por tomar consciência da utilidade dos clubes escolares e das atividades extracurriculares, dentro de uma lógica de educação não formal. Estes projetos são extremamente interessantes devido às suas características, a começar pela sua frequência livre, mas a sua importância reside sobretudo nas vivências que os alunos podem realizar em diferentes áreas e que, constituem uma parte da sua formação que não é despicienda. Apresentam-se como um meio eficaz, através do qual, a escola procura educar os seus jovens, apelando ao seu empenhamento em algo concreto. Constituem-se como uma alternativa ao caminho do insucesso do absentismo ou do abandono escolar. Os clubes escolares representam assim a beleza mais profunda da escola, uma escola viva e dinâmica. Aí os alunos podem experimentar a satisfação de, em constante aprendizagem, fazerem aquilo de que gostam. Promove-se, deste modo, uma aprendizagem aberta, sendo a construção dos conhecimentos vista como se de uma aventura se tratasse. Isto faz com que o clube encerre uma grande carga de motivação para o aluno e, por consequência, uma elevada probabilidade de captar a sua atenção. Apresenta-se como uma ferramenta educativa de elevado valor assumindo um papel de complemento de conteúdos de outras disciplinas. No que respeita à socialização, apresenta-se como um espaço aberto, facultativo que



constitui um excelente complemento à carga curricular. Por vezes, o clube acaba por ser a única forma de o aluno poder praticar uma determinada atividade a que não tem acesso fora da escola. Os clubes escolares asseguram também, aos que os frequentam, o desenvolvimento de competências transversais importantes como o cumprimento de compromissos no que diz respeito à assiduidade e pontualidade. Por outro lado fomentam o espírito de grupo e de solidariedade, promovem também a tolerância, o respeito pelo outro, desenvolvendo assim uma série de competências sociais e pessoais muito importantes como o espírito de grupo, o trabalho em equipa, os afetos e relações humanas, entre outras, que conduzem a um aumento de interesse do aluno pela à escola.

Os alunos revelam interesse pelos clubes, pois eles vão além do seu currículo obrigatório. As atividades extracurriculares aparecem como uma forma de contribuir para o processo de integração dos alunos no ambiente escolar.

Este nosso estudo teve por base a necessidade de compreender, quer o papel, quer a importância dos clubes escolares e das atividades extracurriculares. Procurámos avaliar o impacto de um clube no percurso escolar dos alunos. Percebemos que os clubes podem ser agentes facilitadores do uso de tecnologia (no caso em apreço ligada às comunicações). Um dos caminhos de inovação na escola passa pela incorporação de metodologias de ensino e de aprendizagem ativas ligadas à ação e à reflexão. Compreendemos que os clubes escolares são uma mais-valia, porém, muitas vezes ficam condicionados por determinados aspetos, nomeadamente o investimento pessoal de cada professor ou a carga horária excessiva dos alunos. A aprendizagem quando é feita de uma forma aberta como uma aventura, encerra uma grande carga motivadora para o aluno.

No caso da nossa investigação, todos os dados recolhidos vieram confirmar o importante papel que um clube temático, no caso de radioamadorismo escolar, desempenha num agrupamento de escolas. Tem um grande impacto, quer na vida interna da instituição, quer na imagem que projeta para o exterior. Esta investigação revelou-se importante como forma de melhorar os contextos educativos.

Por um lado, a revisão da literatura permitiu que pudéssemos usufruir de um enquadramento teórico mais rigoroso e profundo no que respeita aos clubes escolares e



às atividades extracurriculares e também perceber, no que é fundamental, o que é o radioamadorismo e da história da criação do clube de comunicações.

Por outro lado, no trabalho de campo tivemos a oportunidade de verificar um conjunto de evidências de que nunca nos tínhamos apercebido. Desde 2007 que levamos a cabo este conjunto de atividades no clube de comunicações, mas o trabalho de campo sistemático, assente na recolha de dados permitiu que pudéssemos constatar da importância que um largo conjunto de agentes confere ao clube. Começando pelos alunos radioamadores que estão no clube e pelos que já por lá passaram, passando pelos encarregados de educação, pelos professores e terminando na direção do AEG, todos manifestaram um grande apreço pelo trabalho que os alunos têm vindo a realizar nos cinco anos de vida do clube. O investigador não fica indiferente a tais manifestações de apreço, porém, este estudo serve como instrumento de reflexão para que o futuro profissional seja alicerçado nas aprendizagens que esta investigação facultou. Consideramos que hoje estamos um pouco mais preparados para enfrentar a escola, seja na sua vertente curricular ou extracurricular, seja no modo presencial ou aos microfones do rádio.

A realização deste trabalho permitiu-nos compreender o elevado valor acrescentado que contêm as atividades extracurriculares e a educação não formal. Julgámos ter sido possível perceber que estas componentes são cada vez mais importantes no nosso sistema educativo. O currículo formal não deve existir sozinho. Necessita do contraponto do não formal onde o aluno possa ter uma frequência livre que renove o convite de estar porque quer e quando quer, numa gestão responsável.

Sugerimos que a carga curricular seja adaptada a esta realidade e que se conceda aos clubes escolares a dignidade, o relevo e a importância que eles merecem. Por vezes, são estas atividades que constituem experiências únicas para os alunos que, doutra forma, a elas não teriam acesso, como, de resto, é o caso do radioamadorismo.

Fazer uma análise exaustiva de carácter estritamente técnico teria sido, pensamos nós, extremamente redutor. Consideramos que o radioamadorismo escolar tem todas as condições para ser um elemento de grande importância na dinâmica interna da escola onde se encontra e onde está sujeito à influência de um elevado conjunto de fatores, para além daqueles que condicionam diretamente as suas atividades e que têm a ver com



disponibilidade de horários de alunos e professor para satisfazer todos os pedidos de ingresso. Isso permitiu-nos avaliar o impacto do Radioamadorismo Escolar no seio do nosso agrupamento, apontando caminhos para melhorar a eficácia da sua ação e potenciar todos os recursos, capacidades e competências.

Finalmente, com a realização deste trabalho sentimos a importância que tem um clube escolar diferente do habitual, num agrupamento de escolas do interior do país. O investigador forçado a sair da sua concha pôde constatar, inquirir, ouvir e perceber que o clube é importante para um conjunto de alunos e suas famílias. Se por mais não fosse, já teria valido a pena.

Este estudo que demonstrou que os alunos que participam no clube de comunicações:

- ❖ apresentam, na sua esmagadora maioria, resultados académicos muito bons;
- ❖ estão na escola com muito agrado, sendo assíduos e pontuais relativamente às diversas atividades;
- ❖ registam taxas de abandono inferiores aos colegas que não frequentam o clube;
- ❖ apresentam melhores resultados em LP que os colegas não radioamadores;
- ❖ desenvolvem capacidades de expressão oral de melhor nível que os colegas não radioamadores;
- ❖ desenvolvem melhor a capacidade de interagir, compreender e respeitar o outro do que os seus colegas não radioamadores.



Bibliografia:

- Abrantes, P. (2001). *Reorganização Curricular do Ensino Básico – princípios, medidas e implicações*, Lisboa: Ministério da Educação, Departamento da Educação Básica.
- Afonso, N. (2005). *A Investigação Naturalista em Educação um guia prático e crítico*, Porto: Edições ASA.
- Alarcão, I. (2001). *Escola Reflexiva e Nova Racionalidade*, Porto Alegre: Artmed Editora.
- Alaszewski, A. (2006). *Using Diaries For Social Research*, London: Sage Publications.
- André, M. (2008). *Etnografia da Prática Escolar*, Campinas, SP : Papyrus.
<http://books.google.pt/books?id=diKQ9ff20oQC&lpg=PP1&dq=etnografia%20da%20pr%C3%A1tica%20escolar&hl=ptPT&pg=PA8#v=onepage&q=etnografia%20da%20pr%C3%A1tica%20escolar&f=false> (acedido em 27-01-2012 – 17:02)
- Assumpção, Z. (2006) Radioescola: locus de cidadania, oralidade e escrita. In *UNIrevista*, Vol. 1, nº3 (Julho), 1-10. (consultada em Dezembro de 2012)
http://www.alaic.net/ponencias/UNIrev_Assumpcao.pdf
- Azevedo, J. (2011). *Liberdade e Política Pública de Educação. Ensaio sobre um novo compromisso social pela educação*, Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão.
- Baptista, J. (2011). *Introdução às Ciências da Educação – Temas e problemas da educação inclusiva*, Lisboa: Universidade Católica Editora.
- Barber, L. Bonnie *et al.* (2003). “Extracurricular Activities and Adolescent Development”. *Journal of Social Issues*, vol. 59, nº4, pp. 865-889.
- Beltrão, L e Nascimento, H. (2000). *O desafio da Cidadania na Escola*, Lisboa: Edições Presença.
- Benavente, A. (1993). *Mudar a Escola mudar as práticas. Um estudo de caso em educação ambiental*, Cadernos de Inovação Educacional, Lisboa: Escolar Editora.



- Bianconi, M. e Caruso, F. (2005). *Educação não formal, Ciência e Cultura*, vol. 57, nº 4, Out/Dez. (acedido em 31-12-2012)
<http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v57n4/a13v57n4.pdf>
- Bogdan, R. e Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*, Porto: Porto Editora.
- Carmo, H. e Ferreira, M. (1998). *Metodologia da Investigação. Guia para Auto-aprendizagem*, Lisboa: Universidade Aberta
- Cassany, D., Luna, M. e Sanz, G. (1998). *Enseñar lengua*. Barcelona: Editorial Graó.
- César, M. (2003). A escola inclusiva enquanto espaço tempo de diálogo de todos para todos. In Rodrigues, David (org.) *Educação e diferença. Valores e práticas para uma educação inclusiva*. Porto: Porto Editora
- Consejo de Europa. (2006). “Resolución del consejo y de los Representantes de los Gobiernos de los Estados miembros, reunidos en el seno del consejo, sobre el reconocimiento del valor de la educación no formal e informal en el ámbito de la juventud europea”. In *Diario oficial de la Unión Europea*, p.168/2
- Corbin, J. e Strauss, A. (2008). *Técnicas e Procedimentos para o Desenvolvimento de Teoria Fundamentada*, Porto Alegre: Artmed
- Correia, J. (1989). *Inovação Pedagógica e Formação de Professores*, Coleção biblioteca básica de educação e ensino, Porto: Edições ASA
- Correia, L. (1997). *Alunos com Necessidades Educativas Especiais nas Classes Regulares*, Porto: Porto Editora
- Creswell, J. (2007). *Projeto de Pesquisa. Métodos qualitativo, quantitativo e misto*, Porto Alegre: Artmed
- Creswell, J. (2012) *Educational Research. Planning, Conducting, and Evaluating Quantitative and Qualitative Research*, Boston: Pearson Education
- Cury, A. (2003). *Pais Brilhantes, Professores Fascinantes*, Rio de Janeiro: Editora Sextante.
- Delors, J. (1996). *Educação – Um tesouro a descobrir – Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional Sobre Educação para o Século XXI*, Porto: Edições ASA.
- Denzin, N. & Lincoln, Y. (2005). *The Sage Handbook of Qualitative Research*, London: SAGE Publications



- Devoldere, J. e Demeuleneere, M. (2010): *Ethics and Operating Procedures for the Radio Amateur*, 3 edition. Tradução de Jorge Azevedo e Luís Pizarro. http://www.ham-operating-ethics.org/files/38-Eth-operating_Port-V3.pdf (consultado na internet em 25-06-2012)
- Duarte, A. e Gonçalves, L. (1996). *Clubes na Escola – Actividades Extracurriculares*, Lisboa: Texto Editores.
- Duarte, J. (2008). Estudos de caso em educação. Investigação em profundidade com recursos reduzidos e outro modo de generalização, In *Revista Lusófona de Educação*, número 11, pp.113-132.
- Estrela, A. (1990). *Teoria e Prática de Observação de Classes. Uma Estratégia de Formação de Professores*, Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica
- Fortin, M. (2009). *O Processo de Investigação. Da concepção à realização*, Loures: Lusociência.
- Freire, M. (1980). *Educação vocacional no ensino secundário*, Lisboa: Livros Horizonte.
- Freire, T. (1989). Lazer e desenvolvimento humano. *Jornal de Psicologia* 8, 27-31.
- Gerber, S.(1996). Extracurricular activities and academic achievement. *Journal of Research and Development in Education*, 30, pp.42-50.
- Gil, A. (2008). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. São Paulo: Editora Atlas S.A.
- Gohn, M.(2006). Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas – *Ensaio: Avaliação política, pública educacional*, v.14, nº50, Jan-Mar, pp.27-38
- Gregory, D. e Sahre, P. (2003). *Hello World – A Life in Ham Radio*, New York: Princeton Architectural press.
- In http://books.google.pt/books?id=DMhgwa2_s2EC&pg=PA18&hl=pt-PT&source=gbs_toc_r&cad=4#v=onepage&q&f=false (consultado na internet em 15 de julho de 2012).
- Guerra, M. (2001). *A Escola que Aprende*, Lisboa: Edições ASA
- Haring, K. (2007). *Ham Radio's Technical Culture*, Massachusetts: MIT Press.
- Hill, J. (2002). “Amateur Radio - A Powerful Voice in Education” in *QST Magazine*, December, pp. 52-54.



- Hill, M. e Hill, A. (2005). *Investigação por Questionário*, Lisboa: Edições Sílabo.
- Holland, A e Andre, T. (1987). Participation in extracurricular activities, in secondary school: What is Known, what need to be known? *Review of Educational Research*, 57, 437-466.
- La Belle, T. (1986). *Nonformal Education in Latin American and the Caribben. Stability, Reform or Revolution?*, New York: Praeger.
- Lima, J. (2008). *Em busca da Boa Escola*, Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão.
- Lopes, M. (1997). *A Educação Especial em Portugal*, Braga: Associação Portuguesa de Pais e Amigos do Cidadão Deficiente Mental.
- MacBeath, J. , Schratz, M. , Meuret, D. e Jakobsen, L. (2005). *A História de Serena. Viajando Rumo a uma Escola Melhor*, Lisboa: Edições ASA
- Marques, A. (1998). A Educação e o Lazer, In *revista Milenium 10*.
- Marsh, H. (1992). “Extracurricular Activities: Beneficial extension of the traditional curriculum or subversion of academic goals?” In *Journal of educational Psychology*, vol. 84(4), Dec, pp. 553-562.
- Martins, E. (2009). A Escola como Espaço Gerador de Cultura ‘De’ e ‘Para’ a Cidadania, In *Plures – Humanidades*, Ribeirão Preto, nº12.
- Mason, J. (2002). *Qualitative Researching*, London, SAGE Publications.
- Mazzuca, J. Jr. (2007). Ainda são úteis as ondas curtas? In *Revista Científica do CESUCA*, V.2, nº2. http://www.cesuca.com.br/biblioteca/pdf/recc2007_novo.pdf (consultado na internet em 31-12-2012).
- Ministério da Educação. (s/d) Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais, Comissão das Comunidades Europeias – Programa SOCRATES Acção 6.1.2
- Mrech, L. (1998). O que é educação inclusiva, In *Revista Integração n.º 20*, Faculdade de Educação da Universidade São Paulo
- Newell, P. (1994). *Teaching with technology: A proposal for using Amateur Radio in the classroom*, December: ERIC Digests
- Ninno, A. (1999). *Radios in the classroom: Curriculum*, March: ERIC Digests



- Nova, E. (1997). *Educar para a Protecção Civil*, Lisboa: Texto Editora.
- Palhares, J. (2009). Reflexões sobre o não-escolar na escola e para além dela, *Revista Portuguesa de Educação*, 22(2), p 53-84.
- Patrício, M. (1988) – A Inovação no centro da reforma educativa, In *Inovação, Revista do Instituto de Inovação Educacional*, vol.1, nº1,p.5-12
- Patrício, M. (1990). *A Escola Cultural*, Lisboa: Texto Editora
- Peixoto, F. (2003). *Auto-estima, auto-conceito e dinâmicas relacionadas em contexto escolar*. Tese de Doutoramento. Universidade do Minho, Instituto de Educação e Psicologia.
- Perrenoud, P. (2001). *A Pedagogia das Diferenças*, Porto Alegre, Artmed Editora.
- Perrenoud, P. (2005). *Escola e Cidadania – O papel da Escola na Formação para a Democracia*, São Paulo, Artmed.
- Pinto, L. (2005). Sobre a Educação não formal. In *Cadernos d'inducar*, Maio.
- Pinto, M. (2004) Recuperar a Escola In *Revista A Página da Educação*, nº134, ano XIII, Maio.
- Pires, A. (2008). Aprendizagem de adultos: contextos e processos de desenvolvimento e reconhecimento de competências. In *Seminário Novos Públicos no IPS: os maiores de 23 anos*, 21 de maio de 2008, Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico de Setúbal. (consultado em 21 de Julho de 2012)
- http://www.ips.pt/ips_si/web_gessi_docs.download_file?p_name=F446570191/Aprendizagem_de_adultos.pdf
- Silver, W. (2004). *Ham Radio for Dummies*, New Jersey: Wiley Publishing Inc.
- Stake, R. (2005). *Qualitative case studies*, in *The Sage Handbook of Qualitative Research*, London: SAGE Publications
- Stake, R. (1999). *Investigación con estudio de casos*, Madrid, Ediciones Morata.
- <http://pt.scribd.com/doc/51397687/INVESTIGACION-CON-ESTUDIO-DE-CASOS-STAKE> (acedido em 30-07-2012)
- Stake, R. (2010). *Qualitative Research – Studying How Things Work*, New York: Guilford Press.
- Strauss, A. e Corbin, J. (2008). *Pesquisa Qualitativa – Técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada*, São Paulo: ARTMED.



- Trindade, R. (2004). Motivação e Sentido de Trabalho Escolar, In *Correio da educação*, nº186, Maio.
- Tuckman, B. (2000) *Manual de Investigação em Educação*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- UNESCO (1994). *Declaração de Salamanca e Enquadramento da Acção na Área das Necessidades Educativas Especiais*, Instituto de Inovação Educacional.
- Vilà, M. (2005). Hablar para aprender a hablar mejor: ele equilibrio entre el uso de la lengua y la reflexión. In C. Barragán [et al.], *Hablar en clase. Cómo trabajar la lengua oral en el centro escolar* (pp. 29-36). Barcelona, Editorial GRAO.
- Vilar, A. (1993). *Inovação e Mudança na Reforma Educativa*, Lisboa: Edições ASA
- Yin, R. (2004). *Estudo de Caso – Planejamento e Métodos*, Porto Alegre: Bookman.
- Yin, R. (2011). *Qualitative Research from Start to Finish*, New York: Guilford Press.

Dicionários:

Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea. Academia das Ciências de Lisboa, Verbo.

Legislação:

Diário da República, I Série-A, Decreto Lei 46/1986, 14 de outubro.

Diário da República, I Série-A, Decreto Lei 95/1991, 26 de fevereiro.

Diário da República, I Série –A, Decreto Lei 5/1995, 17 de janeiro.

Diário da República, I Série-A, Decreto Lei 6/2001, 18 de janeiro.

Diário da República, I Série-A, Decreto Lei 121/2005, 26 de julho.

Diário da República, I Série-A, Decreto Lei 53/2009, 21 de março.

Despacho n.º 141/ME/90 de 1 de setembro.

Despacho n.º 17387/05 de 12 de agosto.



Sítios na internet consultados:

Malchick, Lew. (2012). About The School Club Roundup. ARRL (sítio web).

<http://www.arrl.org/school-club-roundup-scr/> (acedido em 30-12-2012)

What is Ham Radio? ARRL (sítio web).

<http://www.arrl.org/what-is-ham-radio> (acedido em 18-06-2012).

Associação de Radioamadores do Litoral Alentejano (Página da ARLA – Associação de Radioamadores do Litoral Alentejano).

<http://www.arla.radio-amador.net/radioam.htm#radioamadorismo> (acedido em 30-12-2012).

SEMINÁRIO “A Protecção Civil e os Radioamadores”, Figueira da Foz, 17 de Abril de 2004. http://www.radioamadores.net/files/prot_civil_rad_ct1bpt.pdf (acedido em 15 de julho de 2012).

Entrevista com o Eng. Hélder Silva, Director Técnico do SNBPC e responsável pelo actual relacionamento com os radioamadores à Revista QSP.

<http://www.radiocb.com/main/images/protocolo/entrevista.pdf> (acedido em 15 de julho de 2012).

What is Ham? In <http://www.qsl.net/ct2hcq/Ham%20.html> (acedido em 15 de julho de 2012).



ANEXOS



(ANEXO 1)

Gouveia, 14 de Fevereiro de 2008

Ex. ^{mos} Senhores :

Sendo eu professor na Escola EB de Gouveia e, paralelamente, radioamador da classe “A” com a licença n.º 179433, e número de cliente 942763, pretendia criar na minha escola um clube de comunicações.

Com a criação do Clube de Comunicações na Escola EB 2 de Gouveia, é nosso principal objectivo desenvolver o gosto pelas comunicações e as relações inter-pessoais. Além disto, pretendemos ainda:

- Promover a troca de mensagens entre a nossa escola e diversos pontos do país;
- Fomentar nos alunos o gosto pelas comunicações via rádio e pela troca de experiências com pessoas de diversos pontos do país;
- Desenvolver a dicção, entoação e expressão oral;
- Divulgar a nossa Escola e a nossa região em Portugal;
- Cativar os alunos de forma a mantê-los na escola nos seus tempos livres;
- Participar em acções de auxílio à comunidade dentro da protecção civil da área;
- Apoio de diversas actividades da escola, desenvolvidas no exterior;



- Desenvolver o gosto pelo rádio amadorismo na suas vertentes técnica e lúdica.

Gostaria de saber quais os passos que poderei e/ou deverei dar para obter da ANACOM um indicativo escolar, bem como a autorização para os alunos poderem operar a estação. Claro que as operações só seriam possíveis sob certas regras como por exemplo a minha presença no local como radioamador tutor e com horários previamente estabelecidos, de acordo com o horário escolar dos alunos.

Numa primeira fase, e devido aos custos de material, estaria interessado em obter autorização equivalente a uma licença da classe C para a minha escola.

Teria enorme prazer em desenvolver um projecto piloto no âmbito do radioamadorismo escolar devendo este ser objecto de monitorização pela ANACOM, que faria a avaliação dos seus aspectos positivos e negativos, no sentido de o permitir gradualmente melhorar.

Anualmente estaria disponível para realizar uma avaliação do funcionamento e do desempenho do referido clube.

O apoio técnico será facultado pela ARBA - Associação de Radioamadores da Beira alta, uma vez que a escola de Gouveia se insere na área de influência daquela associação.

Junto envio a planificação do projecto que já foi aprovado pelo Conselho Executivo da minha escola.

Fico a aguardar as vossas notícias.

Atentamente

Paulo Sousa
(professor)



(ANEXO 2)



Ex.^{mo} Sr.
Paulo Cipriano Lopes Sousa
Urb. Bela Vista, Lt 14
6290-368 GOUVEIA

S/ referência	S/ comunicação	Processo	N/ referência	Data
	14-02-2008	30.35.57.942763	S14083/2008	2008-03-26

ASSUNTO: Serviço de Amador – consignação de indicativo de chamada especial

Na sequência do pedido de V.^ª Ex.^ª, é concedida autorização para o funcionamento da estação de amador CT1FUH/1, de acordo com o Despacho DE001708ADGE1, de 07-03-2008, do Adjunto da Directora de Gestão do Espectro, ao abrigo das competências que lhe estão subdelegadas, nas seguintes condições:

1. As comunicações serão feitas a partir da estação **CT1FUH/1**, instalada na Escola EB 2 de Gouveia, utilizando o indicativo de chamada especial **CS2GVA**, entre 3 e 10 de Abril de 2008.
2. A sua utilização tem como objectivo a realização de ensaios técnicos e estudos científicos no âmbito da divulgação do radioamadorismo junto dos jovens.
3. O início e o fim de cada contacto, deverá ser efectuado por amador habilitado para este tipo de comunicações que se deverá identificar, que supervisionará e se responsabilizará pela operação da estação durante todo o período de comunicação.
4. As comunicações revestem carácter experimental e serão efectuadas numa base de não protecção e não interferência em outras utilizações devidamente autorizadas.
5. A utilização da estação deverá respeitar as condicionantes técnicas aplicáveis.

IGP-ANACOM
Av. José Malhoa, 12
1099-017 LISBOA
Telefone +351 21 721 1000 • Fax +351 21 721 1001



Radioamadorismo Escolar e o prazer de estar na escola Um estudo de caso



6. Esta autorização pode ser revogada a qualquer momento pelo ICP-ANACOM, por motivos de gestão do espectro radioelétrico ou por incumprimento de qualquer das obrigações acima expressas.

Com os melhores cumprimentos,


Ema Esteves

Serviços de Amador e de
Amador por Satélite

PA/EME

ICP-ANACOM
Av. José Malhoa, 12
1099-017 LISBOA
Telefone +351 21 721 1000 • Fax +351 21 721 1001



(ANEXO 3)

ANACOM AUTORIDADE NACIONAL DE COMUNICAÇÕES

**LICENÇA DE ESTAÇÃO DE AMADOR
DE USO COMUM**

É emitida a presente licença, atribuída nos termos do Artigo 9º do Decreto-Lei n.º53/2009, de 2 de Março, à entidade abaixo designada e nas condições a seguir descritas.

Nº da Licença 512235	Data de início da validade 21/01/2010
Data de emissão 21/01/2010	Data de termo da validade 20/01/2020

TITULAR DA LICENÇA

Nome ARBA ASS RADIOAMADORES BEIRA ALTA	Nº Cliente 24071
Morada P O BOX 1100 VISEU 3511-901 VISEU	

CARACTERÍSTICAS DA ESTAÇÃO

Tipo de Estação: SEM FREQUÊNCIAS CONSIGNADAS	Indicativo de Chamada CS5GVA
---	-------------------------------------

LOCALIZAÇÃO DA ESTAÇÃO


Local de Instalação EB 2 DE GOUVEIA - R VERGÍLIO FERREIRA GOUVEIA

CONDIÇÕES GENÉRICAS

A presente licença permite, de acordo com a legislação em vigor, a utilização da estação nas versões fixa, móvel e portátil, nas condições previstas no quadro regulamentar em vigor.

DISPOSIÇÕES ESPECÍFICAS

A presente licença é concedida em conformidade com o(s) seguinte(s) Despacho(s): DE32010ADGE1 de 21/01/2010
--


Carlos José Antunes
Adjunto da Direcção de
Gestão do Espetro
Pág. 1 / 1



(ANEXO 4)

FOTOCÓPIA TIRADA DO ORIGINAL

Contrato de Comodato

Entre:

A Rede dos Emissores Portugueses, Associação Nacional de Radioamadores, com sede em Rua D. Pedro V Nº7 – 4º , 1250-092 Lisboa, contribuinte Nº 501 056 670, doravante designado como primeiro contraente;

E

B EB 2 de Gouveia na pessoa do Professor/Radioamador Paulo Sousa- CT1FUH, sediada em Rua Vergilio Ferreira, 6290-335 Gouveia, doravante designado como segundo contraente.

Entre o **primeiro** e o **segundo contraente** é celebrado e reciprocamente aceite um contrato de comodato que se rege pelas seguintes cláusulas:

Cláusula Primeira

O **primeiro contraente** é proprietário dos seguintes equipamentos conforme se descreve:
1 – Transceptor Yaesu FT-747GX, com microfone e cabo alimentação 12V.
1 – Fonte de Alimentação Telecom AV-825M
1 – Antena Tuner Trio, modelo AT-230, Serial Nº 1020454.
25m Cabo Coaxial RG-213.

Cláusula Segunda

Durante a vigência do presente contrato, o **segundo contraente** tem a obrigação de guardar e conservar os equipamentos aqui emprestados, e não fazendo deles uso, deverá restituí-los ao **primeiro contraente**.

Cláusula Terceira

Em tudo o que não estiver especificamente previsto no presente contrato, observar-se-á o disposto no artigo 1129º e seguintes do Código Civil.

Assim o assinaram.

.....Coimbra....., 01. de Dezembro de 2007.

Primeiro contraente **Testemunha**

CT1END CT1EED

Segundo contraente

CT1FUH



(ANEXO 5)



Batalha Naval



Grelha de Defesa

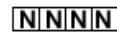
A										
B										
C										
D										
E										
F										
G										
H										
I										
J										
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

Coloca os seguintes navios na grelha de Defesa,desenhando as respectivas letras, na horizontal ou vertical .

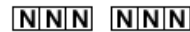
1 - Porta Aviões



1 - Navio de 4 canos



2 - Navios de 3 canos



3 - Navios de 2 canos



4 - Navios de 1 cano



Instruções (2 jogadores):

Ambos os jogadores colocam os seus navios na grelha de defesa.

Quem jogar primeiro indica uma posição (por exemplo G-6) .

Cada jogador tem direito a 3 tiros. No final das 3 jogadas o adversário indicará se acertou, dizendo "Tiro"(e o nome do navio onde acertou) ou "Água" caso não tenha acertado.

A pessoa deverá marcar então uma cruz ou ponto na grelha de Ataque para tentar descobrir onde se encontram os navios do adversário.

Se conseguir afundar um navio o adversário terá de dizer "Afundou o meu Porta aviões (ou outro navio que terá afundado).

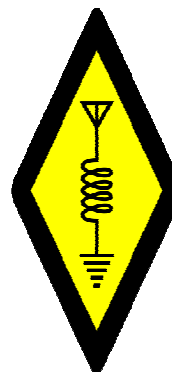
Ganha o que afundar todos os navios primeiro.

Grelha de Ataque

A										
B										
C										
D										
E										
F										
G										
H										
I										
J										
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10



(ANEXO 6)



Autorização

Eu, _____, Encarregado de Educação do aluno _____, do ___ano, turma ___ autorizo o meu educando a participar nas atividades do Clube de Comunicações e Proteção Civil do AEG, às _____ feiras, das _____ às _____ horas.

Assinatura do Encarregado de Educação



(ANEXO 7)

By **Lew Malchick, N2RQ**

School Club Roundup 2004

The 2004 School Club Roundup was a great success in spite of declining HF propagation conditions. Total entries increased slightly from 54 to 55 although total QSOs were down from nearly 7800 to less than 6500. Total hours increased from 659 to 707 and reported operators from 566 to 721. Entries came from 26 states and 2 DXCC countries, up from 20 and 1 in 2003.

W3NCS returned and regained the lead Elementary School score with more than four times their N. Clarion School 2003 score. W4KBR made an excellent showing in second place. KB3BRT slipped to third although they doubled the number of operators and increased the number of school contacts.

K5OMS, Olle Middle School Radio Club moved up from 10 of 11 to 1 of 12 by improving their score by 37 times. K7BZN slipped to 3rd, while AD8B moved up to 2nd. Total QSOs were down from 2003 but school contacts were nearly constant among the leaders.

The top High School score and number of entries slipped slightly from last year. KC7KFF, Carl Hayden HS, a frequent overall leader was in 3rd place even though they reported a relatively new and inexperienced group of student operators. W6PRB, Paso Robles HS ARC, returned even stronger than 2003. Once again they worked all 50 states and increased from 50 to 56 school QSOs. A first place finish with 340,173 showed great consistency. (Paso Robles was the site of a significant earthquake in the fall of 2003). K3NHC, North Hills HS, also improved their score from 2003, but did not catch the leader. KC0CXB, Palisade HS, nearly doubled their score, but remained in 3rd place.

The big news in the College/University category was not that W7ASU, Arizona State University, repeated with the top score or that K7UAZ, University of Arizona placed second. It was that the number of entries nearly doubled from 6 to 11. The highest participation in this category of the SCR. Even the DX entries doubled with ON4HTI from Ostend Polytechnic University returning with an increased score and a first time entry from VE7UBC, University of British Columbia ARS.

Among the non-school clubs, K3FBI continued as an active participant, which is often mentioned as a highlight contact by other operators.

From September 2004 QST © ARRL



Figure 1—ON4HTI from Ostend Polytechnic University in Belgium returned with a higher score than last year.

COURTESY KAREN MCDUGAL, KC4AVF



Figure 2—Three Electronics Technology students at the Tennessee Technology Center: Charles Cryer is logging, Brian Weaver, AG4UX, is operating, and Jay Inman, KI4BCI, is logging manually.

COURTESY RICH HIBBARD, KR2H



Figure 3—An enthusiastic group of fourth and fifth graders at the Intervale School, Parsippany, New Jersey, updated this hallway bulletin board daily as they made contacts with other schools around the country.

SOAPBOX

Many thanks, as always, for the hours you folks put in so that this school club event can promote Amateur Radio among our students! This School Club Roundup event is a highlight of our year for the students in the club.—Ken Kane, KG8DN, Gilmour Academy, ND8GA

Whether shooting for the competitive edge or casually getting young people on the air for a short rag chew, the School Club Round Up is an awesome tool to motivate youth about Amateur Radio! Our fifth year in the SCR was another hit among our high school kids here at Paso Robles High School. We ended up with 17 student operators and several more just stopping in to see our progress throughout the week. The highlight for us this year occurred about mid week when I received an email from a Paso Robles elementary school teacher, who happens to be a ham, wanting to get her third grade class on the air with some of my students! Mary, W6ROX, did an excellent job acting as an ambassador for ham radio with her third graders. We passed the microphone around, answering all sorts of radio related questions asked by her students. It was great to watch the high school students interact on the air with those kids. It looks like we might just have another school on board for next year's SCR! I think one of the most positive attributes of this event is how it makes radio become contagious. Thanks to all the hams who make it a point to contact the many schools throughout the week. We look forward to seeing you all again next year.—Rob Thoresen, AG6RT, Paso Robles High School ARC, W6PRB

As always, thanks again for a great contest. My fourth and fifth graders had a great time meeting new friends. We updated a hallway bulletin board every day, and the whole school checked our progress during the week. Almost every one of our 31 fourth and fifth graders made at least one contact, and I was impressed with the way the students encouraged each other and celebrated each other's successes. Thanks to all the other schools and individuals, who were very helpful, and continue to insure the future of our great hobby. Let me know if I can ever be of assistance.—Rich Hibbard, KR2H, 4th grade teacher/Club Advisor; Intervale School ARC, KB2VBU

Once again the ham community proved to be very supportive of the students as they nervously called CQs or gave names, QTHs, and signal reports. It's always fun to have 6 year olds talking to 76 year olds. We say a big THANK YOU to all the Amateur Radio operators who seek out the schools during the SCR and offer words of encouragement to this great hobby at our school during the second week in February.—Bruce D. Weaver, K3LTM, fifth grade teacher, advisor, CVSARC KB3BRT

Thanks so much for doing the School Club Roundup. The kids loved it.—Vic, KC0ENB

The contest was wonderful. We got a number of students and staff excited about ham radio and the contacts our students made during the contest were memorable. Thank you for organizing and managing this contest. It has really been helpful for what we are trying to do here in Roanoke to promote ham radio. I appreciate your efforts. I look forward to participating next year! —Dr Richard A. Turner, KZ4VT, principal and trustee, William Byrd HS ARC, WB4HS

We at Olle had a great time several students helped out. Thanks to all who gave us a contact it was great. Our 15 meter part of the Force 12



Radioamadorismo Escolar

e o prazer de estar na escola

Um estudo de caso

2004 School Club Roundup Scores

Call Sign	Score	Rank	QSOs	States	Can Prov	Countries	Clubs	Schools	Hours	Operators	Club Name	School
Elementary Schools												
W3NCS	53332	1	250	41	4	22	1	26	22	3	N Clarion School ARC	N Clarion Co ES
W4KBR	23976	2	148	37	4	6	0	23	15	14	St Aloysius RC	
KB3BRT	15908	3	97	24	4	15	3	23	25	52	Cowanesque Valley School ARC	Westfield Area Elem
KC0LZD	12008	4	79	26	2	2	1	24	9	21	Morgan County R-2 School Ham Club	
KD7CJV	9752	5	71	27	1	1	1	15	15	10	Mr Spooner's 5th grade	Mill Park Elementary
KB2VBU	6664	6	68	24	0	5	2	13	12	32	Intervale School ARC	
KB2RMS	2847	7	39	18	1	2	1	10	15	11	Chapin School Radio Group	
W4TIM	1491	8	21	12	0	0	2	11	10	1	AB Combs Elementary ARC	
KB3CGA	1479	9	17	12	0	0	0	15	8	6		Family Learning Academy
Junior High/Middle Schools												
K5OMS	48705	1	191	40	3	10	6	38	9	3	Olle Radio Club	Olle Middle School
AD9B	35112	2	152	42	3	4	6	34	22	40	Zion ARC	Zion Lutheran School
K7EZN	27880	3	164	40	4	7	2	23	14	6	Sacajawea Middle School HRC	
KB2SAL	14577	4	129	25	3	10	0	15	24	8	Waco Jr-Sr HS Amateur Radio Club	
KC6KBO	12110	5	70	29	2	1	3	27	17	14		Webster Intermediate School
N1IFP	4982	6	47	18	1	2	0	17	5	27		Messalonskee Middle School
AB0OA	3780	7	54	21	1	1	1	9	10	20		Winfield MS
W7ERY	3710	8	53	22	1	0	1	9	20	50		Maple Grove MS
KC2KJN	1875	9	25	14	1	5	0	11	6	6	Gowanda CSD ARC	Gowanda MS
K7SMX	560	10	28	8	0	0	1	2	9	14	Lake Chelan RC	Chelan Valley Independent School
KA1PTW	280	11	14	9	0	2	2	1	4	13	Rochester Middle School	
K2BAR	120	12	12	3	0	7	0	0	3	13	Lincoln Middle School	
High Schools												
W6PRB	340173	1	765	50	7	28	11	56	24	18	Paso Robles High School ARC	Paso Robles HS
K3NHG	112710	2	388	43	7	12	6	43	24	1	North Hills HS AR & Electronics Club (AREC)	
KC7KFF	70356	3	246	38	3	5	5	46	14	7	Carl Hayden Community HS ARC	
KC0CKB	60990	4	214	39	4	2	2	46	24	25	Palisade High School ARC	Palisade HS
WB4HS	34882	5	214	42	3	9	2	21	12	10	William Byrd High School ARC	William Byrd HS
ND8GA	22962	6	127	35	5	14	2	24	15	5	Gilmour Academy ARC	
W2CXN	18666	7	122	30	0	10	4	21	9	12	Brooklyn Technical High School ARC & Soc	
KC2ENB	14726	8	74	23	1	3	1	34	17	5	Russell HS Radio Club	
K1BBS	14384	9	124	21	1	13	3	15	14	34	Burr and Burton ARC, Burr And Burton Academy	
N4LZJ	13580	10	77	24	1	3	1	22	23	9	Colonial Forge HS Ham Radio Club	
KB3BKW	10920	11	90	30	2	7	2	15	8	7	Selle Vernon HS ARC	
W4S	7998	12	60	25	0	7	2	18	18	7	Commonwealth Governor's School	
KL7WHS/AL9A	7878	13	101	30	4	4	5	6	9	6	Warrior AR Club	Spotsylvania Career & Technical Center
K7EFA	1776	14	24	14	0	0	0	12	6	170	Yellowstone Radio Club	Wasilla HS
W6SWD	1482	15	19	14	1	1	1	12	10	4	Miford High School Communications Club	Billings Christian School
KC2AAX	1005	16	15	12	0	3	1	10	9	12	AMAR, SCT BOCES Tec Program	
Colleges/Universities												
W7ASU	177775	1	501	48	5	13	7	49	21	3	Amateur Radio Society at Arizona State University	
K7UJZ	143225	2	423	45	5	5	6	54	24	4	UA Amateur Radio Club	University of Arizona
K4TTC	42700	3	175	40	2	5	1	39	13	12	Amateur Radio Club	
W8NIU	33264	4	144	40	1	7	4	35	22	4	NIU College of Engineering RC	Tennessee Technology Center-Hohenwald
W6YRA	31668	5	203	45	2	0	2	21	6	4	UCLA ARC	Northern Illinois U
K3DUO	21594	6	114	21	1	1	5	30	13	1	Duquesne University ARC	UCLA
W6YT	9555	7	65	24	1	2	0	24	24	2	Badger Amateur Radio Society	Duquesne University
KC2ZHF	5368	8	61	27	1	1	2	11	4	1	Patriot Amateur Radio Club	U of Wisconsin Madison
W8EDU	793	9	13	11	0	0	0	10	4	1	Case Western Reserve University	University of Texas at Tyler
W2AEE	774	10	18	11	0	0	1	6	6	1	CUARC	Columbia University
W6YX	45	11	4	3	0	1	0	1	2	2	Stanford University ARC	
DX Colleges/Universities												
ON4HTI	17664	1	170	5	0	40	21	1	22	5	STARCOM, Ostend Polytechnic University (KHBO)	
VE7UBI	2816	2	32	19	0	0	2	13	6	1	University of British Columbia ARS	
Clubs (Non-School)												
K3FBI	32980	1	170	35	3	16	0	28	8	2	Federal Bureau of Investigation ARA	
W6GQ	4886	2	33	19	1	2	0	24	5	1	Cedar Valley ARC	
Individuals												
KB3AGZ	3753	1	27	18	0	0	3	23	11	1		
KA2NRR	1005	2	15	9	0	1	1	11	5	1		
WO8L	828	3	12	11	0	1	1	11	12	1		

C3SS does not work so had to use the B&W folded dipole for 15 meters. The QRM on 20 was bad but we got through okay anyway. Never worked anyone on 40 or 10 this year. Of course could have worked some of the same stations on 15 as well as 20 but only can work stations once no matter what bands. Had lots of fun. Hope to do better next year. CU in the pileups. —Frosty KSLBU, Olle Middle School K5OMS

We really enjoyed chewing the rag with fellow hams. In addition, to our regular contacts, we also made an aeronautical mobile and a maritime mobile contact. Our first-time operators found it challenging to think of things to talk about, but they had a great time. We're looking forward to the 2005 SCR! —Tom, KA3WSQ sponsor, KB3BKW

Even though I had to set up and take down my antenna each day, I wouldn't miss the SCR. Twenty-six sixth graders made contacts during the week. It was their first experience on Amateur Radio. They can't wait to operate again. Thanks to everyone! —Phil, N1IFP

Messalonskee MS

The Wasilla High School Warrior Amateur Radio Club, KL7WHS, whose station equipment was obtained through a grant from the ARRL's Big Project, was QRV each day of the SCR contest period from 1900-2300 UTC. The WARC, which has seven newly licensed Technicians, operated as KL7WHS/AL9A throughout the contest period.

Despite the trying conditions we managed to log 101 QSOs on voice, 85 on 15 m, 2 on 20 m and 14 on 2 m for a total of 8282 points.

SCR E-Mail Reflector


The 2005 School Club Roundup will be February 14-18. Meanwhile, you can join our reflector at SCR-L@yahoogroups.com by sending a message to SCR-L-subscribe@yahoogroups.com, or on-line at groups.yahoo.com/groups/SCR-L.

We also bagged a few DX contacts including Belize, Hawaii, Japan, Solomon Is and Papua New Guinea. Everyone seemed to have an enjoyable time (of course, getting out of class may have had something to do with that!) and they were impressed with the capabilities of Amateur Radio.

All in all it was a fun time for everyone and should be something to look forward to again next year.—73 de Len, KL7LB, and Gary, AL9A

After 8 years of saying that I was going to do this, I finally did. And it was fun! My entire class of 13 Special Ed students from Rochester (New Hampshire) Middle School was able to participate.—Bill Nelson, KA1PTW

This was our first year participating in this contest, and the students had a blast.—Karen McDougal, KC4AVE, secretary TTC-ARCH

We ran over lunch hour each afternoon of the week. It was fun talking to some of the children operating stations. Thanks for making it all work! —Alan, K18JV/W8EDU 

From September 2004 QST © ARRL

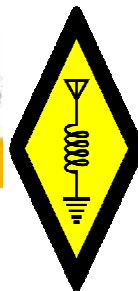


(ANEXO 8)



AEG

agrupamento de escolas do góvil



ALFABETO FONÉTICO

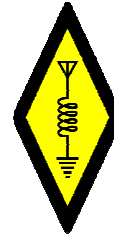
A	ALPHA	N	NOVEMBER
B	BRAVO	O	OSCAR
C	CHARLIE	P	PAPA
D	DELTA	Q	QUEBEC
E	ECHO	R	ROMEO
F	FOXTROT	S	SIERRA
G	GOLF	T	TANGO
H	HOTEL	U	UNIFORM
I	INDIA	V	VICTOR
J	JULIETT	W	WHISKEY
K	KILO	X	X-RAY
L	LIMA	Y	YANKEE
M	MIKE	Z	ZULU



AEG
agrupamento de escolas de gouveia



Código Q



- QAP - Permanecer na frequência (escuta);**
- QRA - Nome do operador / nome da estação;**
- QRG - Frequência de operação;**
- QRK – Dar um controle de sinais;**
- QRM - Interferência de outra estação;**
- QRN - Interferência estática ou atmosférica;**
- QRP - Estação de baixa potência;**
- QRT - Parar de transmitir;**
- QRX - Aguarde um pouco na frequência (a sua vez de transmitir);**
- QRV - Estarei a sua disposição;**
- QRZ - Quem está chamando?**
- QSB - Há fading nos seus sinais;**
- QSJ – Dinheiro;**
- QSL - Confirmado - tudo entendido;**
- QSM - Repita a última transmissão;**
- QSO – Comunicação;**
- QSP - Retransmissão de mensagem de outra estação;**
- QST - Comunicação de interesse geral;**
- QSX - Escutarei a sua chamada em "X" Khz/s;**
- QSY - Vou transmitir noutra frequência ou canal;**
- QTC – Mensagem ou notícia;**
- QTH - Local da estação - endereço do operador;**
- QTR – Horas;**
- QTS - Queira transmitir seu indicativo por favor;**
- QTU - Horário de funcionamento da estação;**



(anexo 9) Inquérito a alunos

UNIVERSIDADE CATOLICA PORTUGUESA
Mestrado em Ciências da Educação

A escola é o local privilegiado para a realização de todas as tuas aprendizagens e as atividades extracurriculares assumem uma importância muito grande na dinâmica geral.

O Agrupamento de Escolas de Gouveia é reconhecido por valorizar bastante esta componente, através das atividades dos clubes, nomeadamente do clube de comunicações.

Pretendemos verificar:

- De que forma o clube de comunicações faz despertar o gosto em estar na escola.
- Se a frequência do clube de comunicações permite melhorar o desempenho escolar a determinadas disciplinas.
- Se a frequência do clube de comunicações permite melhorar a capacidade de cooperar, compreender e respeitar os outros.

As conclusões servirão para:

- 1 - Avaliar a importância crescente do radioamadorismo em contexto escolar.
- 2 - Demonstrar a importância da dimensão afetiva presente nas atividades extracurriculares.
- 3 - Apoiar uma dissertação de mestrado.

Esperamos poder contar com a tua participação na resposta anónima a estas questões e apresentamos os nossos mais sinceros agradecimentos.

Paulo Sousa

Responde às questões seguintes assinalando com uma **X** a resposta que considerares acertada. Deves escolher apenas uma hipótese em cada pergunta.

Sexo: M F

Idade: _____ anos

Ano de escolaridade: _____ ° (ano letivo 2011-2012)

1- Consideras a existência do clube de comunicações importante para o nosso agrupamento de escolas?

- 1- Nada importante
- 2- Pouco importante
- 3- Importante
- 4- Muito importante

1	2	3	4
---	---	---	---



2 – Consideras que a frequência do clube de comunicações te ajuda a compreender melhor as diferentes disciplinas?

- 1- Não ajuda
- 2- Ajuda pouco
- 3- Ajuda
- 4- Ajuda muito

1	2	3	4
---	---	---	---

3 – Consideras que o clube te permite pôr em prática aprendizagens adquiridas noutras disciplinas?

- 1 – Não permite
- 2 – Permite pouco
- 3 - Permite
- 4 – Permite muito

1	2	3	4
---	---	---	---

4 – Consideras que as atividades que desenvolves no clube de comunicações permitem alargar os teus horizontes culturais?

- 1 – Não permite
- 2 - Permite pouco
- 3 - Permite
- 4 - Permite muito

1	2	3	4
---	---	---	---

5 – Consideras que a frequência do clube de comunicações permite aumentar a tua capacidade de ser solidário?

- 1 – Não permite
- 2 – Permite pouco
- 3 – Permite
- 4 – Permite muito

1	2	3	4
---	---	---	---

6 – Consideras que a frequência do clube de comunicações te motiva a ser cooperante com os teus colegas?

- 1 - Não motiva
- 2 - Motiva pouco
- 3 - Motiva
- 4 – Motiva muito

1	2	3	4
---	---	---	---



7 – Consideras que a frequência do clube te faz desenvolver o espírito de grupo?

1 – Não desenvolve

2 - Desenvolve pouco

3 - Desenvolve

4 – Desenvolve muito

1	2	3	4
---	---	---	---

8 – Consideras as atividades do clube de comunicações cativantes?

1 – Nada cativantes

2 – Pouco cativantes

3 - Cativantes

4 – Muito cativantes

1	2	3	4
---	---	---	---

9 – Consideras importante partilhar atividades com colegas de outros anos de escolaridade?

1 – Nada importante

2 - Pouco importante

3 - Importante

4 – Muito importante

1	2	3	4
---	---	---	---

10 – Consideras que a frequência do clube de comunicações contribui para melhorar o desempenho escolar a várias disciplinas?

1 – Não contribui

2 – Contribui pouco

3 – Contribui

4 – Contribui muito

1	2	3	4
---	---	---	---

11 – Consideras que a frequência do clube de comunicações ajuda a evitar a saída da escola?

1 – Não ajuda

2 – Ajuda pouco

3 - Ajuda

4 – Ajuda muito

1	2	3	4
---	---	---	---



12 – Consideras que a frequência do clube de comunicações contribui para desenvolver a expressão oral?

- 1 – Não contribui
- 2 – Contribui pouco
- 3 - Contribui
- 4- Contribui muito

1	2	3	4
---	---	---	---

13 - Consideras que a frequência do clube de comunicações contribui para desenvolver o gosto por línguas estrangeiras?

- 1 – Não contribui
- 2 – Contribui pouco
- 3 - Contribui
- 4- Contribui muito

1	2	3	4
---	---	---	---

14 – Consideras que a frequência do clube de comunicações contribui para desenvolver o gosto pela geografia?

- 1 – Não contribui
- 2 – Contribui pouco
- 3 - Contribui
- 4- Contribui muito

1	2	3	4
---	---	---	---

15 – Como avalias o teu desempenho no clube de comunicações?

- 1 – Razoável
- 2- Satisfatório
- 3 - Bom
- 4 - Excelente

1	2	3	4
---	---	---	---

16 – Como avalias o teu relacionamento com os restantes colegas de clube?

- 1 – Razoável
- 2- Satisfatório
- 3 - Bom
- 4 – Excelente

1	2	3	4
---	---	---	---



(anexo 10) Inquérito a professores

UNIVERSIDADE CATOLICA PORTUGUESA
Mestrado em Ciências da Educação

A escola é o local privilegiado para a realização de todas as aprendizagens e as atividades extracurriculares assumem uma importância muito grande na dinâmica geral.

O Agrupamento de Escolas de Gouveia é reconhecido por valorizar bastante esta componente, através das atividades dos clubes, nomeadamente do clube de comunicações.

Pretendemos verificar:

- De que forma o clube de comunicações faz despertar o gosto em estar na escola.
- Se a frequência do clube de comunicações permite melhorar o desempenho escolar a determinadas disciplinas.
- Se a frequência do clube de comunicações permite melhorar a capacidade de cooperar, compreender e respeitar os outros.

As conclusões servirão para:

- 1 - Avaliar a importância crescente do radioamadorismo em contexto escolar.
- 2 - Demonstrar a importância da dimensão afetiva presente nas atividades extracurriculares.
- 3 - Apoiar uma dissertação de mestrado.

Esperamos poder contar com a sua participação na resposta anónima a estas questões e apresentamos os nossos mais sinceros agradecimentos.

Paulo Sousa

Responda às questões seguintes assinalando com uma **X** a resposta que considerares acertada. Deve escolher apenas uma hipótese em cada pergunta.

1- Considera a existência do clube de comunicações importante para o nosso agrupamento de escolas?

- 4- Nada importante
5- Pouco importante
6- Importante
4- Muito importante

1	2	3	4
---	---	---	---



2 – Considera que a frequência do clube de comunicações ajuda os nossos alunos a estarem mais atentos na sala de aulas?

- 5- Não ajuda
- 6- Ajuda pouco
- 7- Ajuda
- 8- Ajuda muito

1	2	3	4
---	---	---	---

3 – Considera que a frequência do clube de comunicações ajuda os nossos alunos a melhorar o comportamento na sala de aulas?

- 1- Não ajuda
- 2- Ajuda pouco
- 3- Ajuda
- 4- Ajuda muito

1	2	3	4
---	---	---	---

4 – Considera que as atividades que os nossos alunos desenvolvem no clube de comunicações permitem alargar os seus horizontes culturais?

- 1 – Não permite
- 2 - Permite pouco
- 3 - Permite
- 4 - Permite muito

1	2	3	4
---	---	---	---

5 – Considera que a frequência do clube de comunicações permite aos nossos alunos aumentar a sua capacidade de serem solidários?

- 1 – Não permite
- 2 – Permite pouco
- 3 – Permite
- 4 – Permite muito

1	2	3	4
---	---	---	---

6 – Considera que a frequência do clube de comunicações motiva os nossos alunos a serem cooperantes com os seus colegas?

- 1 - Não motiva
- 2 - Motiva pouco
- 3 - Motiva
- 4 – Motiva muito

1	2	3	4
---	---	---	---



7 – Considera que a frequência do clube faz desenvolver nos nossos alunos o espírito de grupo?

1	2	3	4
---	---	---	---

- 1 – Não desenvolve
- 2 - Desenvolve pouco
- 3 - Desenvolve
- 4 – Desenvolve muito

8 – Considera as atividades do clube de comunicações cativantes para os nossos alunos?

1	2	3	4
---	---	---	---

- 1 – Nada cativantes
- 2 – Pouco cativantes
- 3 - Cativantes
- 4 – Muito cativantes

9 – Considera importante, dentro do clube, partilharem atividades alunos de diferentes anos de escolaridade?

1	2	3	4
---	---	---	---

- 1 – Nada importante
- 2 - Pouco importante
- 3 - Importante
- 4 – Muito importante

10 – Considera que a frequência do clube de comunicações contribui para melhorar o desempenho escolar a várias disciplinas?

1	2	3	4
---	---	---	---

- 1 – Não contribui
- 2 – Contribui pouco
- 3 – Contribui
- 4 – Contribui muito

11 – Considera que a frequência do clube de comunicações ajuda a evitar o abandono escolar?

1	2	3	4
---	---	---	---

- 1 – Não ajuda
- 2 – Ajuda pouco
- 3 - Ajuda
- 4 – Ajuda muito



12 – Considera que a frequência do clube de comunicações contribui para desenvolver, nos alunos, a expressão oral?

1 – Não contribui

1	2	3	4
---	---	---	---

2 – Contribui pouco

3 - Contribui

4- Contribui muito

13 - Considera que a frequência do clube de comunicações contribui para desenvolver, nos alunos, o gosto por línguas estrangeiras?

1 – Não contribui

1	2	3	4
---	---	---	---

2 – Contribui pouco

3 - Contribui

4- Contribui muito

14 - Considera que a frequência do clube de comunicações contribui para desenvolver, nos alunos, o gosto pela geografia?

1 – Não contribui

1	2	3	4
---	---	---	---

2 – Contribui pouco

3 - Contribui

4- Contribui muito



(anexo 11) Guião de entrevista a encarregados de educação

UNIVERSIDADE CATOLICA PORTUGUESA **Mestrado em Ciências da Educação**

A escola é o local privilegiado para a realização de todas as aprendizagens e as atividades extracurriculares assumem uma importância muito grande na dinâmica geral.

O Agrupamento de Escolas de Gouveia é reconhecido por valorizar bastante esta componente, através das atividades dos clubes, nomeadamente do clube de comunicações.

Pretendemos verificar:

- De que forma o clube de comunicações faz despertar o gosto em estar na escola.
- Se a frequência do clube de comunicações permite melhorar o desempenho escolar a determinadas disciplinas.
- Se a frequência do clube de comunicações permite melhorar a capacidade de cooperar, compreender e respeitar os outros.

As conclusões servirão para:

- 1 - Avaliar a importância crescente do radioamadorismo em contexto escolar.
- 2 - Demonstrar a importância da dimensão afetiva presente nas atividades extracurriculares.
- 3 - Apoiar uma dissertação de mestrado.

Agradecemos a sua disponibilidade para conceder esta entrevista que será, certamente, importante para o nosso trabalho.

Paulo Sousa

Entrevista a Encarregados de Educação.

- 1 – O seu educando gosta de frequentar o clube de comunicações? Porquê?
- 2 – Qual é a sua opinião acerca da utilidade do clube de comunicações?
- 3 – O clube de comunicações permite que o seu educando ponha em prática aprendizagens adquiridas noutras disciplinas? Quais? De que forma?
- 4 – Considera que as atividades que o seu educando desenvolve no clube de comunicações possibilitam o alargamento dos seus horizontes culturais? De que forma?
- 5 – Considera que o clube de comunicações promove no seu educando a capacidade de ser solidário? Como nota isso?



6 – O clube de comunicações motiva o seu educando a cooperar com os colegas?
Como?

7 – Considera que o clube de comunicações faz desenvolver o espírito de grupo no seu educando? De que forma?

8 – Qual é a sua opinião sobre as atividades realizadas no clube?

9 – O que pensa sobre a partilha de atividades, no clube, com colegas de outros anos de escolaridade?

10 – O que pensa da possibilidade de o clube poder contribuir para a melhoria do desempenho escolar do seu educando a várias disciplinas?

11 – Como encara o trabalho desenvolvido no clube como forma de evitar o problema do abandono escolar?

12- Considera que o clube de comunicações contribui para que o seu educando desenvolva a sua expressão oral? Porquê?

13 – Qual é a sua opinião acerca da contribuição que o clube de comunicações dá para o desenvolvimento do gosto por línguas estrangeiras?

14 – O que pensa da ocupação dos tempos livres, à hora de almoço e no final do dia, serem com radioamadorismo escolar?

15 – O que o levou a autorizar a inscrição do seu educando no clube de comunicações?

16 – Sabia o que era o radioamadorismo antes do seu educando ingressar no clube?

Nota: Toda a entrevista será gravada com a prévia autorização do encarregado de educação.



(anexo 12) Depoimento do Aluno 1

Q1	Qual é a tua opinião acerca da utilidade do nosso clube?
R1	Foi importante para desenvolver a expressividade oral em Português e a expressão escrita em inglês, para termos mais facilidade em exprimirmos e dizermos mais coisas. Aprender algumas palavras novas em estrangeiro e também conviver mais com os amigos via rádio.
Q2	Tu consideras que a existência de um clube de comunicações é importante num agrupamento de escolas? E porquê?
R2	Sim. As mesmas razões da anterior.
Q3	Alguma coisa que tu queiras relatar, algum episódio de que te lembres e que gostasses de relatar?
R3	Sim . Acho que falei duas vezes com o mesmo radioamador e depois ele ainda se lembrava do meu nome embora fosse já há duas semanas, ainda se tinha lembrado do meu nome e da frequência do rádio.
Q4	Qual é a relação que tu tens com os teus colegas mais novos e colegas mais velhos aqui no clube de rádio?
R4	É boa. Dá para... não sabemos quem é que está do outro lado do rádio, mas vamos sabendo assim pela voz e também pelas coisas que diz.
Q5	Como é que é o relacionamento entre jovens do segundo ciclo e do terceiro ciclo?
R5	É como se fossemos da mesma idade. Vai-se convivendo da mesma forma. É pelo rádio, por isso...
Q6	Achas que as atividades no nosso clube são cativantes?
R6	Sim, mais especificamente ... falar pelo programa do computador, pelo psk31, porque dá mais jeito estar a escrever no computador. Gosto mais de escrever do que dizer oralmente. Não só em português, mas mesmo nas outras línguas... também gosto mais de escrever do que de falar.
Q7	O gosto por algumas disciplinas, no caso, por exemplo a geografia?
R7	A geografia não, não gosto muito mas sei onde estão os locais mais ou menos. Mas pelo inglês sim, pela língua estrangeira.
Q8	E o relacionamento entre as pessoas? Achas que é bom?
R8	Sim. Estabelece-se conhecimento pela rádio.



(anexo 13) Depoimento do aluno 2

Q1	Qual é a tua opinião acerca da utilidade do nosso clube?
R1	Achei muito interessante, muito educativo. Tínhamos interações com outras pessoas que depois também ajudávamos a interagir de forma, pronto... em grupo, interações em grupo...
Q2	Lembras-te de algum episódio engraçado, cómico que queiras partilhar connosco?
R2	Não, agora assim não me lembro.
Q3	O relacionamento aqui dentro do clube entre professor alunos... como é que achas que era?
R3	Sim era... acho que sim que era... agora não sei como é que hei-de... uma palavra pronto pó... acho que era muito interessante, você também nos dava informações interessantes, não sei...
Q4	No que diz respeito às línguas estrangeiras, achas que o clube ajuda?
R4	Sim, a nível das línguas estrangeiras ajuda porque nós somos obrigados aqui a falar com pessoas de outros países, doutras nacionalidades. Requer mais de nós e puxamos mais pela língua estrangeira.
Q5	As nossas atividades, estou-me a lembrar da medalha, do jogo da medalha, achas que essas atividades eram cativantes?
R5	Sim, acho que eram cativantes eram interessantes pronto nós... era tínhamos de dar coordenadas para encontrarmos a medalha... sim.
Q6	Estou-me a lembrar também de uma caminhada que fizemos...
R6	Sim, nós tínhamos que orientar a caminhada... sim, lembro.
Q7	Achas que no nosso clube, conseguimos ser solidários, amigos uns dos outros? Como?
R7	Acho que eram solidários e ajudavam-se sempre uns aos outros.



(Anexo 14) Depoimento do aluno 3

Q1	Qual é a tua opinião acerca da utilidade do nosso clube?
R1	Este clube é muito bom para esta escola pois cativa muito os alunos a virem para a escola alguns alunos quase como se não quisessem... É como se fosse mais uma atração e depois até podemos tirar algum proveito para outras disciplinas.
Q2	Consideras que o nosso clube é uma mais-valia para o nosso agrupamento de escolas?
R2	Sim, totalmente.
Q3	Lembras-te de algum caso, de algum episódio que queiras partilhar connosco. Algum episódio engraçado ou não, mas que tu te recordes?
R3	Mais ou menos. É quando foi para tirarmos aqui as fotografias enquanto estávamos a falar pelo intercomunicador e quando nós, às vezes, íamos lá para fora também... são... foram algumas atividades propostas pelo professor que foram interessantes.
Q4	Olha, estou-me a lembrar de uma atividade, não sei se tu te recordas dela que foi uma caminhada pelo coração.
R4	Ah sim... sim também foi onde nós pudemos ver em que nível mais ou menos estávamos tínhamos visto bem, tínhamos canalizado tudo o que tínhamos aprendido em todas as aulas que o professor tinha dado. Acho que foi positivo.
Q5	O que é que tu achas que o radioamadorismo pode fazer numa escola?
R5	É mais ou menos o que disse no início. O radioamadorismo... podemos ter como se fosse mais ou menos um passatempo. Podemos até na vida futura termos o nosso próprio canal, o nosso próprio rádio, podemos até fazer algo maior, uma estação de rádio, como por exemplo.
Q6	Achas que no nosso clube, conseguimos ser solidários, amigos uns dos outros? Como?
R6	Sim, sim em todos os aspetos. Quando andávamos aqui no clube, todos éramos amigos uns dos outros, não só os da mesma turma, mas também alunos de outras turmas que nos acolhiam como se fôssemos... éramos novos ainda aqui... Foi positivo, eu acho... Foram ótimos amigos e ajudaram-nos.
Q7	Como é que tu achas que o nosso clube trata os colegas mais jovens quando chegam?
R7	Trata bem. Começa a dizer-lhe o que será necessário saber, as regras (devemos fazer tudo o que deverá ser correto, não devemos andar a brincar nem a fazer muitas palhaçadas pois pode atrapalhar outro colega e assim até pode ... podemos estar a estragar como se fosse... como por exemplo uma nota. Podemos estragar mais ou menos o comportamento).
Q8	Em termos de horizontes culturais, tu achas que o clube de radioamadorismo acaba por ser importante ou não? Ou nem por isso?
R8	Sim, em todos os aspetos, nós assim com o radioamadorismo, nós falamos para quase todo o sítio aqui em Portugal, todos os lugares até falamos para o estrangeiro várias vezes, sim em níveis culturais, sim.
Q9	Na tua passagem pelo clube, e já vai há alguns anos obviamente, tu já és do nosso clube há três anos, tu achas que nesses três que o nosso clube teve, o nosso clube evoluiu ou não?
R9	Sim, evoluiu, conseguimos ter novos equipamentos, bons resultados nos campeonatos, sim evoluiu.



(anexo 15) Depoimento do aluno 4

Q1	Qual é a tua opinião acerca da utilidade do nosso clube?
R1	Eu acho que é uma coisa boa e que toda a gente devia frequentar até porque aprendemos a falar e se um dia precisarmos já estamos preparados para ajudar os outros. Acho que é um incentivo. Pelo menos, aprendemos a falar melhor com as pessoas.
Q2	Tu achas que o nosso clube é importante para o estudo das outras disciplinas?
R2	Eu acho que sim, para geografia e para mais algumas que ajudam-nos.
Q3	Achas que ficaste diferente depois de passares pelo nosso clube? Melhoraste o teu desempenho, o teu rendimento escolar?
R3	Em questão de participar e de falar acho que sim, que consegui.
Q4	Achas que o clube consegue fazer desinibir as pessoas, serem menos fechadas, menos introvertidas, mais faladoras?
R4	Sim, acho que sim.
Q5	Achas que os alunos do nosso clube têm melhores resultados escolares do que os que não andam?
R5	Provavelmente em participarem nas aulas e isso sim, porque o clube ajuda.
Q6	E ao contrário? Achas que quem vem para o clube corre o risco de tirar más notas?
R6	Eu acho que não.
Q7	O Clube não influencia negativamente os resultados escolares?
R7	Eu acho que não.
Q8	Ou seja, não tiram tanto tempo assim às pessoas?
R8	Não.
Q9	E em casa, falas sobre o clube?
R9	Quando andava falava com os meus pais e eles ficavam assim meio coiso e eu explicava...
Q10	Há alguma coisa que gostasses de dizer...
R10	Eu acho que para as pessoas que é a primeira vez vão achar um bocadito estranho, depois vão-se habituando a gostar.
Q11	Já agora então pergunto. Como foi o primeiro dia? Lembras-te?
R11	Foi uma sensação um bocadito esquisita porque não sabíamos nada e tínhamos que estar a ver as coisas, mas depois disso com prática vamos aprendemos as coisas e já achamos que é fácil.
Q12	Muita tecnologia, muitas maquinetas?
R12	Sim, algumas.
Q13	E o encanto de falar para os Estados Unidos, de falar para o Japão?
R13	Eu acho que é bom porque conhecemos outras pessoas e aprendemos as línguas deles. É bom, prontos.



(anexo 16) Depoimento do aluno 5

Q1	Porque é que gostas de frequentar o clube de comunicações?
R1	Porque assim podemos comunicar para outros países e também falar para o nosso país e mesmo e quando estamos a fazer essas duas coisas, saímos e falamos com os rádios portáteis o que é... e isso incentiva muito e também nos ajuda muito nas outras disciplinas e até a descontrair e tudo.
Q2	Qual é a tua opinião acerca da utilidade do nosso clube?
R2	Ajuda nas outras disciplinas. Ajuda a comunicar em português, por exemplo. A compreensão oral vale muito e isto ajuda muito na compreensão oral. Fazemos muitas comunicações nos portáteis, o que ajuda na comunicação.
Q3	Consegues pôr em prática, no nosso clube, o que aprendes nas línguas?
R3	Sim, em inglês quando falamos para outros países também nos ajuda inglês... mais... a mais disciplinas... são tantas... línguas... português
Q4	No que diz respeito à geografia, achas que o clube ajuda?
R4	Sim, por exemplo, nos mapas. O professor às vezes diz: " <i>Estamos a falar... no QSO... estamos a falar para X</i> " e podemos ver no mapa, pensando no que falámos na disciplina de geografia.
Q5	Achas que nós que estamos no clube de radioamadorismo temos horizontes culturais mais abertos do que os nossos colegas que não são do clube?
R5	Eu acho que sim. Temos mais... eu acho que temos mais cultura do que os outros porque temos ali aquela hora que é de descontração mas que também aprendemos.
Q6	Achas que no nosso clube, conseguimos ser solidários, amigos uns dos outros? Como?
R6	Muitos dos alunos, por exemplo, no ano passado que era 5º e 6º ano, os alunos do 7º, 8º e 9º podiam entrar mas se houvesse mais do 5º e 6º que era o clube mesmo, havia solidariedade do 7º, 8º e 9º e entravam também do 5º e 6º.
Q7	E isso notava-se?
R7	Eu notei muitas vezes, bastantes vezes.
Q8	Como é que achas que o nosso clube funciona ao nível da cooperação, da entreajuda? Elas existem entre os diversos elementos?
R8	Até criamos mais amizade. Porque podemos já ser amigos, mas se tivermos tipo a descontrair, a falar no rádio e isso, estamos descontraídos e acho que criamos mais amizade até do que se estivermos assim na rua.
Q9	E quanto ao espírito de grupo?
R9	Há muito. Há muita entreajuda e espírito de grupo para ajudar o outro a aprender mais. Por exemplo, aos que vêm novos, os que já estão lá há mais tempo ajudam-nos muito.
Q10	Notas isso com os colegas de 2º ciclo quando chegam ao 5º ano?
R10	Eu noto.
Q11	Achas que as atividades no nosso clube são cativantes?
R11	Eu gosto. De falar para outros países, de falar para Portugal, de falar pelos portáteis. Eu gosto muito das atividades que fazemos. Estou-me a lembrar da batalha naval, da caça ao tesouro, do jogo da medalha e até quando há algumas coisas na escola, em que saímos. Aí somos nós que comandamos, entre aspas, que comandamos numa caminhada ou qualquer coisa, o que é fixe.
Q12	O clube permite ter melhores notas a outras disciplinas?
R12	Isso permite, por exemplo, na geografia, com os mapas. Dá para identificar melhor os países nos mapas. A compreensão oral também melhora, como já tinha referido. Ajuda nas línguas (inglês e, no meu caso, francês).
Q13	Achas que o nosso clube consegue evitar o abandono escolar?
R13	Eu acho que sim. Porque nós, eu pelo menos gosto muito do clube, e se todos nós pensarmos assim, que eu acho que sim, há um divertimento, acontece um divertimento no clube e assim os alunos não saem porque querem ir para aquele divertimento onde também se aprende



Q14	Parece-te que o nosso clube contribui para o desenvolvimento da expressão oral?
R14	Sim. No início, no primeiro ano de comunicação, as minhas primeiras chamadas eram muito tímidas. Agora, já estou muito desinibido e até já comunico mais, o que me faz também aprender mais.
Q15	No que diz respeito às línguas estrangeiras, achas que o clube ajuda?
R15	No rádio, podemos comunicar e também com e também ficar a perceber melhor o que a pessoa do outro lado diz. Desinibimos a fala nessa língua e também ouvimos, fixamos e aprendemos muito com a outra pessoa que está do outro lado.
Q16	O que é que achas do facto de nós ocuparmos as nossas horas de almoço e final do dia com o clube de radioamadorismo numa escola.
R16	Já estamos um pouco cansados das aulas e vamos para ali descontraímo-nos e desinibimo-nos ficamos assim descontraídos e até relaxamos mais a mente do stresse do que foi o dia anterior.
Q17	O que te levou a vir para o radioamadorismo?
R17	Primeiro ouvi falar os meus colegas que era divertido e eu vim experimentar e de facto da primeira vez que entrei, gostei bastante da interação que existia com as pessoas do clube e exteriormente também quando se falava com outras pessoas no rádio e fiquei feliz porque percebi logo nesses primeiros dias que ia desenvolver muito mais a compreensão oral e que ia ficar...
Q18	Conhecias o radioamadorismo antes de ingressar no nosso clube?
R18	Não, não sabia.



(anexo 17) Depoimento do aluno 6

Q1	Tu gostas de frequentar o clube? E porquê?
R1	Sim, gosto muito. Porque é muito divertido, aprendemos várias coisas para além do alfabeto fonético, falar com outras pessoas com outras experiências de vida, estamos com outros colegas de diferentes turmas.
Q2	Qual é a tua opinião acerca da utilidade do nosso clube?
R2	Para além de estarmos com colegas diferentes, aprendemos várias coisas com as outras pessoas com quem falamos através do rádio. Aprendemos também línguas e, quando falamos e quando fazemos o PSK, aprendemos o alfabeto fonético que é muito divertido. E é assim a comunicação.
Q3	No que diz respeito à geografia, achas que o clube ajuda?
R3	Sim, por exemplo, quando estamos a falar com alguém de outro país, como temos um mapa, conseguimos saber indicar onde estão.
Q4	Consegues pôr em prática, no nosso clube, o que aprendes nas línguas?
R4	Sim, conseguimos aplicar as línguas estrangeiras como por exemplo, estou a ter francês e inglês e quando os ouço já consigo traduzir mais ou menos para português e consigo aplicar o que aprendi nessas disciplinas.
Q5	Em termos culturais, o que é que tu achas que o nosso clube te dá?
R5	Quando falamos com outras pessoas, às vezes essas pessoas falam-nos sobre as terras deles, o tempo, prontos... quando falamos as pessoas dão informações às vezes que nós não sabemos e isso é muito bom para a nossa cultura.
Q6	Achas que no nosso clube, conseguimos ser solidários, amigos uns dos outros? Como?
R6	É muito bom. Divertimo-nos, acima de tudo, e conseguimos conhecer pessoas novas. Agora, em vez de só falarmos com as pessoas da turma, às vezes cruzamo-nos nos corredores: “ <i>Então hoje vais ao clube?</i> ” Pronto, já são mais amigos e são mais pessoas que conhecemos.
Q7	Tu achas que, no nosso clube, trabalhamos em equipa?
R7	Sim. Às vezes, quando falamos e quando cometemos algum erro ou assim, os outros podem-nos ajudar e dizer: “ <i>Olha, não era assim, por acaso essa letra diz-se assim no alfabeto fonético</i> ”.
Q8	E quanto ao espírito de grupo?
R8	É bom, nós ajudamo-nos muito uns aos outros, conhecemo-nos bem, fazemos amigos novos acima de tudo. Eu acho que o espírito de grupo é um grande espírito de grupo é um exemplo a seguir.
Q9	Achas que as atividades no nosso clube são cativantes?
R9	Eu acho que são muito divertidas. Às vezes quando chego a casa <i>Ei Mãe, tivemos uma atividade no clube muito fixe</i> (risos).
Q10	Falaste agora no ser fixe. O que é que tu achas de nós termos que partilhar as nossas atividades com os colegas do 2 ciclo e também com os colegas do 9 e até 10?
R10	Eu acho bom, porque por exemplo, nós que andamos cá há mais tempo, conseguimos ajudar mais os mais novos, aqueles primeiros, até no início quando estão a aprender o alfabeto fonético eles vão-nos dizendo, para nós lhes dizermos... <i>boa, é assim mesmo, esta letra está mal...</i> eu acho que é bom.
Q11	Portanto, também é importante para quem começa, não é, portanto sentir assim um...
R11	Conforto...
Q12	Parece-te que o desempenho escolar dos alunos do nosso clube é melhor ou pior do que o dos outros? Porquê?
R12	É melhor... Acho que sim. Porque estamos de forma mais descontraída, mas a aprender, sempre. Eu acho que eles vêm para aqui a dizer: “ <i>Boa... Vamos ter clube!</i> ”. Às vezes, quando vão para outras disciplinas dizem: “ <i>Ah que seca!</i> ...” Acho que é.
Q13	O clube permite ter melhores notas a outras disciplinas?
R13	Acho que sim. Eles depois vêm para aqui de forma mais descontraída, já vão para casa mais



	aliviados e se tiverem teste no dia a seguir, acho que vão mais concentrados.
Q14	Falaste numa coisa interessante “aliviados”. Tu achas que o nosso clube consegue evitar o abandono da escola? A saída mais cedo do que se deve da escola?
R14	Acho que sim, acho que sim, se nós vimos para aqui depois das aulas, e vimos de forma mais descontraída, portanto acho que sim, porque as pessoas divertem-se mais e acho que é bom porque depois no dia a seguir vão... prontos... <i>ontem tive clube pra semana... prontos já há mais uma vez clube portanto tem que passar esta semana...</i> hoje na segunda, neste caso, ter clube outra vez... Assim é fixe.
Q15	Parece-te que o nosso clube contribui para o desenvolvimento da expressão oral?
R15	Sim, porque falamos muito com outras pessoas e às vezes não sabemos bem dizer e perguntamos e às vezes (organizar ideias) não... exatamente... e as outras pessoas falam de outras formas, prontos... de forma mais complexa porque também já são mais velhos normalmente e nós aprendemos muito a expressão oral.
Q16	E quanto ao gosto por línguas estrangeiras? Achas que o nosso clube consegue desenvolvê-lo?
R16	Acho que sim, acho que ganhamos muito porque, quando ouvimos o professor a falar, ficamos todos a pensar “ <i>gostava de aprender esta língua</i> ”. Por exemplo, eu não tenho espanhol, mas gostava de ter. Já ouvi o professor a falar e acho que deve ser muito fixe.
Q17	O que é que tu pensas de nós termos clube a funcionar à hora de almoço e ao fim do dia.
R17	Acho bem. Também podia haver um horário para clubes. Mas à hora de almoço nem sempre é tão fácil. Por nós, por exemplo a minha turma este ano só tem uma hora e é mais complicado, mas ao fim do dia está bem.
Q18	Agora vem uma pergunta difícil, Maria. Porque é que te inscreveste no clube.
R18	Já tinha ouvido falar do professor, prontos. A minha Mãe já me tinha falado de si, dizer que era um bom professor, e quando começámos a ter as aulas de História vi que iam ser muito fixes as aulas de história... e sabia que o professor tinha um clube quando recebi a folha dos vários clubes e vi “Clube de Comunicações” e foi mais por não saber o que é que era aquilo, por experiência. Quando comecei a andar e nos anos a seguir tinha necessidade de me inscrever mesmo para aliviar também e acho que é um clube muito fixe.
Q19	Antes dessa primeira inscrição, sabias o que era o radioamadorismo?
R19	Não, não tinha a mínima ideia, não tinha a mínima noção.
Q20	Maria, podes dizer alguma coisa que queiras e que eu não te tenha perguntado?
R20	Não, é só mesmo dizer que o clube é muito fixe. Acho que valeu a pena estes anos todos e vou continuar (risos).



(anexo 18) Depoimento do aluno 7

Q1	Porque é que tu frequentas o clube de comunicações? Tu gostas de frequentar o clube de comunicações?
R1	Sim. Porque isto também tem a ver com algumas coisas dos bombeiros, gosto também de falar para outras pessoas, pelos rádios, também gosto muito do professor Paulo Sousa e gosto muito dos meus colegas do rádio.
Q2	Qual é a tua opinião acerca da utilidade do nosso clube?
R2	Porque aprendemos muitas coisas, que nós nunca iríamos aprender. Temos uma oportunidade boa.
Q3	Tu achas que no nosso clube nós conseguimos pôr em prática coisas que aprendemos noutras disciplinas?
R3	Sim. Matemática, geografia, língua portuguesa, língua estrangeira também.
Q4	Tu achas que os nossos horizontes culturais melhoram, ficamos a saber mais coisas com o radioamadorismo? De que forma?
R4	Sim.
Q5	Achas que os nossos colegas são solidários?
R5	Sim, sim... há alguns, outros hã... mais ou menos.
Q6	Há espírito de grupo, ajudam-se ou é cada um por si?
R6	Sim. Todos ajudam, todos ajudam.
Q7	Achas que a malta quando está a trabalhar em grupo, no nosso clube, achas que cooperam uns com os outros, achas que fazem trabalho de equipa?
R7	Sim, sim eles trabalham muito em grupo... nós trabalhamos muito em grupo. Aquilo que nós gostamos mais é trabalhar em grupo com os portáteis.
Q8	E quanto ao espírito de grupo?
R8	Bem, bem está fantástico. Tá excelente. Podemos ajudá-los, os mais velhos têm que ajudar os mais novos.
Q9	Achas que as atividades no nosso clube são cativantes?
R9	Fantásticas.
Q10	Gostas de alguma em especial?
R10	Jogar o jogo da medalha com os portáteis.
Q11	Lembro-me de uma caminhada que fizemos do coração. Lembras-te?
R11	Sim. Trabalharam muito bem. Trabalharam em grupo. Em todos os trabalhos, mesmo sem ser trabalho em grupo todas as pessoas se chateiam e foi o que acho que aconteceu lá, nesse trabalho. E uma delas fui eu.
Q12	O que é tu pensas do horário de funcionamento do clube.
R12	Acho que devia ser mais vezes.
Q13	Mas achas que hora de almoço e final do dia está bem? Deveria de haver mais horas de almoço e mais finais de dia?
R14	Mais finais de dia porque na hora de almoço nunca... a fila da cantina está muito cheia e nunca dá para irmos à aula e entramos na aula do clube, por exemplo do meio dia e meio à uma e vinte e a seguir temos outra aula, acho que era melhor ao final das aulas que era das quatro e vinte às cinco e vinte.
Q15	Tu achas que o nosso clube faz com que os jovens não fujam da escola? Que não abandonem a escola? Não tens opinião?
R15	Não.
Q16	Porque é que te inscreveste no clube há 4 anos atrás?
R16	Porque gostava de aprender, falar por rádios, seguir também a profissão do professor Paulo, assim que vi uns colegas meus a irem andar na rua pelos portáteis também cheguei a casa e disse aos meus pais que queria entrar para o clube de comunicação e foi assim que eu entrei. E os meus pais autorizaram e eu cá ando até hoje e se o professor deixar... muitos mais anos.
Q17	Antes de entrares para o clube, pela primeira vez, tu sabias o que era o radioamadorismo?
R17	Não.



(anexo 19) Depoimento do aluno 8

Q1	Gostas de frequentar o clube de comunicações? Porquê?
R1	Sim. Então é divertido, podemos fazer muitos amigos e contactamos com muitas pessoas por todo o mundo e é uma experiência positiva.
Q2	Qual é a tua opinião acerca da utilidade do nosso clube?
R2	Então...ajuda a desenvolvermos a nossa linguagem, também ajuda a desenvolver um pouco a língua estrangeira, quando falamos em inglês, e também a escrita. É divertido, podemos fazer muitos amigos e contactamos com muitas pessoas por todo o mundo e é uma experiência positiva.
Q3	Tu achas que o nosso clube serve para pormos em prática algumas experiências que tenhamos noutras disciplinas?
R3	Acho que sim.
Q4	Em termos culturais, o que é que achas que o nosso clube te dá?
R4	Também conhecemos, por exemplo estamos a fazer um contacto com uma pessoa de outro país e pode-nos dizer alguma coisa sobre a cultura daquela região.
Q5	Como é que achas que está o nosso clube em termos de solidariedade entre os seus membros?
R5	Tá bom, eu acho que sim.
Q6	Achas que no nosso clube, conseguimos ser solidários, amigos uns dos outros? Como?
R6	Eu acho que está boa. Não há discussões, não há assim muito alarido... até é calmo.
Q7	Como é que achas que o nosso clube funciona ao nível da cooperação, da entreaajuda? Elas existem entre os diversos elementos?
R7	Eu acho que sim. Acho que, por exemplo, quando estou a fazer uma coisa em PSK, posso não saber fazer o que vem a seguir. Pode chegar alguém com mais experiência e explicar como é que hei de fazer.
Q8	O que é que tu pensas da nossa partilha dentro do clube, com colegas de outros anos de escolaridade?
R8	Também acho que é bom, isso. Por exemplo, o Fábio já anda cá há mais tempo que nós, então pode-nos também ensinar algumas coisas que nós não sabemos.
Q9	Em que é que o clube alterou o teu desempenho escolar?
R9	Eu acho que desenvolveu um pouco a minha linguagem, também já consigo escrever mais rápido, no computador, por exemplo. Acho que é isso.
Q10	Tu achas que o nosso clube consegue fazer com que os alunos não saiam da escola? Achas que é um convite a ficar cá dentro?
R10	Acho que sim. É muito interessante.
Q11	Achas que segura, que retém os alunos dentro da escola? Achas que haveria muita gente do nosso clube que se não estivesse no nosso clube poderia eventualmente andar por aí?
R11	Sim
Q12	O que é que tu pensas do nosso horário? O horário do nosso clube. Horas de almoço? Finais do dia? Uma hora por semana?
R12	Acho que assim como está, o horário está bom. Porque como não é perto da hora de almoço e como acaba às cinco e vinte ainda temos tempo para estudar e para fazer os trabalhos de casa.
Q13	Porque é que te inscreveste no clube de radioamadorismo?
R13	Pelo que ouvi era muito divertido, falar no rádio como computador e pareceu-me interessante inscrever-me.
Q14	Antes de entrares no nosso clube pela primeira vez, sabias o que era o radioamadorismo?
R14	Acho que não.
Q15	Alguma coisa que queiras dizer que ainda Não tenha sido aqui perguntado?
R15	Volto a referir que é muito interessante e acho que era uma experiência positiva. As outras escolas também comecem a ter um clube também como a nossa, não só também desenvolviam um pouco o conhecimento dos alunos, como também faziam amizade com outras pessoas e era capaz de ser interessante.



(anexo 20) Depoimento do aluno 9

Q1	Qual é a tua opinião acerca da utilidade do nosso clube?
R1	Acho que é útil. Porque ajuda que os alunos se consigam abrir mais, está a perceber professor? Faz com que eles estejam... tenham mais espaço para falar com pessoas e para desenvolver, ouvir novas e aprender novas e também falar com pessoas do estrangeiro.
Q2	Tu achas que o nosso clube facilita a compreensão de outras disciplinas? Ajuda-nos a perceber melhor outras disciplinas?
R2	Acho que pode ajudar em algumas. Assim quando se fala da matéria, às vezes também é relacionada com o clube e como uma pessoa anda no clube também já pode saber mais coisas sobre a matéria da tal disciplina.
Q3	De que disciplinas te estás a referir?
R3	Então posso referir também a História quando era quando havia as pessoas que falavam sobre a rádio para anunciar várias coisas e... agora assim outras, não sei, estava mais concentrada na história.
Q4	No nosso clube, achas que os alunos conseguem pôr em prática aquilo que aprendem nas outras disciplinas? Por exemplo?
R4	Acho que sim, que conseguem pôr em prática. Podem às vezes saber como é que eles falavam pelos rádios como era da maneira que falavam era da maneira que os alunos aprendem no clube logo podiam ter mais ou menos uma ideia como é que era a maneira que as pessoas falavam.
Q5	E matérias que aprendas noutras disciplinas e que consigas pôr em prática no clube de rádio.
R5	Matérias? Há disciplinas que sobre a matéria que demos também podemos utilizá-la no clube, no rádio.
Q6	Tu achas que o nosso clube consegue fazer alargar os horizontes culturais dos alunos?
R6	Sim.
Q7	Achas que somos diferentes dos outros colegas que não estão no clube?
R7	Ser diferente, acho que não, mas que conseguimos aprender mais coisas e saber mais sobre as outras culturas, acho. Porque nós, no rádio, como estamos a falar com pessoas do estrangeiro vamos falando sobre a nossa cultura e eles também falam sobre a deles. Aí, conseguimos aprender mais coisas.
Q8	Achas que no nosso clube, conseguimos ser solidários, amigos uns dos outros? Como?
R8	Acho que sim, acho que se consegue ser mais solidário porque no rádio também é de falar com as pessoas não é só de falar também é quando há em situações problema, andam a comunicar umas com as outras a ajudar por exemplo dicas para o que se pode fazer quando se tem um problema. É através do rádio que as pessoas a ajudar também conseguem ser mais solidárias.
Q9	No nosso clube, como fazemos muitas atividades em grupo, nunca estamos sozinhos, estamos sempre com companhia. Achas que isso é positivo?
R9	Acho... É bom porque nós estamos a interagir todos juntos e faz com que nós também fiquemos a ser mais amigos. Aprendemos a ser amigos das pessoas, a ajudar, a ser solidários.
Q10	Achas que o espírito de grupo para quem entra no clube...
R10	é bom.
Q11	Achas que isso ajuda os nossos colegas que chegam pela primeira vez?
R11	Acho que sim. Ajuda porque eles quando entram no clube não conhecem ninguém e nós fazemos com que eles se possam sentir confortáveis, como se estivessem num espaço bom e tranquilo, calmo, alegre e também descontraído. Acho que isso se faz muito, acontece muito.
Q12	Achas que as atividades no nosso clube são cativantes?
R12	São cativantes, porque ajudam muito as pessoas a ser como somos, de quando tão a crescer também. Acho que é uma coisa que também nos ajuda, que faz parte da vida, nos ajuda a crescer e assim, no clube aprendemos tantas coisas que depois nos podem ser muito úteis na vida. Que nós vivemos constantemente todos os dias com isto.
Q13	É importante que os alunos do 2º Ciclo e os do 3º partilhem as mesmas atividades?
R13	Acho que é bom para os mais novos, também como para os mais velhos. Todos juntos também depois temos assim... é uma coisa boa... não sei como explicar mas acho que é bom fazer isso também.



Q14	E se for com colegas do secundário?
R14	Na minha opinião, assim já tão...tão mais velhos, acho que não porque depois fazem uma diferença muito grande de idades.
Q15	Se tu estivesses no 10º ano e eu te propusesse uma atividade em conjunto com alunos mais pequeninos, do 5ºano, tu rejeitá-la-ias?
R15	Não! Eu ia aceitar, se fosse eu, eu aceitava, porque não tenho problemas em fazer atividades com os mais novos.
Q16	O clube permite ter melhores notas a outras disciplinas?
R16	Acho que depende um bocado. Aqui no clube aprendemos coisas que, às vezes, são importantes para a matéria que estamos a dar e que, depois, até vão calhar no teste. Aqui também conseguimos aprender mais coisas, conseguimos ser autónomos e conseguimos ter um método para estudar a matéria que damos.
Q17	Tu achas que o nosso clube ajuda a evitar a saída da escola?
R17	Acho que ajuda um bocado porque também aqui no clube, basicamente essas coisas assim também se aprendem, porque acho que se as pessoas gostarem mesmo do clube acho que não vão fazer essas coisas más porque no clube também nós aprendemos a... coisas que não se devem fazer e assim, com as outras pessoas a falar... e aprendemos.
Q18	O clube é importante às horas a que está aberto, ou seja, à hora de almoço no final do dia.
R18	Acho que quando é assim à tarde assim ao fim da tarde e não têm nada para fazer podem ir para o clube que assim é uma atividade em que tamos ocupados e nos andamos a entreter, a falar com os nossos amigos também. Acho que sim.
Q19	Parece-te que o nosso clube contribui para o desenvolvimento da expressão oral?
R19	Ajuda, porque mesmo quando é para o estrangeiro...quando temos que falar uma língua que se percebe, nós estamos sempre a aperfeiçoar. Como estamos sempre muito a falar, aperfeiçoamos.
Q20	E nas aulas de língua portuguesa, tu notas isso quando estás numa atividade de leitura em que seja preciso expressão oral?
R20	Sim, porque estamos a falar com as pessoas temos sempre de ter falar assim com expressão e para saber como estamos e se for alguma de mal, falar assim mais triste ou se for bem falar e acho que nas aulas de português como existe muitos textos acho que isso também ajuda muito.
Q21	E quanto ao gosto por línguas estrangeiras? Achas que o nosso clube consegue desenvolvê-lo?
R21	Acho, porque quando também estamos assim a ouvir outra língua e ser assim uma língua que antes achávamos que era feia ou assim, mas também ouvir e ouvir novas línguas pode ser que também aprendemos algumas palavras e assim acho que isso ajuda muito no gosto e gostar de ouvir as línguas e ver a diferença que há, o sotaque... é ver a diferença.
Q22	E o gosto pela geografia? No nosso clube temos um planisfério lá em frente aos rádios...
R22	Também ajuda porque quando estamos a falar com uma pessoa e a pessoa nos diz o local de onde está a falar nós, no mapa, aprendemos sempre mais, por exemplo, mais um local que não sabíamos onde estava. Assim também acho que é mais fácil na geografia identificar no mapa.
Q23	Como é que tu avalias o teu desempenho no clube comunicações?
R23	Acho que foi bom, não posso dizer que foi muito bom, acho que não fui assim mesmo, mesmo boa, não sei professor. Acho que... pronto pelas dicas que o professor dava e que fazia acho que consegui aperfeiçoar e fazer tudo e acho que agora com estudo do rádio, para certas ocasiões posso... já posso conseguir fazer graças ao clube, do que aprendi.
Q24	Como consegues avaliar o teu relacionamento com os restantes colegas do clube?
R24	Era bom, eu dava-me sempre bem com todos, conhecia éramos amigos e mesmo se fosse outra pessoa nova eu dava-me com ela. Tinha gosto em dar-me com ela.
Q25	Sabias o que era o radioamadorismo antes de entrares no clube?
R25	Não, eu aprendi isto tudo sobre o rádio e tudo como falar com o computador no clube, porque antes de entrar não sabia nada disto.
Q26	E em casa, como é que o pai e a mãe veem a tua atuação aqui no clube?
R26	Eu explico-lhe o que é que faço, explico... quando no clube falava assim com um alemão ou outra pessoa ia logo contar-lhes dizia que gostava muito e eles ficavam contentes porque também a melhor maneira para mim que me ajuda porque eu consigo aperfeiçoar várias coisas minhas, a falar com as pessoas, ouço novas línguas e os meus pais gostavam muito quando eu andava no clube.
Q27	Consideras-te uma aluna mais completa, por isso?
R27	Acho que sim. A algumas disciplinas acho que o clube ajuda-me a melhorar, acho que sim que ajuda.



(anexo 21) Entrevista ao encarregado de educação 1

Q1	O seu educando gosta de frequentar o clube de comunicações? Porquê?
R1	Gosta sim. Ele diz que convive com os outros colegas também. Comunica com pessoas de outros países e gosta. Tem algumas hora que ele gosta de ocupar também...gosta de frequentar o clube.
Q2	Qual é a sua opinião acerca da utilidade do clube das comunicações?
R2	Eu acho que tem uma boa utilidade. Porque? Por exemplo, às vezes naquela horita que eles têm, estão ali, ou às vezes têm muito tempo para almoço por exemplo, ou ao fim do dia, então vão para lá. E a utilidade é sempre um, portanto, uma forma de eles comunicarem sempre, desenvolverem a expressão oral por exemplo e aprenderem. Ele anda entusiasmado, e depois chega a casa e conta-me lá, como fala e os códigos e essas coisas que utilizam, ele chega-me lá e diz: <i>-Olha o nosso código é não sei o quê CS não sei o quê lá me está ele a explicar e comunicámos com um russo e estivemos a falar com um alemão...</i> essas coisas assim pronto e eu acho que tem muita utilidade.
Q3	O clube de comunicações permite que o seu educando ponha em prática aprendizagens adquiridas noutras disciplinas? Quais? De que forma?
R3	Sem dúvida, sem dúvida. Nomeadamente, por exemplo, nas línguas pode desenvolver muito o inglês, já que mesmo comunicando não é preciso ser só com um país que fale a língua inglesa, mas por exemplo, é como no inglês é universal. Acho que desenvolve muito a nível das línguas, por exemplo, desenvolve o inglês, nomeadamente o inglês. E além disso acho é mesmo agora uma língua universal, praticamente, mesmo que a gente vá à Alemanha eles sabem falar. Por que às vezes pergunto-lhe então mas como é que falas lá para o russo? Tu não sabes falar russo! Ó mãe eles sabem falar inglês! Sabes, o inglês quase toda a gente sabe falar é universal. E disse ah está bem ok. Se não pensava que ele sabia falar russo por exemplo (risos). Mesmo até, eu acho por exemplo na geografia também por exemplo russo, então onde fica a Rússia? <i>Ó mãe hoje tivemos a falar com um alemão e localiza logo.</i>
Q4	O clube de comunicações permite que o seu educando ponha em prática aprendizagens adquiridas noutras disciplinas? Quais? De que forma?
R4	Sim. Por exemplo ele estando a falar por exemplo ele pode comunicar e dizer... sei lá...falar em monumentos, falar em tipos de culturas como é que é a cultura daquele país. Porque eu digo-lhe mas estais ali a falar? <i>Ó mãe estamos...estamos a falar, é preciso é que o senhor esteja lá sintonizado</i> , eu acho que ele diz outra palavra... <i>tem que estar é em linha conosco. Às vezes apanhamos assim! Também podemos apanhar portugueses e isso.</i> E eu acho que eles podem, como estão a comunicar fazer um intercâmbio, e dizerem sei lá... falarem como é que é o país, como é ao nível das tradições da gastronomia, acho que a nível cultural e depois vão ver à internet. <i>Ó mãe estive a falar deixa-me lá ver como é aquele país, o que é que lá há.</i> Eu acho que sim, que desenvolve muito, assim a nível cultural. Mesmo até português, às vezes a gente não conhece. Pensamos que conhecemos muito bem Portugal, mas há sítios que ainda não fomos e podem encontrar um que esteja no Algarve ou que esteja no norte. <i>Olha aqui há sé de Braga</i> ou assim e falam nessas coisas assim também a nível de monumentos. Acho que sim.
Q5	Considera que o clube de comunicações promove no seu educando a capacidade de ser solidário? Como nota isso?
R5	Eu acho que sim, porque imagine, sei lá, às vezes eles falam muita coisa, mas imagine que há às vezes um pedido de ajuda por exemplo, ou sei lá... Eu acho que há sempre uma maneira de partilhar, digo eu, mesmo até com alguém que esteja no clube, por exemplo, entre eles, por exemplo, digo eu. Eu noto porque ele às vezes diz e depois diz que ajuda, porque ele quando foi para lá não sabia. Pronto. Não sabia nem tinha a ideia depois foi, entusiasmou-se muito e gosta, e continua lá porque ele gosta muito de lá do clube.
Q6	O clube de comunicações motiva o seu educando a cooperar com os colegas? Como?
R6	Ele às vezes diz Ó mãe quando eu lá cheguei, eu também não sabia. Estava lá também o professor, mas estavam lá outros mais velhos e também me ensinaram. Agora sou eu que ensino, com a ajuda do professor, os outros que entraram como é que se faz. Têm o código também, também me esteve lá a falar no código dele. Também me mostrou lá uma folhinha com esses códigos.
Q7	Considera que o clube de comunicações faz desenvolver o espírito de grupo no seu educando? De que forma?
R7	Faz. Faz porque segundo ele me diz, no clube não estão todos da mesma idade nem do mesmo nível, portanto às vezes andam no 5, por exemplo quando lá chegou no 5 estavam outros mais velhos que também lhe ensinaram, portanto como é um grupo em que há diferentes idades eu acho que sim, que é uma forma de desenvolver muito o trabalho de grupo, eu acho e concordo.
Q8	Qual é a sua opinião sobre as atividades realizadas no clube?



R8	<p>É assim, eu pronto não domino muito, mas pelo que eu entendo, eu acho que as atividades são boas, acho que vão de encontro e ele vem entusiasmado. Por exemplo, no outro dia também me contou. Quando foi para lá... <i>ó mãe sabes, olha que nós os outros anos ficamos em primeiro e agora temos que comunicar não sei quantas horas</i>, mas depois infelizmente não conseguiram chegar ao primeiro lugar. Eu, pelo que ele me conta eu noto-o entusiasmado e acho que ele deve gostar das atividades porque ele transparece isso.</p>
Q9	<p>O que é que pensa sobre a partilha de atividade no clube com colegas de outros anos de escolaridade?</p>
R9	<p>Eu acho que isso é importante, eu acho que isso é haver a diferença de anos de escolaridade, eu acho que isso é bom, e de qualquer das maneiras eles às vezes têm também ideias diferentes e podem eles também até dizer que também gostavam de desenvolver aquela atividade e trazer ideias novas para se fazer atividades. Eu acho que é importante haver heterogeneidade no grupo, isso é importante. Têm maneiras de pensar diferente, uns já são mais velhos já são um bocadinho mais responsáveis. Eles ali também convivem e depois não têm tanto medo dos grandes <i>ai estão lá os grandes...</i> ali convivem todos e partilham e falam e ajudam-se cooperam uns com os outros, acho que eles depois não ficam com tanto medo dos grandes como eles dizem. Eu acho que é importante isso é muito importante haver essa heterogeneidade no grupo.</p>
Q10	<p>O que pensa da possibilidade de o clube poder contribuir para a melhoria do desempenho escolar do seu educando a várias disciplinas?</p>
R10	<p>Por exemplo, já falámos no inglês, acho que sim a nível de desenvolver, quer a oralidade, desenvolve, a nível da geografia, para localizar os diferentes, por exemplo está a falar com um russo, onde é que fica. Ele até me falou que lá, (eu já vi fotos por acaso já me mostrou), têm lá um... colado na parede, lá um mapazinho, mas acho que a nível da geografia, por exemplo, também. Mas até a nível da história. Podem sempre saber a história daquele país, por exemplo. Acho que ajuda, não só nas línguas, nas línguas também, até mesmo no próprio português também. Pronto, comunicar saber comunicar também é importante. Nas línguas, mesmo na geografia eu acho que sim e nas novas tecnologias, mexer nos aparelhómetros que eu não sei nada... (risos).</p>
Q11	<p>Como encara o trabalho desenvolvido no clube como forma de evitar o problema do abandono escolar?</p>
R11	<p>Podem ver no clube também uma maneira de os motivar e de gostar mais da escola. E isso também, acho também que pode ser uma mais valia para ele <i>“Ó... não vou sair da escola... tenho lá o clube, até gosto de frequentar também</i>. Acho que também é uma motivação, porque eles precisam. Acho que os miúdos agora precisam de uma motivação e pode ser. É uma coisa que eles gostam muito e com o trabalho com idades diferentes é uma maneira de dizer <i>olha vou, estou com os colegas</i>, não há aquele, digamos assim, cumprimento, mesmo de estar ali a fazer testes e isso pode ser uma motivação para. E como também já vimos que interage e pode contribuir para também melhorar o desempenho noutras disciplinas o aluno também pode... diz assim <i>olha vou lá vou aprender mais a falar inglês e a falar mais o português</i> e isso também pode ajudar... portanto eu acho que contribui para o não abandono. Evita o abandono escolar, na minha opinião.</p>
Q12	<p>Considera que o clube de comunicações contribui para que o seu educando desenvolva a sua expressão oral? Porquê?</p>
R12	<p>Sim eu acho que sim porque eles comunicam, para já, têm que falar entre eles no clube entre os elementos que fazem parte lá do grupinho. Depois como comunicam com outras pessoas que não estão lá perto portanto não estão a olhar nos olhos. Eles falam e têm que depois esperar que do outro lado venha resposta. Eu acho que isso é bom por que eles mesmo em casa às vezes estão a falar e não têm aquele compasso de espera que haja resposta e ali eles sabem. Comunicaram, perguntaram alguma coisa ou falaram e do outro lado tem que haver resposta. Eu acho que esse compasso de espera, também faz com que aprendam a saber ouvir a esperar, porque eles estão numa idade em que é tudo ao mesmo tempo. Ficam mais calmos porque têm que esperar que do outro lado venha a resposta. E às vezes não vem tão depressa penso eu como às vezes estão a comunicar para a Rússia, como ele me diz lá em casa. Eu penso que a resposta não é tão rápida. Penso eu, digo eu que percebo pouco lá desses meios de comunicação. Acho que esse compasso de espera é muito importante. Eu acho que até mesmo que para aplicar depois lá na escola, estarem à espera, saber ouvir o professor e os mesmos colegas quando estão a trabalhar em grupo. Acho que é importante e acho que desenvolve mesmo a expressão oral pois eles têm comunicar, têm que falar em várias línguas, principalmente no inglês.</p>
Q13	<p>Qual é sua opinião acerca da contribuição que o clube de comunicações dá para o desenvolvimento das línguas estrangeiras.</p>
R13	<p>Penso que a língua em que eles mais comunicam é o inglês. Diz-se que o inglês é a língua mais falada no mundo e eu acho que desenvolvem, por exemplo, nas outras línguas, eles também têm a parte de expressão oral. Nas línguas estrangeiras também têm a expressão oral. E eu acho que isso que é assim: se ele comunica e se ele tem uma boa expressão oral, se ele está habituado a falar, eu acho que nas aulas, principalmente o inglês talvez esteja também mais à vontade para falar. (Se fosse eu já me</p>



	envergonhava mais que não percebo nada de inglês). Eu acho que sim que desenvolve o gosto. Se eu vou para uma aula em que estou à vontade, que eu sei, que eu não tenho medo de falar. Eu acho que é logo isso à partida é <i>eu gosto de inglês eu sei falar</i> , eu acho que está mais à vontade.
Q14	O que pensa da ocupação dos tempos livres, à hora de almoço e no final do dia, serem com o radioamadorismo escolar?
Q14	Eu acho que sim, por exemplo à hora do almoço o meu às vezes diz-me <i>Ó mãe eu hoje até comi um bocadinho mais rápido para ir lá pro rádios</i> . E ao fim do dia, por exemplo, às vezes não têm logo autocarro, ou têm que estar ali à espera e além disso e depois de um dia de aulas cansativo, vão ali, descontram, comunicam uns com os outros trocam ideias, falam com outras pessoas e eu acho que a hora é apropriada. Acho que sim que boa.
Q15	O que a levou a autorizar a inscrição do seu educando no clube de comunicações?
R15	Eu sinceramente não sabia o que era... ainda não sei muito bem, mas já me explicou e ele disse " <i>Ó mãe sabes, o professor Paulo tem à hora e eu até tenho uma hora... deixas-me ir?</i> " E eu disse <i>então o que é que se lá faz?</i> <i>Ó mãe acho que é comunicar...</i> eu disse <i>então vá vai</i> como tava quando lá estava não estava no horário... portanto acho que até era na hora de almoço. E ele disse <i>Ó mãe eu tenho tempo, vou. Então vai lá</i> e ele então ele chegava a casa e no primeiro dia veio logo lá então com o código, como eu lhe chamo, o código morse logo me trouxe ali. <i>Ó mãe olha vê e tal</i> . E ele gostou e continua... e continua e ele quer continuar. <i>Ó mãe deixas-me ir? Olha eu posso ir outra vez é?</i> Este ano é outra vez à hora de almoço...tenho duas horas... <i>Ó filho vai!</i> Vai porque eu gosto e ele chega a casa e também me conta, entusiasmado e conta <i>ó mãe estivemos a fazer isso...</i> depois saiu no jornal, também uma fotografia, ficou todo contente também, pronto. Eu autorizei porque ele vem muito entusiasmado e fala.
Q16	Sabia o que era o radioamadorismo antes de o seu educando ingressar no clube?
R16	Não sabia. Confesso não sabia. Mas confesso que já fui pesquisar para saber mais alguma coisa. <i>Sabes mãe o professor Paulo tem um código diferente do nosso porque ele é... (como é que ele disse?) teve que ir tirar não o quê aonde e sabes, ele não pode ter o mesmo código que nós, nós temos outro código e não sei quê...</i> Agora já sei... ainda não sei tudo, mas por acaso já fui mesmo pesquisar. <i>Olha aquele é o carro do professor Paulo tás a ver que tem lá as antenas... aquilo é para comunicar...</i> Pronto está bem... eu realmente não sabia, desconhecia mesmo... é minha ignorância, mas não conhecia. Depois também disse deixa cá ver já que eu dei autorização para ele frequentar deixa cá ver, mas ele chega a casa e conta. Conta que teve lá a falar <i>Ó mãe hoje estava um português em linha e lá tivermos a falar, olha hoje foi um russo...</i> lá me conta aquelas atividades todas eu <i>deixa-te andar filho não é só escola</i> também estudar, estudar... acho que também é bom... faz parte eu, por acaso gosto muito. E eles gostam muito do professor Paulo também. Não sei o que o professor Paulo lhe faz, se lhe dá rebuçados ou não! <i>Ó mãe o professor Paulo também é impecável</i> e disse... pronto... ora categoria... ele anda muito contente. Queres andar... já anda no 7 ano... <i>Ó mãe eu quero ir outra vez. Vai lá... eu dou autorização para frequentares</i> . Eu acho que sim, que é uma mais-valia. O horário está... sim senhor a horas que eles podem. No final de dia acho que sim para descontrair para, pronto não é só escola, eles passam muito tempo e muitas eu acho que sim, acho que é uma mais-valia e que devia continuar. Dou os parabéns desde já ao senhor professor Paulo. Acho que deve continuar o trabalho com o clube. Não sei tem apoios ou não, veja lá se consegue ter apoios lá para os equipamentos, não é fácil, estamos em tempo de crise e tudo, mas.... Acho que sim. Não, na minha opinião está a funcionar bem, ele vem entusiasmado quando vai diz sempre olha, amanhã vou ter clube, à noite chega e logo diz vou com fulano, olha com o Bernardo também, com os colegas, lá me fala dos nomes, pronto. Vem todo entusiasmado. Eu acho que sim. Está de parabéns, deve continuar.



(anexo 22) Entrevista ao encarregado de educação 2

Q1	O seu educando gosta de frequentar o clube de comunicações? Porquê?
R1	Sim, ele gosta muito de frequentar o clube porque ele adora comunicar e principalmente, adora experimentar coisas novas.
Q2	Qual é a sua opinião acerca da utilidade do clube das comunicações?
R2	Acho que é bastante útil porque os alunos podem desfrutar de algo novo para que possam desenvolver a sua criatividade. Acho que podem encontrar ali um motivo inspirador para se desenvolverem intelectualmente.
Q3	O clube de comunicações permite que o seu educando ponha em prática aprendizagens adquiridas noutras disciplinas? Quais? De que forma?
R3	Sim, eu acho que principalmente, muito especial português, porque com a utilização correta das palavras e a construção de frases com a sua expressividade pode dentro do clube criar um hábito de falar que não se tem cá fora quando se está a falar cá fora uma com a outra. Acho que tem que ser uma comunicação expressiva para que do outro lado possam entender o que ele está a dizer e o que estão a referenciar para poder haver uma conversa entre os dois porque só havendo uma boa expressão oral é que pode haver comunicação entre os dois.
Q4	O clube de comunicações permite que o seu educando ponha em prática aprendizagens adquiridas noutras disciplinas? Quais? De que forma?
R4	Sim. Através do radioamadorismo pode conhecer outras gentes dos mais diversos pontos do país e do mundo, incentivando as trocas de conhecimentos, usos e costumes das mais diferentes regiões.
Q5	Considera que o clube de comunicações promove no seu educando a capacidade de ser solidário? Como nota isso?
R5	Sim, eu acho que sim porque ele desde que entrou para o clube de comunicação noto que ele tem uma maior preocupação com os outros. Tanto no aspeto social como nos problemas que cada um tem.
Q6	O clube de comunicações motiva o seu educando a cooperar com os colegas? Como?
R6	Sim porque em conjunto podem descobrir ou implementar ideias que na prática e isoladamente seriam difíceis de implementar. Ali mesmo expondo as suas ideias e dizendo o que têm e o que podem adquirir, acho que é muito útil ali haver essa interligação de todos num clube destes.
Q7	Considera que o clube de comunicações faz desenvolver o espírito de grupo no seu educando? De que forma?
R7	Sim, eu acho que sim, como disse atrás mais que uma cabeça pode sugerir novas ideias para o trabalho em grupo. E então todos juntos acho que podem ter ideias bonitas que só um não era capaz de poder desenvolver.
Q8	Qual é a sua opinião sobre as atividades realizadas no clube?
R8	Eu penso que é muito proficuo o que ali fazem e o que ali aprendem. Porque serão para continuar porque tudo o que ali se explicar realiza e implanta é uma realização futura que eles podem, partir desde já, desde mais novos adquirir. Ficam talvez já mais um bocadinho preparados a nível de comunicação e a nível de interligação entre eles todos como grupo podendo desenvolver logo desde agora essa nuance principal.
Q9	O que é que pensa sobre a partilha de atividade no clube com colegas de outros anos de escolaridade?
R9	Acho bem porque são com ideias de alunos com idade superior que podem ser uma mais valia dentro do grupo. Como um bocadinho mais experientes que têm na vida e que têm na sociedade escolar, eles podem transmitir a estes mais novos uma ideia em que a escola é o ponto central da sua vida atual. A partir daí eles podem, com os mais velhos, podem começar a adquirir essa experiência de uma escola nova assente a pensar no futuro. Os mais velhos podem ter esse papel importante de integração social dos mais novos. Dentro do ambiente escolar e dentro grupo. Têm uma certa experiência e têm que ter uma certa mais maturidade para poder implementar nestes mais novos esse espírito de grupo. Embora eles às vezes também já tenham um bocadito de vícios podem também por ali a nu diante dos mais novos, mas isso, acho que compete a quem lá estiver depois lá controlar essa situação.
Q10	O que pensa da possibilidade de o clube poder contribuir para a melhoria do desempenho escolar do seu educando a várias disciplinas?
R10	Na área do português, acho que pode ajudar muito, mas também na área das línguas estrangeiras pode



	ser essencial, porque pode ser uma ligação com o dia a dia do comunicador. Pode ser o aperfeiçoar ou o implementar de expressões que são pouco usuais no dia a dia, mas que num radioamador será muito importante porque são palavras chave que eles podem expressar e podem dar a conhecer o que já sabem ou que ainda têm dúvidas.
Q11	Como encara o trabalho desenvolvido no clube como forma de evitar o problema do abandono escolar?
R11	Pode ser um marco importante no cativar dos jovens para o ensino e para a sua continuação no mesmo
Q12	Considera que o clube de comunicações contribui para que o seu educando desenvolva a sua expressão oral? Porquê?
R12	Uma boa expressão oral é a base duma comunicação expressiva e compreensiva que é uma base fundamental que quem emite ou recebe uma mensagem numa comunicação.
Q13	Qual é a sua opinião acerca da contribuição que o clube de comunicações dá para o desenvolvimento do gosto por línguas estrangeiras?
R13	Eu acho que as línguas estrangeiras são um alargar de fronteiras numa comunicação que só com compreensão e aprendizagem das diversas línguas faladas se pode comunicar com o mundo inteiro. Havendo uma base de línguas estrangeiras como inglês, francês, alemão, espanhol, acho que é essencial com o desenvolvimento que há nas comunicações, nós não estaremos só a falar para pessoas de língua Portuguesa. Podemos estar em comunicação com os diversos cantos do mundo e então desde que haja o mínimo de compreensão, acho que se pode enriquecer muito, tanto quem recebe como quem emite, perceber muito culturas e tradições e o viver de pessoas que nunca pensamos que estão do outro lado e afinal estão lá.
Q14	O que pensa da ocupação dos tempos livres, à hora de almoço e no final do dia, serem com o radioamadorismo escolar?
R14	É uma aposta que eu saúdo, pois vai permitir que os alunos não se dispersem nem se ausentem do interior da escola. Encontrando-se ali uma opção válida para que o seu enriquecimento cultural e o seu convívio saudável, é profícuo que eles fiquem inseridos dentro de um grupo que escusa de andar hoje um para ali, outro para além e assim estão ali todos juntos, estão a fazer uma coisa que gostam e já não estão a pensar <i>no vamos lá para fora, vamos para ali</i> . Podem inserir-se mais no grupo e esse grupo ser a semente de um amanhã bom para eles.
Q15	O que a levou a autorizar a inscrição do seu educando no clube de comunicações?
R15	Eu notei nele um entusiasmo muito grande quando foi dado a conhecer esse clube de comunicações. Ele então falou comigo e até com uma certa persistência disse-me se podia pertencer a esse clube de jovens, que gostaria de começar uma nova vaga de jovens para a comunicação. Visto que ele não tem grandes dificuldades a nível escolar, acho que seria bom para ele ter essas horas ou minutos que são ser bom para ele porque até mesmo a nível de estudo é uma maneira de eles deixarem de pensar na matemática e nas físico químicas e relaxam e podem estar ali à vontade uma hora ou duas horas conforme o tempo que for. Ele denotou um entusiasmo e eu dei-lhe todo o meu apoio. Até a comunicação deles, a maneira de falar, a maneira de estar é diferente porque ali adquire-se hábitos de bem fazer, de bem falar e de bem estar.
Q16	Sabia o que era o radioamadorismo antes de o seu educando ingressar no clube?
R16	Por acaso sabia porque tenho um amigo que é radioamador há muitos anos e de vez em quando ele manda (o meu filho expressou o termo técnico nas eu não sei qual é) uns postais que ele costuma mandar para os outros radioamadores de todas as partes do mundo, e como eu na minha profissão sou eu que os levo e que os trago, portanto já tinha conhecimento, um bocadinho do que é o radioamadorismo através desse meu amigo, não é que saiba muito, mas sei um bocadinho.
	Queria expressar o meu agradecimento por este bocadinho e por ter dado a minha opinião acerca de ter desse trabalho que estão a fazer com o meu educando e acho que deviam continuar não só este anos, mas nos anos que se seguem, porque acho que é muito importante para eles e vai inserir neles uma ideia que pode ser muito proveitosa para o futuro da vida deles. Com uma ideia que o mundo é livre do outro lado e têm amigos em muito lado e podem comunicar hoje com pessoas que estão no outro lado do mundo, eles talvez não se sintam tão fechados numa concha em que não possam expressar a sua liberdade de expressão, a sua liberdade de movimento e a sua liberdade de pensar, principalmente liberdade de pensar, porque assim através de uma liberdade de pensar e saber que o outro que está na China tem um pensamento mais ou menos igual ao dele, podem fazer uma junção dos dois e dizer <i>era bom que talvez fizéssemos isto vamos tentar... e então acho que é muito bom e acho que devia continuar</i> .



(anexo 23) Entrevista ao encarregado de educação 3

Q1	O seu educando gosta de frequentar o clube de comunicações? Porquê?
R1	Sim, posso dizer que sim. As expectativas foram ultrapassadas uma vez que ele está a gostar trabalhar com este tipo de maquinaria e fazer contacto com outros povos, com outros amigos.
Q2	Qual é a sua opinião acerca da utilidade do clube de comunicações?
R2	A utilidade prende-se não só com o facto de poder contactar com outras pessoas, mas também de alguma regra que o próprio clube impõe de saber manusear, saber respeitar os outros. Particularmente por isso.
Q3	O clube de comunicações permite que o seu educando ponha em prática aprendizagens adquiridas noutras disciplinas? Quais? De que forma?
R3	Sim, particularmente é evidente que no Português, na oralidade quando o contacto é feito em língua portuguesa mas também na língua inglesa uma vez que muitos destes contactos são feitos para o estrangeiro e a linguagem universal é o inglês e como tal, é perfeitamente normal que eles façam este desenvolvimento da oralidade.
Q4	Considera que as atividades que o seu educando desenvolve no clube de comunicações possibilitam o alargamento dos seus horizontes culturais? De que forma?
R4	Sim. Mais que não seja e aqui não pode ser de outra maneira a não ser da oralidade mas ter conhecimento de eventos, de aspetos culturais que se realizem noutros países, com outros povos.
Q5	Considera que o clube de comunicação promove no seu educando a capacidade de ser solidário?
R5	Notar, posso não notar, mas acredito que sim, isto é: É uma atividade que obriga a pedir ajuda ao outro e, simultaneamente a ajudar o outro quando ele precisa. Isto, é: Neste tipo de atividade há um momento de aprendizagem, e este momento de aprendizagem é depois necessário, depois de o adquirir também transmitir a outros que entrem para o clube, portanto, isto é quando nós mexemos em máquinas é preciso saber trabalhar com as máquinas, com os aparelhos, e neste aspeto acho que sim pode promover a solidariedade entre eles.
Q6	O clube de comunicações motiva o seu educando a cooperar com os colegas?
R6	Sim. Há uma necessidade de partilha entre eles de conhecimento para que possam de uma forma eficaz saber manusear os aparelhos.
Q7	Considera que o clube de comunicações faz desenvolver o espírito de grupo no seu educando? De que forma?
R7	Se não houver um espírito de partilha, um espírito de entreajuda não se consegue, enfim comunicar, trabalhar de uma forma eficaz. Logo este espírito de grupo tem que estar subjacente a esta atividade e só com a ajuda partilhada entre os vários elementos que constituem o clube é que podem ir mais além e ter contactos, os mais variados, e em número elevado com os vários povos com que o fazem.
Q8	Qual é a sua opinião sobre as atividades realizadas no clube?
R8	É extremamente positivo. O meu filho relata-me, dos vários contactos que vão tendo, o gosto da aprendizagem, de saber para é que servem as coisas, os aparelhos, o andar a comunicar com os walkie-talkies uns com os outros... portanto é um fator de comunicação e que o deixa feliz, que o deixa agradado. Esta questão de andar na escola com os walkie-talkies obrigou-me entre aspas, foi com todo o gosto que o fiz, a ter também uns walkie-talkies e com vizinhos e com amigos vizinhos com que ele vive, pois fazem isto amiúde.
Q9	O que pensa sobre a partilha de atividades, no clube, com outros anos de escolaridade.
R9	É evidente que quando os anos de experiência de alguns alunos se vai acumulando, é natural e normal que partilhem essa experiência com colegas mais novos e de anos inferiores. Isto é, quem está num 9º ou 10º ou 8º ano partilha a sua informação com os alunos que entram no 5º ou 6º e isto evidentemente que contribui claramente para esta partilha e portanto para este espírito de ensinamento para com os mais novos. É uma forma de dar a mão aos mais novos.



	É uma forma de os receber de os acolher e o clube neste aspeto serve precisamente para os acolher, os tratar bem e que eles se sintam, os mais novos, de um forma confortada na escola.
Q10	O que pensa da possibilidade de o clube poder contribuir para a melhoria do desempenho escolar do seu educando a várias disciplinas?
R10	Neste contexto não é fácil demonstrar este contributo direto. Mas acredito que pelo menos em termos de regras de disciplina, de partilha, contribua para que nas outras disciplinas este mesmo espirito se venha a verificar. Espírito de partilha de solidariedade, de querer também partilhar com os outros colegas determinados pontos de conhecimentos dessas mesmas disciplinas.
Q11	Como é que encara o trabalho desenvolvido no clube como forma de evitar o problema do abandono escolar?
R11	Sinceramente não sei. É possível por este espírito de partilha e solidariedade, pela conversa que possam ter os colegas entre si, faça incutir no espírito de um aluno mais desmotivado, uma forma de o motivar para a escola de o captar, de o motivar para a escola.
Q12	Considera que o clube de comunicações contribui para que o seu educando desenvolva a sua expressão oral?
R12	Sim. Primeiro que tudo é um clube que a sua arma é a expressão oral. Portanto nós ao fazermos a comunicação com outros temos que por em prática a expressão oral. E é evidente que com o tempo, com a experiência, muito mais facilmente nós conseguimos dar resposta à situação com que no momento nos deparamos, a situação oral, é evidente, e, portanto, isto permite esse mesmo desenvolvimento da oralidade.
Q13	Qual é a sua opinião acerca da contribuição que o clube de comunicações dá para o desenvolvimento do gosto por línguas estrangeiras?
R13	É evidente que no caso em apreço a comunicação, suponho eu, a língua privilegiada é o inglês. No entanto, no caso do meu filho no caso do francês e agora do espanhol. Mas o francês e inglês são as línguas utilizadas comumente para estas comunicações. Permite que haja uma maior apetência e maior gosto pelas línguas estrangeiras.
Q14	O que pensa da ocupação dos tempos livres à hora de almoço e no final do dia, serem com radioamadorismo escolar?
R14	Nós temos que ver por parte da escola aquilo que é possível encaixar. Isto é a disponibilidade dos horários também dos alunos. Portanto, se calhar a escola não permite que durante a manhã ou durante períodos da tarde o clube se coloque. Aquilo que eu acho é que o clube só pode funcionar onde pode funcionar. Isto é, nos tempos à hora de almoço e ao fim da tarde. Se assim não fosse um clube vazio também não adiantaria de nada. Neste constrangimento, tem toda a lógica que seja nestes períodos. Mas pelo que o que eu converso com o meu filho, não é constrangimento nenhum, antes pelo contrário. É um favorecimento, porque come à pressa para poder estar à hora de almoço e ao fim do dia quando também já terminaram as aulas e que já estão um bocadinho mais disponíveis, o faz com gosto.
Q15	O que o levou a autorizar a inscrição do seu educando no clube de comunicações?
R15	O espírito de camaradagem, de solidariedade para com os outros, aprender a manusear instrumentos, a fazer um desenvolvimento também da oralidade, das línguas estrangeiras e da língua portuguesa. Mas uma coisa que se calhar é o mais simples e o mais honesto. O ser feliz. O estar contente com aquilo que faz.
Q16	Sabia o que era o radioamadorismo antes do seu educando ingressar no clube?
R17	Sabia. Sabia muito bem até porque também em tempos já fui macanudo. Embora um macanudo sem muita atividade mas sempre que podia fazia as minhas comunicações através de um amigo com quem eu passei na juventude também alguns momentos e também tínhamos os nossos contactos. Não da mesma forma que é feito hoje em dia até por que nem as antenas nem os aparelhos são aqueles com o alcance que têm hoje em dia, mas sim fazíamos umas brincadeiras engraçadas.



(anexo 24) Entrevista ao encarregado de educação 4

Q1	O seu educando gosta de frequentar o clube de comunicações? Porquê?
R1	Sim gosta. Gosta e ela demonstra isso em casa, quando fala do clube e depois para demonstrar isso, ela frequenta o clube, já é o 3º ano que está a frequentar o clube e portanto demonstra que gosta porque ela vai porque quer e porque é um clube que tem algo de diferente e que faz com que ela se sintam bem, por um lado, e claro que aqui teve um aspeto importante que eu acho que influenciou o ela gostar de estar neste clube e de ter ido que foi por um lado, ser o professor Paulo que era professor de História da Maria na altura em que ela foi e portanto isso motivou-a bastante e, por outro lado ter ido com dois ou três colegas com quem ela se dava bem e portanto isso ajudou a que ela fosse e acho que com o passar do tempo ela foi gostando e acabou por influenciar outros colegas a irem, o que também algo que é importante, também é isso a função, se calhar é um bocadinho isso que o professor Paulo quer e tenta passar para estes alunos é que eles também possam depois também trazer outros. Se gostam, ao falarem com outros, que venham para o clube. Eu acho que isso demonstra que ela tem gostado e a maneira como ela fala do clube e das atividades que tem desenvolvido que ela gosta bastante de frequentar o clube e por isso ela vai voluntariamente sem nós dizermos <i>tens que ir</i> ou sem o professor dizer tem que ir. Portanto isso eu acho que é demonstrativo do prazer com que ela está no clube.
Q2	Qual é a sua opinião acerca da utilidade do clube de comunicações?
R2	Eu acho que qualquer clube numa escola é importante. Para já, porque é um espaço onde os alunos estão de uma forma mais informal. Essa questão da informalidade tem vantagens quer para os alunos na relação entre si quer para os alunos na relação com o professor eu acho que isso é fundamental numa relação que se estabelece diferente onde se conversa sobre tudo onde eles podem conversar sobre questões mais pessoais ou podem conversar sobre questões que têm a ver com o clube onde vão conversando sobre tudo o que é importante. Eu acho que isso tem grandes vantagens para a Maria e acho que para os outros alunos que estão no clube. Enquanto clube de comunicação, eu acho que tem vantagens e para a Maria tem muitas vantagens naquilo que tem a ver com áreas que nós achamos que era importante. Uma delas tem a ver com a aprendizagem, com a questão da língua de poderem utilizar outras línguas e estimular a utilização dessas línguas que era uma coisa que nós queríamos que a Maria sentisse essa necessidade para também sentir mais... para ela ter mais interesse na aprendizagem do inglês por exemplo e sentir que é algo fundamental para a vida dela aprender outras línguas, para além do português e de aprender a comunicar de outras formas também que eu acho que é outra das questões que este clube coloca e desafios que coloca a estes miúdos que é aprender a comunicar outras formas sem ser com a linguagem universal, sem ser com a linguagem universal o inglês ou o português e aprender com outros alfabetos, a comunicar com outras pessoas. Eu acho que isso é fundamental depois a questão de comunicar com outros que não estão ali mas estão noutros lados noutros pontos... no mundo. Podermos comunicar com outras pessoas de outra forma, estando em pontos completamente diferentes, e tendo aqui um interesse comum que é uma forma diferente de comunicar. E essa comunicação servir para nós conhecermos melhor outras regiões do país, do mundo, conhecermos melhor outras culturas, conhecermos melhor, falarmos com outras pessoas e eu acho que isso é bastante vantajoso para também estimular a comunicação deles. Eu acho que isso lhes dá outras competências em termos da comunicação. Eu acho que isso é importante. Para o português tem muitas vantagens o eles comunicarem e aprenderem a comunicar de outra forma, porque vão utilizando vocabulário diferente porque vão estimulando a utilização de outro tipo de vocabulário, acho que estimula muito a criatividade e depois por outro lado a questão que tem a ver com quando eu estou a comunicar eu tenho que estar a ouvir o que o outro está a dizer e saber explicar ao outro e isso estimula muito a criatividade a espontaneidade o respeito e o interesse pela comunicação.
Q3	O clube de comunicações permite que o seu educando ponha em prática aprendizagens adquiridas noutras disciplinas? Quais? De que forma?
R3	Sim, eu acho que sim que já que falamos na questão da língua o inglês das aprendizagens que eles fazem. Eu acho que o clube acaba por complementar essas aprendizagens e até estimular aqueles que tenham outras aprendizagens que eles vão vivenciar. Eu acho que ajuda muito a eles por um lado utilizarem aquilo que aprenderam que é uma vertente muito importante que muitas vezes não têm se não tiver, neste caso, o clube das comunicações que têm essa vantagem que é que é utilizar as aprendizagens que fazem quer no inglês, quer no inglês quer na geografia, quer na história que estão muito interligadas e que acabam por ser aprendizagens que eles fizeram nessas disciplinas que depois podem utilizar naquilo que estão a fazer no clube e vice versa que é muitas aprendizagens que vão fazendo no clube, depois servem-lhes para as próprias disciplinas e servem como estímulo para eles aprenderem outras coisas em relação a essas disciplinas, por exemplo a questão da geografia em que eles aprendem determinadas coisas em relação à cultura, em relação à localização dos países, mesmo em relação à história, porque vão conversando sobre questões relacionadas com a história que envolvem o radioamadorismo. Isso depois é muito posto em prática quando eles ouvem na sala falar sobre isso. Eles lembram e acaba por ser um vai vem de aprendizagens, há uma interligação entre as aprendizagens que se fazem no clube e que se fazem na sala de aula e que se entrecruzam. Isso é muito vantajoso.
Q4	Considera que as atividades que o seu desenvolve no clube de comunicações possibilitam o alargamento dos seus horizontes culturais? De que forma?
R4	Sim muito. Eu acho que essa, para nós pais da Maria essa foi uma das questões que nos fez estimular bastante que a Maria participasse num clube. Por causa das questões que têm a ver com uma atividade que é completamente diferente e que é muito mais informal mas por outro lado e este clube das comunicações muito por isso, por acharmos que neste tipo de clubes alargam-se horizontes em termos culturais, que não se conseguem alargar dentro da sala de aula e isso é muito importante para a vida deles. Eu acho que eles despertarem para outras aprendizagens, para



	<p>conversarem sobre outras questões da história, da geografia das relações entre eles, de conversarem com o professor de uma forma completamente diferente, da experiência que o professor tem de vida é muito mais transmitido ali do que num espaço em sala de aula onde estão agarrados a um programa que é preciso cumprir e são muito é preciso haver regras e ali as regras são quase ... nascem deles com o professor... o professor não precisa de estar a dizer quais são as regras, mas embora haja regras e estas questões são muito importantes em termos culturais. Eu acho que para um jovem hoje e sente-se muito isso, por exemplo jovens que se dedicam muito ao estudo e nós temos percebido muito isso depois quando vamos perceber qual é a cultura geral desses jovens, nós achamos que realmente está muito limitada aquilo que são as aprendizagens que fazem nas escolas. Este tipo de clubes, eu acho que lhes dá esse espaço e estimula-os que é isso que eu acho que é fundamental que é para além de lhes dar esse alargamento cultural e de perceber outras coisas que têm a ver com a nossa vida, dá-lhes também esse estímulo para procurar e não se cingirem àquilo que são as aprendizagens que fazem na escola. Eu acho que isso é muito importante. Eu sinto isso na Maria, quando ela fala nas conversas que tem, quando comunica com um país lá mais de leste, e depois falam sobre esse país, e como é que as pessoas vivem, onde é que fica, quer dizer, são coisas que eles na sala de aula não aprenderiam. Esse interesse e às vezes depois vem, e vai ao globo ver onde é que fica e vem dizer que teve a falar com aquela pessoa que estava ali. São coisas muito interessantes e que ela fala de uma forma muito informal, sem ser obrigatório. São aprendizagens que se fazem sem ser obrigatórias. Para o desenvolvimento dela acho que é muito importante.</p>
Q5	<p>Considera que o clube de comunicações promove no seu educando a capacidade de ser solidário? Como nota isso?</p>
R5	<p>Sim, claro eu acho que olhando para o grupo, por aquilo que eu percebo, do funcionamento do grupo isso está subjacente ao funcionamento do próprio clube que é... e tem a ver um bocadinho com aquilo eu senti na Maria quando ela entrou e sinto quando ela fala no clube, que é a integração dos novos elementos, aliás, a maneira como ela foi integrada e depois agora a maneira como ela integra os outros. É um processo em que eles fazem isso de uma forma natural. Percebe-se que eles já sabem qual é o papel deles, quer dizer quando entram não sabem muito bem, mas depois com o passar do tempo percebem que tal como eles quando entraram estavam lá os mais velhos para poderem integrar, agora são eles os mais velhos têm que fazer essa integração dos outros e esta integração é fundamental, e saber fazer esta integração e saber partilhar com outros as experiências que eles também já aprenderam para que os outros também possam aprender. Para já valoriza-os. Eles sentem-se valorizados e eu acho que isso é importante e por outro lado dá-lhes uma capacitação para estarem em grupo que eu acho que é fundamental hoje nas escolas que é a questão de eu saber respeitar os outros independentemente da sua condição social económica, etc. Que é fundamental saber respeitar os outros e saber integrá-los no grupo, seja no grupo turma, seja no grupo de amigos seja no grupo clube eu acho que este clube tem essa vantagem. Pode ser uma das armas, como é óbvio, quando nós falamos nas questões que têm a ver com bullying ou miúdos que não são capazes de se integrar na escola ou alunos que são mais marginalizados, é óbvio que este tipo de clubes tem essa possibilidade. Por um lado poder ir buscar esses miúdos, por outro lado de estes miúdos que estão nestes clubes não fomentarem esse tipo de comportamentos perante os outros e claro não podemos dizer se calhar só o clube conseguirá resolver todos esses problemas, como é óbvio, a escola é muito mais do que isso, há o espaço turma que é importante para essas questões serem trabalhadas mas os clubes têm esse papel que é fundamental porque é muito mais informal e nós sabemos que dentro do espaço de sala de aula há matéria para dar, há muitas coisas e torna-se muito mais difícil trabalhar essas questões. Neste espaço é mais fácil trabalhar essas questões em pequeno grupo que depois eles vão apreendendo e vão utilizando na sua vida do dia a dia. Eu acho que isso é que é importante. Acho que haver atividades que não sejam ... este tipo de atividades que sejam mais informais, que promovam uma relação com os professores que é completamente diferente daquela que se estabelece dentro da aula e que promove todas estas questões que têm a ver com o ser mais solidário, as questões culturais, o saber integrar, o saber estar na escola. Estes clubes e outros que já existiram, acho que traziam muito mais vantagens e quanto mais alunos houvesse nestes clubes e quanto mais espaço houvesse de uma relação informal com os professores, claro que com objetivos de aprendizagem de outras coisas que vão de encontro às necessidades deles, etc, mas trazia muitas vantagens. Os miúdos que frequentam este tipo de atividades e que têm esta possibilidade de ter um espaço na escola que não é tão formal, que é mais informal que pode motivar estes alunos para sentirem a escola como um espaço onde se sentem bem, porque podem ter as aulas (que algumas aulas que até são uma seca) mas depois haver espaços como estes clubes que lhes dão oportunidade de terem atividades que eles gostam muito de fazer isso podia fazer com que muitos destes miúdos que depois têm tendência para o abandono ou para se isolarem ou para serem problemáticos, pudessem não o ser. Eu acho que muitas das questões que têm a ver com os comportamentos de sala de aula que se têm vindo a agravar, também passará por aqui. Claro que não é só, mas passará também por aqui por a escola cada vez ser menos um espaço onde eles têm outras atividades extracurriculares que lhes deem prazer fazer e onde eles possam ter outras aprendizagens abrindo o leque de serem mais solidários. Eu acho que isso faz falta nas escolas. Porque eles assim limitam-se à sala de aula e quando os miúdos não gostam... o que é que acontece? Mau comportamento, má relação com os professores, má relação com os colegas e desestabilizam muito mais as coisas. Acho que é um caminho que poderia ser seguido. Eu conheço algumas experiências no estrangeiro em que há estas atividades extracurriculares nas escolas e que beneficiam muito estas questões que têm a ver com os comportamentos no espaço escola e com esta questão do abandono e com esta questão do interesse. Eu acho que estes clubes são muito importantes. Há outra coisa que é importante. A questão de se conseguir estimular os miúdos a participar nestes clubes. Isto passa muito... é claro que eu sei que os professores neste momento... com a situação toda que estamos a viver, que há uma desmotivação grande... enquanto antigamente havia algumas horas para estas atividades, houve fases em que não houve mas os professores até porque gostavam de estar na escola, porque até tinham clubes, neste momento isso parou porque a escola neste momento quer para os professores pouco motivante neste momento e é bom falarmos quando temos um clube deste género que é diferente que não há mesmo quando havia muito clubes como este. É uma diferença grande e é uma oportunidade excelente para os miúdos e eu acho que isso... que é este tipo de clubes que sejam diferentes que lhes possam proporcionar experiências diferentes alargar esses tais horizontes e conhecimentos que são muito importantes para os miúdos. Eu acho que isso faz falta nas escolas.</p>
Q6	<p>O clube de comunicações motiva o seu educando a cooperar com os colegas? Como?</p>



R6	<p>Sim, claro como já disse antes. Isso é óbvio quando eu digo, quando há esta relação, quando o próprio clube tem este modelo de funcionamento de integração, de cooperação, de solidariedade, de que eles estão ali todos num grupo onde não há uns que são mais e outros são menos, mas todos são iguais, uns estão e há mais tempo e estão ali para poder ajudar os outros a chegarem a onde eles chegaram e esses quando lá chegarem irão ter o mesmo papel, esperando que o clube continue, que esses que quando lá chegarem, quando entrarem outros tenham esse mesmo papel. Há uma outra vertente que é: às vezes há miúdos mais velhos que até entram já mais velhos e estão mais novos que já lá estão há mais tempo e são esses próprios que integram os mais velhos. Não é uma questão de idade mas uma questão de tempo no clube. Isso é outra questão que é muito importante. É giro esta relação que é não tem a ver ali com as idades, tem a ver com os anos em que estão (antiguidade no clube). E portanto isso é muito importante isso é muito engraçado perceber. É muito interessante perceber.</p>
Q7	<p>Considera que o clube de comunicações faz desenvolver o espírito de grupo no seu educando? De que forma?</p>
R7	<p>Sim, claro. Como já referi aliás o clube é um grupo e eles sentem-se como um grupo e eu acho que importante e portanto logo nessas formas de perceber que eu quando sou mais velho integro os outros quando sou mais novo sou integrado, não tem a ver com as idades, tem a ver com as experiências que eu já vivi, os anos que aqui estou e vou partilhando com os outros esses conhecimentos e vou mostrando aos outros aquilo que já sou capaz de fazer, os outros mostram-me aquilo que são capazes de fazer e que foram aprendendo a fazer há aí esse espírito de grupo, de estar, de fazer as coisas em grupo. De não ser individual, não ser o melhor. Pronto, há é uma questão de todos estamos aqui para... vamos aprendendo, cada um vai lidando com as suas experiências e vai partilhando uns com os outros, vão vendo, vão assistindo, vão colaborando e vão aprendendo uns com os outros. Eu acho que é importante e que faz com que... isto, pois claro que nós podemos olhar para isto neste grupo e perceber que isto se calhar tem vantagens noutros grupos com as aprendizagens que eles fazem ali. Claro que isto depois tem a ver com a individualidade de cada miúdo, como é óbvio, mas acaba sempre por influenciar de alguma forma. E depois, a forma como eles trazem cá para fora para a sua vida normal, para fora do clube como é que eles trazem essas experiências de estar ali em grupo para a convivência com os outros e é aí que depois nós conseguimos perceber, e eu estava a falar de individualidade nesse aspeto, há nesse grupo, com certeza miúdos que conseguem mais facilmente conseguem trazer isso cá para fora e saber lidar em grupo e saber estar em grupo, outros vão ter que fazer uma aprendizagem com mais tempo, mas isso tem a ver individualidades, eu acho que é muito importante. Eu acho que de qualquer forma eu percebo pela Maria que a questão dali do grupo e sentir pertença do grupo, mesmo quando entrou no 5º ano estavam miúdos de 7º mais velhos já e ela sentiu-se bem e sentiu-se integrada. Isto quer dizer que a diferença de idade não há grandes problemas enquanto se calhar no espaço escola, fora do clube isso não acontece tão facilmente. E ali aconteceu de uma forma natural, ela não se sentiu minimizada nem se sentiu mal. Sentiu-se sempre bem. É por isso que ela continua e raramente falha o clube, por isso mesmo, porque é um espaço onde ela gosta de estar e onde se sente bem. Se ela se sente bem, quer dizer que o grupo funciona bem. Nós só estamos com um grupo de pessoas quando nos sentimos bem. Estamos ali porque queremos. Isso é logo um sinal. Estar há 3 anos no mesmo clube quer dizer que ali a questão do grupo está muito bem trabalhada. Aqui também há a questão do professor que eu acho que é fundamental, qualquer professor que esteja à frente de um clube, o clube funciona muito em função do professor que está. O professor também tem que ter essa capacidade de os fazer sentir e de os puxar e de ter uma diversidade de atividades que eles gostem e depois é aquela questão que eu falei que tem a ver com a relação diferente que se estabelece com o professor e isso é fundamental, a relação que se estabelece. É tão importante a relação que se estabelece entre eles como a relação que se estabelece com o professor porque é um grupo e o professor faz parte desse grupo e isso é que é importante e isso é que giro perceber. Ali (o professor) é um grupo é um elemento que partilha, que é importante, aliás é isso que depois dá a questão de mais cultura geral e essas partilhas e essas conversas que eu acho que são muito importantes para o espírito do grupo e que o professor aí tem um papel muito importante. Acho que isso também ajudou muito que este grupo, incluindo o professor, esteja a funcionar da forma como está, aos anos que está e com o interesse que os miúdos e que a Maria, acho que é muito importante e quando eles chegam a casa e dizem <i>olha, hoje estive a falar com não sei quem...</i> são aquelas coisas que demonstram que os miúdos gostam de estar ali.</p>
Q8	<p>Qual é a sua opinião sobre as atividades realizadas no clube?</p>
R8	<p>Eu acho que tem muito a ver, aliás é pelas atividades que eles estão lá. Claro há a questão do grupo, professor, etc. Mas se as atividades não fossem interessantes eles não estavam. E é essa diversidade de atividades, de aprender um alfabeto novo, de comunicar com outras pessoas, de aprenderem a comunicar entre eles, de falarem sobre coisas tão diferentes em situações diferentes, em questões de conhecerem melhor o mundo em que estão, em saberem comunicar de outra forma, de perceberem que comunicação não exige que estejamos a olhar um no outro, mas que isso desperta em nós outras capacidades para comunicar com o outro e é uma coisa que se calhar é muito importante, que é, no mundo em que vivemos hoje, globalizado em que a comunicação através do facebook e etc, é instantânea, este aprender a comunicar de outra forma e aprender a comunicar e saber com quem estamos a comunicar e os cuidados que temos que ter quando estamos a comunicar, eu acho que isso é uma aprendizagem, também para este mundo globalizante da comunicação fácil. Acho que esta experiência pode desenvolver nestes miúdos algumas competências naquilo que é comunicação, depois quando estamos no facebook ou quando estamos onde aparecem milhares de pessoas a querer conversar connosco e eles perceberem que há estes cuidados que têm que ter. Acho que essa questão da segurança na comunicação eu sei que estou a comunicar com uma pessoa que não vejo, que não conheço, mas que está ali, que é uma pessoa segura, que está ali para partilhar um momento comigo e que tem. E é essa segurança e aprender essas regras de segurança na comunicação que eu acho que também são muito importantes para este mundo globalizante. Eu acho que esta diversidade de atividades e de competências que eles vão ganhando e que vão adquirindo ao longo destes anos que vão estando, são fundamentais para o desenvolvimento destes miúdos pois abre-lhes um leque cultural completamente diferente e uma preparação para a vida que eu acho que é muito importante. Que é eu não querer só aprender sobre coisas que aprendo na escola, mas saber que há outras coisas que são tão importantes nós aprendermos como aquelas que aprendemos na escola. Nós hoje percebemos quando falamos com alunos universitários e olhamos para o nível cultural sobre outras áreas e ficamos ali a pensar o que estes miúdos andaram a fazer na escola. Este tipo de clubes são fundamentais para isso. Estimula-os a fazer novas aprendizagens e</p>



	<p>isso é muito importante. É abrir-se o leque, eles olharem para o mundo de uma maneira diferente e olharem para as pessoas de uma maneira diferente e perceberem muitas coisas que os rodeiam que não percebem só espaço escola. A questão de eu ir porque quero, porque gosto de estar, porque estou com pessoas com quem gosto, não me sinto obrigado a ir mas vou porque é um espaço onde eu me sinto bem e até estou mais uma hora na escola... e às vezes as pessoas pensam que estar lá muito tempo... agora quando o tempo é útil quando o tempo é agradável os miúdos até gostam de estar, não fazem questão de vir embora da escola. E o professor, neste caso também não. Quer dizer que é um espaço onde todos gostam de estar e todos se sentem bem naquele espaço e isso é muito importante. Aquela relação que se estabelece nesse espaço que eu acho que é fundamental, que é essa que é dos miúdos poderem, por um lado entre eles conversarem, mas por outro lado também têm alguém adulto com que eles sabem que há questões que é com essa pessoa que eu posso falar. Que é alguém que tem esses conhecimentos, mas também ajuda. É fundamental, naquele grupo é óbvio que o grupo funciona, mas também funciona muito porque tem um adulto que faz parte do grupo e eles sabendo que faz parte do grupo lhes dá essa possibilidade de me abrir com uma pessoa e isso é muito importante porque sabemos hoje que há muitos miúdos que não conversam com os pais nem com os professores porque não têm espaço para conversar com os professores, dentro do espaço sala de aula e que ali por exemplo neste clube têm esse espaço. Têm um professor com quem sabem que há dúvidas que se calhar não tiravam com ninguém e ficariam com as dúvidas e ali conversam sobre temas laterais à rádio, sobre problemas pessoais. É isso que no clube é muito importante. O clube não se cinge às questões da comunicação e da rádio. Há ali outras conversas tão importantes quanto o resto ou mais importantes em determinados momentos. Por isso eu acho que é fundamental.</p>
Q9	O que pensa sobre a partilha de atividades, no clube, com colegas de outros anos de escolaridade?
R9	<p>Eu acho que pelo aquilo que já falámos é extremamente importante porque aqui não há a questão da idade e sendo mais novo, sendo mais velho, sendo mais velho quando entra tem uma função de ser mais velho, ser diferente do outro. Aliás como estávamos a falar às vezes os mais velhos entram e são integrados pelos mais novos e vice-versa. Não há esta hierarquia por ser mais velho sou mais importante, ou sou eu que estou mais. O tempo que eu estou no clube é que me dá esta capacidade de integrar e de dar ao outro aquilo que eu já aprendi. Se for um aluno do 7º ano a fazer isso a um aluno do 10º traz vantagens. É isso que faz com que, por exemplo, se formos para as questões que têm a ver com a auto estima, de eu sentir-me realizado e eu sentir que sou capaz, imaginemos o que sente um miúdo com 14 ou 15 anos a fazer a integração de 17 ou 18 e dizer <i>olha, eu sei fazer isto, é assim que se faz</i>. É este tipo de clube quando há este tipo de integração, quando um aluno que entra também se sente integrado e não se sente mal. Que há esta forma de integração que tem a ver com o tempo que eu estou no clube, isto traz uma série de vantagens, quer individuais, para o próprio aluno no seu crescimento, naquilo que é a sua auto estima, e naquilo que é valorizar aquilo que eu sei que é importante, qualquer um de nós gosta de mostrar aquilo que sabe, e isso é importante e então se for a mais velhos... mesmo se for a mais novos, sinto-me importante e isso é muito importante e é bom haver isso e depois esta questão da integração, da relação daquilo ser um grupo e lá por eu ser o mais novo, não estou menos integrado, ou por ser mais velho e estar com mais novos porque aquilo é um grupo onde estamos todos a aprender, onde estamos todos a conversar e onde cada um vai conversando sobre as suas experiências de vida também. E às vezes os mais velhos podem ajudar os mais novos nalgumas coisas, os mais novos ajudarão noutras... há ali uma partilha, uma partilha de experiências de vida, seja experiências de vida no clube, seja experiências de vida fora e essa partilha é muito importante. E eu acho que isso valoriza muito o clube e valoriza muito qualquer clube que funcione nesta perspectiva de integração, de haver relações entre mais velhos e mais novos e todos se sentirem parte integrante de um grupo e isso é que também tem valorizado muito este clube ao longo deste tempo e por isso também se vai aguentando, além, claro da boa vontade do professor que está ali voluntariamente, sem ganhar nada com isso, ganhando experiência que tem na sua relação com os alunos e no gosto que tem a fazer o que está a fazer. Os alunos ganham muito com este tipo de clubes e com este tipo de relação de pertença a grupos. Eu acho que é fundamental.</p>
Q10	O que pensa da possibilidade de o clube poder contribuir para a melhoria do desempenho escolar do seu educando a várias disciplinas?
R10	<p>Por tudo o que já falámos tudo isto tem vantagens, como é óbvio no desempenho. Nós se calhar, se fossemos avaliar individualmente, podíamos ver assim: este miúdo que até em termos de desempenho escolar não é nada... se não estivesse no clube ainda era pior. E a questão é esta: Eu acho que esta questão de estar num grupo, estar a fazer uma coisa que dá prazer e sinto de pois na escola em que há um espaço onde eu estou e onde me sinto bem e isso faz com que eu depois me possa sentir bem noutros momentos naquele espaço escola. Para além disso as questões que já falámos, a questão da cultura, de abrir leques, de eles estarem despertos para muitas outras coisas, faz com que eles também quando estão na sala de aula, ou quando estão a estudar não se limitem a olhar para a matéria daquela forma que é o decorar. Mas, vou tentar perceber e se calhar para tentar perceber tenho que ir ver outras coisas ou se calhar aquilo que falámos no clube em termos de geografia eu já sei, porque já sei que a Ásia fica ali ou aquele país fica ali e faz fronteira com aqueles, que tem aquelas cultura ou que os seus antepassados foram assim, ou mesmo em história. Eu acho que estas questões do clube, têm vantagens em relação à autoestima dos miúdos. Eu estou ali, por exemplo miúdos que até têm dificuldades nas aprendizagens ou que são alunos que têm... estão com dois ou com três e que ali no clube servem e têm capacidades se ali são capazes de render... há aqui qualquer coisa que está mal, não é o aluno. Ele ali aprende porque gosta, porque está interessado e portanto aprende. Se calhar então no espaço sala de aula alguma coisa tem que mudar. E se calhar, aí consegue-se perceber <i>atenção que este miúdo não tem nenhum problema especial, ele aqui consegue fazer as coisas, ele aqui decorou o alfabeto todo sem dificuldade nenhuma e comunica com outras pessoas e até comunica em inglês</i>. Pode haver qualquer coisa que não esteja bem na escola e se pode até ajudar os professores a perceberem que há aqui uma estratégia que temos que alterar. Eu acho que se este clube e outros pudessem aparecer, possam existir podem melhorar muito estas questões que têm a ver com estes miúdos nas aprendizagens que fazem dentro da sala de aula e podem também alertar os professores para que afinal se calhar o miúdo não tem nenhum problema, é uma questão de estimular, se calhar, de uma outra forma. É o interesse, é um click ali que se calhar a estratégia tem que ir por outro lado, se ele gosta mais de ir por este lado então vamos por aí. O grupo vai também. Eu acho que isso é muito importante.</p>
Q11	Como encara o trabalho desenvolvido no clube como forma de evitar o problema do abandono escolar?



R11	<p>Tem a ver com aquilo que falámos, que é eu estar no espaço escola em que me sinto bem. Os clubes podem ter esse papel e se os miúdos que estão em risco de abandono escolar, que estão em dificuldades de integração na escola, se estes miúdos tiverem um espaço na escola que até se sentem bem e que percebem que na escola <i>eu na escola até tenho um espaço onde me sinto bem, portanto a escola não é toda má</i> e se calhar vai facilitar com que este miúdo pense assim: <i>eu até gosto de vir para a escola. Tenho aquele espaço. E portanto vou aprender.</i> E há as questões que falávamos de estar em grupo de saber estar em grupo, muitos miúdos que abandonam, são miúdos que não estão integrados na escola, que estão marginalizados, e que por isso não se sentem bem, enquanto se tiverem estes espaços onde vão aprendendo a estar em grupo e que ali não há cá questões de ser mais esperto, ou menos esperto, de condição social de ser seja o que for, ali é um grupo onde todos estamos para aprender e isso pode beneficiar muito a integração destes alunos na escola. Saibam depois os professores que dão aulas aproveitar isso. Se houvesse estes vários clubes onde estão vários professores onde fazem parte da turma onde estão esses alunos e até vão conversando, se calhar isso até ajudaria a que muitos miúdos não abandonassem. E que procurassem mais este tipo de atividades para poderem depois gostar mais no espaço escola. Eu saber que estou num espaço onde gosto de estar e onde me sinto bem. Quando eu não me sinto bem, claro que a minha tendência é para fugir. E os clubes podem ter este papel importante de ajudarem a perceber que o espaço escola também é agradável. Pela questão do grupo e das regras que se aprendem ali, podem depois ser transportadas para fora. Claro que isto não se aprende num ano ou em dois, mas se calhar se eu andar ali 3 ou 4 anos... nestes miúdos acaba por depois ter influência, acaba por influenciar, quer queiramos quer não influência sempre.</p>
Q12	<p>Considera que o clube de comunicações contribui para que o seu educando desenvolva a sua expressão oral? Porque?</p>
R12	<p>Sim muito. Quando falávamos nas várias disciplinas aquilo que é importante neste clube, especificando mais as expressões e da comunicação, tem muito a ver com essa comunicação oral, de eu saber de eu aprender a exprimir-me de eu saber comunicar com outras pessoas, seja com pessoas fora do país, seja dentro do grupo, eu saber comunicar e saber utilizar a linguagens diferentes, saber falar aprender a falar, também esse papel do grupo e do professor que ali está a estimular a comunicação de uma forma correta e isso dá-lhes uma aprendizagem e uma bagagem grande. Estimula a criatividade, eu sinto isso na Maria, porque acho que ela tem uma capacidade de expressão oral muito boa e depois consegue transmitir, transpor isso para a parte escrita e para a criatividade e portanto eu acho que este tipo de clube ajuda. A capacidade de resumir aquilo que tenho para dizer porque só tenho aquele tempo e a forma como me expriro, a entoação que dou, tudo isso ajuda, neste caso ajuda a Maria a desenvolver estas capacidades de comunicar de uma forma diferente e de uma forma mais fluente, sabendo também depois ter essa capacidade de sintetizar quando é necessário, quando, num teste só tenho 15 linhas para expor uma coisa tenho que saber sintetizar e tenho que saber ordenar e isso ajuda muito porque eles sabem que, por exemplo quando estão a comunicar com outras pessoas têm que dizer aquilo que é essencial, têm que ser objetivos e isso é muito importante porque também são aprendizagens na comunicação e eu acho que estimula. Acho que é muito importante.</p>
Q13	<p>Qual é a sua opinião acerca da contribuição que o clube de comunicações dá para o desenvolvimento do gosto por línguas estrangeiras?</p>
R13	<p>Eu acho que é muito importante, aliás, para a Maria foi muito importante para ela perceber a importância que têm as línguas no mundo de hoje. No mundo de hoje eu comunicar e sabendo que o mercado de trabalho hoje é globalizante e o futuro pode não passar por Portugal, pode passar por ter que ir para um país estrangeiro, portanto, o começar a perceber, o saber línguas, para comunicar com outras pessoas, o clube mostra-lhes isso na prática. <i>Eu tenho que saber falar inglês para saber comunicar com os outros.</i> E depois há aqui a questão de eu tenho que então investir e tenho que realmente saber falar inglês ou francês ou espanhol ou qualquer língua. Claro que o inglês é mais universal, mas eu acho que isso estimula os alunos a aprender a sentirem essa necessidade e ao sentirem essa necessidade vão perceber porque é que o inglês, o francês, o alemão ou espanhol são importantes. Depois há esta questão que é dos mais velhos que já têm mais anos de língua e eu vou ouvindo e também vou aprendendo algumas coisas. E isso cria essa necessidade, gera estímulos porque se ele está a falar com aquela pessoa mais tempo, eu também tenho que conseguir, eu também quero falar. Portanto tenho que aprender e eu acho que isso é muito importante a questão da comunicação. E aí nas línguas ainda se torna mais evidente a necessidade das aprendizagens. Aquilo que nós vemos nas aprendizagens das línguas é que eles aprendem muito a questão gramatical e formal da língua, mas depois quando à que passar isso para a comunicação oral, a coisa não é tão fácil é preciso ir buscar mais vocabulário e aí ainda se nota mais a necessidade da comunicação oral. Eles percebem que aquilo que aprendem em inglês, às vezes ali não chega, é preciso ir mais além que isso, que aprenderem como se faz a frase. Como é que digo no passado... na hora como se pode substituir vocabulário que não temos, por outro idêntico que nos permita transmitir a mesma ideia, a mesma mensagem. Nas línguas ainda se nota mais. No português acabam por ter um leque já grande de vocabulário, sente-se na mesma como é óbvio, porque há sempre termos novos a aprender, mas aí no inglês a questão de passar para a oralidade torna-se ainda mais evidente. Eu acho que é fundamental um estímulo para eles aprenderem as línguas. Uma outra situação é que normalmente eles só ouvem a língua estrangeira pela voz de uma única pessoa que é o professor da língua e eles na rádio têm hipótese de ouvir pessoas do próprio país a falar o que é diferente. Por muito boa que seja a dicção do professor de inglês, nunca é igual, se estamos a falar para Londres e estamos a ouvir um londrino puro é completamente diferente e mostra-nos a dificuldade que é depois quando nós quisermos falar com pessoas desses países que se calhar com essas experiências é que nós vamos percebendo a linguagem, a comunicação. Eu estar a falar com um colega meu ou com professor é uma coisa. Quando eu vou falar com um inglês é completamente diferente. E é isso que é importante para eles perceberem. Que é, <i>Eu tenho que aprender a falar, tenho que ir muito mais além daquilo que é a aprendizagem porque eu quando falo com um inglês não percebo.</i> Claro que eu também sei que há o cuidado de quem está a falar no outro lado quando está a falar com alguém de uma língua diferente de se exprimir de uma forma mais lenta e mais perceptível. Mas dá para eles perceberem isso.</p>
Q14	<p>O que pensa da ocupação dos tempos livres, à hora de almoço e no final do dia, serem com radioamadorismo escolar?</p>
R14	<p>Eu não sinto isto como algo a mais como uma hora mais que vão ter que ficar na escola. É uma hora que eles têm e que lhes dá prazer. Claro que só pode ser ao final do dia ou à hora de almoço, não interessa se lhes dá prazer, tanto</p>



	<p>faz. O clube sem alunos não funciona, portanto não pode ser durante o tempo de aulas. Tem que ser fora do horário de aulas mas se eu gosto de lá estar, se aquilo me dá prazer, tanto faz ficar mais uma hora na escola, tanto faz ir almoçar um bocadinho mais depressa para poder estar mais no clube, porque é uma questão de prazer, é uma questão de eu me sentir bem onde estou. Tenho ali uma hora que estou onde estou onde me sinto bem e não sinto que estou uma hora a mais na escola naquele dia. Eu não sinto nada disso na Maria. Ela até quando não vai é que diz: <i>olha hoje não posso ir ao clube. Que chatice</i>. E é isso que é importante, é eles sentirem que aquilo não é uma hora a mais, é uma hora em que eles estão num sítio que podia ser fora da escola, podia ser em qualquer espaço, mas é um momento de prazer, é um momento em que eles se sentem bem e estão ali porque querem. Se não quisessem também não estavam. É um espaço onde eles estão dentro da escola em que se sentem bem e não vamos tirar isso para fora da escola. Isso era mau para a escola porque era mais um momento em que os miúdos sentiam prazer fora da escola e não na escola. Portanto a escola só tem a ganhar com este tipo de horas que os miúdos não sentem como horas a mais. É como por exemplo o desporto escolar que é fora das horas letivas, mas em que os miúdos estão porque gostam de estar a praticar desporto. Mas são momentos em que eles têm prazer em estar na escola. Se tirarmos isso à escola é o descalabro.</p>
Q15	O que o levou a autorizar a inscrição do seu educando no clube de comunicações?
R15	<p>Quando a Maria quis ir para o clube, nós dissemos logo que sim. Sabendo que era importante ela perceber se ia gostar ou não ia, se não gostasse também estava à vontade para sair como era óbvio, mas para nós aquilo que foi importante, foi, por um lado já conhecermos aquilo que era o clube de comunicação e radioamadorismo e pelas experiências que tinham tido e achámos que era muito interessante e muito importante para a Maria. Por aquilo que já falámos, pelo leque, pela abertura, por novos conhecimentos, pelo estímulo falarem outras línguas, pelo espírito de grupo, pela comunicação e desde que ela se sentisse lá bem, não há problema nenhum. Não é mais uma hora que está na escola que ela... é possível tudo desde que as pessoas sejam organizadas. Isso até ajuda. Os alunos estando mais uma hora na escola e tendo mais atividades não faz com que tenham piores notas. É uma questão de organização de aprender a organizar. Têm que estudar naquele dia ou têm que fazer aquelas coisas naquele dia e que estão no clube para ir ao clube. Faltar uma vez ou outra é uma coisa. Faltar sistematicamente não. <i>Eu vou para o clube. Vou porque quero e tenho essa responsabilidade de ir</i>. Por isso mesmo ela já sabia que se não gostasse, ia-se embora. Estar só por favor, não. Se ela gosta, tem que se organizar. Gosta de lá estar, organiza-se de maneira que o resto da vida corra com a normalidade que ela sabe que tem que ter. Isso ajuda a organizarem-se de maneira diferente e a serem mais responsáveis na sua organização. E não tira tempo de estudo. É isso que faz os miúdos serem melhores ou piores alunos. Estarem mais tempo na escola com atividades que lhes dão prazer, que faz com eles sejam piores ou melhores. É uma questão de organização. Se eles estão lá com prazer até é bom porque vêm para casa desanuviados e até se calhar a seguir estudam e estão mais concentrados. Há outra coisa que às vezes que os pais têm tendência a fazer que <i>é se tens más notas sais</i>. Quer dizer, uma coisa que lhes dá prazer é-lhes tirada quando deviam era tirar outras coisas que são mais negativas e para as notas. Eu acho que aquilo que lhes dá prazer fazer e que é benéfico para a saúde, para os conhecimentos, para desenvolvimento da Maria enquanto pessoa, ou de outro aluno qualquer não deve ser tirado. Deve ser tirado outras coisas, em casa como o computador ou a televisão que não trazem grandes benefícios e os pais têm tendência a tirarem essas coisas. Porque pensam que estão a perder tempo e eles aí estão a ganhar tempo. Por depois são capazes de se concentrarem muito mais facilmente. Não é o clube ou o desporto que os faz ter más notas, antes pelo contrário. São outras coisas que estão em casa perto dos olhos dos pais e eles não veem. Quando nós temos os filhos a tendência para tirar o que lhes dá mais prazer é o mais errado. Devemos tirar outras coisas que lhes dão prazer e não são benéficas para eles. O desporto, os clubes, a música é importante para eles e dá-lhes prazer estar lá e portanto, não se pode tirar isso.</p>
Q16	Sabia o que era o radioamadorismo escolar antes do seu educando ingressar no clube?
R16	<p>Sabia por aquilo que conhecia do clube, por aquilo que já fez, as notícias que saíram sobre o clube, da dinâmica que o clube tem e que foi visível para Gouveia, sabia por isso, que lá fui sabendo mais agora estando a Maria lá. Na altura sabia mais ou menos o que era, mas as questões de comunicar com o alfabeto completamente diferente, as formas de comunicar. Tudo isso foi uma aprendizagem que foi feita com ela. Sabíamos de uma forma mais geral do que é que era. Agora sabemos mais em pormenor, como é óbvio. E aliás foi também por sabermos algumas coisas sobre o radioamadorismo e a comunicação que nos fez estimular que a Maria fosse. Por eu acho que é uma coisa completamente diferente e muito vantajoso para estes miúdos que é passarem por experiências diferentes que são fundamentais para o seu desenvolvimento.</p>



(anexo 25) Depoimento de encarregado de educação 5

Q1	O seu educando gosta de frequentar o clube de comunicações? Porquê?
R1	Sim, bastante. Porque, segundo ele diz, o clube é um espaço que lhe permite estar na aula sem estar na aula, ou seja, em que pode aprender e praticar coisas novas sem a pressão da avaliação, num clima de descontração.
Q2	Qual é a sua opinião acerca da utilidade do clube de comunicações?
R2	Parece-me que o clube tem várias utilidades: mostrar aos alunos como funcionam os aparelhos usados pelos radioamadores; reforçar regras de comportamento individual; ocupar os seus tempos livres ou até despertar a sua atenção para realidades que existem para lá dos muros da escola.
Q3	O clube de comunicações permite que o seu educando ponha em prática aprendizagens adquiridas noutras disciplinas? Quais? De que forma?
R3	É evidente que sim. Pode pôr em prática o que aprendeu em línguas estrangeiras, por exemplo quando contactou com pessoas de outros países.
Q4	Considera que as atividades que o seu educando desenvolve no clube de comunicações possibilitam o alargamento dos seus horizontes culturais? De que forma?
R4	Claro que sim, como já disse, os alunos apercebem-se de outras realidades bem diferentes das deles. Se falarem, por exemplo, com um radioamador português a residir no estrangeiro vão certamente interrogar-se: 1º Onde fica o país? 2º Que características tem? 3º Que diferenças há entre esse país e Portugal? 4º Por que razão esse português trocou Portugal por esse país; e por aí fora...
Q5	Considera que o clube de comunicação promove no seu educando a capacidade de ser solidário?
R5	Sim, ao contactar com esta atividade ele apercebe-se dos episódios de solidariedade que a história do radioamadorismo tem envolvido. Além disso, sentiu-se incentivado a ajudar e apoiar os colegas mais novos, por exemplo a envolver-se mais em projetos locais de solidariedade.
Q6	O clube de comunicações motiva o seu educando a cooperar com os colegas?
R6	Sim, pelo que percebo, no clube os alunos funcionam em equipa, com os mais velhos a ajudar os mais novos e isso acaba por se estender a outros momentos e a outros espaços do seu quotidiano.
Q7	Considera que o clube de comunicações faz desenvolver o espírito de grupo no seu educando? De que forma?
R7	Esta questão está interligada com a anterior. Se os alunos aprendem a trabalhar em grupo, é evidente que o clube faz desenvolver o espírito de união, de entreajuda, de camaradagem, dentro e fora da escola.
Q8	Qual é a sua opinião sobre as atividades realizadas no clube?
R8	A minha opinião baseia-se naquilo que o meu filho conta: são diferentes, ativas criativas, lúdicas, mas ao mesmo tempo educativas.
Q9	O que pensa sobre a partilha de atividades, no clube, com outros anos de escolaridade.
R9	Tem vantagens: a entreajuda, o apoio, a cooperação, a aprendizagem
Q10	O que pensa da possibilidade de o clube poder contribuir para a melhoria do desempenho escolar do seu educando a várias disciplinas?
R10	Há situações em que os alunos se sentem incentivados a aprofundar conhecimentos. É o caso das línguas (materna e estrangeira), da geografia ou da história. Saber como funciona um rádio, se propagam as ondas são questões que podem despertá-los para disciplinas mais técnicas. A capacidade de concentração, de ser capaz de ouvir o outro são também fatores que podem ser desenvolvidos.
Q11	Como é que encara o trabalho desenvolvido no clube como forma de evitar o problema do abandono escolar?
R11	Se o meu filho encontra um espaço na escola onde se sente bem, acarinhado e valorizado, isso pode contribuir para o dissuadir de desistir da escola.
Q12	Considera que o clube de comunicações contribui para que o seu educando desenvolva a sua expressão oral?
R12	É evidente que sim. Se, para comunicar ele tem que falar corretamente, articular bem as palavras, construir adequadamente as frases, é óbvio que a sua expressão oral vai melhorar. Além disso, aprende também a não falar ao mesmo tempo que os outros, a saber ouvir.
Q13	Qual é a sua opinião acerca da contribuição que o clube de comunicações dá para o desenvolvimento do gosto por línguas estrangeiras?
R13	Que interesse teria ouvir inúmeras pessoas falar, se não conseguíssemos percebê-las nem comunicar com elas? Claro que as línguas estrangeiras são fundamentais nesta atividade e os alunos compreendem isso.
Q14	O que pensa da ocupação dos tempos livres à hora de almoço e no final do dia, serem com radioamadorismo escolar?
R14	É uma boa forma de os alunos ocuparem os tempos mortos em que poderiam ser tentados a sair indevidamente da escola.
Q15	O que o levou a autorizar a inscrição do seu educando no clube de comunicações?
R15	Primeiro, o interesse manifestado pelo meu filho, entusiasmado por algo que lhe parecia ser diferente e motivador; segundo a possibilidade de ele vir a aprender coisas novas; terceiro, a ocupação de tempo livres, dentro do espaço escolar, que me pareceu de grande utilidade.
Q16	Sabia o que era o radioamadorismo antes do seu educando ingressar no clube?
R16	Sim, já conheço esta atividade há muito tempo.

(anexo 26) Prevenção de incêndios florestais



AVISE AS AUTORIDADES

⚠ Se vir lixo ou mato denso acumulado próximo de habitações.

⚠ Se notar a presença de pessoas com comportamentos de risco, informe as autoridades.

⚠ Se avistar o início de um incêndio florestal, ligue de imediato para o 112 ou para os Bombeiros da área.



Proteja a floresta dos incêndios. Cumpra as regras de segurança.

COLABORE, a proteção começa em si.

TELEFONES ÚTEIS

112 N.º DE EMERGÊNCIA	SERVIÇO MUNICIPAL PC
PERIGOS	Bombeiros

Para mais informações consulte a internet em: www.proteccao civil.pt

PREVENIR → PLANEAR → SOCORRER

Ministério da Administração Interna
Autoridade Nacional de Protecção Civil
112 - N.º de Emergência
www.proteccao civil.pt



Incêndios Florestais

Prevenção

112
N.º DE EMERGÊNCIA



Incêndios Florestais
PREVENÇÃO

Os incêndios florestais são uma das principais catástrofes em Portugal. Constituem uma fonte de perigo para as pessoas e bens, além de provocarem danos ambientais. As causas são muito variadas, mas muitos dão-se por descuido humano. Nos dias mais quentes, com vento e humidade baixa, o risco de incêndio é maior. **Aumente a sua atenção.**

Siga as medidas de prevenção contidas neste folheto e divulgue-as.



SE MORA JUNTO A UMA ÁREA FLORESTAL

- ⚠ Limpe o mato à volta da sua habitação.
- ⚠ Separe as culturas com barreiras corta-fogo (por exemplo um caminho).
- ⚠ Guarde, em lugar seguro e isolado, a lenha, o gasóleo e outros produtos inflamáveis.
- ⚠ Afaste da madeira, papel, roupa ou outros materiais combustíveis, as velas e candeeiros a petróleo ou a gás.
- ⚠ Nunca deixe as crianças sozinhas em casa e fechadas à chave. Não as deixe brincar com fósforos ou isqueiros.

Tenha sempre à mão

- ⚠ Algo com que possa extinguir um foco de incêndio (extintor, mangueira, enxada, pás).
- ⚠ Rádio e lanterna a pilhas, pilhas de reserva, material de primeiros socorros e sapatos fortes e isolantes do calor.

Prepare e treine com a sua família

- ⚠ Um plano de evacuação de sua casa.
- ⚠ Um ponto de encontro, ou um modo de contacto, para evitar ficarem separados durante um incêndio.

SE FOR PASSEAR À FLORESTA

- ⚠ Não defete fósforos ou cigarros para o chão.
- ⚠ Não defete pela janela do automóvel cinzas ou pontas de cigarro.
- ⚠ Lave a refeição preparada. **Não acenda fogueiras.** As fogueiras só podem ser feitas nos locais próprios, e com os seguintes cuidados especiais:
 - ⚠ remova as folhas secas;
 - ⚠ ponha um círculo de pedras em redor do fogo;
 - ⚠ molhe bem o local à volta;
 - ⚠ mantenha por perto um recipiente com água;
 - ⚠ vigie-a atentamente;
 - ⚠ apague-a muito bem com água e terra;
 - ⚠ nunca faça fogueiras em dia de muito vento;
 - ⚠ não abandone na floresta nenhum lixo, incluindo garrafas de vidro.

QUEIMADAS E FOGUETES
são o causam de muitos incêndios florestais.

- ⚠ proibido realizar-se queimadas e queima de sobranças nos espaços rurais durante o período crítico (compreendido, normalmente, de 1 de Julho a 30 de Setembro).
- ⚠ proibido o lançamento, durante o período crítico, de quaisquer tipos de foguetes, de balões com mecha acesa e a utilização de fogo de artifício.



A realização de queimadas só é permitida fora do período crítico e desde que o índice de risco de incêndio seja inferior ao nível elevado.

Antes de fazer uma queimada pe a autorização à Câmara Municipal e informe-se das condições de segurança junto dos Bombeiros da sua área.



- ⚠ Não faça queimadas nas proximidades das florestas.
- ⚠ Diga aos seus vizinhos quando a vai fazer.
- ⚠ Durante a queimada tenha sempre à mão enxada, pás, mangueiras e outras ferramentas.

(anexo 27) Autoproteção Frio Intenso

Efeitos do frio no organismo

Com a exposição a temperaturas muito baixas os tecidos podem sofrer **queimaduras pelo frio**. As áreas mais afectadas são as mãos, pés, nariz e orelhas. Proteja a pele da acção directa do ar frio.

A **hipotermia** é um estado em que a temperatura corporal está abaixo do seu normal (37°C). Manifesta-se por pele pálida ou amareada, até à perda gradual das capacidades motoras (tremor, dificuldade em andar e falar) e mentais (sonolência, confusão e perda de consciência.) Pode levar à morte se a vítima não for socorrida.

Em caso de QUEIMADURA PELO FRIO ou HIPOTERMIA

O que FAZER...

- Ligue 112 e siga as recomendações dadas.
- Proceda ao aquecimento gradual do corpo; não tente aquecer-se rapidamente:
 - vá para um local quente e seco;
 - retire a roupa molhada;
 - vista roupas secas e quentes e envolva-se em cobertores.

O que NÃO FAZER...

- Não ingira **bebidas alcoólicas**. A sensação de calor é enganadora pois, de seguida, sente-se ainda mais frio.
- Não beba **líquidos com cafeína** (ex.: café e chá) porque aumentam o esforço cardíaco.

Esteja atento às informações meteorológicas. Cumpra as recomendações das entidades competentes. Uma descida brusca da temperatura pode obrigar à adopção de medidas de autoprotecção.

COLABORE, a protecção começa em si.

TELEFONES ÚTEIS

112 N.º DE EMERGÊNCIA	SERVIÇO MUNICIPAL DE PROTECÇÃO CIVIL
PSICOPIN	SOMECIVIS

Para mais informações consulte a internet em: www.proteccao civil.pt

PREVENIR → PLANEAR → SOCORRER

Frio Intenso

Autoprotecção

Frio Intenso AUTOPROTECÇÃO

Reduções significativas da temperatura, por vezes repentinas, podem afectar a saúde de qualquer pessoa, quer esta se encontre dentro ou fora de casa. Os grupos de maior risco são as crianças, idosos, doentes crónicos (do torax respiratório ou cardíaco) e os sem abrigo. O frio extremo pode estar associado a queda de neve, ventos fortes e formação de gelo. Ao proteger-se tenha isso em atenção.

Siga as recomendações contidas neste folheto e divulgue-as.

Antes da época de frio

Se vive em zonas afectadas por **frio intenso e prolongado** ou que possam ficar isoladas pela neve.

Faça reserva de:

- água potável;
- alimentos ricos em calorias (chocolate, frutos secos, etc.);
- comida enlatada ou embalada (que não necessite de confeção ou refrigeração);
- combustíveis de uso doméstico (ex.: botija de gás ou lenha).

Prepare um **estojo de emergência** com rádio e lanterna a pilhas, pilhas de reserva, material de primeiros socorros e medicamentos essenciais.

DURANTE A ÉPOCA DE FRIO

Faça em casa

- **INTOXICAÇÃO por monóxido de carbono** - tenha especial cuidado com aquecimentos a lenha (lareiras, braseiras e salamandras). Para evitar a acumulação deste gás venenoso, que pode ser mortal, **abra uma janela para renovação do ar**.
- **INCÊNDIOS** - podem ter origem na má utilização de aquecedores eléctricos ou sobrecarga da rede eléctrica devido ao funcionamento simultâneo de vários aparelhos.
- **QUEIMADURAS** - previna-as e redobre a atenção com as crianças e idosos.

Quando sair

- Evite manter-se ao frio durante muito tempo e lembre-se que as diferenças de temperatura entre a rua e os interiores muito aquecidos desidratam a pele, o que pode causar lesões dolorosas nos lábios, rosto e mãos.
- Para evitar quedas tente não caminhar sobre gelo ou neve.
- Vista várias camadas de roupa, em vez de uma única peça muito quente. Evite as que fazem transpirar e as muito justas.
- Proteja a boca e o nariz para impedir a entrada de ar muito frio nos pulmões e, se necessário, use luvas, chapéu e cachecol.
- Opte por calçado apropriado.
- Mantenha-se seco. O corpo arrefece mais rapidamente se estiver molhado ou exposto ao vento.
- Não exerça actividades físicas violentas (como tentar desempinar o carro ou limpar neve). O organismo já está em esforço para manter a temperatura corporal.

QUANDO VIAJAR DE AUTOMÓVEL

Antes de iniciar viagem

- Faça a **revisão** do nível de gasolina, luzes e travões.
- Coloque um líquido anticongelante no radiador.
- Utilize correntes para a neve, se for caso disso.
- Diga a alguém qual o percurso que vai seguir.
- Leve um estojo de primeiros socorros, agasalhos, alimentos, um pano colorido e telemóvel.

Em viagem

- Conduza a **velocidade reduzida**.
- Tenha especial cuidado com as zonas mais sombreadas da estrada, pois é onde se forma mais gelo.

Se a viatura ficar imobilizada

- Ligue **112**.
- Chame a atenção, se necessário. Coloque o pano (ou algo colorido) na antena ou preso na janela.
- Permaneça dentro do veículo. Estará mais protegido do frio e trovoadas.
- Abra a fresta de uma janela oposta ao vento.
- De hora a hora ligue o aquecimento cerca de 10 minutos.
- **Mantenha o tubo de escape limpo de neve.**
- **Movimente-se.** Mexa as pernas, braços e dedos, para activar a circulação sanguínea.
- Evite adormecer.